

Um **Amor** *do* **Outro** **Mundo**



"Este livro tem tudo. Humor,
amor e uma heroína pela qual
torcemos desesperadamente.

Sou fã!"

Colleen Hoover



KIRSTY GREENWOOD

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezasseis](#)

[Capítulo Dezassete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezanove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Agradecimentos

Kirsty Greenwood

UM AMOR
DO OUTRO MUNDO

Tradução
Ana Marta Caio

ASA

Ficha Técnica

Título: Um Amor do Outro Mundo
Título original: The Love of My Afterlife
Autor: Kirsty Greenwood
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Ana Marta Caio
Revisão: Catarina Sacramento
ISBN: 9789892361987

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2024, Novelicious Books Ltd.

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.com

Para a Nic, a minha irmã mais nova. Uma verdadeira amiga para todas as ocasiões e a cúmplice mais destemida e irreverente que alguma vez conhecerei.

CAPÍTULO UM

A minha morte não pode ser assim.

Claro que sei que nem todos têm a sorte da velhota do *Titanic*, a mergulhar num sono aconchegante, com a recordação de ter feito amor com um Leonardo DiCaprio no seu auge a suavizar-lhe o golpe da morte. Mas engasgar-me e sufocar aos vinte e sete anos? Delphie, *não*.

Enquanto respiro com dificuldade, o meu cérebro parece incapaz de calcular como posso salvar-me deste espetáculo horripilante e, em vez disso, concentra-se inteiramente nas circunstâncias humilhantes através das quais isso está a acontecer.

Para começar, estou a sufocar com um hambúrguer. Nem sequer é um hambúrguer *premium* ou caseiro, mas sim um barato, de aquecer no micro-ondas, que trouxe da loja da esquina à vinda do trabalho. E depois, há a roupa que tenho vestida enquanto sufoco: meias verde-picles combinadas com a minha pior camisa de dormir – uma atrocidade lavada demasiadas vezes e demasiado larga, com o desenho de uma estrela sorridente sobre a frase: AMOR, É HORA DE CINTILAR E BRILHAR! A minha televisão está em pausa, a um quarto do documentário *O Impostor do Tinder*, e o computador portátil tem um único separador aberto: uma página do Google em que perguntei se *os hambúrgueres aquecíveis no micro-ondas são mesmo feitos de carne*.

Quem me irá encontrar neste estado? O Cooper, o meu vizinho desagradável (que se vai rir de certeza quando vir a minha camisa de dormir)? A polícia? Remexendo nos meus objetos pessoais, à procura de indícios de um possível crime? Teriam dificuldade em encontrar alguém com motivo para tal, tendo em conta que só conheço três pessoas em toda a cidade de Londres – a Leanne e a mãe dela, a Jan, da farmácia onde eu trabalho, além do velho Mr. Yoon da porta ao lado.

Oh, Deus, e se for o velho Mr. Yoon que me descobre? Isso não pode acontecer – o coração dele é demasiado frágil para lidar com algo tão sombrio como isto. Querido Mr. Yoon! Se eu me for, não haverá ninguém para garantir que ele tenha apagado adequadamente os cigarros antes de dormir. E quem lhe fará um pequeno-almoço que não seja apenas uma tigela de um desenhado All-Bran a saber a cartão?

Ao pensar em Mr. Yoon olhando tristemente para a despensa, atiro-me contra uma cadeira de cozinha bamboleante e lanço-me sobre o encosto, numa tentativa de fazer a manobra de Heimlich a mim mesma. Vi a Miranda n’*O Sexo e a Cidade* fazer isso uma vez e ela sobreviveu, abalada, mas emocionalmente mais sábia com a experiência.

Embato com o diafragma na cadeira várias vezes. Depois, uno as mãos e desfiro murros no estômago. Ai. Nada. Estarei a bater no ponto certo? Volto a esmurrar-me, desta vez um pouco mais abaixo. E depois outra vez, mais para cima. Não está a resultar! Este pedaço de pão e carne-possivelmente-falsa está entalado na minha garganta e acho que pretende lá ficar. Merda.

Corro de um lado para o outro na sala de estar minúscula, à procura de algo, qualquer coisa que me possa ajudar.

O meu adorado boné de basebol do Broad City pendurado no gancho na porta de entrada? Inútil! Caixa de lápis Blackwing por abrir na mesa da cozinha? Vamos *lá*, Delphie! Foco o olhar no telemóvel, que espreita de baixo de uma almofada do sofá. Apanho-o para chamar uma ambulância, mas tenho as mãos a tremer tanto que não consigo segurá-lo. O telemóvel cai ao chão, escorregando para baixo do móvel da televisão, juntando-se a um completo *habitat* de poeira mais um antidepressivo que deixei cair no mês passado e nunca cheguei a recuperar.

Raios. Está tudo a ficar escuro na periferia. A minha língua parece estranha, pesada, como se estivesse pendente. Estará *pendente*? Os joelhos cedem-me e agito-me teatralmente para o chão, a cabeça a aterrar com estrondo no adorável tapete às riscas para o qual andei a juntar dinheiro nos últimos três meses.

Oh, Deus.

Acho que... acho que é mesmo *desta*?

O meu *grand finale*.

A minha data de validade.

O Fim.

Aqui jaz Delphie Denise Bookham.

Morreu tal como viveu: sozinha, perplexa, com uma roupa um bocado reles.

*

– Abre os olhos... Isso. Hora de... Hora de acordar... Ah, muito bem! Ei, querida.

A voz da desconhecida é feminina, com um sopro de sotaque irlandês melódico a suavizar-lhe a aspereza. Abro os olhos. Uma mulher sorri como louca, o narizinho virado para cima a escassos centímetros do meu. Observo-a: caracóis loiros saltitantes presos num rabo de cavalo alto, óculos dourados da moda que parecem duplicar o tamanho dos olhos verdes e sérios com que ela me observa a mim. Usa um batom laranja que lhe borratou a dentuça, ambas as fileiras totalmente expostas para formar o referido sorriso de louca. Fecho os olhos. Depois, volto a abri-los, tento desesperadamente situar-me. Revolvem-se-me as entranhas quando percebo que não estou no meu apartamento, onde estou quase sempre, mas sim sentada numa estranha cadeira de plástico, de pernas apoiadas numa cómoda estofada com flores, como a de uma avó.

Onde estou eu?

«Don't Worry, Be Happy», de Bobby McFerrin, ecoa de uma direção desconhecida, a reverberação assustadora e onírica. De olhos arregalados, examino a divisão: paredes pintadas de azul-pálido, uma fila de máquinas de lavar verde-água alinhadas à minha frente, girando, gorgolejando e exalando ar morno com cheiro a lavanda a intervalos regulares. Espera lá. Isto é uma lavandaria? Que raio estou eu a fazer numa *lavandaria*? Como é que cheguei aqui? *Quando* é que cheguei aqui?

Acima das máquinas de lavar, vejo uma grande foto emoldurada da mulher de óculos, com os dois polegares para cima, o sorriso com intensidade de vencedora de um concurso de beleza. O meu olhar desliza da foto na parede para a versão da vida real agachada ao lado da minha cadeira. Ela sorri como se não pudesse estar mais encantada por me ver. Então, faz-me sinal com os dois polegares para cima, exatamente como na foto.

Quem é ela? Onde é que eu estou?

– Uh... uh...

O meu cérebro em pânico recusa-se a ajudar-me a fazer as perguntas em voz alta.

– Inteligente, não é? – A mulher sorri. – Ninguém fica assustado numa lavandaria! Pareceu-me inteligente compensar um momento objetivamente aterrorizante com o ambiente mais calmante que eu poderia imaginar. E é este: um saguão que parece uma lavandaria aconchegante! Quando eu era mais nova e as coisas ficavam todas *Ai, a vida é tão difícil, blá, blá, blá*, ia para a lavandaria local e ficava horas a ver as máquinas a girar e girar. Os perfumes floridos, os sons encharcados? *Tão* reconfortantes, não achas?

Encolho-me quando a mulher se põe em pé de um salto, lançando orgulhosamente os braços ao redor da sala como se fosse uma apresentadora de um programa de TV prestes a revelar o grande prémio.

– O azul nas paredes é idêntico à cor do céu mesmo antes do pôr do sol na última semana de junho. Levei uma eternidade a encontrar a cromaticidade exata. É uma tonalidade de tinta chamada Ganso Desidratado, descontinuada em 1992. Mas eu conhecia um tipo que conhecia uma tipa que conhecia um tipo que conhecia o tipo certo e, sim, acabei por conseguir. – Aperta os lábios e enfia as mãos nos bolsos das suas jardineiras amarelo-mostarda, balançando-se ligeiramente de um lado para o outro. – Os Poderes Superiores *fizeram questão* de deixar claro que queriam uma estética mais «profissional», mas eu disse-lhes: «Pessoal, não podem esperar que eu seja uma Terapeuta do Além de primeira linha sem me darem plena autonomia sobre o ambiente no qual eu faço terapia aos falecidos. Quer dizer, *vá lá*, pessoal...» Idiotas. Idiotas por toda a parte! Mas é uma tonalidade linda, não é? – Olha para as paredes, suspira, feliz, e passa os dentes pelo lábio inferior, arrancando mais um bocadão de batom. – Às vezes, quase muda de tom com a luz. Às vezes, um cinza-lilás-giz. Às vezes, azul-ganga. Como os olhos do Jamie Fraser. Conheces o Jamie Fraser? Dos livros *Outlander*? Que jornada. Ele está no meu *top* dez de protagonistas românticos fictícios. Talvez até no *top* cinco. Talvez até no *top*...

– Os falecidos? – consigo perguntar, interrompendo.

– Ah, sim... Estás morta, querida. Desculpa. – Esfrega-me o ombro com vivacidade.

– O quê? Não... Eu... Isto é um sonho?

Instigo o meu cérebro a acordar. Este é o sonho mais estranho que já tive, e uma vez sonhei que geria um salão de beleza em dificuldades com o Vagabundo, de *A Dama e o Vagabundo*.

– Sufocaste, lembras-te? – diz-me a mulher tagarela. – Com um hambúrguer de micro-ondas? São *mesmo* de carne, já agora. Cem por cento de carne de vaca, ou como eu gosto de chamar, *bœuf*. Comecei recentemente a aprender francês entre as chegadas de clientes. Não que esteja entediada ou algo assim. Não mesmo. Se as coisas poderiam melhorar um pouco por aqui? – Encolhe um ombro de aspeto macio e bronzeado, encolhe a boca de um dos lados. – Claro. Mas antes um gotejamento constante de Mortos do que uma invasão, acho eu.

Mortos?

Sinto um aperto no estômago mal me ocorre, de súbito, o que aconteceu em minha casa. O engasgamento. Encosto a mão à garganta e começo a ofegar por ar.

– Oh, está tudo bem. Tu estás totalmente bem – acalma-me a mulher, agachando-se novamente para ficar ao meu nível. – Todas as aflições físicas corporais são eliminadas assim que chegas aqui. Mas o período de transição emocional de estar vivo para não estar vivo pode ser... complicado. É aí que eu entro. Eu sou a Merritt, tenho vinte e oito anos (terei sempre) e as minhas coisas preferidas são caril e romances, quanto mais quentes, melhor, em ambos os casos. Sou a Terapeuta do Além que te foi atribuída.

Estende a mão para apertar a minha e percebo que usa um anel vistoso em cada dedo. Um deles é uma rosa de diamante com um ar *vintage*, outro é de esmalte preto, grosso, com uma caveira e ossos cruzados pontilhados de rubis. No polegar, uma faixa prateada que diz METADE AGONIA / METADE ESPERANÇA. É como se tivesse enfiado os dedos numa caixa de objetos perdidos e não se importasse muito com o que saiu. Eu só consigo fitá-la, por isso ela pega-me na mão mole, pendente do braço da cadeira, e puxa-a tão entusiasticamente que eu quase que balanço para a frente e para trás na cadeira.

– É minha responsabilidade garantir que te instales bem, que não entres muito em pânico, responder a quaisquer perguntas que possas ter, etc., etc. Serei o teu ponto principal de contacto daqui para a frente. Parece-te bem? *Oui?*

Não. Não, não me parece nada bem. *Non.*

– Sou incrível no meu trabalho, não te preocupes – continua a Merritt, descontraída. – Comecei a trabalhar na Eternidade, é assim que isto se chama, cerca de seis meses depois de morrer. Agora, sou a mulher mais jovem de sempre a ter sido nomeada Terapeuta do Além. A maioria dos outros terapeutas são homens na casa dos sessenta e setenta, mas acho que eu mostrei uma afinidade natural para o papel. Além disso, sou ambiciosa como o diabo.

– Isso ajuda – sussurro.

– Os outros terapeutas não gostam disso nem um bocadinho: uma mulher nova e atraente a causar impacto. Roubam todos os recém-chegados antes que eu lhes consiga pôr as mãos. – Ela olha para os pés por um segundo, que percebo estarem descalços, as unhas dos pés pintadas de vermelho-Coca-Cola. – Eu seria capaz de dar uma abada a todos eles, se ao menos me dessem uma oportunidade justa – murmura em tom sombrio. – De qualquer forma, não te vou aborrecer com isto. O que importa é que dois daqueles velhos imbecis estão de férias agora, por isso não te puderam roubar! Tu és a minha primeira chegada numa semana! Viva para mim. Buá para ti, obviamente. Mas para mim? Brilhante.

Assisto em silêncio enquanto a Merritt marcha em direção a uma porta no lado oposto da sala, um gesto do seu dedo indicador indicando que eu deveria segui-la.

– Onde... para onde vamos? – pergunto, o meu corpo inteiro a tremer de tal forma que todas as palavras me saem com um *vibrato* tão acelerado que me faz soar como a Jessie J.

– Para o meu escritório, claro. Não posso tratar da tua matrícula aqui no saguão, pois não? E se outro Morto chegar enquanto estás a responder a uma pergunta íntima? Desleixe. Se há coisa que toda a gente dizia de mim lá na Terra, é que eu era muito profissional. Privacidade primeiro. Não te preocupes. Eu estou contigo, querida. – Canta esta última parte com voz de Cher.

A Merritt abre a porta e eu fico um pouco reconfortada ao descobrir que conduz a um escritório muito agradável, relativamente normal. Há velas por todo o lado, as chamas de um cor-de-rosa quente e cintilante. No meio da sala, uma escrivaninha de vidro, coberta de bugigangas, incluindo três plantas absolutamente luxuriantes, um gato da sorte japonês que acena com o braço e uma caixa organizadora que está vazia porque as canetas que lá

deveriam estar estão espalhadas em desordem pela mesa. Na parede ao fundo, uma estante do chão ao teto totalmente recheada de livros, com lombadas de todas as cores do arco-íris. Todos parecem ser romances. Títulos como *O Pedido*, *Uma Combinação Feita em Devon* e *O Teste da Noiva*. A Merritt vê-me a olhar para lá e seleciona um deles – um bonito exemplar encadernado a tecido de *Persuasão*, de Jane Austen. Encosta-o ao peito e fecha os olhos num gesto de deleite, como se estivesse a acariciar um cachorro.

– Podes levar emprestado qualquer um de que gostes – diz, fazendo deslizar o livro de volta para a prateleira e passando os dedos delicadamente pelas lombadas circundantes.

– Ah, obrigada.

A Merritt fareja o ar, exalando audivelmente.

– Rosas e groselhas. A minha fragrância exclusiva. – Aponta para uma vela branca tremeluzente numa pequena mesa de madeira. – Magnífica, não é? Temos uma loja da Diptyque aqui na Eternidade. *C'est magnifique*. Oh, temos de encontrar uma fragrância exclusiva para ti também. Aposto que és uma rapariga de madressilva, certo? Propensa à introspeção, coração sensível, mas com um rico mundo interior. Muita paixão a ferver sob a superfície.

Pestanejo. O que é que se está a passar agora? Que lugar é este?

A Merritt lança-me um sorriso benevolente.

– Ok. Percebo que estás perturbada, o que... completamente. Esta situação é de doidos, eu sei. Quando cheguei aqui pela primeira vez, vomitei, literalmente. Porque não te sentas? Descansa os ossos um bocadinho.

Gesticula para uma cadeira giratória de couro branco em frente à sua secretária e, antes de eu lá poder descansar, ossos ou não, bate com as mãos uma na outra, determinada.

– Certo! Excelente. Ok. – Pega uma prancheta da sua secretária e examina o papel que lá está preso. – A primeira pergunta é... Queres ver a tua vida passar-te diante dos olhos?

– D-de-desculpa? – Começo a bater os dentes.

– Eu disse: «Queres ver a tua vida passar-te diante dos olhos?» Nós não costumávamos oferecer este serviço, mas claro que Hollywood deu aos humanos a impressão de que veriam as vidas passarem-lhes diante dos

olhos quando expirassem. E, embora eu adore um *cliché*, esse não se baseia em nada de real. Tivemos algumas reclamações de Mortos descontentes à chegada, por isso agora oferecemos, se quiseres. Totalmente à tua escolha, sem pressão.

Sinto frio. Porque é que está tanto frio? Vejo uma manta peluda pendurada numa das outras cadeiras. Pego-lhe e enrolo-a firmemente à volta dos ombros, amontoando-a sob o queixo.

– Então... queres ou não? – repete a Merritt, a unha batendo na parte de trás da prancheta.

– Hum... hum... – balbucio, mexendo na ponta da manta. – Posso ir para casa agora?

A Merritt suspira levemente.

– Vamos dizer sim à parte de ver a vida passar-te diante dos olhos? Esta é a única oportunidade que terás de a ver. Se eu não ta mostrar agora e mudares de ideias mais tarde, provavelmente ficarás chateada comigo, e não é assim que se começa uma amizade eterna.

Assisto de boca aberta enquanto a Merritt desaparece para dentro de um arrumo, trazendo de lá um carrinho de metal branco com uma grande TV cinza dos anos noventa e um leitor de DVD.

– Não é muito longo – diz. – Mostramos o que consideramos serem os trechos mais relevantes; caso contrário, seria uma grande seca, e embora tecnicamente tenhamos a eternidade à nossa disposição, ninguém tem tempo para esse tipo de contemplação umbiguista. Tipo, o que está feito, feito está, sabes?

Não consigo fazer mais nada exceto olhar para a Merritt enquanto ela carrega no *play*. O DVD já lá está dentro? O leitor é só para fazer de conta? Estou tão confusa.

– Aqui vamos nós! – diz a Merritt. – Delphie Denise Bookham. Isto... foi... A TUA VIDA!

CAPÍTULO DOIS

Ao som de «Isn't She Lovely?», de Stevie Wonder, o vídeo da Merritt desvanece-se numa adorável montagem de momentos da minha infância idílica. Muito antes de o pai se faltar de nós e partir. Antes de a mãe arranjar um novo namorado e fugir para se juntar a uma comuna de artistas no Texas. Uma época em que a vida era quase perfeita.

Absorvo as imagens, aterrorizada subitamente com a ideia de perder um único detalhe. Olhem só como nós os três fazemos rodas e cambalhotas pela relva pontilhada de margaridas, nos aninhamos numa manhã de domingo, desenhamos criaturas marinhas inventadas ou dançamos na cama ao som de Aretha Franklin. Ali está a minha mãe a deixar-me experimentar o seu batom de brilho com sabor a cereja, rindo por eu o lamber todo e pedir mais. Lá estou eu em várias festas de aniversário, rodeada de outras crianças, rindo, de olhos brilhantes, caras traquinas e tagarelando sem parar. Nalguns fragmentos, vejo a Gen, a minha melhor amiga de infância, os nossos braços à volta uma da outra, as duas a rir de alguma malandrice já esquecida. Desvio o olhar do ecrã, um lampejo de vergonha e tristeza surgindo-me no peito.

– Meu Deus – diz a Merritt, encostando a mão ao peito. – Eu pensava que *eu* era *nerd*, mas tu és qualquer coisa... Adoro.

«All By Myself» de Celine Dion começa a tocar enquanto o vídeo transita para uma cena minha sentada sozinha à mesa de jantar da nossa casa – o apartamento onde ainda moro – na zona oeste de Londres. Estou a recortar cuidadosamente imagens da *TV Times* e a organizá-las em colagens. Na altura, eu achava as minhas colagens super fixes e artísticas. Agora vejo que eram, de facto, muito bizarras.

Tenho todos os adereços de uma adolescente desajeitada: o rosto com erupções, os óculos grossos, o aparelho nos dentes e um pedaço de algodão a sair de uma orelha devido às infeções crónicas que pareciam não

desaparecer. Os trechos misturam-se uns com os outros: eu na mesa da cozinha a fazer as minhas colagens, a desenhar as estrelas das novelas, a fazer caretas ao colocar gotas nos ouvidos, a aconchegar-me na cama. Noite após noite.

– Triste – diz a Merritt, abanando a cabeça.

Ela tem razão. Parece triste. Não parecia triste nessa altura, quando eu estava a desenhar e a fazer colagens sozinha. Ou parecia?

O vídeo transforma-se nos meus dias na Bayswater High School. Afasto a manta de pelo assim que todo o meu corpo fica imediatamente quente. A parte de trás da minha cabeça começa a pulsar.

– Podemos passar à frente esta parte, por favor? – pergunto, sabendo que todas as memórias daquele tempo são más. São essas mesmas memórias que ainda me tiram o sono.

– Lamento – diz a Merritt. – Uma vez ligado, fica ligado.

O meu peito aperta-se à medida que o ecrã muda para uma imagem de mim aos quinze anos. A minha pele já está limpa. Os óculos grossos foram trocados por algo mais leve e os aparelhos endireitaram-me com sucesso os dentes tortos. Os cabelos ruivos ondulados caem-me sobre os ombros, bonitos contra o verde-garrafa do uniforme da Bayswater High.

Estou a fazer um esboço a lápis numa sala de aulas vazia, dando dentadas ocasionais na sanduíche de queijo que fiz de manhã. E então, lá está ela. A Gen Hartley. A minha melhor amiga de infância. A rapariga de quem eu mais gostava. A principal arquiteta de praticamente todos os meus traumas. Ela irrompe na sala de aulas, acompanhada pelo namorado, o Ryan Sweeting. É quase cómico como eles parecem *clichés*: a Gen com o seu cabelo dourado e brilhante, camadas espessas de rímel azul, saia curta. O Ryan, bonito e alto para a idade, vestindo o uniforme de râguebi da escola, o cabelo loiro rapado rente ao couro cabeludo. Se fosse um filme adolescente, identificá-los-iam imediatamente como os valentões. Embora pareçam mais baixos no vídeo do que naquela época. Naquela época, pareciam gigantes.

– Ei, Delphie! – diz a Gen docemente, indo até mim e apoiando ambas as mãos na minha mesa. O Ryan segue-a e envolve os braços ao redor da cintura dela. A Gen sorri para mim. – Eu e o Ryan temos uma pergunta e esperávamos que nos ajudasses a responder.

– Claro – digo ansiosamente, pousando o lápis e empurrando os óculos para o cimo do nariz com um sorriso. – É sobre o teste de química? Vai ser complicado, mas terei muito gosto em ajudar, se precisarem. Querem os meus apontamentos emprestados?

A Gen ri-se, um riso brilhante de xilofone, titilando uma melodia que contradiz a sua intenção.

– Nã, Delphie. A nossa pergunta é... porque é que o teu cabelo é tão... NOJENTO? – Agarra-me num punhado de cabelo. Dá para ver o choque no meu rosto. – A sério, parece arame farpado. Nem sequer usas amaciador?

Os meus olhos enchem-se de lágrimas enquanto o Ryan se desloca para o outro lado da secretária e passa a mão pelo meu cabelo de forma brusca.

– Tens razão! – resmunga, limpando as mãos nas calças como se estivessem cobertas de sujidade. – É como pelos púbicos.

A Gen grita de alegria. Eu salto da secretária, o movimento faz o meu desenho deslizar para o chão. Apresso-me a apanhá-lo, mas o Ryan chega lá antes de mim. Ele olha para o desenho, a boca a curvar-se-lhe num sorriso desagradável.

– Oh. Meu. Deus.

– Devolve-me isso. – Estendo a mão para o agarrar, mas o Ryan balança-o no ar.

A Gen solta uma exclamação, tirando-o ao Ryan.

– É o professor Taylor? – grita ela. – Desenhaste o professor Taylor? Tens uma queda por ele?

Lembro-me de desejar, na altura, ser capaz de mentir melhor, mas as minhas bochechas vermelhas denunciaram-me. Claro que tinha uma queda pelo nosso professor de Arte. Todas as raparigas tinham. Ele era lindo, com os seus olhos azuis brilhantes e o cabelo espetado da cor de caramelo. Era também amável, nunca estava demasiado ocupado para falar comigo sobre composição, luz e a importância da prática diária da criatividade: um conceito de que eu nunca antes ouvira falar.

– Tem, sim! Ficou vermelha como um tomate. Ela quer dar uma volta com o professor Taylor. Quer dar uma volta com ele e depois vai desenhá-lo nu com o pénis de fora.

Assisto àquilo da cadeira da Merritt, o meu coração a bater da mesma forma pesada como fazia naquela altura.

– Ha! Nunca ninguém vai sair com a Delphie – goza o Ryan. – Jesus! Teriam de estar *desesperados*.

– Sim, ela provavelmente será virgem para sempre – acrescenta a Gen.

– Podes devolver-me agora o meu desenho?

– Devolvo-to amanhã – diz a Gen enquanto ela e o Ryan saem descontraídos da sala.

– Por favor, não o mostres a ninguém! – grito enquanto ela sai, as lágrimas nos olhos agora a caírem-me nas bochechas.

– Prometo que não! – cantarola ela, dobrando o papel de forma a marcar um vinco em cheio na testa do professor Taylor.

A Merritt arqueja e interrompe o filme.

– Oh, não. Ela mostrou a toda a gente, não foi?

Eu aceno com a cabeça, recordando o meu desenho do professor Taylor fotocopiado e colado por todo o corredor da escola. Todos a rirem-se de mim. A tristeza por tudo aquilo ter causado tamanho desconforto ao professor Taylor que ele deixou completamente de falar comigo sobre arte, além do que fazia parte do programa curricular.

– Que merda de pessoa – murmura a Merritt antes de premir ansiosamente o *play*, como se isto fosse apenas algum drama da TV que ela estivesse a ver em modo maratona.

O vídeo desdobra-se noutros clipes da Gen e do Ryan – que começavam a ser conhecidos na escola como Os Amorosos – a atormentarem-me com uma frequência crescente: pondo-me pastilha elástica no cabelo; chamando-me graxista; fazendo com que os outros alunos me virassem costas sempre que eu passava por eles. Garantindo que todos soubessem que ser meu amigo era praticamente uma sentença de morte para a sua popularidade futura.

Ali estou eu, escondida nos sanitários do último andar, a roer uma maçã e a olhar para a porta, alerta para o som de alguém a aproximar-se. Engulo em seco.

– Já vi o suficiente – digo firmemente. – Desliga isso. – Não choro desde os dezasseis anos e não tenciono começar agora. – A sério. Já chega. Desliga isso.

– De certeza que melhora, não? – pergunta a Merritt suavemente. – Só faltam alguns minutos!

Mordo o lábio enquanto me vejo tornar-me adulta, o vídeo transformando-se num *loop* de dias a trabalhar silenciosamente na farmácia e noites a ver televisão ou a navegar na internet, sentada no sofá. Os dias parecem todos tão iguais que não se consegue distinguir um mês do outro. O vídeo termina com um assustador salto final em que abro a boca extraordinariamente para dar uma dentada no hambúrguer assassino.

– Ui – murmura a Merritt, desligando a TV e voltando a guardar o carrinho no arrumo. – Leitora, *não* melhorou. Todos os teus dias pareciam exatamente iguais. Estavas tão sozinha.

Levanto o queixo.

– Bem. Isso foi por escolha minha. Estava sozinha, sim, mas não solitária. De maneira nenhuma. Sou como um panda gigante. *Prosperamos* sozinhos.

– Oh, aquilo não se parecia nada com prosperar, querida.

– E nem sequer mostraram Mr. Yoon nesse vídeo – protesto. – Vejo-o praticamente todos os dias ao pequeno-almoço. Ele pode nunca ter falado comigo em voz alta, mas é só porque ele literalmente não consegue falar em voz alta. Às vezes, escreve-me bilhetes, por isso...

A Merritt senta-se à secretária, entrelaçando os dedos sob o queixo, pensativa.

– Não vimos nenhum namorado ou namorada ali, Delphie. Nem mesmo uma breve aventura de qualquer tipo. Nunca...? – Interrompe-se e levanta a sobrancelha.

Eu faço um som de reprovação. Esta mulher está mesmo a começar a irritar-me.

– Se queres perguntar se «nunca tive sexo», então, não. Não, não tive. As pessoas podem ter vidas plenas sem sexo. – Cruzo os braços. Sim, a minha vida não parecia muito realizada naquele vídeo, mas claramente isso era da má edição. Ignoraram os meus momentos agradáveis com Mr. Yoon e a minha viagem sozinha à Grécia, que foi verdadeiramente encantadora. Descartaram a vista da minha janela da sala, que é deslumbrante, a alegria que sinto ao olhar lá para fora e ver as estações a mudar.

– Não faço ideia dos níveis de satisfação de uma pessoa sem sexo, porque eu era uma grande devassa enquanto estava viva. Foi glorioso. Tenho pena de ti.

A faísca de irritação que muitas vezes sinto ao encontrar outros seres humanos transforma-se rapidamente numa chama de raiva.

– Não preciso da tua pena. Seguramente, não por essa razão.

A Merritt levanta-se e aproxima-se para se sentar na beira da secretária, de modo que os nossos joelhos estão quase a tocar-se.

– Alguma vez chegaste sequer a beijar alguém?

– Sim. Claro que sim! Na universidade. Beije um rapaz chamado Jonny Terry.

O que eu opto por não dizer em voz alta é que foi um beijo absolutamente horrendo. Foi desajeitado e atrapalhado, os nossos dentes entrechocaram-se, e ele respirou ruidosamente pelo nariz o tempo todo. Depois, limpou a boca à manga da camisola de lã. Curiosamente, não tive vontade de repetir a experiência desde então.

– Então... és virgem – diz a Merritt, quase para si mesma. – Aos vinte e sete anos. Nicho. Ah, espera... Oh, meu Deus, Delphie, és virgem... – Ela olha para a prancheta. – Uma virgem que não sabe conduzir. Literalmente uma virgem que não sabe conduzir. Como no filme romântico para adolescentes *As Meninas de Beverly Hills*!

Parece absurdo que eu esteja prestes a dizer estas palavras, mas sinto mesmo que não tenho escolha neste momento, porque isto é verdadeiramente despropositado.

– Posso falar com um gerente?

A Merritt faz uma careta.

– Eeer... pois, os Superiores disseram-me para tentar trabalhar no meu tato. Desculpa, querida.

– Gerente – repito.

– Oh, não queres *mesmo* que eu chame o Eric. É ele que está a substituir o meu gerente a sério durante as férias. Ele é terrível, acredita. Um idiota de primeira. Giro como o raio, também, o que torna tudo ainda mais irritante, mas prometo-te, eu trago-to e vais arrepender-te e desejar teres ficado comigo. – Baixa a voz. – Sabes, uma vez ouvi-o dizer que não gostava de pão.

Faço uma careta. Esse Eric parece *mesmo* ser um idiota.

– Olha, desculpa por te chatear, ok? Vou tentar portar-me melhor. Estou com falta de prática, sabes? Mas prometo que sou muito, muito melhor do que o Eric. Queres um biscoito? Para me desculpares.

Suspiro. Claro que quero um biscoito. E prefiro evitar ter de conhecer uma pessoa completamente nova.

A Merritt abre a gaveta da secretária e entrega-me um biscoito embrulhado em papel de alumínio. Desembrulho-o e dou-lhe uma dentada. Ela também tem um, enfia o biscoito inteiro na boca, de modo que as suas bochechas ficam todas inchadas como as de um esquilo.

– Ok – diz ela, quando finalmente termina de mastigar. – Estarias aberta à ideia de conhecer alguém através do nosso serviço de encontros interno? Vou ser sincera, ainda está em fase beta, então, tem alguns problemazinhos, mas eu sou uma das pessoas por trás do seu desenvolvimento, por isso ficaria feliz por te incluir. Dava-nos jeito ter mais alguns participantes. Chama-se Eternity 4U¹. Não é fofo?

Engulo o meu biscoito.

– O Além tem um serviço de encontros?

– As pessoas mortas também precisam de sexo. E, quem sabe, talvez possamos começar a mostrar-te o que tens andado a perder? Posso inscrever-te? Qual é o teu tipo? Alto, olhos azuis penetrantes... como Mr. Taylor, o professor de Arte, certo?

Acho que é a descontração com que ela diz «pessoas mortas».

Eu estou morta.

Eu estou morta?

Eu estou presa aqui? Com esta mulher e a sua *energia*? Eternidade para mim?

O meu corpo começa a tremer novamente.

Não.

De maneira nenhuma.

Tenho de sair daqui. Isto é um erro. Não posso ficar neste lugar. Não posso fazer isto!

Com o batimento cardíaco a pulsar-me nas bochechas, salto da cadeira e corro em direção à porta do gabinete da Merritt. Tem de haver outra pessoa com quem eu possa falar. Alguém normal. Alguém que possa ajudar-me de facto a perceber o que está a acontecer neste momento.

– Delphie, espera! Não vás! Ah, caramba, outra vez não.

Abro a porta e corro para a sala de espera psicótica da lavandaria, chocando imediatamente com o peito sólido de um belo desconhecido.

11. A expressão tem dois trocadilhos que só resultam em inglês. Em português, representa «Eternidade para si». (*N. da T.*)

CAPÍTULO TRÊS

— Ei! Calma! – O belo desconhecido segura-me pelos braços, olhando para mim com preocupação, as sobrancelhas castanho-claras franzidas sobre olhos azuis verdadeiramente deslumbrantes.

– Meu Deus, peço imensa desculpa – murmuro, ofegante. – Preciso de encontrar um médico, ou tipo, o chefe ou algo assim. Não posso ficar neste lugar. Sabe onde posso encontrar alguém que me tire daqui?

O homem abana a cabeça, com as mãos ainda nos meus braços. A sensação da sua pele humana e quente contra a minha acalma-me imediatamente a respiração acelerada. Fico cheia de arrepios.

– Lamento, mas eu acabei de... acordar aqui – explica o homem, franzindo os olhos com curiosidade para a fila de máquinas de lavar. – A última coisa de que me lembro é de me terem dado sedativos para uma cirurgia dentária. Agora estou aqui, por isso, ou isto é um sonho muito estranho ou... morri?

Concordo enfaticamente.

– Era isso que eu estava a tentar perceber: sonho ou morte? O pior jogo de *trivia* de sempre.

A boca do homem curva-se com surpreendido divertimento.

– Que lugar é este? – Ele olha para a foto emoldurada da Merritt na parede. – Quem é aquela?

– É a Merritt, a mulher maluca que trabalha aqui. Ela decorou isto para parecer uma lavandaria. Acha que é reconfortante ou qualquer coisa do género.

– Mas é tão sinistro. – O homem inclina-se e espreita para as máquinas. – Todas as peças de roupa são da mesma cor.

Ele tem razão. São todas da mesma cor de mostarda das jardineiras da Merritt.

– Isso é sinistro. – Arrepio-me.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– É o «Don't Worry, Be Happy»?

– Está a tocar repetidamente.

– Claro. E as vibrações ominosas intensificam-se.

– É, não é? Até a melhor música soa um pouco ameaçadora se for tocada vezes sem conta.

– Em 2007, só ouvia My Chemical Romance. Não consigo ouvir a música deles agora sem me sentir um pouco enjoado.

– My Chemical Romance? – Levanto uma sobrancelha.

Ele faz uma careta.

– Eles eram fixos, numa determinada altura.

– Seriam mesmo?

Ele cora um pouco.

– Certo. Mas os meus pais tinham acabado de se divorciar e eu estava numa fase *emo* total. Pinte o cabelo de preto, fiz o corte de franja assimétrica e tudo.

– Uau. E eu pensava que o divórcio dos meus pais me tinha lixado.

Os olhos dele suavizam-se um pouco.

– Quantos anos tinhas?

– Quinze. A minha mãe está muito mais feliz agora, mas não falo com o meu pai desde então. Escrevi-lhe uma carta há uns anos, a perguntar se ele se queria encontrar comigo. Nunca respondeu, mas manda-me um postal de Natal de vez em quando.

– Brutal.

Encolho os ombros.

– Quantos anos tinhas tu?

– Tinha dezasseis.

– Ainda assim, não há desculpa para uma franja assimétrica.

Ele ri-se outra vez.

– És engraçada.

E tu és simpático, penso para mim mesma. Na verdade, esta é a conversa mais longa que já tive com um homem esteticamente superior. Para minha surpresa, os meus nervos e irritação habituais aligeiraram-se um pouco. E esta conversa parece fácil. Sem gaguejos, sem pausas incómodas, sem eu me derreter numa poça de constrangimento por ele ser absurdamente atraente.

Noto então que o cabelo dele tem a cor exata da tinta a óleo Burnt Umber da Winsor & Newton, mas com pequenos brilhos de bronze aqui e ali, como se ele passasse a maior parte do tempo ao ar livre e ao sol.

– Mortos, hã? – Faz uma careta, lembrando-nos a ambos das circunstâncias horríveis em que nos encontramos. Os meus ombros voltam a descair. Tinha sido um alívio esquecer a realidade por alguns minutos.

– Mortos – repito baixinho. – Sinto muito.

– Merda. Tinha tantos planos para agosto. Vou ficar arrasado por perder Londres durante o verão. É realmente algo mágico. – Morde o lábio inferior, que parece genuinamente succulento. – A melhor cidade do mundo.

Penso imediatamente em como os montes de sacos de lixo na rua começam a feder sob o calor do sol de verão. Como os ratos se tornam ousados o suficiente para sair à luz do dia e olhar-nos diretamente nos olhos. Como os turistas que chegam à estação de Paddington puxam as suas enormes malas com rodinhas pela minha rua à meia-noite, acordando-me. Penso na névoa pegajosa que parece insuportável quando aquece, na hora de ponta. Como um guisado de poluição.

– Com certeza – concordo. – Mágico.

Olho para as mãos bronzeadas do homem nos meus braços. É bastante agradável, a pele dele na minha. Normalmente, quando as pessoas me tocam, fico suada e ansiosa, a vontade de fugir ou de pontapeá-las na canela a aumentar a cada segundo de contacto. Mas isto? É-me... agradável. Firme e suave e sensual, tudo ao mesmo tempo. Como um banho de espuma quente num dia instável de fevereiro.

O homem vê-me a olhar para as suas mãos nos meus braços e retira-as rapidamente, enfiando-as nos bolsos das calças de ganga.

– Uau. Desculpa. Não percebi que ainda estava a agarrar-te. Um pouco estranho. Prometo que não sou nenhum tarado.

– Está bem. – Prendo o cabelo atrás das orelhas e dou uma risadinha. Acho que não dava uma risadinha desde 2011.

– Isto é estranho. – Os olhos dele estreitam-se. – E provavelmente soa mesmo a conversa de *engate*, mas... eu... sinto que já nos encontrámos antes. Como se te conhecesse... Isso parece maluquice? Parece, não parece?

Anuo com a cabeça de imediato porque percebo que sinto exatamente o mesmo. Quer dizer, sei que nunca me tinha encontrado com este homem. Eu sei disso. Mas, neste momento, invade-me uma espécie de sensação pacífica que nunca senti com mais ninguém, nunca. É como se este homem me conhecesse. Como se já conhecesse todas as minhas esquisitices, maus hábitos e pensamentos stressantes, e isso não importasse nada para ele. Como se gostasse de mim, apesar, bem, de *mim*. Como se eu tivesse sentido a falta dele durante toda a minha vida. É um sentimento estranho. Um bom sentimento. Analiso o rosto dele.

Os dentes, o nariz forte e reto, e o perfeito azul de centáurea dos olhos lembram-me bastante Mr. Taylor, o que é estranho, porque estava a falar dele agora mesmo. O olhar do homem percorre-me o rosto e paira nos meus lábios por um momento. O meu corpo todo reage, começando a formigar e borbulhar, como se eu fosse um globo de vidro com neve artificial lá dentro que acabou de ser agitado. Tudo à minha volta se desvanece em comparação com o brilho da sua presença. Quem é este homem, afinal?

Ele ri-se de forma autoconsciente e passa a mão pelo maxilar.

– Então, hum, costumava vir aqui muitas vezes? – Encosta-se à parede e faz uma cara exageradamente cómica. Eu sorrio, esquecendo-me mais uma vez de onde estou ou do facto de estar, efetivamente, morta. Este belo desconhecido olha para mim como nunca ninguém olhou em toda a minha vida. Como se eu fosse fascinante e bonita, e nunca uma falhada.

– És tão nova. – Franze o sobrolho. – Demasiado nova para morrer.

– Também tu.

– Isto é uma treta.

– Uma porcaria.

– Pelo menos, vamos ser sempre atraentes, certo? Conservados.

Ele disse-o. Ele acha que eu sou atraente. Com o meu cabelo um dia além do aceitavelmente por lavar e o meu estranho camisolão. As minhas bochechas coram. O que é que está a acontecer agora?

– Conservados – murmuro. – Como compota de limão.

Ele dá uma gargalhada.

– Compota de limão? – Dá um passo na minha direção, a sua voz subitamente baixa e íntima. – Diz-me como te chamas.

Percebo que as pupilas dele estão quase totalmente dilatadas. Eu... eu acho que isto é química! Deve ser isto que se sente ao ter química instantânea com alguém. Uau.

– Chamo-me Delphie. Delphie Bookham.

– Prazer em conhecer-te, Delphie Bookham. – Estende-me a mão e eu aceito. Mas não apertamos as mãos. Apenas seguramos as mãos. Se isto fosse um filme, haveria uma música orquestral a tocar, uma câmara a circular à nossa volta enquanto nos olhamos, talvez uma cacofonia de fogos de artifício a explodir no céu.

– Como é que *tu* te chamas? – devolvo.

– Sou o Jonah. Jonah T...

Não consigo ouvir o resto do nome dele porque a porta do gabinete da Merritt se abre com um estrondo e ela entra, olhando para o Jonah e para mim. Afastamo-nos e a Merritt, que parece estar a segurar num papel transmitido por *fax*, avança, com os caracóis loiros a saltitar a cada passo.

– Oi! – diz com um sorriso cerrado, olhos arregalados a piscar rapidamente. – Jonah, certo?

– Hum, sim? – A voz falha-lhe um pouco com o choque da interrupção. Aclara a voz e volta a tentar. – Sim. Sou eu.

– Olá, Jonah! Então, houve um pequeno... equívoco, acontece às vezes, mas nada com que te devas preocupar.

– Que se passa? – pergunta o Jonah. Já não está relaxado. O seu semblante ficou pálido como um fantasma.

– Sim. – A Merritt solta o ar das bochechas. – Então, boas notícias, com efeito! Na verdade, não estás morto, Jonah. Acontece que és apenas aquilo a que chamamos «visitante inconsciente». Os nossos sistemas, às vezes, desorganizam-se um pouco e enviam-nos pessoas que ainda não estão prontas para vir para cá. – Os olhos dela fixam-se no *fax* que tem na mão. – E por muito tempo, pelo que parece. Então...

E então, antes que o Jonah ou eu possamos dizer ou fazer alguma coisa, a Merritt avança e pressiona o polegar bem no meio da testa do Jonah. Eu solto um grito quando todo o corpo dele começa a brilhar antes de explodir como uma bola de sabão que acabou de ser estourada.

Olho para a minha mão, a que estava a segurar na dele.

Está vazia.

Não, não, não!

Acho que... acho que acabei de conhecer a única pessoa que eu devia ter conhecido na vida. E agora ele foi-se.

CAPÍTULO QUATRO

Continuo a olhar para o espaço onde o Jonah estava, mas já não está, a pestanejar estupidamente, o meu cérebro a tentar, sem sucesso, processar o que raio acabou de acontecer.

– Ora, ora! – diz a Merritt, espirituosa, enquanto sacode as mãos. Ergue as sobrancelhas, com um sorriso de quem sabe tudo. – Até a poderosa Nora Roberts venderia um rim para conseguir pôr no papel uma química destas.

– Era... era. Quem era? Ele era... E agora ele está...

– Ele foi-se, minha querida. Está de volta à terra dos vivos. Problema administrativo... Acontece. Uma pena. Divertir-te-ias muito mais na Eternidade com a companhia dele. Pelo que vi no seu ficheiro, é um tipo mesmo fixe. Lamento, Delphie. Odeio ver isto acontecer.

Respiro fundo e olho diretamente nos grandes olhos verdes da Merritt.

– Espera lá... Tu devolveste-o. Devolve-me também! Tens essa capacidade. Acabei de ver!

Desesperadamente, seguro-lhe no polegar e pressiono-o contra a minha cabeça.

– Vá lá, fá-lo e pronto! Essa coisa do polegar! Eu não quero mesmo nada ficar aqui. Não posso ficar aqui! Mr. Yoon precisa de mim. Eu... eu tenho um emprego! Acabaste de enviar o Jonah de volta. Devolve-me a mim também!

A Merritt arranca o polegar da minha cabeça, segurando-o junto ao peito num gesto protetor.

– Qualquer um pode enviar visitantes acidentais de volta à Terra, são apenas erros administrativos. – Encolhe os ombros como se não fosse grande coisa ela ter feito desaparecer, literalmente, um ser humano inteiro, bonito e interessado em mim. – Mas as pessoas que estão aqui *devidamente*? Nada feito.

Afundo-me numa das cadeiras de plástico.

– Sinto muito. – Faz uma careta. – Vocês os dois tinham mesmo algum tipo de faísca, não tinham? Estavam de mãos dadas? Acabadinhos de se conhecerem? Isso é de doidos. Que pena ele ter de ir. Para ti, quero dizer. Ele é um homem muito popular na Terra, por isso tenho certeza de que ficará bem.

Enterro a cabeça nas mãos e solto um gemido baixo. É isto que me espera para sempre? Presa a esta mulher?

– Ah, espera lá... – diz a Merritt pensativamente. – E se eu... Talvez eu pudesse... E então voltavas e... Não... não funcionaria... Hummm, a menos que...

Levanto a cabeça, de ouvidos em sentido como os de um cão.

– O que é que disseste? Talvez eu pudesse voltar a quê? O que é que não funcionaria? Em que estás a pensar?

A Merritt atira-se para uma cadeira de frente para mim e bate com as mãos enfeitadas nas coxas.

– Bem, sempre há a Cláusula Franklin Bellamy. Talvez isso pudesse funcionar...

– A Cláusula Franklin Bellamy? O que é a Cláusula Franklin Bellamy?

A Merritt empurra os óculos para o cimo do nariz e inclina-se para a frente.

– Então. Há uma cláusula no manual da Eternidade, escrita por um supervisor chamado Franklin Bellamy. Foi nos anos noventa, acho eu. Ele introduziu uma regra que diz que, no espaço de três horas após a chegada, desde que a sua morte ainda não seja conhecida, um Morto pode ser enviado de volta à Terra por um Terapeuta do Além, sob certas condições, é claro.

– Que condições?

– Pode voltar para fazer um favor importante a um membro da equipa. Se o fizer, o Morto pode permanecer na Terra.

– Eles conseguem continuar a viver?

– Se completarem com sucesso a tarefa atribuída, sim. O Franklin Bellamy criou a cláusula para poder enviar alguém de volta à Terra e dizer à mulher que estava destinada a curar a SII em 2028 que havia uma fuga de monóxido de carbono no seu apartamento. Ele impediu a morte dela e, em 2028, o mundo tornar-se-á um lugar mais feliz e confortável para muitos.

– Porque é que não foi ele lá? Se tinha esse tipo de poder? Porque é que precisou de enviar outra pessoa?

A Merritt revira os olhos.

– Não me ouviste, querida? Tem de se cumprir a condição de o Morto ainda não ter sido declarado morto. Imagina! Eu a aparecer na Terra cinco anos depois de ter morrido! Por mais cuidadosa que fosse, haveria sempre a possibilidade de alguém que me conhecesse me ver. Seria um potencial desastre na própria estrutura do espaço e do tempo, já para não dizer extremamente embaraçoso. – Estremece com tal pensamento.

– Então, só se pode pedir o «favor» a recém-chegados.

– Sim. As regras são que só pode ser feito uma vez, tem de ser algo importante e nunca pode envolver diretamente alguém que conhecêssemos na Terra.

– Porque não?

Os olhos da Merritt alargam-se.

– Oh, se pudéssemos manipular os destinos daqueles que conhecíamos e amávamos na Terra, enlouqueceríamos. Todos quebrariam as regras e arriscariam revelar a existência da Eternidade. Um pesadelo!

– Ainda tens direito à tua «devolução»? – pergunto, quase sem fôlego.

A Merritt acena com a cabeça.

– Sim, tenho estado a guardá-la.

– Para quê?

– Para ter algum poder negocial, claro. Que mais poderia ser? Posso oferecer a minha «devolução» a outros membros da equipa, trocá-la por promoções ou regalias. Enquanto eu a mantiver, tenho algo na manga, caso algum dia precise.

Ponho-me de pé.

– Não guardes a tua «devolução»! Usa-a comigo! – Olho para um relógio digital cor-de-rosa na parede. – Só aqui estou há cerca de duas horas, certo? Ainda há tempo para eu voltar! Deves conseguir pensar num favor que eu possa fazer por ti! Qualquer coisa. Quero viver! Farei qualquer coisa!

A Merritt franze a boca por um momento e depois levanta o queixo, de olhos a brilhar.

– Farias qualquer coisa?

– Sim! – grito. – Tudo o que quiseses!

A Merritt olha para outra porta antes de escorregar até à ponta da cadeira, o rosto dela suficientemente perto do meu para eu conseguir cheirar-lhe o biscoito no hálito.

– Está bem, talvez tenha uma ideia, mas... – interrompe-se e baixa a voz.
– Mas os outros terapeutas não iriam gostar...

– Pensei que tinhas dito que conseguias dar a volta à cabeça desses velhos?

A Merritt acena rapidamente com a cabeça, os caracóis saltitando ritmadamente. Encosta os dentes ao lábio inferior.

– Eu disse. Eu disse isso. E consigo mesmo. A Eternidade é muito parecida com a Terra: um monte de velhos a mandar, todos tão presos às suas maneiras de fazer as coisas. Deus nos livre de tentarmos *innovar*, trazer um pouco de modernidade a este lugar.

– Conta-me a tua ideia.

– Ah, sim, a minha ideia. Parece loucura, mas... Acho, Delphie, que o Jonah pode ser a tua alma gémea. – Agarra nas minhas mãos. – Isto é, tecnicamente, os humanos têm cinco almas gémeas a vaguear pela Terra a qualquer momento, mas acho que o Jonah pode ser uma delas... A forma como vocês olhavam um para o outro. – Suspira, de um modo sonhador. – Como a Laurie e o Jack no livro *Um Dia em Dezembro*, de Josie Silver. Como se tudo o que vocês quisessem fosse tocar um no outro. Quer dizer, qual é a probabilidade de este tipo aparecer aqui acidentalmente ao mesmo tempo que tu? E logo na *minha* receção. – Suspira, levantando-se da cadeira e passeando pela sala. – E se fosse o destino, e eu só tivesse, sabes, de lhe dar um pequeno empurrãozinho?

Pestanejo. Uma alma gémea. As almas gémeas são reais? Tenho uma visão repentina de andar de mãos dadas com o Jonah por uma Oxford Street coberta de neve. O que é de loucos, porque eu detesto a agitação da Oxford Street e costumo evitar a neve sempre que possível. Na fantasia, o Jonah e eu usamos luvas iguais e estamos a rir. E eu não me sinto irritada, assustada ou triste. Não me sinto eu, de todo. É engraçado, nunca sequer ponderei a possibilidade de uma alma gémea... Mas, e se isto for real e a Merritt estiver certa e o Jonah for *isso*? E se eu realmente tiver uma maneira de sentir algo melhor do que tudo o que tenho sentido até agora?

– Dou-te dez dias – diz a Merritt, decidida.

– Dez dias?

– Dez dias de volta à Terra para encontrares o Jonah. Se ele te beijar, então podes ficar.

– Posso ficar viva? Como se nada disto tivesse acontecido? Como se nunca tivesse sufocado?

– Sim. Mas *ele* tem de *te* beijar. Por vontade própria.

Eu estreito os olhos.

– Porquê só dez dias?

A Merritt cruza os braços.

– Aqueles terapeutas de que te falei? Os que continuam a roubar-me os Mortos, que acham que eu não tenho o que é preciso para fazer a diferença por aqui? Aqueles dois excrementos de rato estão de férias nos próximos dez dias. Portanto, poderíamos resolver isto tudo antes de eles voltarem... e ninguém teria de saber!

– Espera... Tu não tens autorização para fazer isto?

A Merritt abana a cabeça rapidamente.

– Claro que tenho! Eu *nunca* quebraria as regras da Eternidade – resmunga. – Simplesmente seria melhor, sabes, manter isto entre nós. Caramba. Até parece que não acabaram de te oferecer a oportunidade de uma vida.

Eu franzo a testa.

– Em que sentido é que isto seria um «favor» para ti?

A Merritt ri-se e mexe ligeiramente as sobrancelhas.

– Bem, eu teria o prazer de assistir a tudo.

– Não estou a perceber.

– Olha, tu nem sabes o nome completo dele. Não sabes onde raio é que ele está em Londres. Tens um relógio em contagem decrescente, fornecido por *moi*, e Deus sabe quantos obstáculos a manter-vos afastados. É como um romance da vida real! Que posso ver desenrolar-se em tempo real! O *sonho*. – Bate palmas, saltitando sobre os calcanhares.

– Nem sequer me dizes o nome completo dele? – pergunto, atónita.

– Qual seria a piada disso? Ah, e a memória dele também será apagada, por isso ele não se vai lembrar do vosso pequeno caso aqui hoje. – A Merritt vagueia até à imagem emoldurada de si mesma e endireita-a com ternura. – Quero ver o destino em ação. Ver se consegues realizar isso. Como disse, andam a roubar-me os Mortos por todos os lados. Uma rapariga precisa de se divertir de alguma forma.

Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro na sala.

– E se eu não o conseguir encontrar? E se ele não me beijar? Tenho de voltar para aqui? Porque eu não quero mesmo, mesmo nada.

A Merritt esfrega as mãos e olha para o horizonte por um momento. Depois, um sorriso enorme espalha-se-lhe pelo rosto.

– Sim. Tens de voltar para aqui *e* trabalhar comigo no serviço de encontros que estou a criar. Eternity 4U. Precisamos de cobaias. Voluntários para irem a encontros-teste e reportar sobre os melhoramentos necessários. Terias de concordar em ser cobaia pelo tempo que eu precisar de ti... Além disso, tens de assinar este contrato, concordando com os meus termos. – Aparentemente do nada, tira um pedaço de papel e coloca-o no meu colo. Depois, alcança o bolso das jardineiras e tira de lá uma caneta dourada com uma pena *bordeaux*.

Ser testadora de encontros com um monte de pessoas que nunca conheci antes soa ao meu pior pesadelo. Eu nem sequer falei uma só vez com a dona da mercearia da esquina, embora a veja quase todos os dias. Não me dou bem com pessoas. Mas... penso então na maneira como o Jonah acabou de olhar para mim. Como ele claramente me beijaria por vontade própria. Num piscar de olhos, na verdade. Tudo o que tenho de fazer é encontrá-lo. Já sei que mora em Londres. E que o primeiro nome dele é Jonah, o apelido começa com a letra T. Quantos Jonah T pode haver numa cidade?

Visualizo o meu apartamento acolhedor, com o novo tapete às riscas. Todas as séries de TV que ainda não terminei. Mr. Yoon, que está a ficar mais esquecido ultimamente e não tem mais ninguém além de mim para verificar como está. Isto seria uma oportunidade de me certificar de que ele está bem, de garantir que ele tenha tudo de que precisa caso eu realmente acabe por ir desta para melhor. O meu coração começa a bater desesperadamente com o instinto humano inato de salvar a própria vida. De continuar a respirar, viver e existir, não importa a que custo.

Antes de poder hesitar, pego a caneta da Merritt e rabisco a minha assinatura na parte inferior do papel. A tinta molhada é roxa, reluzindo como óleo numa poça.

– Dez dias – repete a Merritt. – E *ele* tem de *te* beijar.

– Mas e se...

Não consigo terminar a pergunta, porque a Merritt me arranca o papel da mão e depois, com uma gargalhada tresloucada, estende o polegar, pressionando-o resolutamente na minha testa.

Eu respiro fundo e olho para os meus braços enquanto eles se tornam iridescentes, e depois se convertem num tipo de líquido prateado, e depois...

CAPÍTULO CINCO

— Delphie? C’um caraças. Delphie? Acorda.

Franzo a testa, abro os olhos e dou com um par de olhos tão escuros que são quase pretos. O rosto do homem está tão perto do meu que consigo sentir o cheiro do sabonete na sua pele, algo simples e caro. Está a dizer o meu nome e parece mesmo chateado. Levo alguns segundos a reconhecer o tom afetado e, quando o faço, sinto uma pontada aguda de desagrado na barriga. Sento-me abruptamente e afasto o rosto do homem.

— Céus. — Um breve olhar de alívio atravessa-lhe o rosto detestável. — Pelo menos estás viva.

Limpo várias gotas de suor da testa e aperto os lábios, com a boca seca. Olho à volta. Estou no chão do meu apartamento. Estou viva? Inspiro profundamente e engulo uma grande quantidade de ar quando percebo que não há qualquer restrição. Belo ar. Maravilhoso, belo ar que dá vida.

— Caramba. — Levanto-me a cambalear, notando enquanto o faço que o meu telemóvel está mesmo ali na mesa. Não há sinal de um hambúrguer de micro-ondas em lado nenhum. A televisão está desligada e o portátil está fechado. — Que raio?

O Cooper do andar de baixo paira sobre mim, a sua estrutura semelhante a uma árvore a fazer a sala parecer ainda mais pequena do que é. Ele ergue as mãos como se não quisesse ter nada que ver com a resposta à minha pergunta.

— Vim trazer-te isto — diz rigidamente, apontando para um pacote de cartão pousado na mesa da cozinha. — Entregaram-mo a mim *outra vez*. A tua porta estava entreaberta e entrei, e encontrei-te desmaiada no chão. Mas é evidente que não estás morta. Hurra. Tenho de ir.

— Espera! — digo, puxando a camisa de dormir para baixo. — Durante quanto tempo é que estive desmaiada? Que horas são? Onde está o meu hambúrguer? Eu não... — Olho para a janela. O sol está a pôr-se.

Franzo o sobrolho ao meu relógio: oito horas da noite.

– Passaram duas horas?

O Cooper olha para mim com frieza.

– Estás bêbeda?

Agarro na garganta.

– Não. Não... O hambúrguer desapareceu – murmuro. – Completamente. Foi um sonho? A lavandaria... Não foi real? – Olho para a mesa de centro e observo-a. – Se não há hambúrguer, isso significa... Significa o quê?

O Cooper aproxima-se de mim e usa dois dedos para me empurrar o ombro, fazendo-me cair no sofá.

– Começo a achar que devia telefonar a um médico... – diz, a boca a assumir a sua linha de expressão habitual.

– Não. Não... Eu estou bem. – Afasto-o com a mão. – Acho... Acho que tive um sonho muito estranho.

O Cooper observa a minha pequena sala, com uma sobancelha erguida. De repente, vejo o espaço através dos seus olhos – papel de parede floral desbotado que nunca cheguei a mudar depois de a minha mãe sair de casa, caixas de tintas de óleo por abrir empilhadas na mesa de apoio de teca, uma fila de cuecas de segunda categoria sobre o radiador, já secas como cartão.

Os olhos dele prendem-se na roupa interior por um momento antes de deslizarem de volta para mim, com uma expressão que oscila entre o aborrecimento moderado e o desdém completo. Bah. Este tipo acha-se muito melhor do que toda a gente. Está vestido, como de costume, como um francês sofrido, mas enigmático.

O tipo de homem que lê livros de bolso desbotados pelo sol num bar, porque nem em sonhos se prenderia a um iPhone. O tipo de homem que fuma apenas pela estética. Como se o Timothée Chalamet tivesse um irmão mais velho extremamente alto, extremamente sombrio e idiota. Casaco de cabedal preto, *T-shirt* preta simples, calças de ganga pretas, botas pretas com os atacadores muito certinhos e bem apertados. Barba espessa, porque é demasiado inteligente e misterioso para se barbear.

Quando o Cooper se mudou para o prédio, há cinco anos, parecia totalmente diferente – tinha o cabelo escuro muito mais curto do que o emaranhado de caracóis que tem agora. Na altura, usava a barba feita e passeava-se de havaianas obnoxiamente compridas e calções de praia, com um lápis atrás da orelha. Fazia muito, muito menos carrancas. Na verdade,

no dia em que ele se mudou, lembro-me de pensar que os olhos dele eram os olhos mais brilhantes e alegres que eu alguma vez tinha visto, o que mostra que as primeiras impressões são, na sua maioria, uma treta.

Isso tudo foi há muito tempo, antes de eu o encontrar frequentemente no corredor a afastar mais uma mulher bonita que ele claramente entreteve por apenas uma noite. Antes de ele me mandar lixar na manhã em que educadamente lhe pedi para baixar o volume da música que estava a tocar às seis da madrugada. Depois dessa interação, os olhos dele passaram a parecer-me significativamente menos brilhantes. Ignorava-o diligentemente se o encontrasse no corredor. Ele deixou de usar um lápis atrás da orelha e mandava-me bocas sempre que uma das minhas encomendas era entregue por engano no apartamento dele, no rés do chão. As pessoas dizem que eu sou espinhosa, mas eu sou um arco-íris recheado de sol em comparação com este tipo.

– Certo. – Revira os olhos. – Tudo muito normal. E tens a certeza de que não preciso de chamar nenhum tipo de ajuda por telefone?

– *Telefone?* Ok, Downton Abbey. Não, não precisas de chamar ninguém por telefone. Na verdade, nem precisas de estar aqui.

– Ótimo. – Os olhos dele descem para a minha camisa de dormir e depois voltam a subir até mim. – Deixo-te voltar ao teu brilho e fulgor, sim?

– Deixo-te voltar para a Rydell High. Os outros T-Birds² andam à procura do elemento mais merdoso do grupo.

– Espero sinceramente que encontres esse hambúrguer desaparecido.

– Espero sinceramente que não tenhas uma erupção cutânea por vestires cabedal *no dia mais quente do ano*.

Sorrio, mas não é a sério.

O Cooper fulmina-me com o olhar e isso é muito a sério.

Gira sobre o calcanhar da estúpida da sua bota e sai do meu apartamento, sem fechar a porta, coisa que sei que faz de propósito. A resmonear, vou fechá-la, trancando as três fechaduras e verificando-as duplamente.

– E mantém-te longe! – grito-lhe, embora a porta já esteja fechada e o Cooper provavelmente já esteja em casa. Deus. A irritação até pode ser o meu estado-padrão na maioria das vezes, mas aquele idiota sabe mesmo como a provocar.

Assim que ele se vai embora, examino o meu apartamento mais uma vez em busca de provas da existência do hambúrguer, ou da planta que derrubei na minha corrida frenética até à cadeira da cozinha para fazer a manobra de Heimlich. Não encontro nada.

Pego no telemóvel. Sem notificações, sem chamadas, o que não é uma ocorrência rara. Sem notificações e sem chamadas é exatamente como eu gosto.

Ouvindo o som de Mrs. Ernestine lá de baixo a chatear alguém na rua, e o zumbido do meu frigorífico, e sentindo o cheiro a frango assado que me entra pelas janelas – coisas de todos os dias –, ocorre-me que o que acabou de acontecer foi quase de certeza o sonho mais perturbador do mundo.

Sinto uma inesperada onda de desapontamento no estômago. Quer dizer, claro que estou encantada por não estar morta. Obviamente. Mas se nada disso foi real, então significa que o Jonah T também não era real. Apenas um produto da minha imaginação claramente extravagante. Bolas.

Ter ficado deitada no chão durante o pôr do sol deixou-me a pele suja e pegajosa, por isso dispo a camisa de dormir e mergulho debaixo de uma chuva de morna. Ensaboo o corpo e fito os azulejos rosa-claros da parede. Como é que fui parar ao chão, desmaiada? Estarei doente? Desidratada? A Jan que trabalha comigo disse-me que tinha de beber mais água para compensar os baldes que todos andamos a transpirar nesta vaga de calor.

Penso no Jonah T enquanto lavo o cabelo com o meu champô preferido, de maçãs doces. Penso em como o meu corpo se sentiu nesse sonho. Em como, por um momento, eu estava animada com a possibilidade de... Não sei de quê. De algo melhor. Penso nos olhos dele, no cabelo e na forma como senti a mão dele na minha. Dói-me o peito de saudade.

– Controla-te, Delphie – digo em voz alta. – Foi só um sonho estranho.

Depois de sair do duche, ando de divisão em divisão, a sentir-me desesperadamente inquieta. O apartamento parece-me demasiado quente e pequeno. O sol ainda está muito brilhante para as oito da noite. Olho para o sítio do meu novo tapete às riscas sobre o qual soçobrei. Onde tenho certeza de que o ar abandonou os meus pulmões. Meu Deus, parecia tão real.

Ao inspecionar o frigorífico, vejo o hambúrguer prejudicial. Está fechado. Pego-lhe num ápice e deito-o para o lixo.

Então, sem saber o que mais fazer e sem ter absolutamente ninguém com quem falar sobre aquela bizarra ocorrência, volto a ligar a TV na Netflix e ponho a dar *O Impostor do Tinder*, continuando a ver a partir do ponto em que tinha parado.

22. «Rydell High» e «T-Birds» são referências ao filme *Grease*, de Randal Kleiser, de 1978, com John Travolta e Olivia Newton-John. (*N. da T.*)

CAPÍTULO SEIS

Depois de entrar furtivamente no apartamento de Mr. Yoon para garantir que tem os cigarros apagados e o forno desligado, vou para a cama. Levo uma eternidade a adormecer devido ao meu novo e estranho medo de ter sonhos assustadoramente vívidos com mulheres persistentes de jardineiras. Porém, a dada altura, adormeço.

De manhã, quando toca o despertador, toda a situação está ainda fresca na minha mente. Afasto a colcha de verão com os pés e vem-me vividamente ao pensamento o rosto do Jonah. Lembro-me da tonalidade precisa dos olhos dele: azul-cobalto, salpicado com toques cintilantes cor de avelã. Porém, mais ainda, lembro-me do calor intenso que deles emanava. Da bondade. De quão calma me senti com eles pousados em mim.

Sento-me, suspiro e pergunto-me por momentos se terei algum tumor cerebral. Na *Anatomia de Grey*, a Izzie teve um caso sexual completo com uma alucinação. É isso que se está a passar comigo? Ou terei visto um tipo giro nalgum filme, nalguma altura, e o rosto dele impregnou-se-me no subconsciente?

– Meu Deus – murmuro ao lembrar-me do vídeo que a Merritt me mostrou. Aquelas memórias eram cristalinas. O riso trocista dos Amorosos. Eu sentada sozinha no sofá a ver TV num *loop* interminável. A minha mãe, antes do Gerard e da comunidade de artistas.

O meu coração dá um solavanco e pego no telemóvel.

Oi, mãe! Que tal vai isso? Tens tempo para uma chamada hoje ou amanhã? Gostava de pôr a conversa em dia.

Releio as últimas mensagens que ela me enviou, fotos de grandes pinturas abstratas em que ela tem trabalhado, que, pelo que dizem, estão prestes a esgotar antes mesmo de serem mostradas em público. Ignoro

diligentemente a minha pilha de tintas a óleo não utilizadas e vou para a casa de banho, onde faço o meu penteado habitual de duas tranças presas firmemente no topo da cabeça. Em seguida, visto a farda de trabalho, calças pretas e uma camisa branca de manga curta.

– *Merritt!* Ha! – resmungo. Como é que o meu cérebro inventou tal nome? Nunca o tinha ouvido antes. Tão estranho. Talvez eu devesse ir a uma consulta com a Dra. Lane, aumentar a dose de fluoxetina. Escrevo uma nota para lhe ligar, mas depois lembro-me do quanto ela andava a insistir para que eu começasse a fazer psicoterapia. Ligo noutro dia.

O meu telefone vibra com a resposta da minha mãe.

Querida! Hoje/amanhã está uma loucura. Temos um curador de arte de Nova Iorque hospedado na comuna e eu estou a organizar o jantar de boas-vindas. Não é emocionante? Fico feliz por te saber bem. O Gerard manda um abraço.

Reviro os olhos, pego na caixa de lápis Blackwing que está na mesa de apoio, num pacote de *bagels* do cesto do pão e, abrindo o frigorífico, agarro numa embalagem de ovos, numa barra de manteiga e num pacote de salmão fumado. Saio de casa e bato à porta de Mr. Yoon.

Eu e Mr. Yoon temos um acordo. Dou-lhe sempre a possibilidade de abrir a porta antes de usar a cópia da chave dele que fiz para mim. Ele raramente o faz, mas não quero entrar e ver algo que pudesse mudar para sempre a natureza simples e descontraída da nossa relação.

Ao fim de dois minutos a bater sem resposta, destranco a porta e entro.

O apartamento de Mr. Yoon tem o dobro do tamanho do meu e, enquanto o meu tem os mesmos tetos altos bonitos que o dele, o dele tem uma enorme janela de sacada e uma pequena varanda com vista para as lojas da nossa rua. O sol de agosto entra pela ampla sala de estar, e eu percebo, com desânimo, que a casa caiu novamente na desordem. Os pratos estão lavados, empilhados precariamente em cima do pano da loiça preferido de Mr. Yoon (vermelho, coberto de pequenas notas musicais), mas as bancadas da cozinha estão sujas e o sol ilumina uma névoa de poeira estagnada no ar. Isso não seria grave se Mr. Yoon não fosse geralmente tão metódico a manter a casa imaculada. Tenho notado nele um ar disperso ultimamente, esquecendo-se de coisas, e sem se pentear ou arranjar como costumava

fazer. Tomo uma nota mental para ligar ao médico dele. Provavelmente, é normal que alguém na casa dos oitenta ande um pouco distraído de vez em quando, mas é melhor ter a certeza.

— Olá, olá, Mr. Yoon. — Sorrio, aproximando-me do meu vizinho, sentado à mesa redonda perto da janela, fumando um cigarro e decifrando um dos livros de palavras cruzadas pelos quais é obcecado. Pouso a caixa de lápis ao lado dele. — Para si, só do melhor. — Ele mostra-me um pequeno sorriso e um aceno distraído antes de voltar ao livro de palavras cruzadas.

Mr. Yoon é não-verbal. Recentemente, começou a escrever-me pequenos recados de vez em quando — foi assim que descobri que ele teve uma lesão nas cordas vocais quando era bebé e nunca falou —, mas na maioria das vezes ficamos apenas juntos em silêncio. Acho que essa é uma das principais razões pelas quais gosto tanto de estar com ele. Isso e o facto de ele não ser falso. Não finge gostar ou não gostar de mim. O problema com muitas pessoas que encontramos na vida é que elas são a versão delas mesmas que acham que *deveriam* ser, em vez da pessoa que realmente são. Que, na maioria das vezes, é crítica e superior e — se isso lhes convier — disposta a partir-nos o coração sem pensar duas vezes. Se há algo que sei com certeza é que as pessoas são, na sua maioria, um lixo. No entanto, Mr. Yoon, não. Ele é bom e verdadeiro, sem motivações ocultas.

É engraçado. Lembro-me de ter medo dele quando era miúda. O homem silencioso de cara séria que me fazia constantemente gestos com o dedo sobre os lábios se eu estivesse a fazer demasiado barulho no corredor com a Gen. A minha mãe sempre disse que ele era apenas um velho solitário que queria ser deixado em paz, por isso nunca tentei interagir com ele. E depois, há alguns anos, era o meu dia de anos. A mãe esqueceu-se de me telefonar, e eu, num acesso de autopiedade, fui até à pastelaria mais próxima e comprei um bolo inteiro para mim. Cruzei-me com Mr. Yoon no corredor. Ele olhou para mim e depois para o bolo e depois de novo para mim.

— É o meu aniversário e vou comer tudo sozinha — murmurei, entrando em casa com um suspiro. Cerca de uma hora depois, foi enfiado um envelope por baixo da minha porta, deslizando pelo chão com velocidade. Abri-o e continha uma folha grossa de papel A4 dobrada ao meio. Na frente, havia um pequeno desenho a lápis de um bolo de aniversário. No interior, numa caligrafia cuidada dizia: «Feliz aniversário, Delphie. De Mr. Yoon».

Foi o único postal de parabéns que recebi naquele ano. Encostei-o ao nariz por alguma razão, espirrando imediatamente ao sentir o cheiro a cinza de cigarro. Agora, guardo-o cuidadosamente dentro da minha pasta de documentos importantes, ao lado das declarações de impostos e do certificado de habilitações.

Dirijo-me à cozinha, que é aberta para a sala, e preparo um bule de café na antiga cafeteira de cobre de Mr. Yoon. Em seguida, pego numa tigela e parto lá para dentro os ovos, batendo-os com sal marinho, pimenta e uma pitada de flocos de malagueta antes de os pôr numa frigideira quente, mexendo-os o mais depressa que consigo. Tosto levemente dois *bagels* e barro-os com manteiga, acrescento-lhes os ovos e, por cima, o salmão fumado. Coloco os nossos pratos na mesa com um gesto exagerado.

– Pedido pronto!

Mr. Yoon fecha o livro de quebra-cabeça e devora a comida, faminto. Parece voraz. Ter-se-á esquecido de comer na noite passada? Percebo que os seus pulsos parecem mais ossudos, o seu antigo relógio de prata mais solto do que o habitual.

Sirvo-nos um copo de sumo de laranja do pacote aberto sobre a mesa e coloco alguns dos meus ovos no prato dele.

– Não sei quanto a si, Mr. Yoon, mas eu tive um sonho maluco na noite passada – digo, dando uma dentada no meu *bagel*. – Sonhei que morri e acabei num Além que parecia uma lavandaria. Ah, e havia lá uma mulher completamente exagerada. Supostamente era terapeuta, mas era péssima nisso.

Mr. Yoon dá um gole no café, soltando um pequeno suspiro de prazer. Demorei meses a conseguir dele essa reação. Nas primeiras semanas em que lhe fiz café, ele franzia o sobrolho ao prová-lo. Logo percebi, por tentativa e erro, que ele gostava do café forte, com os grãos moídos na hora e com leite de amêndoa. Tudo aquilo pareceu uma experiência laboratorial. Até registava num pequeno caderno as suas reações, de zero a dez.

– E havia lá um rapaz – continuo. Então, Mr. Yoon olha diretamente para mim. Levanta as sobrancelhas como quem pergunta: *Ah, havia?* Eu rio-me. – Sim. Um rapaz muito bonito com uma dentição incrível. Chama-se... *chamava-se...* Jonah. E era adorável. Doce e gentil. – Pouso a faca e o garfo. – E agora tenho saudades dele, louca como sou. Tão estúpido, não é?

Ter saudades de um desconhecido de um sonho... – Rio sombriamente. – No entanto, foi bom. Por um momento. Sentir-me assim. Para ser sincera, não estava certa de ser capaz.

Mr. Yoon continua a mastigar, de olhos outra vez no prato.

– Se calhar devia arranjar um desses livros sobre os significados dos sonhos... – reflito, dando um gole no meu café. – Embora duvide de que tenham um capítulo sobre «Acordar Morta numa Lavandaria e Conhecer um Homem Bonito».

Mr. Yoon ri-se em silêncio, a respiração saindo-lhe em pequenos suspiros, os vincos nos cantos dos olhos aprofundando-se.

– Pode rir, mas eu estou perturbada, Mr. Yoon – digo, pegando nos nossos pratos vazios e levando-os até à máquina de lavar louça. – *Perturbada*. E se estiver a enlouquecer?

Mr. Yoon pega um lápis e risca algo no cimo da sua página de palavras cruzadas.

Delphie, não podes enlouquecer sendo já louca.

– Ei! – repreendo-o. – Embora, provavelmente, tenha razão. E com isso, vou para a farmácia, onde passarei o dia a ouvir relatos lamentáveis de pele seca, olhos pegajosos e partes do corpo comichosas. – Tenha um bom dia, sim? Em princípio, passo cá mais tarde: talvez limpe essas bancadas, se o senhor ainda não o tiver feito.

Mr. Yoon mostra-me um polegar erguido antes de pegar no seu maço de tabaco e acender um, com mãos trémulas. Uma vez, disse-lhe que talvez ele devesse reduzir o tabaco, e ele fez-me uma cara tão feia que acabei a comprar-lhe um cinzeiro novo para me desculpar pela ingerência.

Quando saio do apartamento dele para voltar para casa, o meu telefone faz um barulho estranho. São as notas iniciais da música «Jump Around», dos House of Pain, a tocar repetidamente. Que raio? Tiro o telemóvel do bolso. Tenho uma mensagem. Esperem lá, eu não tenho notificações sonoras para mensagens.

Abro a mensagem e o meu coração salta.

Oi Delphie, aqui Merritt. Da Eternidade. Estou com a impressão de que tu achas que o que aconteceu entre nós ontem foi um sonho... Porque é que estás a engonhar se só tens dez dias para encontrar o Jonah? Na verdade, nove dias agora, porque ontem à noite foi tecnicamente o primeiro dia e hoje é o segundo...

P.S. Esta mensagem desaparecerá assim que acabares de a ler.

Fico boquiaberta a fitar a mensagem e, então, bem diante dos meus olhos humanos, ela cintila e desaparece, tal como o Jonah fez no meu sonho.

Que... *não* foi um sonho?

Volto à pasta de mensagens. Sim, a mensagem desapareceu.

Olho para um lado e para o outro do corredor. Será uma partida? Não, eu não conheço pessoas suficientes para que uma delas seja uma brincalhona clandestina. Talvez eu esteja mesmo doente... Talvez devesse ter deixado o Cooper chamar um médico ontem à noite.

O som de «Jump Around» explode novamente.

– Será isto um sonho? – murmuro, dando-me uma leve estalada no rosto na tentativa de acordar.

Caramba. Podemos acabar com isso, Delphie? Não é um sonho. É real. Está a acontecer. Combinámos dez dias. Tens até às 18h do décimo dia para encontrar o Jonah e conseguir que ele te beije. Ou serás minha para sempre... Muahaha.

A mensagem surge e desaparece. Sinto os joelhos enfraquecerem como se eu fosse uma figurante num drama de época. Agarro-me à maçaneta da porta enquanto escorrego até ao chão alcatifado.

Sou eu outra vez. Agora a sério. Podes dar-me um sinal de que estás a perceber? Não posso ficar a mandar mensagens o dia todo. O Eric acabou de entrar no meu escritório e disse: «Hum, pareces estar super ocupada.» Que idiota. Só preciso de que o digas em voz alta. Reconheças que isto é real. Diz: «Eu sei que isto é real!»

Suspiro quando a mensagem flutua para longe mais uma vez.

– Eeer... Isto é real? – A voz sai-me num sussurro. Aclaro a voz e digo mais alto: – Isto é real.

É mesmo real! Ok, miúda. Vou desligar por agora, mas falaremos em breve. Boa sorte, boa sorte! Estou tão entusiasmada para ver como é que isto corre! luhu!

Por entre o medo, a incredulidade e a preocupação geral de poder estar a enlouquecer, sinto algo inesperado. Um calor de entusiasmo. Um lampejo de esperança lá no fundo da minha barriga.

Se isto é real, então isso significa que o Jonah é real.

E está algures em Londres.

CAPÍTULO SETE

O sino da Farmácia Meyer toca quando eu abro a porta de par em par. Sou imediatamente atingida pelo reconfortante cheiro a sabão e tinturas que paira no ar. A Jan, que trabalha na caixa, dá um salto de susto e o telemóvel para que ela estava a olhar cai na bancada de vidro com um estrondo. Lança os braços para cima, como se eu fosse um assaltante e ela tencionasse defrontar-me. Quando percebe que sou só eu, os ombros dela relaxam e volta a uma das filmagens de teatro musical que costuma estar a ver entre clientes.

A filha da Jan, a Leanne, aparece de trás da divisória: as suas sobrancelhas em V em resultado de um *microblading* perfeito, o brilho do *gloss* a reluzir sob a iluminação artificial. É ela a farmacêutica e a minha chefe, tal como da Jan. Não se parece com nenhuma farmacêutica que eu alguma vez tenha conhecido. Parece uma *influencer* do Instagram – a pele impecável, o cabelo ondulado com uma coloração *balayage*, pestanas artificialmente abundantes. E depois, as roupas – ela é apaixonada por moda, o que significa que aparece muitas vezes no trabalho com peças feitas por si: geralmente, amplas extensões de tecidos néon, com cores muito *fashion* e mangas enormes que, por vezes, se lhe enfiam na salada ao almoço.

– Que estrondo foi esse? – sibila a Leanne, os olhos a descer para o relógio de pulso de acrílico transparente que traz sempre. – E estás atrasada.

Quando comecei a trabalhar aqui, há três anos, a Leanne andava sempre a tentar convencer-me a sair com ela para tomar um copo depois do trabalho. Eu andava sempre a adiar, por duas razões:

1. Ela era suspeitamente amigável. Ninguém devia ser tão feliz a distribuir creme para hemorroidas ao público em geral dia após dia.

2. Se a amizade não resultasse (e a experiência ensinou-me que nunca resultam), seria desconfortável no trabalho. E embora este trabalho não me ilumine propriamente o coração, fica literalmente em frente ao meu apartamento, embalar comprimidos é fácil *qb*, e o salário é suficiente para cobrir o custo de vida. Não queria confundir essas fronteiras.

Avanço até ao balcão.

– Preciso de tirar os próximos nove dias.

– Mas nunca tiras dias – diz a Leanne, com uma breve expressão de preocupação a cruzar-lhe o rosto antes de voltar à sua expressão desinteressada. – E estás a avisar muito em cima da hora.

– Eu sei. – Encolho os ombros, compungida. – Mas estou desesperada, e sabes que não pediria se não precisasse.

Jan põe o Broadway HD em pausa.

– Está tudo bem, Delphie? Pareces um pouco pálida.

Descarto a preocupação dela com um aceno de mão.

– Sim, tudo super bem. – *Tecnicamente morta, menos de dez dias para encontrar e beijar o possível homem dos meus sonhos ou então morro pela segunda vez.* – Só preciso... sabes... de uma pausa. Hum... Estou a sentir-me assoberbada.

Leanne cruza os braços. Hoje as mangas dela não são baloiçantes, são tufadas, como se alguém as tivesse enchido de ar.

– Queres ficar de baixa por tanto tempo? Porque, se for esse o caso, tecnicamente precisas de um atestado médico. Tens?

Abano a cabeça.

– Ah, vá lá, Leanne. Não estamos em altura de grande movimento. Podes dar conta do recado por alguns dias. Farei o inventário quando voltar.

A Leanne resmunga.

– O teu tom está muito rude e impertinente para alguém a pedir um favor, Delphie. E se o *stock* acabar antes de voltares? E se os residentes de Paddington e Bayswater não receberem os medicamentos que lhes salvariam a vida por tu não teres conseguido avisar-me com a antecedência devida de que irias tirar férias?

– Por amor de Deus, não sejas tão dramática – interrompe a Jan, mexendo no pingente em forma de trevo dourado que nunca tira do pescoço. – Eu posso ajudar-te, Leanne. Deixa a rapariga tirar um tempo. Ela nunca pede.

Eu franzo o nariz à Jan. Porque é que ela está do meu lado? Qual será a contrapartida? Só fala comigo para me perguntar se conheço o Stephen Sondheim. Eu digo sempre que não, porque não conheço mesmo, e ela diz sempre que estou a perder as maiores obras de arte que alguma vez existiram.

A Leanne estreita os olhos e vejo que traz um *eyeliner* Ultramarine Violet, a condizer com os sapatos.

– Se eu te der nove dias de folga sem aviso, terás de me fazer um favor também.

– Tudo bem. Qual é o favor?

A Leanne ergue o queixo.

– Vais beber um copo comigo na próxima sexta-feira depois do trabalho.

Fico boquiaberta. Já passaram três anos desde que ela deixou de me convidar. Porque é que isto lhe interessa tanto? Quando é que eu lhe dei algum sinal de estar interessada na amizade dela? Cultivei o oposto disso durante toda a minha vida adulta. Talvez tenha sido naquela noite em que partilhámos uma garrafa de vinho após o fecho, pouco depois de eu ter começado a trabalhar aqui. Ela tirou a garrafa da bolsa, e eu tinha tido um dia terrível, então disse que sim a um copo e ela não parou de servir. Fiquei tão tonta que mal me lembro, mas ela deve-se ter divertido muito, porque não desiste de tentar repetir a experiência.

– Ei, se vocês vão sair, eu também vou! – resmunga a Jan. – Seria discriminação se eu ficasse de fora só por ser mais velha do que vocês.

– Tudo bem! – digo. – Eh lá. Vamos todas sair! A primeira rodada é por minha conta! – acrescento, porque na televisão é isso que dizem as pessoas que saem para beber copos.

A Leanne acena lentamente com a cabeça, um sorriso de satisfação a espalhar-se-lhe pelo rosto perfeitamente simétrico.

Volto para casa para ir pesquisar pelo Jonah no portátil, mas alguns segundos a fitar o tapete às riscas onde morri recentemente deixam-me demasiado arrepiada e decido ir antes para uma biblioteca. Na rua, vejo no telemóvel onde fica a biblioteca mais próxima. Alguns diriam que isso é algo que eu devia mesmo saber, ao fim de vinte e sete anos a viver em Londres, mas, depois da escola e da universidade, passei a comprar a maioria dos livros *online*.

A mais próxima de mim é a Biblioteca Tyburnia, que fica a uma curta distância a pé. Raramente saio de Bayswater – para quê, se aqui há tudo de que preciso? –, mas, quando o faço, gosto de ir a pé, de preferência com os meus auscultadores no máximo para ninguém poder falar comigo. Se o fizerem, posso simplesmente fingir que não ouvi, por causa dos auscultadores. Posso não saber tudo, mas não sou completamente idiota.

Caminho pela movimentada Praed Street, desviando-me das pessoas com que me cruzo no caminho, os olhos focados milimetricamente nalgum ponto desconhecido ao longe. Os meus auscultadores transmitem um *podcast* sobre o tempo tumultuoso de Van Gogh e Gauguin em Arles, e pergunto-me se, quando Van Gogh enlouqueceu, ele saberia que isso lhe estava a acontecer.

A biblioteca é grande e tem um ar antigo, as suas grandes janelas empoeiradas pontilhadas com recortes coloridos de personagens de livros infantis.

Empurro as portas pesadas e percorro salas alcatifadas cheias de livros amarelados até encontrar uma mesa enorme com outras duas pessoas a trabalhar em computadores portáteis. Perfeito. Sento-me, abro o meu portátil e começo imediatamente a digitar no Google Jonah T London.

Vinte e três milhões de resultados.

Ao meu gemido, uma das outras pessoas na mesa pede silêncio. Lanço-lhe um olhar de desprezo. Sinto um toque suave no ombro.

Giro na minha cadeira e encontro um homem alto e magro, que parece estar nos seus quarenta anos, a olhar para mim com curiosidade. Traz um colete de cetim sobre uma camisa branca. Tem um rosto endiabrado e cabelo louro-acinzentado.

– Olá. – Aponta para um pequeno distintivo dourado no colete. – Sou o Aled. Posso ajudar? – Tem o sotaque puro e caloroso do Yorkshire, redondo e agradável. – Ouvi dali o teu gemido e pensei: *Isto é o som de um amante de livros aflito*. Posso ajudar?

Faço uma careta para o ecrã do computador.

– Na verdade, sim. Tem, tipo, registos de pessoas? Moradas e números de telefone e coisas assim?

– Para os membros do público? Queres a morada de alguém? Usa um motor de busca!

– Acabei de usar! Mas há milhões de resultados. Estou a tentar encontrar alguém e o tempo é pouco.

– Pareces estar em pânico, querida! – O Aled franze os lábios. – Isso... isso é sério?

– É literalmente uma questão de vida ou morte – murmuro distraída, andando para baixo nos resultados do Google e depois clicando na página de imagens. Nada de útil.

– Hum, percebo, percebo. – O Aled esfrega as mãos. – Posso não ter acesso a números de telefone particulares, mas acho que tenho algo que pode ajudar. Uma coisinha chamada... livros!

CAPÍTULO OITO

O Aled é super prestável. Estranhamente – como se tivesse decidido que seria essa a sua marca pessoal e que se ia dedicar a ela. Seguindo-me pela biblioteca, interpela várias pessoas que andam a explorar as prateleiras.

– Mrs. Marani, encomendei o novo livro do Ottolenghi para si. Está no balcão da frente.

E:

– Não queres esse, Danny, não é intrincado o suficiente para ti. Experimenta antes o da Lisa Jewell.

E, caricatamente:

– Mr. Timms, não tem uma consulta no oftalmologista daqui a cinco minutos? Vai-se atrasar!

Dá uns risinhos, olhando para mim, animado, enquanto entramos na secção de crimes reais da biblioteca. Está cheia de pessoas. Perturbador. O Aled anuncia os livros mais úteis tirando-os, de facto, da prateleira e despejando-os nos meus braços.

– Não acho que precise destes todos. – Tento descarregar três livros sobre pessoas desaparecidas nos braços magros do Aled, mas ele estende as palmas das mãos para que eu não consiga.

– Esse tal de Jonah que mencionaste... Trata-se de uma pessoa desaparecida, não é?

– Bem, não oficialmente uma «pessoa desaparecida».

– Consegues encontrá-lo?

– Não, mas não o conheço, na verdade...

– E dizes que é literalmente uma questão de vida ou morte?

– Bem, sim. Sim, é.

– Parece-me uma pessoa desaparecida, ou, como se diz na gíria, um «sumido». – Bate na lombada de outro livro. – Ah, este é muito bom. Eles não conseguem encontrar a vítima, mas a história é brutal. Muito emotiva.

Eu chorei a lê-lo, mas eu choro com tudo. Uma vez chorei com um anúncio de espuma de banho.

Empilha mais três livros nos meus braços, e embora eu seja geralmente excelente a livrar-me de conversas indesejadas, o Aled é persistente de uma forma com que não deparo há algum tempo. Não sei bem como reagir.

Quando chegamos ao balcão da biblioteca, eu com cinco calhamaços sobre pessoas desaparecidas e crimes reais, e um chamado *Trabalho de Detetive para Totós*, o Aled pede-me o cartão da biblioteca.

– Não tenho.

O rosto dele enruga-se como se eu tivesse acabado de revelar que ele tem dez dias de vida.

– Perdeste-o?

– Não. Não tenho cartão.

O Aled abana a cabeça, incrédulo, entregando-me um formulário para preencher com o meu nome completo e morada.

– Uau. Bem, este é um dia emocionante para ambos. Um cartão de biblioteca é um portal, se quiseres, para qualquer universo que possas imaginar. Oh, as aventuras que terás, hã?

Eu rabisco as minhas informações pessoais e entrego-lhe o formulário.

– Não sei se cá voltarei tão cedo.

– Tens de voltar! – diz, digitando as minhas informações no computador e entregando-me depois um pequeno cartão de plástico verde, com o meu nome magicamente impresso. – Para devolver os livros! É esse o truque, percebes? E quando o fizeres, cá estarei com montes de recomendações. – Bate palmas. – Vou começar a fazer uma lista assim que saíres.

– Ok – digo vagamente, empilhando os livros nos braços e dirigindo-me para a saída. – Hum, obrigada...

– Tu vais voltar – diz o Aled, imitando a voz robótica do Exterminador Implacável. Ergue uma corujinha de pelúcia da sua secretária e acena com a asa enquanto eu me afasto. Olho para trás antes de transpor a porta.

Ele continua a acenar.

*

Arrasto-me pelo calor enevoadado com a minha pilha de livros, e quando chego a casa estou a transpirar tanto que a fina camisa branca se me colou à pele. Transfiro os livros para um só braço enquanto tento manusear a chave.

Enfiá-la na fechadura e rodá-la na direção correta sem deixar cair os livros requer toda a concentração que me é possível. Estou quase a conseguir quando, de repente, a porta é puxada para dentro. Inclino-me para a frente e os livros caem-me dos braços, rebolando pelos degraus empoeirados da entrada do prédio.

– Nããão – lamento-me suavemente. Lanço um olhar furioso para a porta aberta, à espera de ver quem devo culpar.

É claro.

O detestável Cooper está ao cimo da escada. Agora sem o casaco de cabedal, embora as suas outras roupas continuem a ser todas pretas. Deve estar a ferver, mas o rosto dele parece perfeitamente fresco e calmo.

– Vais pedir desculpa? – sibilo, descendo os degraus para apanhar os livros que nem sequer queria.

Vejo uma ligeira tensão formar-se-lhe no maxilar por barbear.

– Não sabia que estavas do outro lado da porta, está bem? – Baixa-se para pegar num dos livros: algo chamado *Geographic Profiling – The Essential Guide*.

– Por que raio abriste a porta dessa maneira?

– Que maneira?

– Como se estivesses zangado com ela!

– É uma porta pesada, por isso é preciso puxá-la com força. Não posso evitar a minha força natural.

Estará ele a tentar ter piada? Visto que nunca o vi a tentar ter graça, vou assumir que não.

– Força natural? Uau. Parabéns. Posso passar agora, por favor?

O corpo do Cooper bloqueia-me a passagem pela porta. Ele não se mexe, mas franze a testa, pegando novamente no livro do topo da pilha.

– Andas à procura de alguém?

– Talvez.

Ele dobra os joelhos e estreita os olhos em direção às lombadas dos outros livros na minha pilha.

– Isso é uma leitura robusta para um talvez. – Toca no fundo do livro com o dedo indicador. – Esse não é mau. O resto não ajuda.

Agora é a minha vez de franzir a testa.

– Tu leste-os?

– Sim.

– Porquê?

Ele evita a pergunta.

– Andas mesmo a tentar encontrar alguém? Quem? Porquê?

– Quer que faça um depoimento por escrito na esquadra, inspetor Cooper?

Os olhos dele endurecem novamente; levanta as mãos no ar.

– Está bem. Credo. Boa sorte com isso.

Penso no que disse a Leanne esta manhã. Sobre eu às vezes ser mal-educada e antipática. Não achava que fosse, mas a maneira como acabei de falar com o Cooper fica a ecoar-me na cabeça. Um pouco mal-educada, seguramente antipática.

– Estou a tentar encontrar o meu, hum, ex-caso – disparo. Quase disse «namorado», mas o Cooper saberia que isso era uma grande mentira, já que nunca recebo visitas.

– Oh? – O tom da voz dele sobe e incomoda-me que pareça surpreendido. Eu podia, hipoteticamente, ter tido um caso pontual. Sim, nenhum homem além do Jonah mostrou interesse em mim, mas o Cooper não sabe disso. Tanto quanto *ele* sabe, eu podia andar a sair com meia cidade.

Expiro.

– Não és o único a ter, sabes?, encontros picantes neste prédio!

– Encontros picantes?

– Sim. Mas ao contrário de ti, eu fiquei-me só por um. Chama-se Jonah, e é *incrível*. Muito bonito, super inteligente. Olhos de sonho... – Sorrio para mim mesma, perdendo-me por um momento.

O Cooper arqueia uma sobrancelha.

– A sério?

– Sim, a sério. Nós, hum, já nos enrolámos em todo o lado nesta cidade.

– Oh, Céus. As minhas bochechas ficam em chamas.

– E agora ele anda a ignorar-te? – O Cooper acena lentamente, como se dissesse: *Claro que isso era expectável*. – E queres descobrir porque é que ele te anda a ignorar?

Oh, valha-me Deus, este tipo é insuportável.

– Na verdade, Columbo... – Hesito. Não faço ideia de como completar esta frase. Não posso propriamente dizer que ando à procura do potencial amor da minha vida, com quem estive cinco minutos enquanto estava

morta, e que agora tenho de beijar para evitar tornar a morrer. Vejo a Leanne a acenar-me da janela da farmácia do outro lado da rua. O cartaz na janela ao lado dela publicita medicação para DST.

– Eu... eu peguei-lhe clamídia – concluo.

Porque é que eu disse isso? Porque é que tal coisa me saiu da boca? Em abono do Cooper, a expressão dele permanece neutra.

– Já não tenho, obviamente – acrescento de imediato. – Já fui tratada. Estou completamente limpa no que diz respeito à minha... tu sabes. Estou impecável, na verdade. Mas... claro. Tenho o dever de informar o Jonah.

O Cooper assente com a cabeça.

– Claro.

– Sim. *Claro*.

Apetecia-me derreter-me numa poça, desaparecer por um ralo, nunca mais ser vista ou ouvida. Leva-me agora, Merritt.

Assim que chego lá acima ao meu apartamento, corro para a casa de banho para ver se estou mesmo tão vermelha como suspeito. E estou. Estou de um vermelho cádmio altamente pigmentado. *Raios, Delphie*.

Dirijo-me ao meu quarto, dispo-me por completo e sento-me de pernas cruzadas no chão em frente ao ventilador. Respiro fundo e abro o primeiro dos livros que o Aled me deu.

Afasto a onda de humilhação que me percorre cada vez que penso no que acabei de dizer ao Cooper.

É hora de me focar.

*

Duas horas depois, embora já familiarizada com todos os métodos possíveis de esconder um corpo, e até com as formas de escapar à captura pela polícia, estou ainda mais perdida no que toca a localizar o Jonah do que estava esta manhã.

Abro o portátil e escrevo novamente no Google: Jonah T London. O volume impressionante de resultados é tão avassalador como nas últimas cinco vezes em que pesquisei por Jonah T London. Clico num perfil do LinkedIn de um tal de Jonah Tanner. É um homem na casa dos cinquenta que vive em Tucson, Arizona, e é apaixonado por microfinanças. Não é a minha alma gémea. Depois, clico num Jonah Tyburn, que *está* em Londres. Não é o homem que procuro, pois é, na verdade, um rapaz de quinze anos à

procura de alguém para jogar Fortnite. Não é a minha alma gémea. Clico em vários outros Jonahs, mas há tantos, e nenhum é o homem perfeito que conheci na Eternidade.

Empurro o portátil para longe e massajo as têmporas. Depois, fecho os olhos e permito-me imaginar novamente o rosto do Jonah. Quão brilhantes e cintilantes eram aqueles olhos azuis. Como olhava para mim como se visse o que por vezes suspeitei ver se examinasse o meu reflexo com benevolência: uma pele pálida, mas razoavelmente imaculada, e olhos honestos cor de avelã. Um nariz um pouco grande, mas direito e clássico, à luz certa. Um corpo macio e acolhedor, com coxas fortes e grossas e ancas que se curvam para fora de uma maneira que poderia ser considerada *sexy*.

Sou arrancada aos meus pensamentos pela TV, que se liga subitamente. Suspiro e procuro o comando, encontrando-o inocentemente pousado na mesa de cabeceira. Começa a dar um episódio de *Schitt's Creek* com legendas. Cai-me o queixo: as legendas aparecem escritas numa fonte cursiva cor-de-rosa choque, exibida no meio do ecrã, obscurecendo os rostos dos atores. Leio.

O que quer que esejas a fazer não parece estar a dar muitos frutos, Delpherina. Talvez devesses procurar algum tipo de ajuda.

— Estou bem. Não preciso de ajuda — digo para o ar à medida que as legendas se transformam num novo parágrafo.

Se tu o dizes. Estou só a tentar ser útil. Isto está calmo por aqui hoje e já li toda a obra de Emily Henry e até reli toda a série *Bridgerton*. Tive um momento livre e pensei em oferecer ajuda. Se não for preciso, não há problema! Tanto se me dá!

— Podias dizer-me onde vive o Jonah — tento.

Fico a olhar para o ecrã e aguardo uma resposta. Mas, em vez de um novo conjunto de legendas, a TV apenas se volta a desligar. Claro. Dar-me uma morada não seria divertido para o romance da vida real da Merritt, e isso é claramente tudo o que lhe interessa.

— Onde estás, Jonah? — murmuro para mim mesma. Recordo-o na Eternidade e esforço-me por me lembrar se terá havido algum tipo de pista útil no nosso breve contacto. A *T-shirt* dele era simples, sem logótipo. Ele

mencionou Londres de uma maneira geral, mas sem pormenores, além de como achava a cidade mágica. Não consegui perceber que tipo de trabalho ele tinha, mas não ficaria surpreendida se fosse algo impressionante, como médico ou bombeiro ou algo assim... E embora essa ideia seja agradável a um nível estético básico, não se traduz num plano acionável.

Passo mais uma hora a enviar mensagens *online* para todos os Jonah T sem foto que consigo encontrar na internet antes de concluir que a Merritt tinha razão. Preciso mesmo de ajuda.

CAPÍTULO NOVE

Quando o Cooper abre a porta, já traz as sobrancelhas franzidas, como se antecipasse a decepção da nossa conversa. Acho que só o vi sorrir uma vez. Quando se mudou para cá, passou por mim no corredor. Estava ao telefone com alguém, absolutamente radiante. Lembro-me de ele me fazer uma pequena vénia de saudação quando passei por ele, os olhos a demorarem-se nos meus por um período que foi francamente um pouco desconfortável.

O corpo dele bloqueia a entrada quase por completo, mas consigo perceber pela luz atrás dele que as persianas estão fechadas, e apenas a tonalidade azul dos ecrãs de computador ilumina a sala.

– O que foi agora? – suspira.

A atitude dele é péssima.

– Só a confirmar se os rumores eram verdadeiros – digo, com descontracção máxima. – Se *realmente* ficas sozinho num quarto escuro o dia todo, a picar desconhecidos no Twitter só por diversão. Energia mega celibatária.

As sobrancelhas dele erguem-se.

– A minha casa está escura porque estão trinta e três graus lá fora e este prédio é antigo e tem paredes grossas. E eu não uso o Twitter. – Mostra um sorriso falso e prepara-se para fechar a porta, mas eu ponho o pé na fresta antes de ele o conseguir.

– Espera... Posso entrar?

– Não.

– Eu... eu preciso de ajuda o mais depressa possível – digo, uma frase que só disse duas vezes na vida: uma vez, a um funcionário de caixa, quando não conseguia encontrar os abacates maduros na mercearia, e outra vez quando vi uma luta entre um pombo e um rato no exterior da estação de metro de Ladbroke Grove.

Dá para perceber que o Cooper não me quer mesmo deixar entrar, mas a sua educação chique fala mais alto e ele dá um passo atrás, abrindo a porta com um resmungo maldisfarçado.

Entro no apartamento dele e percebo que é muito maior do que o meu. Na verdade, é até maior do que o de Mr. Yoon. Dou uma olhadela em volta. Parece a casa de alguém muito mais acolhedor e interessante do que o Cooper. As paredes estão cheias de estantes de livros, quadros e fotos emolduradas de capas *vintage* de livros de bolso. O sofá é de um tecido às riscas creme, coberto com almofadas fofas de veludo num profundo tom de azul da Prússia. Suspiro ao avistar uma lareira original, o ferro fundido preto quase cor de estanho devido à idade.

– Que sorte! – digo numa expiração. – Funciona?

– Acho que sim.

– Acha que sim? Se eu tivesse uma lareira assim, tinha-a sempre acesa.

– Até numa onda de calor?

– Tomava primeiro um banho frio e não me vestia, para poder sentir os benefícios.

A sobancelha dele arqueia-se um pouco.

Por cima da lareira há um grande desenho emoldurado a preto, pendurado em lugar de destaque. É um desenho a tinta de uma mulher nua, posando de costas. É muito bonito, e mais erótico do que eu esperaria ver na sala de estar de alguém como o carrancudo do Cooper. Detenho-me em frente à imagem a admirá-la.

– Posso ajudar nalguma coisa, ou vieste apenas inspecionar as minhas coisas?

Dou uma volta e aponto para a secretária à esquerda da lareira, com três monitores a iluminar a sala com um brilho néon. Aqueles computadores estão sempre ligados quando eu venho ao apartamento do Cooper buscar alguma encomenda.

– És da área de informática, certo?

– Eu... Sim, acho que sou, nos dias de hoje. Estás com problemas no portátil? Há uma loja de reparação ali na Queensway.

– Não... – Deambulo até ao computador e semicerro os olhos na direção do monitor maior, que fica ao meio. Está repleto de filas de números e símbolos que não compreendo. – Estou aqui por causa do homem de que ando à procura... O...

– O cavalheiro com quem te enrolaste por toda a cidade?

Coro.

– Sim, esse. Tenho lido os livros que trouxe da biblioteca. O primeiro dizia que devia fazer uma pesquisa no diretório público. Mas há tantos Jonah em Londres, que fiquei assoberbada, sem saber por onde começar. Então, perguntei-me se tu, com a habilidade que tens em informática, saberias como acelerar o processo.

O Cooper abana a cabeça.

– Receio que agora não seja boa altura. Estou ocupado. Talvez daqui a um ou dois dias possa dar uma vista de olhos a isso.

– Porque é que me deixaste entrar, se não me ias ajudar?

– Não sabia qual era a natureza do teu pedido. Agora já sei.

– Eu não tenho tempo para esperar um ou dois dias!

O Cooper cruza os braços, a camisa esticando-se-lhe nos ombros excessivamente largos.

– Porquê?

– Hum, bem. Acho que com, uh, a clamídia, o tempo é essencial. Quer dizer, eu, claro, fui tratada imediatamente e agora estou...

– Impecavelmente limpa. Já o disseste.

Céus.

– Sim, mas o Jonah... Ele não sabe. E devia mesmo saber. É a atitude mais responsável. Quer dizer, tu irias detestar se o Pequeno Cooper estivesse em perigo e não soubesses de nada!

Calo-me, as palavras «Pequeno Cooper» a pairar medonhamente no ar.

– Ótimo. – O Grande Cooper semicerra os olhos por um momento. – Certo. Acho que talvez devesse ir embora. Desculpa, Delphie, mas tenho mesmo trabalho para fazer.

Avança para a porta e abre-a.

– Por favor, ajuda-me hoje. Fico em dívida para contigo. O que quiseres.

– Não preciso de nada.

– Podes precisar. Algum dia.

Ele sorri.

– De que achas que poderia precisar de ti algum dia?

Encolho os ombros.

– Uma chávena de açúcar? Algumas velas, se houver um apagão? – Olho em volta da sala dele. – Parece que não tens velas. Eu tenho imensas.

– Não uso açúcar porque não tenho doze anos, e Londres não tem um apagão há vinte anos.

Meu Deus, ele é horrível. O pior. Será que a sua rudeza para comigo é pessoal, ou ele é assim com toda a gente? Não. Não pode ser. Se ele fosse sempre assim tão terrível, não teria tantas mulheres por perto. Respiro fundo.

– Está bem. Obrigada por nada, Cooper. Não te atrevas a bater-me à porta quando a tua máquina de lavar roupa avariar e precisares de lavar as tuas peças íntimas algures.

Porque é que eu disse «íntimas»? Porque é que estou a dizer seja o que for? Há muitas razões para eu guardar as minhas coisas para mim mesma, e esta disfunção verbal tem de estar no *top* cinco.

– Uma perspetiva aterrorizadora, mas, de alguma forma, acho que me conseguirei desenrascar. – O telemóvel dele vibra com uma mensagem e o Cooper tira-o do bolso, lendo o ecrã. A outra mão aponta para a porta. É evidente que estamos conversados.

– És o homem mais insuportável que alguma vez conheci – sibilo, a irritação e a frustração formando-me um nó na garganta.

Que raio devo fazer a seguir?

Giro sobre os calcanhares e avanço em direção à porta, esperando secretamente que um dia o Cooper tenha uma vontade incontrolável de uma chávena de chá quente às tantas, e tenha mesmo de me pedir um pouco de leite, momento em que lhe direi que não. Ou, melhor ainda, encho-lhe uma chávena com leite estragado e dou-lha. Rio-me sozinha com este pensamento. Estou prestes a bater com a porta atrás de mim quando o Cooper chama o meu nome.

– Delphie, espera...

Volto-me para ele, lanço-lhe o meu melhor olhar de desprezo.

– O que é?

– Há, hum, de facto, uma coisa que podes fazer por mim. – Ele olha para o telemóvel e franze o sobrolho.

– O quê?

O Cooper fecha os olhos por um breve momento.

– Eu... Gostavas de tirar uma fotografia comigo?

Franzo o rosto.

– Queres tirar-me uma fotografia?

– Hum, sim. Hum... uma *selfie*.

A palavra «*selfie*» soa estranha vinda da boca dele, e apostaria tudo o que tenho – o que, admito, não é muito – que esta é a primeira vez que ele a diz. As orelhas do Cooper ficam ligeiramente cor-de-rosa.

– Porque é que queres uma *selfie*? – Semicerro os olhos. – Isto é alguma espécie de truque? – Imagino-o a colar o meu rosto numa foto de um corpo nu e a difundi-la por toda a internet, só para ser idiota.

– Não é nada negativo, prometo. Será rápido. Queres a minha ajuda ou não?

Eu quero a ajuda dele. Preciso da ajuda dele.

– Está bem. Mas estou um bocado transpirada.

– O quê, queres refrescar-te ou algo assim?

– Hum. Está bem? Quer dizer, posso?

– A casa de banho é por ali. – Aponta com o polegar para uma porta entreaberta.

Um pouco confusa, entro na casa de banho do Cooper, que está tão despida quanto a sua sala de estar está recheada de coisas. Não há hipótese de eu usar o sabonete dele, porque sabe Deus o que é que ele lavou. Em vez disso, deito um pouco de água fresca nas mãos em concha e salpico-a no rosto. Abro o armário debaixo do lavatório e vejo um conjunto de toalhas limpas numa elegante cor de carvão, uma caixinha bege com REAL FEEL CONDOMS impresso de lado num tipo de letra serifada e elegante, e uma garrafa fechada de sabonete líquido para as mãos Kiehl's.

Agarro numa toalha, seco o rosto e volto a sair.

Aponto para as minhas bochechas limpas.

– Transpiração eliminada.

O Cooper não responde, apenas se posiciona ao meu lado para que fiquemos ombro com ombro. Mexo-me, desconfortável.

Ele ergue a câmara.

– Tens de sorrir – diz.

Mostro todos os meus dentes.

– Um sorriso verdadeiro, Delphie. És capaz?

– E tu?

– Tem de parecer genuíno. Não sei, pensa no teu lugar feliz.

O meu lugar feliz. Ouço a voz do Jonah a dizer que sentiu que já me conhecia. Sorrio ao recordá-lo, enquanto o Cooper tira uma série de fotos.

– Não vais pô-las na net, pois não? – pergunto, inclinando-me para tentar ver as fotos.

– Por que raio faria isso? – responde, guardando o telefone no bolso. – Serão apagadas até esta noite, posso garantir. Agora... – Espreita para o relógio do telefone. – Tenho cerca de trinta minutos antes de ter de ir para outro sítio. Como é que te posso ajudar?

CAPÍTULO DEZ

Nunca estive na zona leste de Londres, e não gosto nada. Não me oriento por entre as ruas desconhecidas, e cada pessoa que vejo parece estar a caminho de uma audição para alguma banda *indie* pretensiosa com um nome como Radiator Conspiracy ou Breakfast With Carl. No entanto, há uma forte probabilidade de o Jonah aqui estar esta noite, por isso enfrento o desconforto.

Como suspeitava, o Cooper é um ás no computador. Para minha surpresa, ele tinha acesso a uma espécie de base de dados policial privada, embora se tenha recusado irritantemente a dizer-me como ou porquê. Usou a base de dados para gerar rapidamente uma lista de Jonah T com menos de trinta anos em Londres, e embora uma pesquisa nas redes sociais tenha mostrado que a maioria deles não era o *meu* Jonah, havia um homem que era decididamente um talvez. Jonah Thompson. Os perfis dele nas redes sociais estavam em grande parte em modo privado ou inativos, mas a imagem de perfil mostrava um homem da idade certa, com o mesmo cabelo umber. O rosto dele estava ocultado por óculos de sol, por isso eu não podia ter cem por cento de certeza. Vimos no Instagram que o Jonah Thompson tinha sido identificado numa foto num evento semanal de teatro musical na zona leste de Londres – que, por acaso, é hoje à noite. E, assim, pareceu-me que o passo lógico a dar em seguida seria aparecer aqui, na esperança de que este lugar seja um dos seus pousos habituais. Quer dizer, o meu Jonah não parece exatamente o tipo de pessoa que frequenta um piano bar de teatro musical, mas ele disse que antecipava um verão mágico em Londres, e talvez seja isso que ele considere mágico? De qualquer forma, ao pensar em vê-lo novamente, o meu coração começa a bater um pouco mais rápido, um calor agradável a espalhar-se-me pelo peito e pescoço.

Vejo um letreiro de néon indicando THE ORCHESTRA PIT e desço umas escadas enferrujadas até à cave.

Abro a porta e sou atingida por uma parede de barulho, cheiros sintéticos de cigarros eletrônicos, bolas de luzes de discoteca e música delicada vinda de um piano vertical no centro da sala.

– Ui... – murmuro para mim mesma. – Que inferno é este, e porque é que alguém tão maravilhoso como o Jonah viria aqui?

Caminho até ao bar, fazendo caretas enquanto um grupo de mulheres de boas de penas passa por mim, dizendo algo desdenhoso sobre Andrew Lloyd Webber.

O homem atrás do bar veste uma *T-shirt* feita inteiramente de lantejoulas vermelhas.

– Hum, olá. – Aceno timidamente com a cabeça.

– O teu cabelo! Tão *Música no Coração*! – O homem encosta a mão ao peito, encantado.

Levo a mão às tranças, acanhada.

– Não vi esse filme – digo. – Não gosto de musicais.

O homem ri-se alto como se eu estivesse a brincar. Quando não me rio de volta, o sorriso dele desaparece.

– Merda. Com certeza vais precisar de uma bebida, então.

Eu assinto.

– Concordo. Um copo de vinho branco seria maravilhoso. Pinot Grigio, por favor.

– Temos *cocktails* a metade do preço no nosso menu de *happy hour*, são deliciosos. Eu sei, porque sou eu que os faço. São muito mais baratos do que o vinho. E muito mais potentes.

Entrega-me um menu de papel, no qual há uma lista de bebidas complicadas: a Liza, a Patti, a Barbra, a Idina e a Bernadette. Nunca bebi *cocktails*. Mas metade do preço é metade do preço.

– Fixe. – Passo o dedo pela lista. – Vou querer uma Liza.

– Boa escolha. – O homem escolhe um copo de aspeto elegante, como algo saído de um filme do James Bond, e reúne os ingredientes para preparar o meu *cocktail*. – Nunca te vi aqui – diz ele enquanto despeja uma quantidade obscena de *vodka* num *shaker* de metal. – E não gostas de musicais. Então... porquê?

– Estou à procura de um homem – digo-lhe, distraída, procurando qualquer sinal do Jonah na sala.

– Ah, não tenho a certeza se este é o melhor sítio para isso – diz ele, a rir, empurrando a minha bebida. Está decorada com um canudo prateado encaracolado, uma cereja pegajosa e uma sombrinha de *cocktail*. Digladio-me com os acessórios para abrir caminho até ao líquido e dou um gole hesitante. Dou imediatamente outro.

– C’um caraças!

– É, não é? Juntei um pouco de sumo de maçã para dar aquele tcharam extra. – Abana os dedos ao dizer «tcharam».

Dou outro gole na bebida e sinto-me apaziguada por uma sensação relaxante nas pernas e nos braços. Ao piano, uma mulher começa a cantar uma canção sobre alguém que não consegue pagar a renda. Canta terrivelmente mal, mas ninguém parece importar-se; em vez disso, reúnem-se à volta do piano e juntam-se à cantoria. Este sítio é tão estranho. Peço outra bebida e começo a circular pelo bar, de olhos esbugalhados à procura do Jonah. Cada homem de cabelo cor de caramelo atrai o meu olhar, mas nenhum é ele. Vagueio pelo bar, tentando sem sucesso ignorar o lamento de uma cantoria terrível. Espreito para dentro de cada compartimento à medida que vou passando por eles. O Jonah não está em nenhum.

O meu telemóvel vibra dentro da mala. Tiro-o para fora. Uma mensagem da Merritt.

Bonjour, belle! ADORO este sítio! Eu era cliente habitual. Tens de cantar a «All That Jazz» por mim.

– Nem penses – murmuro. – Estou aqui para encontrar o Jonah.

POR FAVOR. Se eu estivesse aí, cantava eu. Mas não posso. Porque estou morta. Tão trágico. Levada no meu auge.

Volto-me para a parede, para os foliões à minha volta não acharem que estou a falar sozinha enquanto lhe respondo.

– Nem sequer sei cantar isso. E mesmo que soubesse, nunca na vida me poria a cantar em frente a pessoas.

Vejo um homem alto com cabelo cor de caramelo do outro lado do piano. Aproximo-me dele a passo rápido, mas ele desaparece para dentro da casa de banho dos homens antes de o alcançar.

– Raios!

Enquanto estou à espera de que ele termine o que está a fazer, o telemóvel continua a vibrar de forma frenética.

«All That Jazz»! É uma ordem. Se não cantares, tiro-te um dia.

– O quê? Não podes fazer isso!

Um homem que sai da casa de banho lança-me um olhar presunçoso.

– Acabei de fazer, querida – diz ele com a voz arrastada.

– Não és tu! – respondo, mas ele já desapareceu na multidão.

– Não preciso de mais um dia – digo à Merritt. – Acho que o encontrei.

Nesse momento, o homem alto de cabelo cor de caramelo sai da casa de banho. O meu coração encolhe-se. Embora este homem seja aproximadamente da mesma altura do Jonah, com cabelos idênticos, o rosto dele é menos definido, os olhos muito mais próximos e nada azul-cobalto.

– Chamas-te Jonah Thompson? – pergunto.

– Não, não sou eu.

– Estás à procura do Jonah australiano? – pergunta uma mulher, aproximando-se do homem da casa de banho e passando-lhe o braço à roda da cintura. – Ele voltou para Sydney há seis meses. O visto expirou. Temos saudades dele. Fazia um Jean Valjean incrível.

– Espera... o Jonah Thompson é australiano? Com sotaque australiano?

O tipo da casa de banho sorri.

– É assim que costuma ser.

O meu Jonah tinha sotaque britânico. E vive atualmente em Londres. Portanto, o meu Jonah não é o Jonah Thompson. Raios. Pensei que, pelo menos, tinha um nome.

Enquanto o homem e a mulher se afastam em direção ao grupo com plumas, sinto o telemóvel vibrar novamente e ouço os sons ténues da música «Jump Around» sob o piano tilintante.

Parece-me agora que seria terrível perderes um dia!

– Porque é que estás a insistir nisso? Pensei que estavas a tentar ajudar-me! Olha, o meu Jonah não está aqui. Provavelmente nunca aqui esteve. Deixa-me ir para casa para poder traçar um novo plano. – Encosto o

telefone à orelha, a fingir que estou a falar com alguém, antes que quem me veja pense que perdi completamente o juízo.

Se não posso viver, deixa-me viver por intermédio de ti. «All That Jazz» ou perdes um dia.

– Não sei cantar o «All That Jazz».

Toda a gente sabe cantar o «All That Jazz».

Ela tem razão. De uma forma ou de outra, toda a gente sabe o «All That Jazz». Por osmose ou algo do género.

Vá lá. Sê corajosa, Delphie. Não queres pelo menos viver um pouco, enquanto podes?

– Aaaaargh.

Encosto-me ao bar.

– Um *shot* de tequila e outra Liza, por favor.

– Encontraste o teu homem?

Faço que sim com a cabeça, virando a tequila de um trago.

– Era o homem errado.

– Sei o que é isso. – O *barman* mistura habilmente o *cocktail* e empurra-o na minha direção. – Este é por conta da casa.

As minhas sobrancelhas levantam-se.

– Qual é a armadilha?

– Não há armadilha. – Encolhe os ombros. – Apenas parece que estás a precisar disso.

Faço que sim com a cabeça em agradecimento, deixo uma gorjeta de cinco libras no balcão e vou até ao homem do piano, que está a terminar uma canção que até eu – com pouca experiência teatral – sei que é do *Hamilton*.

Abro caminho por entre a multidão à volta do pianista e aproximo-me.

– Posso... posso pedir-lhe que toque o «All That Jazz», por favor?

O pianista revira os olhos.

– Nenhuma de Sondheim? Um pouco de Tesori? Ou, por Deus, pelo menos qualquer outra música de Kander e Ebb seria bom, para variar...

Não faço ideia de que está ele a falar.

– Nome? – acaba por perguntar, com um pequeno resmungo.

– Delphie Denise Bookham.

– Só preciso do primeiro, mas tudo bem!

Entrega-me o microfone. Eu pego nele com uma mão trémula e bebo de penáti o *cocktail* que tenho na outra.

O pianista começa a tocar a introdução da música. Tremendo, levanto o microfone até aos lábios.

Abro a boca. Não sai nada.

– Tens de cantar a sério! – sussurra o pianista, tocando novamente a mesma introdução.

A multidão à minha volta olha-me sem expressão, mas depois o tipo do bar vestido de lantejoulas aproxima-se para ficar ao meu lado e começa a cantar a música baixinho, numa voz incrivelmente bonita. Acena-me num gesto encorajador. Mas apesar disso, da tequila e da ameaça da Merritt de me tirar um dia, não consigo. Acho que os meus ouvidos estão a transpirar. Até ontem, a minha vida envolvia interagir com o menor número de pessoas possível. E agora, não sei como, estou em frente a um grupo de desconhecidos, sendo obrigada a cantar uma música que só conheço mais ou menos porque uma Terapeuta do Além insistente se quer rir às minhas custas antes de me matar.

E assim que penso que as coisas não podem piorar, vejo uma mulher ao fundo da sala. Está com o grupo de mulheres com plumas e é claramente a líder – a sua energia alfa cria uma espécie de aura à sua volta.

O fôlego prende-se-me na garganta quando percebo que a mulher é a Gen. A Gen melhor-amiga-transformada-em-atrimentadora-maléfica. Ela aponta para mim e diz algo às suas amigas, sorrindo.

Sinto que me escorre bÍlis pela garganta abaixo. Como é que ela está aqui? *Porque* é que ela está aqui? O meu estômago embrulha-se e temo que vá vomitar. Deixo o microfone cair no piano, fazendo um som desafinado nas teclas.

– Ei! – repreende-me o pianista. – Isso é um Sennheiser 430 de alta qualidade!

– D-desculpe – respondo enquanto me afasto do piano.

Cerro os dentes ao ver a Gen encaminhar-se para mim. E só então percebo que aquela mulher não é a Gen, afinal. É só uma mulher magra, confiante, de cabelo loiro, mas, na verdade, com um rosto completamente diferente. Aguardo que o meu coração pare de bater com força, mas não para. A mera ideia de que poderia ter sido a Gen desencadeou-me ondas de cortisol na corrente sanguínea. O coração martela-me no peito.

– Estás bem? – ouço perguntar-me o *barman* das lantejoulas, embora a sua voz pareça vir de baixo de água.

– Desculpe – murmuro outra vez.

Então, viro-me rapidamente e corro o mais depressa que consigo para fora do bar subterrâneo, para a rua apinhada de gente.

Só paro de correr quando chego à paragem de autocarro.

CAPÍTULO ONZE

Saio do autocarro em Paddington, e quando a brisa noturna de verão me atinge, percebo que estou bêbeda. Não costumo beber, por isso os *cocktails* afetaram-me mesmo, e vejo-me a tropeçar no ar a cada trinta segundos ou algo assim.

– Delphie? Delphie Bookham? Minha nossa, és tu?

Olho para trás e vejo um homem esguio a correr na minha direção. Como é que ele sabe o meu nome? E porque é que vem a correr atrás de mim?

Acelero o passo, conseguindo avançar cerca de dois metros antes de a minha falta de coordenação me fazer cair no passeio.

– Nããããão!

O perseguidor alcança-me enquanto ainda estou esparramada no chão. Os ombros descaem-me de alívio quando a luz de um candeeiro revela que o meu «atacante» é, na verdade, o homem que conheci esta manhã na biblioteca. Aquele que me ajudou com os livros.

– Sua tolinha! – diz ele, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Ignoro a mão porque consigo levantar-me sozinha. Só que tudo parece estar a balançar na direção errada.

– Sou eu, o Aled! – diz o homem, estendendo a mão novamente.

Não tenho escolha a não ser aceitar. Ele puxa-me para cima, surpreendentemente forte para alguém tão magro.

– Já estou bem! – digo, animada, ao Aled. – Obrigada pela ajuda. Tudo de bom para ti e para os teus!

Ao caminhar pela rua, dirijo-me imediatamente à parede, embatendo nela e depois num pilarete.

Isto de andar a direito não está a resultar. O Aled alcança-me e estabiliza-me.

– Quanto tens ainda de andar? Deixa-me acompanhar-te. A menos que seja uma caminhada de mais de dez minutos: nesse caso, chamo um táxi. Estou a voltar do meu clube do livro «Amantes do Crime», na biblioteca – aponta com o polegar para trás em direção à antiga biblioteca – e, francamente, estou estoirado. As pessoas são tão cansativas.

Deito-lhe um olhar de soslaio e aponto para o fundo da rua.

– Eu moro ali. E concordo. As pessoas são cansativas.

– Cansativas, mas necessárias.

Não necessariamente necessárias era o que eu pretendia dizer, mas o que sai é mais parecido com «Não necha nechararraaa».

Não sei bem como, mas o Aled parece perceber.

– Vá lá. Eu levo-te a casa, sua bebedolas.

Deixo-o guiar-me até minha casa e só ouço partes do que ele vai dizendo acerca dos livros que me deu hoje, juntamente com outros que me poderia recomendar.

– Não temos o *Como Dormem Eles à Noite?* em stock, mas posso encomendá-lo e estará na biblioteca dentro de sete a dez dias.

– Provavelmente eu não estarei cá dentro de sete a dez dias – murmuro, incerta em relação a tudo após o desastre desta noite.

– Vais de férias?

– Mais ou menos – digo, percebendo que estamos mesmo à porta do meu prédio.

– Então, adeus! – grito, mas o Aled não se vai embora.

– Espera. Tens escadas para subir, Delphie?

– Só um lanço. Eu fico bem. – Aceno-lhe.

Ele faz uma careta.

– No livro que discutimos hoje, a primeira vítima de homicídio foi empurrada pelas escadas abaixo e a polícia nem sequer investigou porque ela era uma cabeça de vento como tu.

Abafo um pequeno arrote.

– Se te deixar entrar, podes ser tu a matar-me.

O Aled ri-se com tal ideia e eu reparo que quando ele se ri, fá-lo com o corpo inteiro.

– Imagina. Não sou desses. Sou vegano.

Não sei bem de que forma é que essa justificação tem sentido, mas concordo que ele não parece ser desses. E mesmo que ele me matasse, a Merritt provavelmente enviar-me-ia de volta à Terra para me humilhar e se divertir com isso.

Bato à porta antes de me lembrar de que tenho chaves porque moro aqui.

– Dá-me as tuas chaves, querida – diz o Aled a rir.

Procuro-as na mala e entrego-lhas.

O Aled destranca a porta do prédio e eu entro aos tropeções no corredor. Devemos estar a fazer uma barulheira enorme, porque o Cooper espreita pela porta. Tem o cabelo molhado do duche, e veste um roupão branco deslumbrante, como se estivesse num *spa*. Como é que ele mantém o roupão tão branco? O meu fica cinzento, não importa quanto branqueador eu use. O Cooper sai para o corredor.

Aceno vagamente com a mão.

– Desculpa! Desculpa a barulheira, Cooper desagradável!

– Olá – diz ele, movendo-se a um ritmo estranhamente rápido pelo corredor. Coloca-se à frente do Aled. – Ainda não nos conhecemos. – A voz dele soa mais grave do que o habitual.

– Eu sou o Aled. Entregador oficial de bebedolas – diz o Aled ao Cooper animadamente, devolvendo-me as chaves.

– Conheces este homem? – O Cooper agacha-se e fíta-me os olhos de uma maneira estranhamente intensa.

Percebo que ele pensa que estou tão bêbeda que o Aled pode estar prestes a aproveitar-se de mim de alguma forma. Irrita-me que ele pense que não consigo cuidar de mim só porque bebi alguns *cocktails* muito potentes.

Levanto o queixo.

– Na verdade, sim. Este é o Aled, o meu melhor amigo e confidente – digo ao Cooper, com um enorme soluço a pontuar o fim da frase. – Conheço-o muito bem. Muito bem mesmo.

– Oh, raios! – diz o Aled. – Bem, isto é inesperado. Eu tenho muitos amigos, mas nenhum melhor amigo neste momento. – Parece ponderar algo por breves instantes. – Ok... aceito. Amigos para sempre, então. Confirmamos amanhã quando não estiveres com os copos. Podes mudar de ideias até lá. Isso já me aconteceu, infelizmente. Mas se ainda sentires o mesmo amanhã, eu aceito.

O Cooper olha incrédulo para o Aled e depois para mim e depois de novo para o Aled.

– Não encontraste o Jonah? – O Cooper segura-me pelo braço e conduz-me pelas escadas até ao meu apartamento, enquanto o Aled nos observa do último degrau.

– Não. Era o homem errado. Os olhos dele eram muito juntos.

– Oh, quem é o Jonah? – grita o Aled.

– Não falaste do Jonah ao teu melhor amigo? – pergunta o Cooper, enquanto eu, após duas tentativas falhadas, consigo finalmente encaixar a chave na fechadura da minha porta.

– O Jonah é a pessoa desaparecida de quem te falei – sibilo para o Aled.

– Oh, sim, coitadinha. Não admira que andes a beber como um peixe. O *stress* de ter um ente querido desaparecido é demasiado pesado.

– Ente querido? – O Cooper faz uma careta. – Pensei que o Jonah fosse...

Ui.

– Sim, sim – interrompo. – Aqui estamos! Finalmente em casa. Ah, é bom estar de volta. Maravilhoso, mesmo... Casa é onde está o nosso coração!

Volto-me para dar as boas-noites quando vejo o Aled a olhar fixamente para o Cooper de olhos semicerrados.

– Tu pareces-me muito familiar – murmura. – Será que já nos conhecemos?

– Tenho a certeza de que não – responde o Cooper bruscamente. Depois, sem um adeus ou um olhar para trás, dá meia-volta e desce apressadamente as escadas, passando pelo Aled e voltando para o seu apartamento.

– Talvez ele tenha simplesmente uma daquelas caras – comenta o Aled.

– Desagradável, queres tu dizer.

– Oh, eu diria bastante encantadora. Sombria, como se o Timothée Chalamet...

– Tivesse um irmão idiota! – concluo com uma gargalhada.

– Exatamente! – sorri o Aled, encostando-se ao corrimão. – Ficas bem agora, certo? Porque eu estou mesmo exausto. Mas amanhã contacto-te por causa dessa coisa dos melhores amigos. Para ver se ainda sentes o mesmo.

Aceno com a cabeça, certa de que o Aled não tem o meu número de telefone e de que há uma caixa de devolução de livros no exterior da biblioteca, por isso não preciso de voltar a vê-lo.

– Claro. Muito obrigada pela ajuda.

– Ora essa.

Fecho a porta e dou cinco passos, atravessando a porta do quarto em direção à minha cama, onde praticamente caio, com a cara entre duas almofadas. Adormeço em menos de um minuto.

CAPÍTULO DOZE

Hoje já é o terceiro dia. Acordo suada, após um sonho terrível em que a Gen e o Ryan me batem com um par de microfones Sennheiser e transmitem tudo ao vivo no YouTube.

– Isso é tão pesado, Delphie – murmuro para mim mesma, sentando-me e dando assim início à horrível sensação de que o meu cérebro está a tentar escapar-se do crânio pelos olhos. Pego no telemóvel para ver as horas. Cinco da manhã? Credo.

Uma onda de horror percorre-me imediatamente o corpo. Normalmente, não tenho razões específicas para me sentir mal – costuma ser mais aquilo a que o meu médico chama «mal-estar geral que melhorará com uma boa dieta, exercício regular, terapia e 20 mg de fluoxetina diariamente» –, mas agora tenho um montão de razões.

– Uuuuugggh. – Enterro a cabeça nas mãos. Em seguida, cai-me a ficha.

– Mr. Yoon!

Raios. Estava tão bêbeda ontem à noite que me esqueci de verificar o gás e os cigarros dele. O facto de eu não ter morrido num incêndio é bom sinal, mas, ainda assim, podia ter acontecido qualquer coisa.

Saio da cama cuidadosamente e pego na chave de Mr. Yoon, que está pendurada junto à porta de entrada. O mais silenciosamente possível, entro no apartamento dele, o ressonar suave agindo como um bálsamo para as minhas ansiedades. A sala está iluminada, mas ainda fresca. Verifico o forno e o cinzeiro. Tudo bem. Bom. Isto é bom.

Os cigarros de Mr. Yoon estão apagados, mas o cinzeiro está quase a transbordar de beatas. Acordá-lo-ia se tentasse lavá-lo agora, por isso levo-o para a cozinha, despejo-o no caixote do lixo e depois baixo-me até ao armário da esquerda à procura de um cinzeiro limpo, para que ele tenha um quando acordar.

O armário está cheio de *tralha*, e tomo uma nota mental para o organizar quando tiver um bocado. Vejo um cinzeiro atrás de uma moldura. O mais silenciosamente possível, faço deslizar a moldura para poder chegar ao cinzeiro. Sento-me no chão e viro o porta-retratos na direção da luz da manhã que entra pelas cortinas. Caramba! Será esta foto do jovem Mr. Yoon? Sim. É ele, de certeza. Está de pé num palco imponente, segurando num violino e num arco com uma mão e num troféu com a outra. Tento ler o que está escrito no troféu, mas é uma foto antiga e tem muito pouca definição. De qualquer forma, Mr. Yoon toca violino! E bem, a ponto de já ter recebido algum prémio. Fico a pensar porque é que ele nunca me contou isso nos seus bilhetes.

– Muito fixe, Mr. Yoon – sussurro para mim mesma, empurrando a moldura de volta para o armário.

Levo o cinzeiro limpo até à mesa dele. Ao lado das ervilhas que lhe trouxe na semana passada, está um saco enorme das gomas de Coca-Cola que tento evitar que ele esteja sempre a comer. Como é que ele as conseguiu arranjar? Será que tem um traficante? Um tipo suspeito que vende doces a esgueirar-se pelo prédio e a trocar saquinhos de gomas por dinheiro?

Saio de casa de Mr. Yoon a resmonear e regresso furtivamente ao meu apartamento. Ao entrar, o meu pé desliza ligeiramente sobre um envelope que foi enfiado sob a porta.

Pego-lhe, abro-o e tiro duas folhas de papel. Desdobro a primeira folha e fico instantaneamente animada ao ver que é uma impressão a preto-e-branco de uma foto do Jonah. O verdadeiro Jonah! Está ainda mais bonito do que eu me lembrava, os olhos de um brilho intenso, o sorriso acolhedor e confiante. Abano a cabeça. Quem é que me enviou isto?

Desdobro a outra folha de papel – uma nota rabiscada a tinta preta, escrita numa letra ondulada e precisa.

Delphie,

Investiguei mais um bocadinho e parece-me ser este o homem que descreveste, não? Infelizmente, devido à resolução da imagem, não consigo determinar se os olhos dele poderão ser considerados «sonhadores», mas acredito que pode ser ele. Chama-se Jonah Truman. Os perfis dele nas redes sociais são privados e não aceita

mensagens, mas, após alguma investigação, descobri que é membro do clube de corrida de Kensington Gardens. Eles correm todas as manhãs, às sete. Espero que consigas encontrá-lo, se realmente for este o Jonah com quem te enrolaste por toda a cidade.

*Cumprimentos,
Cooper*

Oh, meu Deus! Encontrámos o Jonah! E em Kensington Gardens? Isso é tão perto. Será que vive em Paddington? Notting Hill? Esteve sempre aqui perto e eu nunca soube?

Uau.

– Jonah – murmuro para mim mesma. Fecho os olhos e imagino os lábios dele encostados aos meus. Na Eternidade, ele olhou para mim como se só tivesse de lho pedir. Exatamente isso. Como alguém num filme da década de 1940. *Agora, beija-me, seu tolo!* Mas isto é o mundo real. Terei seguramente de fazer algum género de preparativos. Nem que seja começar por convidá-lo para ir beber um copo comigo.

Uma onda de adrenalina percorre-me ao pensar em estar sentada num bar, em frente ao Jonah, os seus deslumbrantes olhos azuis iluminados por velas.

– Ahahaha! – grito para o ar, para o caso de a Merritt me estar a ver. – Em menos de dois dias! Aposto que agora te sentes mal por me menosprezares.

A excitação de voltar a ver o Jonah, sem mencionar o enorme alívio por ter conseguido salvar a minha vida, fazem-me esquecer a dor de cabeça e atiram-me para o duche, onde escovo os dentes afincadamente, já que, embora seja improvável que o Jonah me beije de imediato, parece que, neste cenário específico, é melhor estar preparada para absolutamente tudo.

*

Embora eu tenha muita roupa adequada a um dia quente ao ar livre, não tenho muitas opções que sejam a) adequadas para correr (assumindo que o Jonah estará a correr), e b) suficientemente atraentes para fazer um homem convidar-me para tomar um café ou jantar ou para dar um passeio que, de

preferência com rapidez, levará a um beijo que me salvará a vida. As minhas roupas são, sobretudo, práticas, e ele dificilmente se sentirá tentado se me vir de *T-shirt* largueirona da V&A e calções de ganga.

Abro o guarda-roupa e procuro freneticamente entre toda a roupa que tenho. Como esperado, nada que possa ser considerado minimamente tentador. Então, tenho uma ideia. O saco cheio de coisas que a minha mãe não levou para a comunidade de artistas! Talvez haja lá alguma coisa de jeito? Toda a gente considerava a minha mãe sedutora. Bem, toda a gente exceto o meu pai, no final.

Arrasto uma cadeira da cozinha até ao armário alto junto à porta de entrada e, em bicos de pés, puxo o saco de plástico para fora. É muito mais pesado do que eu esperava e acerta-me na cabeça antes de aterrar no chão com um baque restolhado, seguido imediatamente por mim.

Recupero e desato entusiasticamente os fios de plástico amarelo no cimo do saco. Quando o abro, sou atingida por um aroma que desencadeia uma intensa onda de emoções. Tristeza, saudade, nostalgia e raiva misturam-se no meu estômago. Tiro um vestido de algodão, o tecido com um estampado de corações vermelhos sobre branco. Como é que estas roupas ainda cheiram a Chanel N°5, Lenor e creme solar Nivea? À minha mãe? Tratei de lavá-las antes de as arrumar – tencionava levá-las para a loja solidária, mas por alguma razão nunca cheguei a fazê-lo.

Encosto o vestido ao nariz por um milésimo de segundo. Sou recompensada pela minha idiotice com uma onda de recordações da minha mãe. Nas minhas memórias, ela nunca está parada. Sempre a passar de um quarto para outro, correndo entre tarefas domésticas, organizando festas, conversando com as amigas ao telefone, ajudando-nos, a mim e à Gen, nos trabalhos de casa, porque a mãe da Gen estava sempre a trabalhar. A minha mãe tratava a vida doméstica como um projeto, dando o seu melhor para a tornar um sucesso total. Depois de o meu pai a deixar, foi como se ela, de repente, visse todo o projeto como um fracasso. Não apenas o casamento, mas toda a sua vida, incluindo eu.

Passou os seis meses seguintes praticamente disfuncional, a dormir até às cinco da tarde, a beber *cocktails* às onze da manhã, a chorar alto no banho. Depois de eu e a Gen chegarmos a casa um dia no fim das aulas e encontrarmos a minha mãe desmaiada no sofá e uma panela vazia a queimar-se no fogão, deixei de convidar a Gen para vir cá a casa. Não

suportava a vergonha de ela saber que, desde que o meu pai se tinha ido embora, a vida em minha casa se tornara tão soturna. Quando a minha mãe recuperou, a Gen decidiu odiar-me. E depois, claro, a minha mãe conheceu o Gerard e mudou-se para a comunidade de artistas no Texas, decidindo retomar a criação artística a que se dedicava antes de engravidar de mim.

O pó das roupas antigas faz-me espirrar quatro vezes seguidas antes de me restabelecer a ponto de conseguir procurar alguma coisa apropriada para um beijo memorável no parque.

Ah! Aqui está ela! Descubro a roupa que a minha mãe costumava usar para correr. No entanto, é muito mais reduzida do que me lembrava. Um *soutien* desportivo cinzento com riscas laranja de lado e um par de *leggings* a condizer. A mãe era muito mais magra do que o meu tamanho 40, mas isso talvez seja bom. Se as séries de TV puderem servir de exemplo para alguma coisa, as roupas justas podem ser o segredo. Visto-me depressa. Não tenho nenhum espelho de corpo inteiro para confirmar se a parte de baixo me fica bem, mas parece ajustar-se. Verifico a parte de cima no espelho da casa de banho. É tão apertada que o meu peito espreita pela parte de cima. Tirando isso, fica bem. É muito melhor para correr do que qualquer outra coisa que eu tenha.

Seco o cabelo com o secador ajustado no ar frio e prendo-o com as tranças habituais, segurando-as firmemente no cimo da cabeça com dez ganchos e uma tonelada de laca. Depois, aplico um pouco de corretor debaixo dos olhos, numa tentativa fútil de cobrir as olheiras cinzentas causadas pelos *cocktails* da noite passada.

Calço as minhas fiéis sapatilhas Nike e saio do prédio.

CAPÍTULO TREZE

Acho que nunca tinha saído de casa tão cedo. As quatro ruas que rodeiam o meu prédio estão muito mais silenciosas sem a chegada e partida de turistas na estação de comboios e nos hotéis circundantes. Apesar da hora, a temperatura já está abrasadora, o cheiro a alcatrão quente pesado no ar. Dou graças por estar a vestir algo tão leve. Ao atravessar a estrada, a mulher que gere a pequena banca de flores ao lado da agência imobiliária acena-me. Olho para trás para ver a quem está a acenar, depois percebo que é a *mim*. Aceno-lhe timidamente em resposta, mas, à medida que me aproximo dela, ela olha-me de uma maneira bastante estranha. Uma mistura de horror com divertimento. Era exatamente assim que a Gen e a sua trupe costumavam olhar para mim sempre que eu levantava a mão para responder a uma pergunta na aula. Geralmente, seguia-se um coro de risinhos e, às vezes, um pedaço de pastilha elástica a ir parar ao meu cabelo (daí o início do meu ritual diário de tranças extra-apertadas).

Franzo a testa à mulher e repreendo-me por não saber que não devo acenar às pessoas. Passo diante das fileiras brancas reluzentes de prédios, apanhando um atalho por uma bonita rua de paralelepípedos. É uma caminhada de menos de cinco minutos até aos Jardins Italianos em Kensington Gardens, e quando lá chego, fico imediatamente impressionada com a serenidade do local. As fontes ornamentadas lançam uma ligeira névoa que forma um arco-íris em miniatura sob a luz solar. Está uma garça empoleirada numa das estátuas. Na colina à esquerda, um homem monta cadeiras às riscas verdes em filas desajeitadas. Uma mulher solitária com um chapéu de aba larga descansa num banco de madeira, quebrando o jejum com um gelado Solero.

Não admira que a minha mãe viesse aqui todas as manhãs. É pacífico e desafogado, apenas um suave murmúrio de gente a passear cães e a correr que passa de vez em quando.

Certo. A nota do Cooper diz que o Jonah corre aqui com o grupo dele todas as manhãs às sete. Puxo o telemóvel, que trago enfiado no cós das calças de licra. São seis horas e cinquenta e nove minutos.

Não faço ideia de qual das entradas dos Jardins de Kensington usará o Jonah, por isso decido que a minha melhor aposta é caminhar o mais depressa possível e guardar a corrida para quando o avistar. Tenho a certeza de que só consigo do meu corpo cerca de cinco minutos de corrida a toda a velocidade, e não quero gastá-los antes de serem absolutamente necessários.

Passo por um corredor todo janota que me olha fixamente para o peito.

– Olha para o que te diz respeito, amigo – disparo. Estou ciente de que os meus seios a saltar assim podem ser atraentes para algumas pessoas, mas isso não lhes dá o direito de olhar fixamente. O homem fica corado e ultrapassa-me, olhando-me de relance.

Abano a cabeça e continuo, mas depois uma mulher a correr com um carrinho passa por mim e também me mira, não apenas o peito, mas o corpo inteiro, os olhos perscrutando-me de cima a baixo e depois subindo novamente.

– Olha para o que te diz respeito, amiga! – torno a dizer, ligeiramente indignada por as pessoas se sentirem tão à vontade para olhar descaradamente para mim, mas começando a perguntar-me se este equipamento... Será que o equipamento de corrida me faz *sexy*?

Quando outros três frequentadores do parque parecem incapazes de tirar os olhos de mim, concluo que este visual pode, de alguma forma, ter-me transformado numa pessoa inegavelmente *sexy*.

Sinto formar-se-me na barriga uma sensação invulgar de poder. A única pessoa que alguma vez me olhou como se eu fosse um ser sexual foi o Jonah. E agora cinco pessoas seguidas não conseguem desviar os olhos de mim. Uau. Deve ser assim que a Gal Gadot se sente todos os dias.

Preparo-me e, com a onda de energia ultrajada/satisfeita que surge de toda aquela atenção, começo a correr devagarinho. O que vem a calhar, pois, à minha frente, saindo de um caminho à direita e avançando em direção ao lago Serpentine, está um grupo de cerca de oito pessoas a correr aos pares pelo caminho estreito.

Um dos corredores vira-se para dizer qualquer coisa a outro. Vislumbro-lhe o contorno do queixo e sei imediatamente que é ele! É o Jonah! É o meu Jonah, a correr com o grupo, exatamente como o Cooper disse que estaria!

– Jonah! – chamo, mas estou a quarenta metros de distância e ele não me ouve.

Acelero o passo. Não sou exatamente lenta, mas ele é ativamente rápido. E não ajuda à minha concentração que praticamente todas as pessoas por quem passo me olhem com olhos esbugalhados. Passa-me pela cabeça que, se usasse esta roupa mais vezes, provavelmente poderia escolher os meus primeiros parceiros sexuais.

Mas eu, claro, quero o Jonah. O homem mais doce e bonito em que já pus os olhos. A minha alma gêmea literal! É engraçado. Estava bastante conformada com a ideia de nunca ter sexo, até conhecer o Jonah. Mas no momento em que ele pôs as mãos nos meus braços, não consegui parar de imaginar como seria. E então, claro, logo após essa sensação agradável, surge o turbilhão de ansiedade sobre como é que poderei ser boa em algo que nunca fiz antes. E se eu fizer tudo mal?

Acho que estou a ganhar terreno, a distância entre mim e o Jonah diminui a cada passada. Mas, justamente quando chego perto quanto baste para voltar a chamar pelo Jonah, um grupo de cães corre mesmo para a minha frente, com trelas de várias cores a arrastarem-se atrás deles. O meu pé fica preso numa das trelas e tropeço para a frente.

– Ai. – Caio ao chão, raspando o joelho e a mão.

Atordoada, sento-me, vendo, horrorizada, o Jonah correr cada vez para mais longe de mim. Tento levantar-me e libertar-me das trelas dos cães, mas os cinco estão a tentar escalar-me, saltando de encontro ao meu peito e lambendo-me o rosto com as suas línguas malcheirosas.

– Saíam de cima de mim, monstinhos!

Afasto os cães. Eles ignoram o meu pedido, ficando ainda mais excitados agora que estou a falar com eles. Quero correr atrás do Jonah, ver se consigo, de alguma forma, alcançá-lo, mas não posso deixar estes cães sozinhos. Uma mulher de aparência *hippie* e expressão aflita corre até mim, vinda do caminho lateral. Pego na confusão das trelas e tento aguentar-me em pé enquanto o maior dos cães, uma grande bola de pelo fofa, faz o seu melhor para me derrubar novamente.

– Não sei o que aconteceu! – A mulher ofega quando chega junto a mim. É um pouco mais nova do que eu, com cabelos loiros escuros em ondas até à cintura. Traz um vestido comprido de *chiffon* violeta e chinelos nos pés. O sotaque dela soa-me a Europa de Leste, penso. – Sou uma profissional –

continua ela, limpando o suor da testa. — Trago estes cinco cães a passear todas as manhãs e nunca lhes larguei as trelas! A minha mão fez assim e pronto. — Balança o pulso. — Perdi o controlo e lá se foram eles. Peço desculpa!

— Está tudo bem — digo, de ombros descaídos enquanto observo o Jonah a contornar a última curva em direção à piscina do Serpentine. — Pelo menos, estão todos em segurança.

A mulher tem lágrimas nos olhos, embora, a avaliar pelo vermelho que os rodeia, pareça ter estado a chorar desde muito antes do nosso encontro.

— Fui traída, mais uma vez. — Lança um olhar de lado aos cães e abana a cabeça. — Cinco anos a passeá-los e, à primeira oportunidade, é *Adeus, vou-me embora*.

— Provavelmente estavam apenas excitados.

— Ian, estou especialmente desiludida contigo. — Repreende o menor do grupo, um *chihuahua* acinzentado. — Deverias ser o sensato. O líder da matilha! Enfim. — Suspira, voltando o olhar para mim. — Obrigada por os apanhares. Parece que anda tudo a fugir de mim ultimamente. Ah ah.

A mulher ri-se, embora sem alegria, e eu entendo a razão do rosto encharcado em lágrimas. Até eu sei que esta é a expressão facial de quem foi recentemente deixado.

Estendo-lhe timidamente a mão para lhe dar uma palmadinha no braço, mas depois, pensando se isso não será demais, desisto no último instante e limito-me a percorrer com a mão a manga dela, superficialmente. Olho para baixo e vejo que um dos cães está a urinar no caminho, o fluxo a aproximar-se demasiado das minhas sapatilhas. Dou um grito e afasto-me, protegendo-me atrás do quadro de avisos do parque que dá para o lago. Os meus olhos deslizam para o topo do quadro de avisos. Está um cartaz colado mesmo ao meio; um grupo de pessoas felizes segurando orgulhosamente desenhos a carvão.

Meu Deus.

Guincho.

Uma das pessoas felizes no cartaz é o Jonah.

CAPÍTULO CATORZE

Como é possível? Aproximo-me. Sim! O Jonah está ali mesmo, a sorrir para a câmara juntamente com outras seis pessoas. Alguns cínicos chamariam a isto uma coincidência. E apenas há alguns dias, eu teria sido uma dessas cínicas. Mas agora, sabendo o que sei sobre almas gémeas, consigo ver que é claramente um sinal de que o Jonah e eu estamos destinados a encontrar-nos, tal como disse a Merritt. Analiso o texto – divulga uma aula de arte semanal chamada Desenhar Pessoas. O Jonah desenha? *Eu desenho!* Quer dizer, costumava desenhar. Mas ainda assim. O Jonah também se interessa por arte? De repente, vejo-nos juntos, a vaguear pelas salas cavernosas da National Gallery, a discordar cordialmente sobre quem é a verdadeira estrela do movimento pós-impressionista. Ele acabaria por ceder à minha opinião superior, abraçar-me-ia junto a um Cézanne e beijar-me-ia no nariz.

Sinto a pressão de patas contra as minhas pernas e viro-me, confirmando que a mulher que passeia cães e o seu grupo canino agitado ainda ali estão.

– Passo por este cartaz todos os dias – diz ela, examinando-o. – E penso: *Oh, meu Deus! Aquele tipo é qualquer coisa.* – Espero que ela aponte para o Jonah, mas não o faz. Aponta para o homem ao lado dele. O que tem a cabeça rapada e a camisola de gola alta preta. – Penso para mim mesma: *Gostava de ir a esta aula.* Mas sou péssima a desenhar.

Encolho os ombros.

– Não creio que isso importe. No desenho, o mais importante é o ato em si, na minha opinião. O ato de criar algo do nada, e a maneira como isso se sente. No início, não interessa muito se se é bom ou não, porque...

Interrompo-me. Que direito tenho eu de falar sobre desenhar? Não desenho há mais de dez anos.

– Estás a pensar em ir?

A aula decorre em Notting Hill uma vez por semana – e é já amanhã à noite! E embora esperar um dia inteiro não seja o ideal, pelo menos o Jonah vai estar lá – e parado. Além disso, não estarei tão suada, não importa quão bem eu fique neste fato de corrida *retro*.

Aceno com a cabeça, pegando no telemóvel para tirar uma fotografia ao cartaz e à morada das aulas.

Os olhos da mulher arregalam-se.

– Se fores, eu também vou. Podíamos ir juntas! Para nos apoiarmos. Acho sempre estas situações novas muito enervantes.

Abano rapidamente a cabeça.

– Oh, não... Não, não é preciso. Posso ir sozinha. De qualquer forma, não vou ficar durante a aula inteira. Só preciso de lá ir falar com uma pessoa. – *E fazer com que essa pessoa me beije o quanto antes.*

– Vamos juntas. Vamos «camaradar».

Agora, isto ficou desconfortável.

– Eu... Eu não faço isso – digo, enquanto os cães dela continuam a saltar para cima de mim, o mais pequeno a tentar subir-me pela perna.

– Porquê? – A mulher inclina a cabeça para o lado.

– Bem... Não sou exatamente uma pessoa de camaradagens.

A mulher franze o rosto.

– O quê?

– Eu não *convivo* com pessoas. Especialmente, com desconhecidos.

A mulher faz outra careta.

– Mas se nunca conviveres com eles, serão desconhecidos para sempre. Nunca amigos.

– Exatamente.

A mulher suspira, usando um saco de plástico para apanhar um dos cocós dos cães e fechando-o rapidamente num nó eficiente.

– Eu adorava ter mais amigos, mas é difícil em Londres, percebes? Todos os meus amigos são cães. E eles às vezes não são grandes amigos. Como o Ian, que, como agora sabes, é o Maquiavel disfarçado de cão fofo. Eu tinha o Gant: era meu amante. Mas já não o tenho. – Baixa a cabeça solenemente.

– Oh, Deus. *Morreu?*

– Não. Foi enfeitado por outra amante.

A expressão no rosto dela lembra-me qualquer coisa, mas não consigo perceber o quê. E depois percebo. Ela é parecida comigo no vídeo *Esta Foi a Tua Vida*, da Merritt. Totalmente desanimada.

– Está bem. – Solto o ar das bochechas. – Vamos lá juntas.

– Camaradar?

– Não. Sem camaradagens. Entramos na aula juntas, se quiseres. Mas eu não vou ficar para desenhar, por isso não esperes que eu fique por lá à tua espera ou algo do género.

– Isso para mim está ótimo! – Ela sorri e estende-me a mão. – Eu sou a Frida.

– Eu chamo-me Delphie – digo, dando-lhe um rápido aperto de mão.

A Frida hesita por um momento antes de se inclinar e baixar a voz.

– Se fôssemos camaradas, provavelmente teria de te dizer. Essas calças fazem-te uma... Qual é a expressão correta em Inglaterra? Uma pasta de caramelo?

Uma pasta de caramelo? O quê? Sigo o olhar dela até à minha virilha e torna-se evidente que ela quer dizer «pata de camelo». Foi por isso que toda a gente ficou a olhar para mim. Meu Deus. Uso o quadro de avisos como escudo enquanto tento puxar o tecido para fora, mas é extremamente elástico e volta imediatamente à sua posição anterior «maiores de 18».

– Estas calças não faziam isto à minha mãe – queixo-me, tornando a puxar o tecido.

– Provavelmente tens os lábios vaginais mais cheios. Sabes, alguns lábios vaginais são famintos. É tudo natural e humano, não fiques chateada.

Absolutamente envergonhada, afasto-me da Frida antes de me virar e começar de imediato a correr pelo caminho em direção a casa, de mãos firmemente colocadas sobre as partes privadas.

– Encontramo-nos lá amanhã, às sete e vinte e cinco! – grita a Frida. – Porque agora estás a fugir sem me dares o teu número de telefone!

– Sim, claro! – grito, correndo de volta, passando pelas fontes e saindo na Bayswater Road. Corro o mais rápido que posso porque, se parar, aquilo que estou a tentar evitar que todos vejam ficará completamente exposto para quem quiser olhar.

A dada altura, abrindo ao chegar à Westbourne Hyde Road, colocando novamente as mãos sobre a virilha. Vejo a Leanne a olhar pela enorme janela da farmácia.

Ela acena-me com a mão, depois franze o sobrolho ao reparar na posição das minhas mãos. Aceno-lhe com brevidade e abro freneticamente a porta do meu prédio.

Entro no corredor e deparo com a imagem desconcertante de uma mulher de cabelos escuros, em calças de ioga, envolvendo completamente o Cooper. Estão encostados à entrada do apartamento dele, um adeus matinal que parece estar a prolongar-se. A mulher beija o pescoço do Cooper. Ele aninha-se nela com um gemido e raspa levemente os dentes contra o lóbulo da orelha dela. Os seus olhos abrem-se e prendem-se brevemente nos meus. Eu desato logo a corar e arrasto-me em direção às escadas, com as mãos ainda a cobrir a minha vergonha. O som da porta do prédio a bater afasta a mulher do seu mordiscar. Agita os dedos ao Cooper numa despedida relutante. Quando passa por mim, vejo que tem os olhos meio vidrados, as pupilas totalmente dilatadas.

O Cooper ainda está parado à entrada de casa. Eu não quero mesmo nada que ele testemunhe o encaixe destas calças de corrida, por isso esquivo-me como um caranguejo pelo corredor e depois subo as escadas.

– Delphie.

Ah, caramba.

O Cooper dirige-se até ao último degrau.

– A minha pesquisa adicional esta manhã. Ajudou? Era o homem certo?

Continuo a subir as escadas, virando-lhe completamente as costas de modo a que ele só veja o meu traseiro enquanto subo. Não é ideal, mas melhor do que a alternativa.

– Ah, sim! – digo por cima do ombro. – O nome dele é mesmo Jonah Truman. Muito obrigada por isso. Muito simpático da tua parte. Amanhã à noite vou ter com ele e finalmente resolver tudo. Ok! Até logo, então!

Dou mais alguns passos.

– Espera. Preciso de te perguntar uma coisa.

Paro, virando a cabeça o máximo que consigo sem mexer o resto do corpo. Como no filme *O Exorcista*.

– O que é? – pergunto, desejando que ele simplesmente desapareça. – Já atualizei as minhas instruções de entrega no supermercado *online*. Não voltarão a tocar à tua campanha.

O Cooper sobe dois dos degraus. Socorro. Se ele passar por mim, vai ver *tudo*. Desço, sentando-me no degrau de cima e encolhendo os joelhos para que a área entre a cintura e os joelhos fique coberta. O Cooper parece cansado, tem os caracóis fofos e desalinhados, os círculos sob os olhos mais escuros do que o normal. Isso irrita-me porque fá-lo parecer uma versão mais fixe de si mesmo. Como um baterista de uma banda. Se eu ficasse acordada até tarde como ele, o meu rosto ficaria todo descaído e os olhos teriam constantemente aquelas remelas nojentas nos cantos.

Para seu crédito, o Cooper não parece reparar nos meus seios escapando do *top* curto, e, mesmo que repare, fá-lo sem tecer qualquer comentário sarcástico.

– Não é sobre as compras. – Muda o peso do corpo para o outro pé. – Lembras-te de quando disseste que farias qualquer coisa em troca da minha ajuda?

– Claro que me lembro, foi literalmente ontem. E já fiz a tua coisa estranha da *selfie*, por isso estamos quites.

– A *selfie* foi em troca da ajuda que te dei para encontrares todos os Jonah T em Londres. Fiz pesquisas adicionais esta manhã e disse-te do Jonah Truman e do clube de corrida, portanto, *tecnicamente*, estás outra vez em dívida para comigo.

– Tecnicamente? Cristo.

– Tecnicamente.

Suspiro.

– O que queres?

O Cooper estuda-me por um momento.

– Estás livre esta noite?

Cruzo os braços sobre o peito.

– Diz-me porquê e logo te digo se estou livre.

O Cooper passa o dedo pelo corrimão.

– Então... Eu talvez tenha dito aos meus pais que nós somos namorados. E agora eles querem conhecer-te. – Faz uma careta. – Hoje à noite.

– Jesus. Porquê? Isto tem alguma coisa que ver com o motivo daquela *selfie*?

Ele encolhe os ombros. Sinto um pequeno lampejo de orgulho por ele pensar que eu pareço uma pessoa que poderia ser sua namorada: apesar de toda a idiotice dele, não há como negar que o Cooper é objetivamente

atraente, para quem gosta da *vibe* de poeta francês cruzado com motoqueiro *cool*. As mulheres que vão desfilando rotativamente pela casa dele são todas muito, mas muito mais bonitas do que eu.

O meu rosto deve estar a denunciar alguma coisa, porque o Cooper não tarda a aclarar a voz.

– Os meus pais estão a tentar juntar-me com a nossa antiga vizinha, a Veronica. Precisava de alguém com quem tirar uma foto rapidamente para que eles adiassem o papel de cupido. Eu estava desesperado e tu estavas ali, já no meu apartamento. Não terias sido a minha primeira escolha, claro, mas...

– Vai-te lixar! – Ponho-me de pé num salto e logo depois volto a sentar-me, com receio de expor a minha pasta de caramelo. – Não, não estou livre esta noite. Pede a uma das outras.

– Das outras?

– Das tuas outras mulheres? As de uma noite? Tens todo um *buffet* à escolha. Porque é que não pediste à que acabou de sair daqui?

O Cooper abana a cabeça.

– Porque enviei a tua fotografia aos meus pais. Agora, convidaram-nos para uma noite de jogos, e se eu disser que não vais, eles convidam a Veronica. Francamente, não a suporto, mas os meus pais acham que ela é o máximo.

– O máximo, hã? Ainda assim, não.

Começo a arrastar-me pelo corredor em direção ao meu apartamento. Percorro toda a distância sentada no chão para não ter de me levantar e correr o risco de revelar algo ao Cooper.

– Porque é que estás a deslizar assim? – As sobrancelhas dele descem numa expressão intrigada, criando-lhe uma pequena ruga acima do nariz.

– Eu... Eu gosto de variar. Andar sempre em pé não é divertido. – O Cooper abana a cabeça, como se não me compreendesse. Inclina-se para trás contra o corrimão. – Tu não te importas mesmo com o que as pessoas pensam de ti, pois não? – pergunta.

Encolho os ombros.

– Na maioria das vezes, não.

– Como é que fazes isso? – Semicerra os olhos. – A minha irmã costumava dizer-me que eu me importava demasiado com o que as pessoas pensavam de mim. Que isso me estava a travar.

– Obviamente, não te importas com o que eu penso de ti. Caso contrário, não serias sempre tão rude comigo.

O Cooper encolhe os ombros.

– Só sou rude contigo porque tu foste rude comigo primeiro.

– Bem, isso é porque foste rude comigo primeiro.

– A tua memória está distorcida, Delphie. Tu foste claramente a instigadora de – faz um gesto entre nós – isto.

Eu bufo.

– Não tenho tempo para *isto*! Tenho de continuar a procurar o Jonah.

O Cooper passa a mão pelo cabelo, a franja caindo-lhe para a frente de um dos olhos.

– Bem, eu preocupo-me muito com o que os meus pais pensam de mim. O que é que lhes digo?

Lanço as mãos para o ar.

– Não sei. Diz-lhes que tens outros planos para esta noite, a fazer beicinho ou a ouvir a tua música de merda, ou o que quer que faças no teu tempo de lazer pessoal.

– Já lhes tinha dito que estava livre, porque queria mesmo ir à noite de jogos. Sozinho. Mas depois convidaram-te e eu não conseguia inventar uma desculpa que eles aceitassem, por isso... Vá lá. Pensei que tínhamos um acordo de troca de favores.

– Não sou exatamente o tipo de pessoa para conhecer os pais – experimento. O que quer dizer que nunca tive um namorado cujos pais eu pudesse conhecer.

– É evidente que eu sei disso, mas...

– É melhor refazeress essa frase.

– Peço desculpa. – O canto da boca do Cooper ergue-se um pouco. – Fui indelicado. Mas seria só desta vez. Só para eles deixarem de me chatear. E também, se não fosse eu, nem saberias o apelido do Jonah.

Lá isso é verdade. Nesse sentido, o Cooper pode ter-me literalmente salvado a vida. E se eu recuperar a minha vida com a ajuda da Merritt, gosto bastante da ideia de o Cooper me dever uma. Talvez eu pudesse usar a lareira dele sempre que quisesse, no inverno. Ou ele me pudesse entregar as minhas encomendas para eu não ter de ir lá abaixo e correr o risco de encontrar a assustadora Mrs. Ernestine. Ah, talvez ele pudesse fazer alguns

turnos por mim na farmácia? Gostaria de ver como ele mantém essa arrogância depois de ser obrigado a inspecionar a infecção fúngica resistente a antibióticos de Mrs. Wren duas vezes por semana.

– Está bem – digo com um sorriso tranquilo. – Eu vou. A que horas precisas de mim?

Ele tira o telefone do bolso justo das calças.

– Dá-me o teu número. Vou confirmar com os meus pais e mando-te uma mensagem assim que souber o horário definitivo.

Recito o meu número com um revirar de olhos, antes de deixar o Cooper em paz. Vinte minutos depois, o meu telefone vibra com uma mensagem.

Espero-te no corredor às 19h. Tens alguma alergia? Melhores cumprimentos, Cooper

Só a ti, escrevo, a rir. Depois apago e escrevo antes: Sem alergias.

CAPÍTULO QUINZE

Estou atrasada para ir a casa de Mr. Yoon, por isso passo-me por água a correr e troco de roupa, para a minha velha e fiel *T-shirt* e uns calções bem largos. Enquanto me visto, o telefone toca com uma mensagem que não é da Merritt.

Delphie, falavas a sério ontem à noite? Sou eu, o Aled, já agora.

Franzo a testa porque todas as memórias do que disse ontem à noite, e a quem, já se esconderam nos recantos do meu cérebro. E como é que o Aled tem o meu número? Penso por um momento antes de me lembrar que tive de o incluir no formulário para obter o cartão da biblioteca. Revirando os olhos, enfio outra vez o telefone no bolso dos calções e vou para o apartamento ao lado.

Mr. Yoon está sentado à mesa da cozinha, concentrado nas palavras cruzadas. O sol brilhante ilumina-lhe o cabelo grisalho, fazendo-o parecer prateado. O cinzeiro limpo que eu lhe deixei mais cedo já tem três cigarros fumados.

Penso na manhã depois de ter recebido um postal de parabéns de Mr. Yoon. Apesar dos meus melhores esforços, não consegui comer o bolo todo sozinha, por isso levei-lhe uma fatia para lhe agradecer. Ele cortou a fatia do bolo ao meio, deu-me metade, e ficámos sentados à mesa da cozinha, sem dizer uma palavra, mas de alguma forma sabendo que o que estava a acontecer era necessário para ambos.

– Bom dia – cantarolo, abrindo o frigorífico para tirar de lá o leite.

O frigorífico está quase vazio. Mr. Yoon costuma ser eficaz a manter a despensa bem abastecida. Mas parece que se esqueceu completamente de fazer a encomenda. Vejo o botão vermelho de emergência que ele instalou na parede da cozinha há alguns anos. É de uma empresa chamada London

Home Team. Se ele estiver em apuros ou ficar doente, pode pressionar o botão vermelho e alguém aparecerá para o ajudar. Não sei se é um serviço privado ou municipal, mas, de qualquer forma, tomo nota mental para ligar para o número no cartão plastificado ao lado do botão. Talvez providenciem serviços de compras de supermercado? Ou talvez alguém possa vir ajudar Mr. Yoon no geral? Se tudo isto correr mal e eu desaparecer, as coisas têm de ser organizadas para ele receber a ajuda de que claramente começa a precisar.

Depois de terminarmos a torrada de abacate que fiz para nós, vou ao armário dele e puxo a foto emoldurada que lá descobri. Quero que Mr. Yoon saiba que acho incrível ele tocar violino tão bem a ponto de ter ganhado um prémio.

– Isto é incrível. – Pouso moldura na mesa, em frente a ele. – Adoro o som do violino. Nem acredito que recebeu um prémio. E o tamanho deste palco! Deve ter sido épico.

Mr. Yoon olha para a fotografia por um momento, e depois o seu rosto enrugase, primeiro de tristeza e depois de uma espécie de raiva, de olhos arregalados. Abre a boca algumas vezes, mas é claro que nada sai. Eu fiz qualquer coisa de muito errado, porque, embora eu já possa ter percebido um resmungo ou um olhar de desagrado de Mr. Yoon, ele nunca demonstrou estar abertamente irritado comigo. Preparo-me para pegar na moldura e tornar a colocá-la no armário, mas, antes de conseguir fazê-lo, Mr. Yoon pega nela com uma energia que contradiz a sua idade. A fotografia cai no chão de madeira, o vidro parte-se.

– Peço desculpa! – gaguejo, sem saber o que fiz para provocar aquela reação. – Eu limpo isto.

Mr. Yoon sacode a cabeça furiosamente, de lábios cerrados. Com uma mão trémula, aponta para a porta da rua, depois para mim e de novo para a porta.

– Quer... quer que eu me vá embora?

Ele anui com a cabeça três vezes, a boca voltada para baixo como num desenho de uma cara triste feito por uma criança.

– Mas... quem vai limpar o... o senhor pode pisar os vidros e...

Não consigo terminar porque Mr. Yoon bate o pé e aponta novamente para a porta, com o rosto vermelho de desgosto.

Eu levanto as mãos.

– Está bem, está bem, estou a ir. Sente-se e respire. Estou a ir, caramba!
– Recuo até estar fora do apartamento dele e mergulho diretamente no meu.
Tenho as mãos a tremer por causa do choque da ira de Mr. Yoon.
Avanço a passos lentos até ao meu sofá e sento-me na ponta.
E então faço algo que não fazia há muito tempo.
Choro.

*

Levo cerca de vinte minutos a controlar-me. Limpo os olhos e respiro fundo, trémula. Tudo bem. Está tudo *bem*. Aquilo foi apenas um desabafo. Mr. Yoon está chateado comigo, talvez por eu ser intrometida, talvez por eu nunca lhe ter perguntado explicitamente se não havia problema em ir lá todas as manhãs fazer-lhe o pequeno-almoço, bisbilhotar e interferir.

Arrasto-me até à casa de banho em busca de papel higiénico para assoar o nariz, e chego lá e dou com a Merritt sentada na borda da minha banheira, a ver-se ao espelho e a sorrir.

É a coisa mais assustadora que já vi.

– Por amor de Deus! – grito.

A Merritt volta-se para me encarar.

– Nós não temos espelhos a sério na Eternidade – diz, alisando a sua *T-shirt*, onde se lê RESPEITEM A FICÇÃO ROMÂNTICA! – Algumas pessoas perdem os seus reflexos quando lá chegam, e os espelhos seriam motivo de inveja entre os Mortos, o que é claro que não queremos. Mas, Deus, é bom voltar a ver-me. Tinha-me esquecido de quão bonitos são os meus olhos. Uau. Olha para eles... Olha para os meus belos olhos!

Abre bem os olhos, olha para baixo por um momento, e depois ergue o olhar para mim, sob as pestanas.

– Que estás aqui a fazer? – Abano a cabeça, esticando-me para pegar em papel higiénico e assoar o nariz.

A Merritt agarra-me pelo braço e arrasta-me até à sala de estar. Olha em volta com um olhar circunspecto e baixa a voz.

– O que se passa é que... estamos sob pressão, querida.

– Desculpa?

– Pressão. Sobre nós. Tenho de me manter discreta com as mensagens por um tempo. Aquele filho da mãe do Eric viu-me a olhar para o telemóvel e perguntou-me porque é que eu estava tão concentrada nele. Eu menti e

disse-lhe que estava a jogar Tetris. Mas nunca fui boa a mentir, o meu coração é demasiado puro para isso. De qualquer forma, ele ficou desconfiado, começou a fazer uma série de perguntas. Vou tentar comunicar quando puder, mas...

– Não percebo. Porque é que tu entras em contacto comigo é sequer um problema?

A Merritt morde o lábio e começa a mexer no decote da *T-shirt*.

– Sabes quando nos conhecemos e eu disse: «Nunca quebrarei as regras da Eternidade?» Sim, isso foi um pequeno embuste. Devolver-te para cá por dez dias... não foi exatamente, sabes... sancionado.

– Não estou a perceber. A Cláusula Franklin Bellamy?

A Merritt expira o ar das bochechas.

– Ok. Então, tecnicamente, a cláusula deve ser usada para algo muito importante. Como salvar vidas, ou prevenir desastres. Talvez eu tenha contornado ligeiramente isso para que pudesses vir aqui para meu entretenimento. Quer dizer, normalmente não posso comunicar com pessoas na Terra sob quaisquer circunstâncias. Mas tenho andado tão entediada ultimamente e, como te disse, os meus superiores diretos estão de férias, e tu és um caos e foi engraçado e romântico, como um delicioso romance da Sophie Kinsella e...

– Ei! Eu não sou um caos! Isso é uma coisa horrível de se dizer.

– Não és, tipo, fisicamente, Delphie. És super fofa. Mas emocionalmente? UAU. Vá lá. *Quelle horreur*. Não consegues ver? É exatamente o tipo de arco narrativo que me deixa maluca. Totalmente peixe fora de água. Não acredito que não vejas isso.

Cruzo os braços.

– Não. Não vejo.

– Hum. A questão é que os Superiores não podem, de forma alguma, descobrir isto, porque... – Interrompe-se, os olhos arregalados num semblante de medo genuíno.

– O quê?

– Porque me despedem, de certeza. Se isso acontecer, a Eternity 4U nunca sairá do papel, e tem tanto potencial. E depois, tu...

– O QUE É QUE EU TENHO?

– Se eles descobrirem isto e o Jonah *não* plantar os lábios nos teus, bem, pode ser que não te deixem regressar.

– Para a Eternidade?

– Sim.

– E então? Para onde iria eu?

A Merritt encolhe os ombros.

– Quem sabe? Mantêm isso tudo em segredo. Mas ouvi rumores de um lugar chamado Nunquidade. Aparentemente, rodas de canções acústicas e fazer o próprio húmus de ervilha são coisas populares por lá. Dizem que é um ambiente completamente livre de ecrãs também. Nem mesmo televisões.

– Isso soa pessimamente mal.

– Eu sei. E ouvi o Eric mencionar uma vez um lugar chamado Cerebridade, onde comunicam inteiramente em grego antigo e fazem exames só por diversão.

– Meu Deus.

– E pelo que sei, esses podem ser os melhores cenários. Então, não entrarei tanto em contacto contigo, e, francamente, quanto mais depressa puderes avançar com o Jonah, melhor. Assim posso cortar o contacto e ficaremos em segurança.

Abano a cabeça.

– O Jonah é mesmo a minha alma gémea, ou mentiste também sobre isso, só para me pôr a dar espetáculo porque estavas aborrecida no trabalho?

– Oh, ele é totalmente a tua alma gémea! – diz a Merritt, agitando despreocupadamente a mão à minha pergunta. – Por isso, tens mesmo de avançar com isso.

Totalmente a minha alma gémea. O meu estômago aquece com esse pensamento. Uma pessoa completamente *destinada* a mim.

– Espera... – digo. – Ainda me vais tirar um dia por eu não ter cantado o «All That Jazz»?

A Merritt abana a cabeça.

– Pensei nisso, mas depois pensei que, ao menos, tentaste. E, sabes, tentar fazer algo assustador é quase tão bom como fazer, de facto, algo assustador. Mas agradecia se tentasses apressar as coisas o máximo que puderes.

– Vou ver o Jonah amanhã à noite. Na aula de desenho anatómico.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Siiim, vais. Ei, talvez pudesses tirar as tranças? Tens um cabelo ruivo tão lindo. Deixa-o solto! As tranças dão-te um ar tão severo. Miss-Trunchbull-mais-bailarina-russa-a-dançar-com-dores. *Très rigide*.

Faço um som de reprovação.

– Estavas a dizer que nem devias aqui estar?

– Sim! Certo. – A Merritt bate palmas. – Entrarei em contacto contigo assim que possa, e entretanto boa sorte com o Jonah. E a sério, boneca. Pensa nas tranças. Precisas de que ele te queira beijar o quanto antes, ou...

A Merritt faz um gesto horrível de corte de garganta antes de se transformar num brilho iridescente e depois desaparecer.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Ligo para o consultório do médico de família e para a Equipa de Assistência Domiciliária de Londres, e ambos parecem relutantes em tratar deste assunto comigo por não ser membro da família de Mr. Yoon. Penso em ir a casa dele pedir-lhe para assinar uma declaração registando-me como contacto e entregá-la em ambos os escritórios. Mas depois lembro-me de que a) Mr. Yoon neste momento me detesta e b) talvez ande a intrometer-me demasiado na vida dele e deva recuar um pouco.

Odeio quando as pessoas se intrometem na minha vida, e Mr. Yoon tem um tipo de personalidade muito semelhante à minha, por isso consigo entender por que razão está zangado com o meu excesso de curiosidade. De qualquer forma, ele é o mais parecido que tenho com família em Londres – quase um avô substituto – e a ideia de o ter magoado fez-me chorar mais do que desde, bem, desde que comecei a usar tranças no cabelo. Por fim, decido entrar em contacto com o município e ver se há lá alguém que supervisione os cuidados de Mr. Yoon, de modo a ele poder descansar um pouco de mim sempre que quiser.

No meu quarto, ligo a ventoinha e pesquiso por Gen Hartley. Desde que pensei tê-la visto ontem à noite, o rosto dela ficou-me a pairar irritantemente na cabeça e sinto curiosidade em saber qual a situação dela nos dias de hoje. Ao contrário do Jonah, ela aparece logo no cimo do Google. É um artigo de jornal. A Gen Hartley e o Ryan Sweeting segurando um daqueles obnóxios cheques de caridade gigantes, sorrindo graciosamente para a câmara. Percorro o texto. «Gen e Ryan Hartley» – ele adotou o apelido dela? – entregam o seu cheque para a noite de angariação de fundos do seu novo negócio de organização de festas, «Eventos Amorosos».

Reviro os olhos e reparo na data do artigo. É apenas de há um ano. Continuo a ler.

Gen e Ryan regressaram recentemente à casa de infância de Gen na zona oeste de Londres com os seus dois filhos (Freya, de 9 anos, e George, de 6 anos), depois de passarem dez anos em Nova Iorque. Finalmente, montaram o negócio com que sempre sonharam, desde que se conheceram, na Bayswater High School, na adolescência.

Franzo o sobrolho. Ela está de volta a Londres, depois de ter vivido em Nova Iorque?

Desde o lançamento do seu negócio, Os Amorosos – como são conhecidos entre amigos – planearam eventos de caridade para celebridades tão ilustres como Benedict Cumberbatch, Niall Horan dos One Direction e Paul Hollywood do *The Great British Bake Off*.

Sobre o evento de angariação de fundos, Gen diz:

«Desde que eu e o Ryan nos conhecemos, sempre quisemos gerir um negócio que permitisse que as pessoas se pudessem divertir e viver alegrias, enquanto contribuía para as causas que são tão importantes para nós. Estamos encantados por estarmos de novo na zona oeste de Londres, e esperamos organizar muitas outras festas de angariação de fundos no nosso canto de Londres e mais além.»

Blhec. Se isto fosse um jornal a sério, eu pegava-lhe fogo. Mas é apenas a internet, por isso limito-me a mostrar o dedo médio ao ecrã, acompanhado de um olhar furioso. Como é que a Gen e o Ryan ainda conseguem enganar as pessoas? Querem contribuir para as causas que significam algo para eles? Eles só se preocupavam com humilhar-me da melhor forma, de modo a ganharem o respeito dos outros alunos. Miúdos que, na verdade, nunca gostaram deles, mas tinham demasiado medo de fazer fosse o que fosse contra o seu reinado de terror sobre mim.

Clico no *link* para a página de Instagram da Gen. Ela parece reluzente e feliz em todas as fotos, rodeada pelos seus amigos e, admito, pelos seus filhos muito fofos. Mostra-se a passar dias no campo, a visitar festivais literários, a andar a cavalo com o Ryan. A casa dela, que estava um pouco degradada quando éramos crianças, agora tem um soalho radiante e um conjunto de painéis Le Creuset.

Um pequeno lugar longínquo dentro do meu coração fica feliz por a minha amiga esquisitinha do bairro ter tudo o que sempre quis. É imediatamente dominado por uma onda de raiva pela injustiça de a Gen e o

Ryan terem tudo isto quando eu tenho...

Exatamente o que *eu* queria.

Certo?

*

O calor implacável leva-me a tomar o meu terceiro banho do dia às seis e um quarto da tarde, e visto uma camisa de algodão leve sem mangas e calças brancas folgadas. Adiciono um pouco de corretor de olheiras à minha cara agora ligeiramente bronzada, e algumas camadas de máscara à prova de água às pestanas. Não consigo obrigar-me a desfazer as tranças, mas pego num gancho de cabelo em forma de borboleta que pertencia à minha mãe e prendo a franja, que já está a ficar húmida, para um lado.

Quando chego ao fundo das escadas, vejo que o Cooper veste uma camisa preta, como de costume, mas desta vez com *jeans* claros em vez de pretos. Não parece ter reparado no meu esforço, o que me faz sentir ligeiramente envergonhada em relação ao gancho de cabelo em forma de borboleta. Em vez disso, entrega-me um saco de papel que reconheço como oriundo da Farmácia Meyer.

Olho lá para dentro e vejo uma caixa de comprimidos. É Canesten. Também lá está um folheto sobre candidíase. No verso do folheto há uma anotação escrita a tinta azul.

Querida Delphie,

Vi que estavas com algum problema na tua zona vulvar hoje de manhã, quando passaste pela loja. O meu primeiro instinto foi candidíase, por isso incluí um medicamento que resolverá isso imediatamente. Deduzirei o custo ao teu salário. Se estiveres a sentir ardor ao urinar, sugiro que marques uma consulta com o médico de família, pois podes ter algo que necessite de receita médica, como cistite ou uma ITU.

Espero que continues a ter uma boa semana de folga do trabalho.

*Com os melhores cumprimentos,
Leanne (da Farmácia Meyer)*

Sinto as bochechas ficarem quentes. Volto a enfiar o recado no saco de papel, e depois o saco inteiro na minha mala.

Olho de soslaio para o Cooper.

– Olhaste para dentro do saco da farmácia?

– Claro que não olhei para dentro do teu saco da farmácia.

– Leste o bilhete?

– Delphie, as tuas preocupações médicas não poderiam ser menos interessantes para mim. – Olha para o relógio de pulso, de aspeto sério, em couro preto. – Devíamos ir, ou vamos chegar atrasados.

Inclino-me para trás e semicerro os olhos, examinando-lhe o rosto em busca de alguma indicação de que está a mentir. Não encontrando nenhuma, aceno lentamente com a cabeça.

– Ok, ótimo. Vamos lá tratar disto.

CAPÍTULO DEZASSETTE

O carro do Cooper está mais desarrumado do que se esperaria de alguém com tanta rigidez. Há pilhas de papéis e livros no banco de trás, canetas Bic e garrafas de água espalhadas pelo chão.

Os pais do Cooper vivem no norte de Londres e, assim que arrancamos, torna-se claro que nenhum de nós está ansioso por iniciar uma conversa. Em vez disso, inclino-me para a frente e carrego no botão do rádio. Está predefinido para uma estação chamada Jazz Noir, claro que está.

O Cooper desliga-o imediatamente.

Eu volto a ligá-lo.

Ele desliga-o novamente.

Alcançamos ambos o botão ao mesmo tempo, os nossos dedos tocam-se. Eu faço um som de desaprovação e retiro a mão como se tivesse sido queimada. Ele pigarreja.

Assim que as mãos dele estão seguras no volante e longe das minhas, carrego no *play* no leitor de CD, e rio-me quando percebo que a música que estava a tocar no rádio também está a tocar no CD.

– Não tens um gosto musical lá muito eclético, pois não? – digo despreocupadamente.

– Gosto eclético é o que dizem ter as pessoas que não sabem nada de música.

– Oh, desculpa, revista *Rolling Stone*.

Começo a vasculhar numa pilha de CD num compartimento acima da aparelhagem, mas o Cooper bloqueia-me com o braço.

– Temos de definir um historial. – Jesus. Quem é que fala assim? – Os meus pais chamam-se Amy e Malcolm. São muito simpáticos e muito intrometidos. Eu... Bem, disse-lhes que nos conhecemos há três semanas num concerto de tributo a Charlie Parker. – Murmura o final da frase e não apanho bem.

- Onde?
- Num concerto de tributo a Charlie Parker.
- Desculpa, podes repetir? Não ouvi bem.
- Ouviste perfeitamente.

Sinto um pequeno lampejo de deleite com o seu desconforto, mas mantenho uma expressão inocente.

– Eles não vão estar à espera de que saibamos tudo um sobre o outro porque só começámos... *a namorar*... há algumas semanas. Mas vamos estabelecer o básico para que não haja erros graves.

– Começa tu.

O Cooper vira na Circular Norte e entra imediatamente na faixa rápida. Eu fecho a janela para o ouvir melhor.

– Está bem – diz. – Trabalho em casa como programador informático. Escrevo código, testo código, esse tipo de coisas. Tenho trinta e três anos. Gosto de ouvir música, beber bons vinhos, ler ficção, explorar Londres e...

– Copiaste isso da secção romântica dos classificados do *Guardian*?

– E tu? – pergunta, ignorando o meu comentário.

– Trabalho na Farmácia Meyer como assistente e tenho vinte e sete anos.

– E?

– E... é isso.

– Agora não é altura para seres sarcástica. Não te posso simplesmente apresentar aos meus pais assim: «Esta é a Delphie, que trabalha como assistente de farmácia, tem vinte e sete anos e... ah, sim!... se enrolou com um tal de Jonah por toda a cidade, agora desaparecido.»

Mexo-me desconfortavelmente e lanço-lhe um olhar danado por trazer à baila mais uma vez a minha infeliz formulação acerca de dormir com o Jonah.

– A sério – diz ele. – Diz-me alguma coisa verdadeira sobre ti.

A verdade é que não há muito mais do que isso. Eu não tenho passatempos. Não sou pessoa de passatempos. Que faço eu além de trabalhar, passar tempo com Mr. Yoon e ver televisão? Bem, adoro desenhar. Adorava, pelo menos.

– Gosto de arte – digo-lhe.

O Cooper olha-me com interesse.

– Fixe. Qual é o teu pintor favorito?

Sorrio para mim mesma.

– Modigliani. Sem dúvida. Ele tem uma perspectiva tão específica. Todas aquelas linhas alongadas, toda aquela melancolia.

– Copiaste isso do *site* da National Gallery?

– Copiaste as tuas respostas por mim?

– Ha! Também gosto de Modigliani. *A Mulher Ruiva* é o meu quadro preferido.

– Os artistas e o cabelo ruivo. Uma obsessão.

– Quer dizer, eu percebo. – Ele encolhe os ombros.

Deito-lhe um olhar de soslaio. Ele está... ele está a namoriscar comigo? Os olhos dele permanecem na estrada, a cara séria. Não. Claro que não está. A ideia é absurda.

Faço um som com a boca e afago o meu cabelo ruivo de forma autoconsciente.

Perdemo-nos nos nossos próprios pensamentos por algum tempo e, a dada altura, viramos para uma rua que parece puro subúrbio. O Cooper para o carro.

– Porra. Pensei que teríamos algum tempo aqui para discutir a nossa história, mas a minha mãe está à janela. A observar-nos.

Olho para cima e vejo uma mulher sorridente, de rosto espremido entre duas persianas. Não tenho a certeza, mas acho que ela mexe as sobrancelhas para nós.

Tinha pensado, a julgar pelo sotaque do Cooper e pelo seu comportamento geral, que os pais dele viveriam numa casa grande algures em Hampstead ou Richmond. Mas estamos em Barnet, muito menos chique, estacionados numa rua que parece o epítome da classe média.

– Segue o meu exemplo – instrui o Cooper, parecendo ligeiramente nervoso, o que me faz sentir nervosa. Hum, isto parece realmente importante para ele. Preocupa-se mesmo com o que as pessoas pensam, e agora provavelmente está borradinho de medo porque ser eu a sua única hipótese para esta farsa.

Levanto o queixo e decido usar esta noite de jogos como um treino para quando conhecer o Jonah e, espero, talvez um dia, conhecer os pais dele. Vou ser o oposto do que todos pensam que posso ser. Vou ser *adorável* como o carças.

Estou a fazer um ótimo trabalho. Elogiei o vestido da mãe do Cooper, Amy, assim como o *prosecco* que ela me deu. O pai, Malcolm, disse-me que o meu aperto de mão é firme o suficiente para rivalizar com o seu velho amigo Doug, que é lendário pelos seus apertos de mão impactantes. Também presente na noite de jogos está o tio do Cooper, Lester, que é muito mais velho do que o Malcolm e já bebeu três *proseccos* nos quinze minutos desde que chegámos.

Estamos os cinco sentados a uma grande mesa retangular junto à janela da frente. Há algumas tigelas de batatas fritas e uma tigela de trufas de chocolate, bem como uma pilha de jogos de tabuleiro, incluindo o Operação e o Pictionary. Sinto na barriga um assomo de excitação. Adorava jogar Pictionary quando era pequena.

Enquanto dou um gole no meu *prosecco* – tendo o cuidado de beber devagar, porque na noite passada ingeri mais álcool do que costumo beber num ano inteiro –, dou uma olhadela à sala. Está apinhada de livros e jornais, tem um sofá grande e acolhedor, um tapete persa cor-de-rosa desgastado no chão. Gosto do que vejo.

– Não és o tipo habitual do Cooper! – comenta a Amy, empurrando a tigela de batatas fritas na minha direção. Pego numa e mordisco-a delicadamente a toda a volta, o que faz com que se parta em dois pedaços, um dos quais cai na mesa. Pego rapidamente no pedaço partido e enfio-o na boca. – Bonita, claro. São sempre bonitas, mas, sim, as outras namoradas dele eram todas muito diferentes de ti.

– Qual é o tipo habitual dele?

– Bem, não havia ninguém há um bom tempo, mas, quando havia, era uma a seguir à outra e pareciam todas iguais.

O Cooper revira os olhos e o pai ri-se.

– Como é que a Em costumava descrevê-las? – pergunta o pai.

A Amy ri-se.

– Como uma rotação de Wednesday Addams a desfilarem para a Chanel.

Rio-me e penso na mulher de cabelo escuro à porta do Cooper. A descrição adequa-se.

– Quem é a Em?

O rosto da Amy enruga-se. Lança ao Cooper um olhar magoado.

– Não falaste da Em à Delphie?

As narinas do Cooper dilatam-se. Bebe o copo de água como se fosse o *prosecco* que lhe ofereceram, mas que recusou por ir conduzir.

– Não faz mal – digo. – Não têm de me contar absolutamente nada! Afinal, só conheço o Cooper há umas semanas.

– A Em é a irmã gémea do Cooper – diz o Malcolm suavemente. – Era. Faleceu em 2018.

O meu coração contrai-se pelo Cooper. Por todos eles.

– Parece que ela tinha um excelente sentido de humor.

– Oh, tinha. Era completamente doida. – Os olhos da Amy ficam ligeiramente marejados. – Inteligente como tudo, também. Primeira da turma no colégio, tal como o irmão, e depois uma bolsa de estudos integral para o Trinity College. Este aqui foi para Oxford. – Aponta para o Cooper.

– Coisa que ele referiu dois segundos depois de te conhecer, tenho a certeza – acrescenta o Lester.

– Quando digo que era uma mãe orgulhosa... – A Amy eleva a voz para abafar o Lester.

O Cooper andou num colégio e em Oxford? Isso explica as maneiras de aristocrata num homem cuja família é puramente do norte de Londres.

– Lamento que a tenhas perdido – digo diretamente ao Cooper.

Eu perdi algumas pessoas ao longo dos anos, mas nunca ninguém me morreu. Não consigo começar a imaginar o quão doloroso isso seria.

– Eles eram inseparáveis – suspira o Malcolm, pousando a mão no braço do filho. – A Em e o Cooper, o Cooper e a Em.

O Cooper aclara a voz, afastando delicadamente o braço do toque do Malcolm.

– Não falemos sobre a Em – diz ele, num tom animado. – Estamos aqui para conhecerem a Delphie.

– Claro, tens razão, querido. Delphie. Conta-nos tudo sobre ti!

A Amy afaga-me o ombro. Eu estremeço porque não estou habituada a que as pessoas me toquem. Mas estremeecer parece ridículo, então contorno a situação com um pequeno movimento de dança.

Os olhos do Cooper arregalam-se. Ele está claramente nervoso por eu estar no centro das atenções.

Que se dane. Eu consigo ser encantadora. Ergo o queixo.

– Trabalho numa farmácia na zona oeste de Londres. Adoro correr nos Jardins de Kensington. Faço parte de um clube lá, aliás. Também gosto de... – Que mais fazem as mulheres encantadoras? Tenho uma visão dos dramas de época em que todas as mulheres são educadas para serem cultas e completas. É uma referência estúpida e ultrapassada, mas é tudo em que consigo pensar neste momento. – Leio poesia e, hum, por vezes faço... croché?

– Não pareces muito certa disso – resmunga o Lester, as suas palavras já a derreterem-se umas nas outras.

O Malcolm, no entanto, parece encantado com a minha resposta e inclina-se para a frente, de queixo nas mãos.

– Adoro poesia. O Lester leu «She Walks in Beauty», do Byron, no nosso casamento. Oh, recita-nos algo, recitas, Delphie?

Ah, merda. Porque é que eu disse poesia? Não sei nenhum poema de cor. Nenhum. Vou ser imediatamente desmascarada como uma fraude. O Cooper tinha razão em preocupar-se comigo.

Ele aclara a garganta.

– Ah, não vamos colocar a Delphie numa situação embaraçosa! – diz, fingindo alegria.

– A Delphie não se importa! – diz a Amy, batendo-me novamente. – Eu também adoraria ouvir um poema. É tão romântico. Uma leitura de poesia na nossa sala de estar!

Não sinto a cara. Bebo o resto do meu *prosecco* e, num estado de pânico agudo, levanto-me, sentindo as pernas subitamente trémulas. Respiro fundo.

Um poema. Um poema... Pensa em algo que rime, pelo menos, pelo amor de Deus, Delphie.

– Lo, afasta-te e dá espaço a esta mulher. O rastilho está... aceso e estou prestes a explodir.

Comecei. Comecei e agora não posso parar.

– Piedade, piedade: oh, piedade de mim, toda a minha vida parece uma jaula. No entanto, no palco... sou livre³.

Ouço um resmungo. Os olhos do Cooper estão arregalados e ele tem a mão a tapar a boca, embora consiga ver-lhe os ombros a tremer. Os pais dele e o Lester lançam-lhe um olhar curioso, mas parece não terem percebido que eu estou a adaptar, de improviso, a letra de «Boom! Shake the Room» para que pareça menos uma canção e mais um poema.

Quando termino, dão-me uma salva de palmas ligeiramente perplexa. O Cooper junta-se ao aplauso. Conseguiu parar de rir, mas ainda tem o rosto um pouco corado, os olhos a brilhar de uma maneira que não via desde as primeiras semanas em que ele foi viver para o meu prédio.

– Que interessante – diz a Amy. – É novidade para mim.

– Quem é o poeta?

– Creio que se chama William Smith – responde o Cooper, com uma expressão séria. – Um poeta moderno com uma obra muito importante. «Wild Wild West» é um dos meus preferidos.

– Meu Deus – diz o Malcolm. – Obrigado por no-lo apresentares, Delphie.

– A maioria das ex-namoradas do Cooper não saberia quem é Keats nem que ele lhes mordesse as nádegas.

Rio-me, também sem saber nada sobre Keats.

– Não vim cá para ouvir declamações. – O tio Lester serve-se de mais um copo da garrafa. – Vamos jogar, caraças.

– Podes escolher o jogo, Delphie – diz o Cooper, ao que a mãe dele responde com um «ohhhhh» como se ele me tivesse acabado de oferecer um rim.

Assinto com a cabeça e olho para a pilha de jogos, acabando por apontar para a minha seleção.

– Escolho o Pictionary.

*

Podem ter passado muitos anos desde a última vez que joguei Pictionary, mas sou tão competitiva como sempre fui. A Amy montou um cavalete no meio da sala e, claro, fui emparelhada com o Cooper, que, por acaso, é péssimo no Pictionary. Estamos a ser aniquilados pela Amy, pelo Lester e pelo Malcolm. Não ajuda que os esboços do Cooper sejam descuidados, com linhas frouxas e desfocadas.

Quando chega a minha vez de desenhar, o Cooper fica tão frustrado que a voz lhe desce uma oitava – uma tentativa falhada de esconder a frustração.

– Estás a sombrear? Estás a sombrear agora? Delphie? O tempo está a contar.

– O motivo pelo qual não adivinhei os teus desenhos, Cooper, é por eles carecerem de informação básica – respondo entre dentes cerrados. Se ele está a manter a compostura, então não serei eu a ficar visivelmente irritada.

– É o Pictionary, Delphie. Não precisamos de maldito *chiaroscuro*. Limita-te a desenhar o que está no cartão.

– *Estou* a desenhar o que está no cartão, Cooper. – Acelero o meu desenho de «festa surpresa» porque só nos restam quinze segundos.

– Vá, anda! – O Cooper levanta-se do sofá, as pontas dos seus caracóis quase a tocar no teto.

– Por favor, abstém-te de falar, a menos que tenhas um palpite razoável, Cooper.

– Bem, o sexo é claramente explosivo – diz o Lester, agora embriagado, a sorrir de orelha a orelha. Nós ignoramo-lo diligentemente.

Termino o meu último floreado – o objeto da festa surpresa – com a boca aberta num grito.

– Pronto. Vá! Certamente consegues ver...

– Oh... Oh! É uma surpresa... Festa surpresa! – grita o Cooper, com as mãos nos joelhos.

– Sim! – grito eu, atirando o punho ao ar.

O Cooper atravessa a sala e puxa-me para um abraço de celebração. De súbito, fico tensa. Não de forma evidente, mas o suficiente para ele perceber. Ele recua logo. Não pede desculpa, isso pareceria totalmente estranho à frente da família dele, mas dá-me um pequeno encolher de ombros contrito.

– Não sei porque é que estão a ficar tão entusiasmados – diz o Lester. – Perderam na mesma.

– Obrigado, tio Lester.

– Parabéns a todos – digo com uma pequena vénia. – Foram dignos vencedores. Bom jogo.

– Acho que sim, que somos os vencedores, mas é por te termos conhecido esta noite! – diz a Amy, puxando-me também para um abraço. Desta vez, estou preparada e não me desmancho a rir. Derreto-me um pouco no abraço, o cheiro macio a algodão da sua blusa transmite-me uma sensação reconfortante e macia. A Amy afaga-me suavemente a parte de

trás da cabeça. Para minha mortificação, os meus olhos enchem-se de lágrimas. Ótimo. Não choro há mais de dez anos e agora duas vezes no mesmo dia?

A Amy recua e sorri para mim, com as mãos nos meus ombros.

– Cuida dele, cuidas? Ele bem precisa de um pouco de felicidade.

– Mãe – rosna o Cooper. – Cristo. A Delphie e eu... Passaram apenas três semanas.

A Amy encolhe os ombros.

– Eu só... É bom ver-te sorrir, é só isso.

– Ele raramente sorri – concordo, limpando furtivamente uma lágrima do olho antes que caia.

O Cooper está com uma expressão séria. Passa a mão pelos caracóis e olha para o relógio de pulso.

– Talvez seja hora de irmos embora.

– E é um sorriso tão encantador – continua a Amy, como se o Cooper não tivesse dito nada. – Vá lá, Coop. Mostra-nos a todos esse sorriso encantador.

– Sim, vamos lá, filho – acrescenta o Malcolm. – Mostra à tua mãe esse sorriso letal. Isso irá sustentá-la durante uma semana e depois não terei de a ouvir a queixar-se de como já não sorris.

A Amy vira-se de novo para o Cooper, de olhar esperançoso e ligeiramente desesperado no rosto.

O Cooper fecha os olhos brevemente, como se preferisse estar em qualquer outro lugar neste momento. Penso em como ele me mandou para o diabo naquela manhã fria em que lhe pedi para baixar o volume da música.

– Sim, Cooper, mostra-nos esses belos dentes brancos. – Inclino-me para o Malcolm. – Os dentes são a coisa de que mais gosto nele.

– A sério? – resmunga o Malcolm. – Os *dentes*?

Assinto com a cabeça.

– São tão direitos. É hipnotizante.

– Anos de ortodontia – diz a Amy. – Levei-o a todas as consultas.

– Está bem! – rosna o Cooper. Faz um sorriso absurdamente exagerado, como o Wallace de *Wallace e Gromit*. Mantém o sorriso por um segundo antes de o seu rosto voltar à severidade habitual, embora os olhos tenham amolecido ligeiramente.

– É um começo, pelo menos. – A Amy ri-se enquanto nos acompanha à porta. – Foi um prazer conhecer-te, Delphie.

– Adorei conhecer-vos também – digo, com uma onda de confusão a subir por mim adentro ao perceber que não estou só a ser educada. Estou a dizer a verdade.

*

No caminho de regresso a casa, penso na minha mãe e envio-lhe uma mensagem para lhe dizer que amanhã vou a uma aula de desenho anatómico. Não que eu tenha qualquer intenção de desenhar quando lá estiver, mas ver a Amy com o Cooper fez-me lembrar do quanto eu e a minha mãe costumávamos gostar de desenhar juntas. Quando chegamos à Westbourne Hyde Road, o Cooper abre-me a porta do carro.

– Obrigada – digo. – A tua chave ou a minha?

Fico em silêncio enquanto o Cooper tira a chave do bolso das calças e a insere na fechadura.

Atravessa o corredor em direção ao seu apartamento, virando-se para mim quando chega à porta.

– Obrigado pela tua ajuda esta noite. – Os seus olhos amolecem um pouco. – Gostei mais do que esperava. E isto deverá adiar as maquinações com a Veronica, pelo menos por enquanto.

Encolho os ombros.

– Foi ótimo. Os teus pais são simpáticos.

Ele não faz qualquer movimento no sentido de abrir a porta.

Dou um passo em frente.

– Eu... tive muita pena de saber da tua irmã – digo.

O Cooper engole em seco e destranca a porta.

– Não vamos por aí, ok? Acho que agora estamos quites, Delphie. Eu fiz-te um favor, tu fizeste-me outro. *Quid pro quo*.

O comportamento dele faz baixar a temperatura do corredor em pelo menos um grau.

– Estamos quites – digo animadamente.

– Espero que as coisas corram bem com o Jonah.

– Espero que as coisas corram bem com... os teus bons vinhos – concluo, à falta de uma resposta mais inteligente. – Até, Cooper.

Ele não responde, limita-se a entrar em casa e fecha a porta com um silêncio respeitoso.

33. Em português perde-se a rima do original: *Mercy, mercy – oh, mercy me, my whole life feels like a cage. Yet on stage... I am free.* (N. da T.)

CAPÍTULO DEZOITO

Hoje é o quarto dia. O quarto dia de dez, e ainda nem falei com o Jonah, quanto mais convencê-lo a beijar-me. O meu estômago revira-se de ansiedade por causa da contagem decrescente da Merritt e daquilo que me espera se não conseguir fazer isto. *Tenho* de criar uma ligação com ele na aula de desenho anatómico esta noite.

Sento-me na cama, o cabelo molhado de suor. Espreito o telemóvel e lamento quando ele me diz que hoje vai estar ainda mais calor do que ontem. Os primeiros dias da onda de calor foram agradáveis – foi bom ver o sol depois de meses de céu cinzento. Mas agora está a tornar-se desconfortável e anseio pela chuva. Reparo numa mensagem da minha mãe e abro-a ansiosamente, perguntando-me qual será a resposta dela à notícia de que vou a uma aula de desenho anatómico.

Aqui vai uma foto minha com o Larry, o curador de arte de Nova Iorque. Ele tem uma galeria em Brooklyn e adora o meu trabalho!

Deve andar muito ocupada.

Não sei se Mr. Yoon me quer ver, mas a atitude responsável a ter como vizinha seria, pelo menos, ir verificar. Não que me preocupe com ele. Não muito, de qualquer forma. Estou só a certificar-me de que o velhote do lado está bem. Pego em alguns ovos e *bacon* do meu frigorífico e levo-os até lá, batendo primeiro e depois espreitando pela porta. Mr. Yoon está sentado à mesa, a olhar para as palavras cruzadas, de lápis na boca e cigarro na mão.

– Faça-me um sinal se quiser que eu saia – grito para dentro da sala. – Acene, ou bata os pés... Sei que é bom nisso.

Mr. Yoon olha para mim sem expressão, mas a sua expressão já não é de ira, por isso considero-o um bom sinal. Dirijo-me diretamente à cozinha e reparo que ele não conseguiu lavar a louça. Lavo-a rapidamente e ponho

alguns ovos a cozer.

Quase dou um salto quando sinto uma mão seca e quente no meu ombro nu. É Mr. Yoon. Ele dá-me duas palmadinhas. Os olhos dele suavizam-se quando me exhibe um pequeno sorriso de desculpa. Para minha surpresa, o meu instinto é abraçá-lo, mas não quero sobrecarregá-lo novamente. Em vez disso, limito-me a acenar com a cabeça.

– Não se preocupe, está tudo bem. Também me irrita comigo mesma às vezes.

Quando Mr. Yoon volta às palavras cruzadas, eu farejo o ar. Não cheira bem. Acho que... acho que o cheiro vem de Mr. Yoon. Ele tresanda. Será que agora também se anda a esquecer de tomar banho? Há quanto tempo?

Está um calor abrasador hoje. Ele não pode passar o dia todo mergulhado no seu próprio suor estagnado.

Preparo o nosso pequeno-almoço primeiro e, enquanto comemos, digo-lhe casualmente:

– Vai querer tomar um banho fresco com este calor. Está insuportável lá fora.

Ele acena com a cabeça em concordância e, por isso, quando terminamos o pequeno-almoço, levo Mr. Yoon até à casa de banho, instruindo-o a despir-se e dizendo-lhe que fecharei os olhos enquanto ele entra na banheira. Fecho a porta da banheira e, quando ele se senta – privacidade intacta –, ligo as torneiras, deitando um generoso jorro de gel de banho borbulhante para maior cobertura.

Posiciono-me no canto da banheira, agarro no chuveiro e passo-o pelo cabelo de Mr. Yoon. Quando o ensaboo, ele suspira, e eu espero que seja por estar a ser agradável e não por eu estar a esfregar com demasiada força. Quer dizer, até hoje só tinha lavado o meu cabelo.

Se Mr. Yoon se sente desconfortável de alguma forma, não o mostra, mas eu sinto-me desconfortável muitas vezes na vida e também não o mostro. Por isso, tento manter uma conversa descontraída e falo-lhe da noite passada.

– E então o Cooper disse-me que eu estava a perder muito tempo com o sombreado, por isso...

Quando digo o nome do Cooper, Mr. Yoon olha para mim, com a cabeça cheia de espuma fofa.

– Conhece o Cooper? – pergunto-lhe. – Já o viu por aqui no prédio?

Mr. Yoon acena uma vez com a cabeça.

Baixo a voz.

– Ele é um bocado arrogante, não é?

Mr. Yoon acena duas vezes, o que me faz rir às gargalhadas.

– Concorda comigo. De qualquer forma, acho que ele estava só com inveja das minhas habilidades artísticas superiores. Perdemos o jogo. Mas foi culpa dele. Se eu tivesse feito par com a Amy ou o Malcolm, teria ganhado de certeza.

Quando o cabelo de Mr. Yoon já está enxaguado, tiro um pano e um sabonete da prateleira de madeira por cima das torneiras da banheira.

– Vou deixá-lo lavar... está a ver. Não o farei de maneira alguma, e tenho a certeza de que também não quer que o faça. – Entrego o sabonete a Mr. Yoon e ele acena-me, sinalizando ter compreendido.

Quando Mr. Yoon sai da banheira e se enrola num roupão limpo, seco-lhe o cabelo com o meu secador e depois penteio-o com um impecável risco ao lado. Quando lhe trago um espelho para ele dar uma vista de olhos, ele sorri para o seu reflexo e solta uma pequena gargalhada. Trago o desodorizante do quarto dele e finjo que o estou a usar em mim.

– Vai precisar de montes disto hoje – digo-lhe. Ele pega no desodorizante e dá-me uma palmadinha no braço mais uma vez. Sorrio e devolvo a palmadinha. Depois, dá-me outra palmadinha porque deve ter-se esquecido da primeira vez que me deu uma palmadinha. Eu dou-lhe outra palmadinha e digo: – Quem parar de dar palmadinhas primeiro, perde. – Mr. Yoon dá-me outra palmadinha, a boca abrindo-se-lhe num riso silencioso. Agarra-se à barriga, fazendo-me dissolver num ataque de riso.

Há qualquer coisa no riso – faz com que todo o desconforto desapareça, porque deixa ambos na mesma situação. Tinha-me esquecido disso.

*

Quando volto para casa, dou mais uma vista de olhos à mala de roupas da minha mãe e encontro uma série de vestidos curtos, bem como algumas camisas de *nylon* brilhantes, vindas diretamente dos anos noventa. Desenterro uma saia castanha de camurça. É macia e bonita e faria com que eu derretesse numa poça de suor em menos de trinta segundos. Volto a pô-la no sítio.

Acabo por encontrar um vestido branco de botões, com margaridas prateadas minúsculas. Perfeito.

Imagino o Jonah a beijar-me, a passar as mãos pelo meu cabelo. Ninguém consegue passar as mãos por tranças tão apertadas. Penso no que a Merritt disse sobre eu poder ficar melhor com o cabelo solto. Tiro os ganchos todos do cabelo para que me caia em ondas espessas pelos ombros.

Hum. Não estou muito diferente.

CAPÍTULO DEZANOVE

— O teu cabelo! És a Ofélia! És a *Vénus a nascer no mar*!

Levo algum tempo a reconhecer a voz da mulher do parque. Tal como eu, também ela fez um esforço para parecer sedutora, embora a versão dela pareça ser usar uma coroa de flores e um vestido de renda bege com mangas compridas que ondulam à medida que se move.

Mexo-me desconfortavelmente quando um casal de clientes num café próximo se vira para olhar para mim, vendo não a Ofélia nem qualquer outra figura pré-rafaelita, mas uma mulher ruiva envergonhada e transpirada num vestido demasiado curto e sapatilhas desgastadas.

— Chhhiu! — admoesto. Depois: — Desculpa, acho que me disseste o teu nome no parque, mas já não me lembro.

— É Frida.

Estendo-lhe a mão.

— Ah, sim. Eu sou a Delphie.

— As nossas mãos juntas... é como sopa.

— Desculpa?

— As nossas mãos transpiradas, esparramadas uma na outra. Parece sopa.

— Hum, sim.

Blhec. Limpo as mãos à parte de trás do meu vestido. Ela faz o mesmo e sorri-me como se aquilo tivesse sido uma interação agradável. Dá uma pancadinha na sua mala, uma coisa de retalhos com franjas.

— Trouxe lápis e canetas para desenhar. Tens os teus?

Abano a cabeça.

— Oh, não, não, não. Não vim para desenhar. Vim para conhecer o Jonah do cartaz. Aquele com os olhos azuis.

— Ah, pensei que ele fosse o modelo.

Pestanejo. De alguma forma, essa possibilidade não me tinha ocorrido. Só tinha considerado a ideia de o Jonah ser um participante, ou talvez até o instrutor. Mas o *modelo*? Como é que isso vai funcionar? Como é que supostamente me vou apresentar a ele, estando ele com tudo à mostra? Tanta coisa com que me preocupar.

Sigo a Frida para dentro do *pub*, subindo uma escadaria que leva a uma sala de eventos. Todas as janelas estão completamente abertas, mas o quarto continua quente como o inferno. Há um círculo de cadeiras, com um cavalete montado em frente a cada uma delas. No meio do círculo está um tapete, sobre o qual está sentada uma mulher absolutamente linda, de cabelo curto, de pernas cruzadas, vestindo um quimono.

– Sejam bem-vindos, bem-vindos! – É o homem careca do cartaz. Aquele que a Frida achava bonito. Ouço-a fazer um pequeno ruído excitado ao meu lado.

– Olá! – Ela acena aos outros participantes, uma seleção variada: alguns parecem ter vindo diretamente do escritório, um de farda de supermercado, uma adolescente com o cabelo pintado de preto e cortado a direito pelas orelhas, com um *piercing* de cada lado do nariz.

A Frida senta-se e acena para que eu faça o mesmo.

– Vem, Delphie. Senta-te ao meu lado para sermos parceiras.

– Onde está o Jonah? – pergunto ao homem careca, que se apresenta como Claude. – Na verdade, eu só vim para o ver.

O Claude olha para o relógio.

– A Kat é a nossa modelo para a primeira sessão. – Aponta para a bela mulher sentada no tapete. – O Jonah é o modelo para a segunda sessão.

Ele é modelo!

– A que horas é a segunda sessão, por favor?

– Dentro de uma hora.

Aceno com a cabeça. Uma hora. Uma hora não é nada, quando a alternativa é a eternidade na Eternidade.

Sento-me rigidamente em frente a um cavalete. Enquanto o Claude se ocupa cumprimentando os seus alunos habituais, o meu telemóvel vibra com uma mensagem.

Talvez tenha sido rude ontem à noite. Peço desculpa. Atenciosamente,
Cooper.

– Não trouxeste materiais de desenho? – pergunta o Claude, distraíndo-me antes de eu poder responder. Atiro o telefone para dentro da mala.

– Oh. Não. Desculpa. Não pensei que fosse... eu vinha só ver... Hum... não. Não trouxe.

– Qual é o teu material preferido? Carvão? Lápis? Tinta? Acho que temos acrílicos algures, se quiseses pintar, mas o lavatório não está a funcionar, por isso talvez não seja grande ideia em termos de sujidade.

– Carvão? – digo. Não sei porquê, nunca desenhei a carvão. Talvez seja por isso. Lembro-me do meu desenho a lápis de Mr. Taylor, as cópias fotocopiadas espalhadas por toda a escola. Devolvo a memória à caixa da desgraça trancada dentro do meu cérebro, e sorrio agradecida quando o Claude me entrega algumas folhas de papel fino e um pau de carvão comprido.

– Ok, pessoal. – O Claude bate palmas, as mãos como um bailarino de flamenco. – Vamos fazer uma série de sessões rápidas de dez minutos, em que a Kat mudará de pose em cada uma. Depois, faremos uma pose mais longa, de trinta minutos. Segue-se uma pequena pausa antes de o Jonah chegar e começarmos a segunda sessão.

Não posso acreditar que vou voltar a ver o Jonah daqui a uma hora. Sorrio para mim mesma ao imaginar-nos a conversar novamente. Tê-lo a olhar para mim com aqueles olhos gentis e doces. A tocar-me nos braços. Como se ele estivesse totalmente de acordo com estar morto, desde que pudesse estar morto comigo.

– Delphie? – A Frida sussurra ao meu lado. Olho para cima e vejo que já começaram todos a desenhar. A Kat levantou-se e despiu-se, com os braços erguidos em posição de prece. – Estavas a sonhar acordada – diz a Frida.

Pego no carvão e encosto-o à folha de papel. Parte-se imediatamente ao meio. Raios. Não faço ideia do que estou a fazer. Coloco uma das metades na prateleira do cavalete e olho para a Kat. A sua pele é tão imaculada, como se tivesse sido filtrada. Consegue-se ver as suas costelas, mas ela não é magra. Tem uma faixa estreita de pelos púbicos tão direitinha que parece ter sido desenhada. É suposto termos aquele aspeto? Porque eu não saberia por onde começar.

Merda. O Jonah já viu a Kat nua. Será que já dormiram juntos? Certamente que sim – duas pessoas tão abençoadas geneticamente como eles a verem-se nuas semana após semana.

– Delphie! – repete a Frida. – Estás bem?

Enquanto eu estive aqui a preocupar-me, a Frida fez um desenho inteiro que não está nada mal. Ouve-se um pequeno bip e a Kat muda de pose. Faz uma espécie de espargata no chão e leva uma mão à orelha, como se conseguisse ouvir algo ao longe.

– Estou bem! Estou a conseguir! – Aceno para afastar a atenção da Frida. Pressionando o carvão no papel com menos tensão, começo a esboçar o contorno do corpo da Kat.

Num ápice, o cronómetro volta a tocar e a Kat está agora agachada, com as mãos à volta dos joelhos, e depois novamente de pé e a fazer uma pose de ninja. Entro numa espécie de transe, apenas o cheiro a pó de carvão e o som do riscar no papel fazem alguma diferença na minha consciência.

– Acabou o tempo! – grita o Claude. Eu pestanejo como se tivesse acabado de acordar de um longo sono. Uma onda de emoção percorre-me. É uma boa emoção, quase euforia. Sinto o coração acelerado como se tivesse bebido um pouco de café a mais.

Aquilo foi... Eu não desenhava nada desde o incidente na escola. Céus, tinha saudades disto.

– Uau – diz a Frida, inclinando-se para ver os meus desenhos. Pega nos meus papéis um por um, fazendo um som de deleite a cada novo esboço. – Não disseste que eras profissional. – Levanta a mão para me dar cinco. Eu ignoro-a de modo diligente..

– Não sou profissional.

– Não é – murmura o Claude atrás de mim, estranhamente perto do meu pescoço. – Mas talvez pudesse ser... um dia.

A Frida entrega-lhe as folhas de papel, que ele examina, fazendo comentários sobre linhas e escolhas de composição que eu não entendo muito bem. Tudo o que sei é que sabe bem. O que quer que esteja a acontecer agora, sabe bem.

– Trabalhas bem a forma feminina – diz o Claude. – E vais ter mais oportunidades de desenhar a Kat na segunda sessão, porque, infelizmente, o querido Jonah mandou mensagem a dizer que não pode vir.

Levanto-me de um salto, os meus papéis espalham-se pelo chão.

– O quê? Não! Pensei que ele era o modelo para a segunda sessão! Vim cá para o ver.

O Claude levanta as mãos.

– Peço desculpa! Desde que ele posou para o David Hockney no ano passado, são muitas as pessoas que aparecem cá apenas para o ver. – Revira os olhos. – Mas o desenho de modelo vivo deve centrar-se na arte, não no modelo! Isto não é um concerto *pop*, sabes?

A Frida abafa um riso ao meu lado.

– O Jonah posou para o Hockney?! – exclamo. Adoro o David Hockney. É o meu segundo artista preferido, depois do Modigliani. E o Jonah *posou* para ele? Que probabilidade haveria de isso acontecer?

O Claude acena como se não fosse nada de mais.

– O Jonah é um excelente modelo. Ele faz as formas mais maravilhosas com o corpo.

Pergunto-me, atordoada, sobre as formas que o Jonah faz com o corpo. Que formas posso eu fazer com o meu corpo? O Jonah vai gostar das minhas formas? Abano rapidamente a cabeça e forço a mente a focar-se na questão mais vital em mãos. Tenho de ver o Jonah esta noite. Estou a ficar sem tempo.

– Disseste que ele te mandou mensagem, certo? *Preciso* de entrar em contacto com ele sobre... algo. Por favor, podes dar-me o número dele?

O Claude pousa uma mão no peito.

– Santo Deus, não. Não posso simplesmente fornecer as informações privadas dos meus modelos a qualquer pessoa. A segurança deles é muito importante para mim.

– Segurança? Não lhe quero fazer mal!

– Isso eu não sei. Como poderei sabê-lo?

– Ela nunca lhe faria mal – interrompe a Frida, cheia de indignação, como se me conhecesse há mais tempo do que a soma total de sessenta e cinco minutos.

– Eu sou... *amiga* dele. Não faria nada para o prejudicar, nunca. Por favor, dá-me o número dele.

– Se fosses mesmo amiga dele – grita a Kat –, ele ter-te-ia enviado uma mensagem para te contar do espetáculo de última hora. – Um espetáculo? A fazer o quê? – Um evento de dança exclusivo no Shard – continua a Kat. – É por isso que ele não pode vir esta noite. Estava tão entusiasmado. Acredito que tenha enviado mensagens a todos os amigos. Mandou-me a mim. Mas a ti não. Nem sequer tens o número dele. O que me leva a crer que *não* és amiga dele.

Kat. Adorável Kat.

– Sim, sim – digo eu, tirando o telemóvel da mala e apontando para o ecrã preto vazio. – Ah, sim! O Shard! Evento de dança! Aqui está a mensagem! A que horas dizia que era, na tua mensagem?

A Kat abre a boca, mas o Claude diz-lhe para se calar.

– Kat! Ela está a mentir, claramente. Cala-te.

A Kat simula fechar a boca com um fecho.

Eu corro até ela.

– Kat, dá-me o número do Jonah? De mulher para mulher. É importante.

A Kat aponta para o fecho imaginário na boca.

– Está bem – digo.

E está bem. Não é ideal, mas está bem. Tenho uma pista. Ele vai estar no Shard hoje à noite.

Enrolo os meus esboços, meto-os na mala e saio com determinação da sala de eventos.

– Vamos embora? – pergunta a Frida. – Mas pagámos pelas duas horas inteiras!

– Oh, podes ficar! – digo vagamente. – Mas eu tenho de ir a um sítio.

Esta semana há greve no metro, por isso pego no telemóvel e abro uma aplicação de táxis. Mostra um carro disponível a dois minutos de distância. Devo chegar ao Shard em... cinquenta minutos? Isso é muito tempo. A Frida espreita por cima do meu ombro para o ecrã.

– O táxi é demasiado caro. Podias apanhar um autocarro.

– Não tenho tempo – digo, carregando no botão de reserva.

– Eu vou contigo – anuncia a Frida, trazendo-me de volta ao presente.

Abano a cabeça rapidamente.

– Oh, não. Não é preciso. Além disso, pensei que quisesses convidar o Claude para alguma coisa.

A Frida encolhe os ombros.

– Sinto que a personalidade dele não combina com a imagem do cartaz, sabes? No cartaz, ele parece um dínamo. Mas na vida real é como se tivesse um pedaço de carvão enfiado onde o sol não brilha.

Quando o carro encosta, eu mergulho no banco de trás. A Frida – ignorando a minha educada recusa da sua companhia – sobe imediatamente para o outro lado, prendendo o cinto e fazendo-me um sinal positivo com o

polegar para cima.

– É engraçado – diz, de olhos a brilhar de excitação. – Vivo há tanto tempo em Londres e nunca fui ao Shard. Sempre disse ao Gant que devíamos lá ir, e ele respondia sempre: «Frida, cala-te.» Acho que falo muito.

– O Gant parece ser um idiota – murmuro.

A Frida encolhe os ombros e acena levemente com a cabeça, os seus brincos de lua dourada dançando com o movimento.

– Ele não era assim tão mau. – Os olhos dela voltam a encher-se de lágrimas. Parece estar realmente desolada.

À medida que nos afastamos lentamente do passeio, o Claude corre para fora do *pub* em direção ao carro.

– Tu és louca e possivelmente um perigo para o meu modelo mais popular! – grita ele pela janela aberta, a sua voz cortante a ecoar-me nos ouvidos. – Mas tens um enorme potencial artístico!

CAPÍTULO VINTE

Uma rápida pesquisa no Google diz-nos que só há um evento de dança no Shard esta noite: uma festa *disco* silenciosa num espaço chamado The View. Uma festa *disco* silenciosa! Nunca ouvi falar de tal coisa. Ao entrarmos no elevador, a Frida pousa uma mão no peito.

– Aqui estou eu, finalmente! No mundialmente famoso Shard.

Quando chegamos ao piso 72, o elevador abre-se com um suspiro silencioso.

A Frida começa a mexer os ombros em antecipação enquanto caminhamos em direção a um conjunto de portas de vidro através das quais podemos ver pelo menos cem pessoas a dançar numa sala iluminada em tons de roxo e rosa. Toda gente tem auscultadores. Ah! Estão a ouvir música, mas presumo que seja música de sua própria escolha. Que boa ideia! Não que tenha ido a discotecas recentemente, mas gosto da ideia de ter a minha banda sonora pessoal para uma ocasião assim.

Em frente à porta de vidro está uma mulher alta e corpulenta, usando um auricular e segurando numa prancheta. Atrás dela, há um sinal que pede a todos os visitantes que «por favor, tenham os bilhetes à mão». Não temos bilhetes. Raios. Talvez se eu explicar à mulher que só queremos entrar e sair para encontrar alguém, ela simplesmente... nos deixe entrar? Mas, julgando pelo franzir irritado dos lábios, duvido da sua inclinação para afrouxar qualquer tipo de regra. A mulher abana furiosamente a cabeça enquanto nos aproximamos. Passa os olhos pelo meu vestido curto e depois pela coroa de flores da Frida.

– Estão atrasadas! – sibila.

– Desculpe?

– É melhor não saírem daqui cedo, como o último tipo. Tão pouco profissional. Deixou-me na mão. É a última vez que contrato alguém ao Maurice Alabaster. – Resmunga. – Embora me agrada que ele tenha enviado

duas, pelo menos.

De que está ela a falar? Quem é o Maurice Alabaster? Quem é que esta mulher pensa que somos?

Abro a boca para fazer todas essas perguntas, mas a Frida passa-me à frente.

— Sim, ele mandou-nos às duas — repete, de queixo erguido, enquanto a mulher abre as portas de vidro e nos leva para o espaço do evento. Perscruto de imediato a sala em busca de sinais do Jonah. Ainda não vejo nada, mas não devo demorar muito a identificar alguém tão alto e magnético nesta multidão.

— Vocês as duas vão para aquele ali. — A mulher aponta para um pódio cor-de-rosa iluminado, do lado esquerdo da sala. Em cada canto do espaço, há um pódio, em cima dos quais estão bailarinos. Bailarinos profissionais. Bailarinos profissionais a *dançar*. E então percebo que cada bailarino usa uma coroa de flores exatamente como a da Frida. Esta mulher pensa que estamos aqui para *dançar*?

— Onde está a tua coroa? — pergunta-me a mulher, com um imenso suspiro indicando que a sua paciência está a chegar ao fim.

— Foi roubada! — revela a Frida enquanto eu fico ali de boca aberta perante o que está a acontecer neste momento. — Na rua. Sim. Alguém lha tirou da cabeça. Um homem velho e enrugado, na verdade. Tinha cabelo grisalho comprido e um olho desviado para leste. Mas a Delphie é a dançarina mais bonita de Londres. Ninguém se importará que ela não esteja a usar as flores na cabeça.

Lanço um olhar de esguelha à Frida. Como é que ela é tão boa a mentir? A mulher severa olha-me de cima a baixo.

— Está bem — resmunga. — Mas vou apresentar uma queixa ao Maurice. Seria de esperar que os artistas chegassem cá com o traje.

— Desculpe — canta a Frida enquanto a mulher se afasta, regressando às portas de vidro. — Vamos lá! — diz-me, apontando para o pódio. — Ela ainda está a olhar para nós. — Sigo o olhar da Frida para ver a mulher, agora fora da sala, a espreitar-nos através das portas de vidro.

— Não vou subir para um pódio!

— É a única maneira de entrarmos aqui sem bilhetes.

— Mas... eu não danço.

— Toda a gente dança!

– Não há música!

A Frida agarra-me na mão e coloca-me no peito.

– A música está aqui dentro.

Retiro a minha mão.

– Como é que os outros bailarinos estão a dançar sem música...?
Nenhum deles tem auscultadores!

– Os auscultadores esmagariam as coroas de flores – responde a Frida, como se isso fosse óbvio e eu fosse burra. – Vamos lá. Do pódio vais ver tudo de cima e em larga escala pela sala. É muito melhor para localizar o Jonah.

Isso é verdade, dali conseguirei ver tudo. Lanço um olhar para trás, para a mulher severa. Ela está a gesticular furiosamente através do vidro para que nos apressemos.

Merda.

Seguindo a Frida – que parece estranhamente ansiosa por começar –, subo ao pódio com a maior elegância possível e espreito por entre o mar de corpos a dançar à minha frente, de olhos bem abertos em busca da juba de bronze macia e brilhante do Jonah. Sou momentaneamente distraída pela vista da noite através da enorme parede envidraçada. Consigo ver as curvas do Tamisa, a Tower Bridge parecendo uma pulseira de ouro cara, as luzes de mil edifícios todas a cintilar, a fazerem-se notar como se soubessem que alguém as está a observar. À medida que o Sol se despede preguiçosamente, o céu está com um rico tom de roxo *crocus* com riscas rosa. Céus, tudo parece tão sereno daqui de cima. Tão *simples*.

Penso no que o Jonah disse sobre Londres ser mágica. Na altura, descartei imediatamente essa ideia, mas tenho de admitir... desta perspetiva, parece mesmo especial.

– Dança, Delphie! – Sou trazida de volta à sala pela Frida a espetar-me o cotovelo nas costelas. Ela está a rodar as ancas, os braços agitam-se de forma delicada, as mangas flutuantes do vestido a terem uma oportunidade para brilhar.

Pelo amor de Deus. Começo timidamente a mexer as ancas de um lado para o outro e faço a única dança de que pareço ser capaz de me lembrar sob tamanha pressão, que, para minha surpresa e mortificação, é o *hand jive* do filme *Grease*.

– Não entres em pânico – murmuro para mim mesma, batendo com os punhos um sobre o outro, depois abanando as palmas das mãos esticadas para um lado e para o outro.

Devo estar a fazer um bom trabalho, porque a mulher acena, aprovando, antes de se afastar, provavelmente para se ir queixar ao Maurice não-sei-das-quantas. Merda, e se ela descobrir que não fomos enviadas por ninguém? Que não pertencemos aqui de todo? E se formos expulsas antes de eu conseguir sequer dizer olá ao Jonah?

Espera aí: algumas pessoas na multidão estão a virar-se para nos verem, a mim e à Frida, como se fôssemos realmente bailarinas profissionais aqui a dançar para elas. Olho para a Frida, que também começou a fazer o *hand jive*, talvez por solidariedade, ou talvez porque fica giro? A atenção põe-me o coração a bater nervosamente, e cada célula do meu corpo me diz para fugir. Mas então percebo que a multidão a olhar para mim é realmente uma coisa muito útil – se eu conseguir ver o rosto de todos, mais facilmente poderei identificar o Jonah! Acelero o meu *hand jive* para parecer ainda mais impressionante – os olhos da Frida esbugalham-se, mas ela acompanha como uma campeã. Funciona, e mais pessoas se viram para nos verem, algumas delas até se cutucam umas às outras com o que eu penso ser admiração. Num minuto ou dois, praticamente todos os olhos na sala estão postos em nós. Sorrio radiante para a multidão e continuo o meu *hand jive* enquanto procuro o rosto do Jonah pela sala. Mas não o vejo em parte alguma. Raios. Ele deve estar cá. A Kat disse que ele estaria cá – que estaria cá a *trabalhar*. *Tem* de estar cá.

Sem saber que mais fazer, pigarreio e grito em voz alta:

– Estou à procura do Jonah Truman. – A minha voz perfura a sala, em contraste com o silêncio. – Jonah Truman! – grito novamente, ainda mais alto. – Estás cá? Preciso de falar contigo! Jonah Truman?

A Frida para de dançar antes de respirar fundo e gritar:

– Jonaaaaaaaaaaaah!

Este não é o ambiente divertido, sedutor e descontraído que eu estava a tentar criar. Mas que outras opções me restam? Não posso ter chegado até aqui para nada. Estou a ficar sem tempo!

Agora que já não estamos a dançar, a multidão começa a afastar-se. Desço do pódio com um suspiro frustrado. Onde é que ele se meteu? A Kat disse que era no Shard, tenho a certeza!

O meu estômago contorce-se com a perspectiva de nunca o encontrar. Não posso morrer outra vez. Não posso acabar na Eternidade, ou na Nunquidade, ou no raio da Cerebridade. Deram-me esta oportunidade única – quantas pessoas a têm? Não a posso desperdiçar.

Estou a ajudar a Frida a descer do pódio para decidirmos o que fazer a seguir quando uma mulher com um corte de cabelo *pixie* e um vestido coberto de joias multicoloridas se aproxima de nós.

– Conhecem o Jonah? – diz ela, entusiasmada, olhando para uma e para outra alternadamente. O sotaque dela é do norte, a voz ligeiramente rouca.

– Sim, sim, conheço – respondo. – E tu? Ele está cá? Onde?

A mulher suspira.

– *Quem me dera* conhecê-lo! Ele estava aqui há cerca de meia hora, a dançar mesmo onde vocês estavam. – Aponta para o pódio.

O Jonah estava ali?

– Eu estava na varanda a fumar um cigarro – continua a mulher – e ele aparece, «para respirar», disse. Começámos a conversar, mas cinco minutos depois ele recebeu uma chamada do hospital onde é voluntário. Alguém não tinha aparecido, então ele teve de ir substituir essa pessoa.

O Jonah é voluntário num hospital?

– Em que hospital? – pergunto freneticamente. – Ele disse onde era?

A mulher abana a cabeça.

– Só disse que não podia desiludir as crianças!

Não só é voluntário num hospital... como num para crianças? Deus, o Jonah é muito melhor pessoa do que eu. Se a Merritt não estivesse tão convencida de ele ser a minha alma gémea, diria que ele é demasiado bom para mim.

– E não disse mesmo que hospital era? Ou para que zona tinha de ir?

– Não. Limitou-se a partir noite adentro, como um super-herói belo e nobre.

– Com licença, não lhe estou a pagar para conversar com os convidados.
– Viro-me para ver a mulher do auricular a olhar-nos, furiosa, com as faces vermelhas de ira. Lança as mãos ao ar. – Nunca, mas nunca lidei com tanta falta de profissionalismo na minha vida. Estão despedidas. Por favor, saiam. E se o Maurice Alabaster tiver algum juízo, correrá convosco sem hesitar.

Abro a boca, de orgulho estranhamente ferido por ser despedida de um emprego que, na verdade, não tenho.

A Frida coloca-se à minha frente, de braços cruzados sobre o peito.

– Não podem despedir-nos, porque, adivinhe, minha senhora? Nós
DEMITIMO-NOS.

Fico de olhos arregalados enquanto a Frida me dá a mão e me arrasta em
direção à saída.

– Vamos lá, Delphie. Vamos embora desta espelunca.

CAPÍTULO VINTE E UM

No exterior, a Frida desata a rir.

– Sempre quis dizer: «DEMITO-ME!» – Os olhos dela brilham. – Mas não tens muita hipótese quando o teu trabalho é passear cães. Ha-ha! – Vamos embora desta espelunca! – repete. – Não consigo acreditar que disse aquilo!

Não consigo deixar de sorrir com a excitação dela, apesar do meu crescente pânico interno por não só ter perdido o Jonah outra vez, mas também por as hipóteses de o encontrar num hospital aleatório, quando há tantos em Londres, e todos tão grandes, serem quase nulas.

Preciso de voltar para casa e elaborar um novo plano. Talvez convencer a Merritt a dar-me uma pista. Certamente, nesta altura, ela já percebeu que a sorte não está do meu lado, apesar dos meus melhores esforços. Caminhamos até à paragem de autocarro mais próxima, mas percebemos que a fila tem pelo menos trinta pessoas, devido à greve no metro. Um autocarro cheio de gente passa diretamente pela paragem sem sequer se dar ao trabalho de parar.

Abro a aplicação de táxis e carrego no botão, apesar do preço inflacionado. De alguma forma, o gasto excessivo já não me causa o mesmo medo que antes: não tenho nada a perder!

– Lamento que não tenhas encontrado o Jonah – diz a Frida, assim que estamos confortavelmente instaladas no banco de trás de um táxi com ar condicionado. – Consigo perceber que te sentes muito atraída por ele. Fizeste bastante alvoroço na aula de desenho. Pergunto-me se alguma vez seremos autorizadas a lá voltar...

– É muito, muito mais do que atração – murmuro. – Não faria tanto alvoroço se fosse apenas atração.

– Ah. Gostava de encontrar algo que fosse muito mais do que atração. – A Frida parece sonhadora por um momento, recostando-se no encosto da cabeça, apoiando os braços atrás do pescoço. – Mesmo só atração já é difícil que chegue de encontrar. Pensei que em Londres ia conhecer muitas pessoas, mas toda a gente está sempre – começa a fazer uma espécie de imitação robótica – de olhos no chão: não falem comigo, não é permitido fazer contacto visual na linha Central! Pensei que talvez o Claude, da aula de desenho, fosse simpático. Mas não foi. Pensei que o Gant era a minha alma gémea. Mas ele deixou-me. E agora, o que é que eu faço?

– Já ouvi dizer que, na verdade, temos até cinco almas gémeas – digo, lembrando-me do que a Merritt me disse na Eternidade.

– Quem te disse isso? – A Frida tira os braços de trás da cabeça e inclina-se para a frente. – Foi a Gwyneth Paltrow? Porque eu não confio nela. Nunca mais confiarei na Gwyneth Paltrow ou na revista dela.

Eu rio-me.

– Tenho de saber mais sobre o que ela fez para te deixar tão zangada.

– Nunca vou partilhar. É demasiado humilhante.

– Não. Não foi a Gwyneth Paltrow. Foi uma mulher que conheci recentemente. Ela... bem, ela na verdade apresentou-me ao Jonah. Foi ela que viu que havia algo de especial entre nós. Disse-me para ir atrás dele.

– Ela parece ser muito perspicaz. Adoraria conhecê-la.

– Confia em mim, não queres conhecer esta mulher.

– Acho que farei o que for preciso para encontrar o amor. Até tenho andado a aprender umas coisas sobre bruxaria, e embora a bruxaria possa ajudar de muitas maneiras, não pode trazer o verdadeiro amor até ti. Isso fica a cargo do destino.

Decido não ficar chocada com a forma estranhamente casual com que a Frida se refere a adotar bruxaria, porque quem sou eu para questionar quaisquer inclinações sobrenaturais quando sou, literalmente, uma pessoa morta, na Terra só por um período emprestado? Em vez disso, peço-lhe para me falar um pouco mais sobre o Gant. Ela conta que esteve com ele durante dois anos e que ele acabava com ela mais ou menos uma vez por mês porque mudava de ideias constantemente sobre se estava ou não apaixonado por ela.

– Eu fui solteira a vida inteira – digo enquanto viramos para a minha rua.
– Não é assim tão mau. Parece-me que o Gant deixar-te foi um mal que veio por bem.

– A minha cabeça sabe disso, mas acho que o coração vai precisar de algum tempo até perceber.

Quando chegamos ao meu prédio, percebo que o Aled está encostado à minha porta de entrada, olhando intensamente para o telemóvel. Saímos do carro.

– Aled! – exclamo, um enxame de culpa a envolver-me por não ter respondido à mensagem dele, e um lampejo de alarme por ele ter aparecido à minha porta em consequência disso. – Que estás aqui a fazer?

O Aled cumprimenta-me com um aceno.

– Não respondeste à minha mensagem. Passarmos de tão amigos para nada de nada fez-me pensar que talvez tivesses bebido demasiado, ou que algo terrível te tivesse acontecido.

– Desculpa – digo. – Mas aqui estou eu. Viva!

Por quanto tempo, quem sabe? Mas por agora, sim.

– Quem é este? – pergunta a Frida com uma voz estranha.

– Este é o Aled, que trabalha na Biblioteca de Tyburnia. Aled, esta é a Frida, passeadora de cães profissional aqui da zona.

– Sou amiga da Delphie – diz a Frida, estendendo a mão.

– Eu também! – exclama o Aled, como se isso fosse uma coincidência que devesse ser investigada por especialistas.

– Obrigada pela companhia, Frida – digo, destrancando a porta e dirigindo-me para dentro. – E por... sabes, dançares comigo.

– Foi um prazer. – A Frida entra no corredor comigo. O Aled segue-a. Estarão eles à espera de que os convide a entrar? Eu não convido pessoas a entrar. Nunca convidei pessoas a entrar.

– VAMOS EMBORA DESTA ESPELUNCA! – grita ela mais uma vez, com as mãos nas ancas. O Aled ri-se alegremente à custa disso, embora não tenha ideia do que quer ela dizer.

Em poucos segundos, o Cooper espreita para o corredor para ver o que está a causar o barulho.

Olha para mim com curiosidade, como se não soubesse quem sou, e depois as sobrancelhas dele levantam-se, o olhar passando pelo meu cabelo.guardo que ele faça algum comentário desagradável, mas, em vez disso,

olha para o Aled e para a Frida alternadamente, com uma expressão de perplexidade no rosto.

– Desculpa a barulheira – diz a Frida a rir. – Fomos à procura de um homem no Shard. Foi uma noite muito divertida e estamos todos um pouco excitados.

– Encontraram-no? – pergunta o Cooper, ainda de sobrancelhas erguidas. Eu abano a cabeça negativamente e abro a boca para lhe agradecer pela mensagem de desculpas, mas, antes de o conseguir fazer, o Aled suspira alto.

– Espera lá! – O Aled semicerra os olhos para o Cooper. – Eu *sabia* que te conhecia!

Os ombros do Cooper afundam-se.

– Tu és o R. L. Cooper!

Franzo a testa.

– Quem é que vem a ser esse R. L. Cooper?

– Um dos melhores escritores de policiais da nossa geração! – A voz do Aled sobe de volume com o entusiasmo. – Os teus livros estão sempre requisitados na biblioteca. Mas já não há saí nenhum há tanto tempo. Porquê? Uau. O R. L. Cooper em pessoa. Diz-me, R. L., como é que tiveste a ideia do assalto ao banco no livro *O Dinheiro Mutila, o Dinheiro Mata*? Foi genial. Como é o teu processo criativo? Onde encontras inspiração?

O Cooper é escritor? De romances policiais? Pensei que fosse programador informático. Espera – é assim que ele tem acesso à base de dados da polícia? Os escritores de policiais geralmente têm contactos na polícia que os ajudam na pesquisa – ou, pelo menos, é isso que acontece num dos meus programas de TV preferidos, *Assassínio na Aldeia Bonita*. Foi assim que ele conseguiu localizar o Jonah tão depressa? Olho para o Cooper e vejo que ele está agora a mexer-se, apoiando-se num pé e depois no outro, claramente desconfortável com a linha de interrogatório do Aled.

– Ok! – Bocejo de uma maneira tão exagerada que é impossível o Aled ignorá-la. – Eu tenho mesmo de ir. Frida, vais bem para casa a partir daqui?

– Claro! São só cinco minutos a pé até à Edgware Road.

– A Edgware Road fica no meu caminho! – diz o Aled a sorrir.

– Vamos juntos? – A Frida esboça um sorriso amável. – Adoraria ouvir tudo sobre a biblioteca.

Não consigo deixar de sorrir. Como é que a Frida não tem mais amigos é algo que ultrapassa a minha capacidade de compreensão. Nunca na vida conheci alguém tão à vontade com pessoas novas. Eu sinto um desconforto físico quando tenho de fazer conversa de circunstância, mas ela até parece gostar dessas conversas.

– Voltarei! – Diz o Aled ao Cooper, enquanto a Frida o conduz dali para fora. – Temos de marcar um evento na biblioteca para ti. E, Delphie, entrarei em contacto contigo sobre o assunto «melhores amigos», não penses que me esqueci!

Assim que fecho a porta ao Aled e à Frida, o Cooper aclara a voz.

– Obrigado. Já há algum tempo que não era reconhecido.

Bocejo novamente.

– Não há problema.

O Cooper parece estar prestes a dizer mais alguma coisa quando a porta de Mrs. Ernestine range e a cabeça dela surge à porta, o rosto enrugado todo franzido.

– Isto aqui fora é pior do que a estação de King's Cross – esbraveja. – Nenhum de vocês tem casa para onde ir? Estou a tentar comer a minha lasanha e ver o *Breaking Bad* e só consigo ouvir balbúrdia e portas malditas a bater. Toda a gente a entrar e a sair como se isto fosse o raio de uma via pública.

Mrs. Ernestine aterroriza-me. Sempre que a vejo, está a discutir com alguém. Na rua ou no corredor. Às vezes, quando passo pela porta dela, ouço-a gritar dentro do apartamento, só Deus sabe com quem. Além disso, ela tem uma tatuagem nos nós dos dedos que diz NEVER AGAIN. Dou por mim muitas vezes a tentar imaginar o que significará, e cada conclusão a que chego reforça mais ainda a minha determinação em afastar-me dela.

– Desculpe, Mrs. Ernestine – digo, o mais educadamente possível, inclinando um pouco a cabeça.

– Sim. Desculpe – acrescenta o Cooper, inclinando também um pouco a cabeça.

Estará ele a gozar comigo?

Mrs. Ernestine revira os olhos e afasta-se para dentro de casa, olhando-nos até a porta voltar a fechar-se.

O Cooper estende a mão na minha direção, e eu tenho a certeza de que ele me vai tocar na bochecha – pensamento que me faz corar –, mas a sua mão move-se com rapidez para o meu cabelo, retirando de lá algo devagar.

Segura uma pétala amarela entre o dedo e o polegar. Eu dou umas palmadinhas na cabeça, constrangida. Deve ser da coroa de flores da Frida.

– Obrigada – digo rigidamente, antes de me virar e correr até ao meu apartamento, batendo a porta depois de entrar.

*

Já em casa, pego imediatamente no computador portátil e pesquiso o nome do Jonah mais dançarino e Shard.

Ainda nada? Caramba.

– Porque é que és tão tremendamente esquivo, Jonah? – resmungo. – A minha vida depende literalmente de ti.

Imagino o Jonah a sorrir para mim, enquanto passa a mão pelo seu adorável cabelo cor de caramelo. *Eu valho o esforço*, diz ele na minha imaginação. Imagino-me a passar as minhas próprias mãos pelo cabelo dele, e um pequeno arrepio de deleite amolece-me a ansiedade por um breve e bonito momento.

– Merritt, tens de me ajudar – murmuro. – Não consegues ver que estou a fazer tudo o que posso? Por favor!

Espero por uma mensagem, uma aparição, *qualquer coisa*. Mas não acontece nada. Com um suspiro, tiro da mala os esboços da aula de desenho e desenrolo-os na mesa da cozinha, prendendo-os com saleiros e pimenteiros. Toco ao de leve com o dedo num deles, um grande plano do rosto da Kat desenhado em estilo livre, quase solto. Sinto-me animar, ainda que de modo involuntário. Isto é bom. Olho de relance para a pilha de tintas a óleo que passo a vida a comprar, mas que tenho medo de abrir. Pergunto-me brevemente como seria a vida se eu nunca tivesse deixado de criar arte. Afasto tal pensamento.

Ouçó bater à porta com força.

O meu coração dá um pulo. Merritt? Embora ela seguramente nunca fizesse nada tão vulgar como *bater à porta*.

Abro e vejo o Cooper, de braços cruzados.

Suspiro.

– Se me trazes alguma coisa que possa ser considerada stressante, ainda que muito ligeiramente, imploro-te que regresse ao local de onde partiste. Foi um dia complicado.

– «Ao local de onde partiste»? Porque é que estás a falar assim?

Eu semicerro os olhos.

– Na verdade, não sei bem. Acho que é por causa da tua postura formal. A rigidez, sabes? Reajo em concordância.

– A rigidez?

– Ah, vá lá. Deves ter noção disso – digo, recuando para dentro de casa enquanto ele dá um passo grande, entrando e fechando a porta. – Ousaria mesmo dizer que é algo que tu cultivas.

– Tal como tu e a tua farsa de lobo solitário. E é uma farsa.

– Deves saber tudo sobre farsas, se ganhas a vida a inventar coisas.

– Já não. – Aclara a voz, atravessa a sala e senta-se no meu sofá sem ser convidado. As calças de ganga sobem-lhe um pouco. Traz meias amarelas.

Lanço as mãos ao ar.

– O que é que tu queres? Estou neste momento a tentar encontrar uma solução para um grande problema na minha vida, e tenho pouco tempo.

– Compreendo. Posso ajudar?

Semicerro os olhos. Ele só pode estar a oferecer ajuda porque...

– Precisas de outro favor?

O Cooper mexe-se e passa a mão pelo queixo.

– Preciso. Ia perguntar-te lá em baixo, mas tu fugiste, literalmente. – A sua voz espelha incredulidade.

Eu bufo.

– Como te disse, estou sem tempo. De qualquer forma, não ouviste o que acabei de dizer sobre trazeres-me mais confusão?

– Como tu fizeste comigo quando invadiste o meu apartamento e insististe para que eu te ajudasse? Olha, lamento muito ter sido rude contigo na outra noite. A minha irmã... Não é um assunto sobre o qual eu fale. Nunca. Com ninguém.

Eu recuo ligeiramente.

– Eu percebo. Não devia ter sido tão intrometida. Como é que te posso ajudar?

A boca do Cooper contrai-se para o lado.

– A minha mãe...

– A Amy. Sim.

– Ela quer que vás connosco ao aquário. Para conheceres a minha tia Beverley. Amanhã de manhã.

Franzo o nariz.

– Desculpa, mas não posso. Preciso de ir ao parque outra vez para ver se encontro o Jonah.

– Ainda não o encontraste?

Expiro com força.

– É... complicado.

O Cooper inclina a cabeça para o lado e cruza as pernas.

– Já consideraste a possibilidade de ele estar a evitar-te deliberadamente?

Faço uma careta.

– O Jonah não é assim.

– E no entanto...

– Já disseste o que tinhas a dizer, Cooper? Tenho coisas para fazer.

O Cooper inclina-se para a frente.

– Também só precisas de uns minutos para informares o Jonah do... problema. E depois ficas livre, certo?

Suspiro. Se ao menos fosse tão assim simples. Mas não é. Não só tenho de localizar um homem que parece nunca ficar tempo suficiente no mesmo sítio, como ainda tenho de o levar a beijar-me praticamente sem preâmbulo algum. Não posso andar a perder tempo a passear num aquário no meio disto tudo.

– Talvez noutra altura? – Detenho-me por um momento, dominada pela curiosidade. – Mas por que raio é que a tua mãe quer que eu conheça a tua tia?

O Cooper olha para os pés, que, como de costume, trazem botas calçadas, embora um dos atacadores esteja desapertado.

– Ela, bem, ela, hum, ela gostou de ti. Por alguma razão desconhecida, gostou muito de ti.

– Deus nos livre de alguém gostar da minha companhia.

O Cooper suspira.

– A minha tia Bev vai viajar para o Nepal amanhã à noite, para ir fazer caminhadas. Assim que a minha mãe lhe disse o quão «agradável» tu és, ela insistiu em conhecer-te antes de se ir embora... Ela é muito mandona: a minha mãe tem um certo medo dela. Todos temos, para ser sincero.

Ouvir que a Amy gostou muito de mim aquece-me o coração. Eu também gostei muito dela. Gostei da maneira como me senti quando ela me afagou a nuca. Engulo em seco e sinto um aperto estranho no peito.

– Porquê o aquário?

– A Bev adora todas essas coisas turísticas – diz ele vagamente. – E, bem... os peixes tropicais são fixos.

Aceno em concordância. Os peixes tropicais são *mesmo* fixos. E rever a Amy soa-me bem. Muito bem, na verdade. Mas não posso. Estou neste momento numa situação de vida ou morte, e a sorte não parece estar do meu lado. Não posso perder tempo a olhar para criaturas marinhas.

– Desculpa – digo com um ligeiro encolher de ombros. – Não posso mesmo.

O Cooper anui com a cabeça rapidamente.

– Claro. Sim, claro. A minha mãe pediu-me para te convidar, por isso, bem, eu convidei-te. Vamos encontrar-nos antes para tomar café no Laurents, se mudares de ideias.

Assinto com a cabeça.

– Tens de compor isso – digo, apontando para o atacador desapertado.

O Cooper ata rapidamente o atacador, dando um nó duplo e puxando com tanta força que me pergunto como é que ele vai conseguir desatá-lo.

– Então – digo quando ele se levanta –, tenho vivido este tempo todo por cima do melhor escritor de policiais da nossa geração?

– Oh, nunca fui tal coisa. E já não escrevo.

– Parece-me uma ocupação demasiado fixe para a trocares pela programação...

O Cooper aponta para a porta.

– Tenho de me ir embora.

A caminho da saída, ele detém-se junto à mesa da cozinha, a olhar para os meus esboços de nus. Raios.

– Isso é privado! – digo bruscamente, avançando naquela direção.

– São bonitos – murmura ele, dobrando os joelhos para ver mais de perto, inclinando a cabeça para o lado.

Faço-lhe sinal para se afastar.

– Não são assim tão bons. Na verdade, já não desenho muito. Foi só desta vez.

O Cooper estica-se de novo e olha diretamente para mim.

– São bonitos, Delphie – repete, numa voz estranhamente suave.

Engulo em seco e olho para baixo, fitando os pés.

– Bem, obrigada – murmuro, com um sorriso a querer desenhar-se nos cantos da boca.

– Então, adeus – diz o Cooper, a sua voz regressando à confiança normal. – Boa noite.

Observo-o a sair do meu apartamento, com uma estranha sensação de decepção na barriga. Espreito novamente os meus esboços, vendo-os através dos olhos do Cooper.

Talvez sejam bonitos.

Pego no telemóvel e tiro algumas fotos para enviar à minha mãe.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Em vez de tentar adivinhar, feita louca, em que parte do parque poderá estar o Jonah, sento-me à entrada da piscina do lago Serpentine, na esperança de que o grupo de corrida dele siga a mesma rota todas as manhãs. Compro uma garrafa de água no carrinho ali próximo e sento-me num banco com vista para os caminhos à esquerda e à direita. Desta forma, conseguirei vê-lo aproximar-se com antecedência, independentemente da direção de onde venha a correr. Enquanto espero, observo sem grande interesse os primeiros nadadores matinais e imagino como deve ser agradável estar na água fresca com este calor insano. Avisto um casal de idosos a chapinhar na extremidade distante da água, rindo-se como adolescentes. Pergunto-me como se terão conhecido, e se terão sabido desde logo que eram almas gémeas.

O meu telemóvel vibra.

Só estou a enviar isto porque a minha mãe insistiu, mas ela quer que saibas que nos encontramos no Laurents às 9, caso tenhas tempo para te juntares a nós para um café antes de irmos para o aquário. Melhores cumprimentos, Cooper.

Digito uma resposta.

Estou à espera para ver se o Jonah está outra vez a correr no parque, mas não há sinal dele. Provavelmente devo continuar à espera, mas por favor agradece à tua mãe o convite.

Envio.

Em seguida, não consigo evitar escrever:

Melhores cumprimentos? Assinas as tuas mensagens com «melhores cumprimentos»?

Que sugeres em vez de «melhores cumprimentos»?

Mordo o lábio e penso um pouco.

Acho que não é necessário assinar formalmente. Talvez apenas um emoji relevante funcione.

Alguns segundos depois...



Dou uma gargalhada sonora, apanhada de surpresa. Depois, apercebendo-me de que não devia ficar a olhar para o telemóvel quando o Jonah pode passar a qualquer momento, respondo com  e volto a enfiar o telefone no bolso.

*

Passada uma hora sem sinal do Jonah, considero mudar para outro local. Mas e se for nesse exato momento que ele aparece?

Ao fim de duas horas de espera, telefono para o Centro de Lazer de Kensington e informam-me de que o clube de corrida foi cancelado pelo resto da semana devido às temperaturas perigosamente altas. Quando peço à rececionista para, *por favoor*, me dar o contacto do Jonah, ela reage como o Claude na aula de desenho – como se fosse um ultraje absoluto eu pedir-lhe para fazer algo tão pouco profissional.

Regresso, desanimada, ao meu apartamento, com a cabeça a girar de pânico, as axilas encharcadas de suor, o coração apertado de dúvida sobre o que raio devo fazer a seguir.

– Merriiiiittttt, ajuda-me! – sussurro, já sabendo que ela não me vai responder de onde quer que esteja escondida.

Lembro-me da Kat na aula de desenho. Pareceu-me que ela poderia ter sido persuadida a falar, se o Claude não estivesse lá para a impedir. Será que consigo localizar a Kat? Mas como? Sei ainda menos sobre ela do que

sei acerca do Jonah.

– Aaaaargh – resmungo para mim mesma enquanto caminho pela Craven Road. Tiro o telefone do bolso e pesquiso no Google: modelo de nus Kat Londres.

Grande erro. Uau, há tantas mulheres maduras excitadas na minha área.

– Delphie! Sempre vieste!

Sou arrancada à minha pesquisa *online* para maiores de dezoito e dou com o Cooper, a mãe dele, a Amy, e uma mulher perfeitamente redonda, perfeitamente composta, a beber cafés gelados na esplanada do café Laurents. Oh, raios. Ele disse que se iam encontrar aqui. Devia ter dado a volta pelas traseiras.

– Olá! – Faço-lhes um aceno educado. – Na verdade, ia a caminho d...

– Estou tão contente por estares aqui! – A Amy levanta-se da cadeira e puxa-me para um abraço apertado que acalma um pouco o meu coração acelerado. – Fiquei tão desiludida quando o Cooper disse que não podias vir. Sabia que se esperássemos aqui um pouco mais, poderias aparecer!

– Na verdade, eu não... – Ia dizer-lhes que até me tinha esquecido de que eles viriam para ali, mas a Amy encosta suavemente a mão à minha nuca e as palavras desaparecem-me da língua.

Assim que a Amy me larga, sou imediatamente envolvida num segundo abraço, mais maternal, pela outra mulher. O cheiro do perfume dela é um adorável cedro subtil. Os seus braços nus colam-se aos meus braços nus. Deve ser a «insistente» tia Bev.

– É um prazer conhecê-la – digo, com a cara toda enfiada no pescoço dela.

– Querida menina! – exclama a Bev, recuando e examinando-me como se fosse uma querida amiga que não via há anos. – Que maravilha! Assim que a Amy me disse que fizeste rir o nosso rapaz eternamente carrancudo, eu disse: «Meu Deus, tenho de ver isso com os meus próprios olhos imediatamente!» Ele tem andado tão infeliz nos últimos anos. Todos nós lhe pedimos para fazer psicoterapia, mas é claro que ele pensa que sabe mais do que os mais velhos e os muito, muito *mais sábios*. Mas talvez durante todo este tempo ele apenas precisasse de *amor*.

– Nós só começámos a namorar há algumas semanas, Bev – suspira o Cooper, terminando o seu café.

A Bev resmunga.

– Eu e o teu tio Jerry, que descanse em paz, soubemos, em meio segundo, que nos amávamos. O tempo não significa nada. A química é que conta!

O Cooper evita o meu olhar arregalado, horrorizado com a indiscrição da tia, e as bochechas dele coram ligeiramente. Não consigo deixar de rir com o desconforto dele. Nada desfaz mais depressa a pose cuidadosamente cultivada de uma pessoa do que estar perto das pessoas que a criaram.

– Chamamos um táxi para ir até ao aquário?

Franzo o nariz. Eu devia mesmo voltar para casa e arranjar um novo plano. Mas a Amy parece genuinamente feliz por me ver. E a Bev já está a caminho, falando-me, entusiasmada, do seu peixe preferido. E depois, o Cooper, que me olha com uma expressão que parece suplicante. Ele claramente quer manter a mãe sorridente. Eu compreendo. Deus sabe que tentei fazer o mesmo com a minha, depois de o meu pai a ter abandonado.

– Não vamos ficar lá muito tempo – murmura o Cooper ao meu ouvido.
– E eu fico a dever-te uma. *Outra vez.*

Talvez não fosse fazer grandes progressos na próxima hora, de qualquer forma. E, quando voltarmos, a ajuda do Cooper *ser-me-á* útil. Talvez ele possa usar a sua proficiência informática para localizar a Kat, que acho que até me daria o número do Jonah se eu lhe pedisse muito.

– Ok, então – digo alegremente. – Mas tenho de ir a casa tomar um duche primeiro. Estou um bocado transpirada.

– Oh, podes tomar banho mais tarde – diz a Bev, descartando a minha sugestão com um aceno. – Estás entre amigos.

– Junta-te ao clube dos transpirados! – diz a Amy, passando o braço à minha volta.

– Transpirados unidos! – acrescenta a Bev, enlaçando o braço no meu e chamando um táxi com um gesto eficaz.

– Falem por vocês – diz o Cooper, tapando o nariz enquanto nos amontoamos todos dentro do táxi.

*

Nunca tinha ido ao Aquário de Londres. Sempre imaginei que seria sereno e vazio. Só iluminação suave e *nerds* dos peixes a falar em voz baixa. Estava tão enganada. O Aquário de Londres é barulhento p’ra caraças, com multidões de pessoas a empurrar e a gritar e a encostar a cara

ou os telemóveis aos vidros dos tanques. A Bev leva-nos imediatamente para uma área chamada secção *Syngnathidae*, e é um alívio descobrir que é muito mais calma do que lá em baixo: os tanques estão cheios de pequenas criaturas espinhosas que não são tão chamativas como os tubarões e as medusas, mas, ainda assim, são mágicas.

– São mais pequenos do que eu pensava – digo, apontando para os cavalos-marinhos, inclinando a cabeça para os ver mais de perto. – Mas são lindos. Como pequenas joias.

– Custa-me acreditar que estejam vivos – diz a Amy. – Que respirem.

– A-ha! – diz a Bev, apontando para um painel informativo ao lado do tanque. – O *Hippocampus histrix*, ou cavalo-marinho, como é mais conhecido, permanece com um único parceiro a vida inteira! Sempre que eu trazia cá o Cooper e a Em, quando eram pequenos, eles corriam logo para aqui. Costumavam sentar-se em frente ao tanque, entrelaçando os dedos mindinhos como os cavalos-marinhos entrelaçam as caudas.

Olho para o Cooper, que está a olhar intensamente para um sinal na parede que diz SAÍDA POR AQUI.

– Olha para aqueles dois ali! Estão agora mesmo a entrelaçar as caudas!

A Amy aponta para um canto distante do coral, onde estão, de facto, dois pequenos cavalos-marinhos com as suas pequenas caudas entrelaçadas.

– Temos mesmo de tirar uma foto – diz a Bev, decidida. – Cooper, querido. Delphie. Vamos lá. Ponham-se aqui. Ah, e beijem-se! Beijem-se junto aos cavalos-marinhos. Que romântico!

A Amy empurra o Cooper para longe do sinal de saída e em direção à parte da frente do tanque, enquanto a Bev me arrasta com tanta força que quase tropeço nos meus próprios sapatos.

– Não, não é preciso tirar nenhuma foto. – O Cooper abana rapidamente a cabeça. – Vamos só guardar na memória, sim?

– Sim! – concordo firmemente. – Analógico. Além disso, não queremos atrapalhar os outros visitantes.

A Bev faz beicinho.

– Não sejam ridículos, não está quase mais ninguém aqui dentro. – Recua e levanta o telefone. – Vamos lá. Deem um beijo junto aos cavalos-marinhos. Agradecem-me no vosso casamento.

A boca do Cooper forma uma linha rígida, os ombros mais curvados do que alguma vez os vi. Olho em volta, em pânico. Não posso beijá-lo, nem mesmo a fingir.

A Amy ri-se.

– Bev, deixa-os em paz.

Suspiro. *Obrigada, Amy*. Mas depois a Amy reconsidera.

– Não precisam de se beijar, se se sentirem desconfortáveis à nossa frente. Mas talvez possam olhar um para o outro para a fotografia? Olhos nos olhos.

– Sim, e deem as mãos! Olhem um para o outro e deem as mãos!

Cristo.

– Vamos lá acabar com isto – murmura o Cooper pelo canto da boca.

Suspiro e viro-me para ele em frente ao vidro.

– Deem as mãos! – grita a Bev.

– Tens razão. Ela é muito insistente – sibilo, enquanto o Cooper estende a mão para segurar na minha. Recuo com as duas mãos.

O Cooper belisca a ponte do nariz.

– Tenta detê-la quando ela mete uma coisa na cabeça. Eu tentei a vida inteira. A única pessoa que conseguia ser mais insistente do que ela era a Em.

Olho para a Bev. Abro a boca para lhe dizer que isto é ridículo e que ela não nos pode obrigar a tirar uma foto romântica em frente a uns cavalos-marinhos. Mas depois vejo a Amy ao lado dela. Tem as mãos junto ao peito e sorri como se isto fosse a coisa mais divertida que lhe aconteceu em anos.

– Tirem lá a fotografia – digo o mais educadamente que consigo, colando um sorriso no rosto e erguendo o olhar para o Cooper. Ele pega nas minhas mãos novamente. Depois, tão devagar que nem tenho a certeza de que esteja mesmo a acontecer, ele curva o dedo indicador para cima, passando-o na palma da minha mão. Engulo em seco e franzo-lhe ligeiramente a testa. O rosto dele não muda. Ele não deve ter noção do que está a fazer. As minhas narinas dilatam-se em sinal de alarme com as sensações que o dedo do Cooper está a causar. Estou tão desabituada do toque humano que até uma carícia acidental de alguém que não me interessa me faz corar da cabeça aos pés.

– Três! Dois! Um! – A Bev faz a contagem decrescente.

O Cooper e eu olhamo-nos e eu reparo que a luz vinda do tanque de peixes faz os olhos dele parecerem que estão a dançar.

– Oh, diabo... Carreguei no botão errado – grita a Bev. – Ok, deixem-me tentar outra vez.

O Cooper continua a olhar para mim, aparentemente imperturbável. Começo a sentir a transpiração arder-me na nuca.

– Por amor de Deus – canto, ainda de sorriso falso nos lábios. Está tanto calor aqui. Queria que ela se despachasse.

– Oh, esperem, queridos. Parece que carreguei no botão para a aplicação da calculadora.

– Não é este? – A Amy junta-se-lhe, apontando com o dedo para o ecrã do telemóvel. – Ah, caramba. O que é que eu fiz?

A sala enche-se com os sons metálicos de «Killing Me Softly⁴», de Roberta Flack.

– Amy, ligaste o Spotify. Vocês os dois, não se mexam! Mantenham a pose. Oh! A-ha! *Aqui* está a coisa da câmara.

– Matem-me suavemente – murmuro.

O Cooper aperta os lábios, que começam a ficar descoloridos. Que sorriso estranho. Semicerro os olhos. Ele está bem?

Os ombros dele começam a tremer. Depois, abre a boca e curva-se para a frente, e uma explosão de riso enche o ar.

Dou um salto de susto ao ouvi-lo, com as mãos no rosto. E depois a visão deste homem rígido e perenemente altivo a rir de forma tão desinibida contagia-me e deixo escapar uma pequena gargalhada. O Cooper engasga-se, o que me faz rir ainda mais, e, em menos de nada, estamos os dois dobrados para a frente, a gritar tão alto que mal conseguimos respirar.

Vejo um *flash* de luz pelo canto do olho.

– Eu bem disse que ela o fazia rir – diz a Amy.

– Nunca teria acreditado – diz a Bev, a rir. – Mas é verdade! E agora tenho uma prova fotográfica!

Quando acabamos de dar a volta ao aquário, saio a correr para a casa de banho. Dirijo-me à fila de lavatórios para lavar as mãos quando vejo que um dos espelhos está coberto de um batom tão cor de laranja que só pode pertencer à Merritt.

Estás a divertir-te no aquário? Vais ter de te esforçar mais do que isso, querida. Só te restam cinco dias para encontrar o Jonah, ou não tenho outra escolha senão trazer-te de volta à terra dos Mortos! Assinaste um contrato!!!

Mexo-me desconfortavelmente. Ela tem razão. Estou a divertir-me no aquário. Já estou aqui há demasiado tempo. Cinco dias não é nada.

– Então, ajuda-me! – grito, frustrada, para o ar, para espanto de uma mulher que sai de uma das cabinas, mantém uma ampla distância de mim e lança um olhar sugestivo ao espelho. Abro a torneira com toda a força e arrefeço os pulsos sob o fluxo. – Estou disposta a esforçar-me mais, acredita em mim – digo para onde quer que a Merritt esteja. – Mas estou presa. Não sei mesmo o que fazer a seguir! O Cooper vai ajudar-me a procurar a Kat quando voltarmos, mas, tirando isso, estou perdida e, francamente, assustada. Por isso, dá-me uma ajudinha. – Espero por uma resposta. Nada. Lá se foi ela outra vez. – Fixe. Muito fixe. Obrigada, Merritt.

Suspiro, salpicando as bochechas quentes e pegajosas com água fria. Já procurei *online*, no The Orchestra Pit, no parque, na aula de desenho e no Shard! Encontrei sempre um azar terrível e obstáculos estúpidos. Penso no que o Cooper disse ontem à noite, sobre o Jonah andar a evitar-me deliberadamente. Mas isso não pode ser possível. Ele não sabe que eu existo. Ou será que sabe?

Assim que a água fria me ajuda a arrefecer um pouco, desligo a torneira, notando, ao fazê-lo, num pequeno logótipo na borda do lavatório. LONDON ALABASTER. Algo faz clique no meu cérebro: um pequeno estalido a princípio e depois um raio. Tenho uma visão da mulher irritadiça no Shard, na noite passada. A perguntar se o Maurice Alabaster nos tinha mandado para lá para dançar, e a dizer que iria reclamar ao Maurice Alabaster. Depois, lembro-me de como a rapariga do norte, do vestido com joias, disse que o Jonah estivera a dançar no pódio antes de mim. Hum. O Maurice Alabaster deve ser o empresário ou agente do Jonah, ou algo assim...

Seco rapidamente as mãos com uma toalha de papel e pego no telemóvel para pesquisar. Bingo! A Agência de Talentos e Casting de Maurice Alabaster! Desço rapidamente pela lista de bailarinos e – oh, meu Deus – lá está ele! É o Jonah – uma foto a preto-e-branco dele com um ar bonito e

doce e gentil, tal como na Eternidade. Mas o nome dele não aparece como sendo Jonah Truman. Diz Jonah Electric. Oh. Será um nome artístico? Será por isso que não apareceu em nenhuma das minhas pesquisas na internet?

Leio o currículo dele, arregalando os olhos ao ver que o Jonah é ator e bailarino e, no ano passado, entrou numa produção de *Cats* num cruzeiro pela Riviera Francesa. Imagino-o com um fato felpudo e bigodes pintados no rosto. Remeto imediatamente aquela imagem para a caixa da desgraça trancada no meu cérebro e volto acima no *site* para lhe admirar os olhos calorosos e brilhantes. Lá está ele. Jonah – ator, bailarino, salvador da minha vida, minha alma gêmea.

Olho outra vez para o recado escrito a batom no espelho e depois digito uma mensagem.

Cooper, tenho uma pista encorajadora sobre o Jonah e tenho de ir. Por favor, pede desculpa por mim à Amy e à Bev.

Se eu encontrar o Jonah, terei muito gosto em voltar a passear com eles. Mas se não encontrar o Jonah, nunca mais passarei tempo com ninguém além da Merritt e de qualquer outro Morto que ela me arranjar com o seu estranho serviço de encontros. O Cooper responde imediatamente com , o pior, mas mais eficiente de todos os emojis. Ainda assim, uma melhoria em relação a assinar com «Melhores cumprimentos, Cooper».

– Talvez eu não precise da tua ajuda, afinal! – grito para a Merritt. – Talvez consiga descobrir sozinha.

Então, desço as escadas do aquário, passo pelos turistas e pelos *nerds* dos peixes, e corro lá para fora, para o sol.

4. O nome da canção significa «matando-me suavemente». (N. da T.)

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Bem, a minha coleção Abstrata 23 está completamente esgotada! As peças foram todas vendidas ainda antes da exposição!

Isso é ótimo, mãe. Parabéns! Viste o meu desenho? Há algum problema com o teu telefone? Tenho tentado ligar, mas não atendes.

Geralmente, evito a maioria dos lugares fora do meu cantinho na zona oeste de Londres, mas o Soho acima de qualquer outro. O Soho é a zona mais suja, mais sórdida e mais satisfeita consigo mesma de toda a cidade. Os passeios são sempre demasiado estreitos, as pessoas que por lá andam são todas desagradáveis, e há tantos barulhos, cores e cheiros estranhos que, depois, uma pessoa precisaria de se deitar numa sala escura durante uma hora só para relaxar.

Para meu desgosto, a Agência de Talentos e Casting de Maurice Alabaster fica num escritório por cima de um bar na Old Compton Street, mesmo em plena confusão. Após o desastre das mais recentes tentativas de localizar o Jonah nos últimos dias, e com a relutância da Merritt em dar-me qualquer informação, não tenho escolha a não ser ir lá.

Chego ao bar e, à sua esquerda, vejo uma porta preta brilhante com um pequeno interfone na parede de tijolos ao lado. Passo o dedo pelos nomes e botões. A-ha! Aqui está. A Agência de Talentos e Casting de Maurice Alabaster. Carrego no botão do interfone e sou rapidamente saudada por uma voz feminina.

– Nome.

– Delphie. Delphie Bookham.

– Um momento... Não está na minha lista? Confirmou *online* a presença na segunda audição? O sistema tem tido alguns problemas, infelizmente.

– Só estou aqui para falar com o Maurice Alabaster. Estou à procura do Jonah Truman, quero dizer, Jonah Electric, como talvez o conheça, e esperava que o Maurice pudesse ajudar.

A mulher suspira.

– Hoje o Maurice só faz segundas audições. Não tem tempo para mais nada. Pode enviar um *e-mail*. Adeus.

Ouçoo um clique pelo altifalante do interfone. Raios. Isto é demasiado urgente para um *e-mail*.

Sou empurrada para o lado por uma jovem morena que se inclina sobre mim para premir o botão do interfone.

– Nome? – diz a voz do interfone.

– Aqui para a segunda audição. Ellie Damson, marcação das três e meia.

O aparelho apita e a porta abre-se imediatamente para a jovem entrar no prédio. Rapidamente me esgueiro atrás dela e sigo-a discretamente pelas escadas até um escritório um tanto desgastado, com as paredes cobertas por fotos a preto-e-branco emolduradas, como a do Jonah que acabei de ver no *site*.

– Por aqui. – A rececionista aponta para um corredor forrado com alcatifa castanha, mal olhando para mim ou para a Ellie Damson, Marcação das Três e Meia.

Entramos numa pequena sala de espera apinhada de outras mulheres jovens e morenas. Abre-se uma porta, rangendo, e um homem de cabelos brancos e bigode espreita por ela. Tem o rosto enrugado e bronzeado, os olhos cinzentos ligeiramente entediados. Reconheço, pelo que vi no *site*, que este homem é o próprio Maurice Alabaster.

– Rachel Calloway? – chama ele com um suspiro enfadado, olhando para um papel na sua mão. – Três e vinte? – Ninguém responde.

– Rachel Calloway? – repete o homem um pouco mais alto. A Ellie Damson balança a cabeça para outra das morenas.

Uma delas resmunga.

– Rachel Calloway, última chamada?

Ponho-me de pé antes sequer de pensar nisso.

– Sou eu! – digo. – Sim, Rachel Calloway é o meu nome!

O Maurice Alabaster conduz-me a um pequeno escritório triangular e acomoda-se atrás de uma mesa; um portátil cinzento antigo repousando sobre pilhas de papéis e fotos, notas adesivas brilhantes coladas em todas as superfícies. Na parede atrás dele, há fotografias colocadas aleatoriamente do Maurice com o braço em volta de pessoas que reconheço vagamente de programas de televisão antigos. Todas as fotos estão autografadas.

– Não me lembro de te ver na primeira audição, Rachel – diz o Maurice, pondo um par de óculos grandes e quadrados e olhando para o seu portátil.
– Pintaste o cabelo desde então? A produtora pediu-me especificamente morenas.

Ah, sim. Rachel Calloway. Ele pensa que eu sou a Rachel Calloway. Abro a boca para lhe explicar que sou, na verdade, a Delphie Bookham, e que lamento muito ter entrado aqui com um nome falso, mas que vim à procura do Jonah Truman/Electric. E depois lembro-me da reação do Claude na aula de desenho de modelo vivo quando perguntei pelo Jonah. Ele entrou imediatamente em modo protetor – como se eu fosse perigosa ou algo do género. Hum. Não quero mesmo nada que isso volte a acontecer. O Maurice não estaria ainda no ativo se divulgasse os contactos dos seus clientes de forma indiscriminada, especialmente a alguém que se infiltrou no seu escritório com um nome falso.

Não pensei bem nisto. Só estava focada em entrar aqui e agora...

– Pinte o cabelo – explico, com a voz o mais calma possível. – Mas posso voltar a pintá-lo de castanho.

O Maurice resmunga e remexe nos seus papéis. Olho em volta da sala, avistando um arquivo no canto. Aposto que é ali que guarda os *dossiers* dos clientes. Ok. Um plano: preciso de fazer o Maurice sair da sala de alguma forma. Depois, posso esgueirar-me até ao arquivo e procurar o *dossier* do Jonah e todos os seus contactos.

– Então, como sabes, o papel é para a nova polícia na série *Assassínio na Vila Bonita*, e...

Perco-me por instantes nos meus pensamentos. Adoro a série *Assassínio na Vila Bonita*! É um clássico da programação britânica, dá na TV há anos. Antes de o meu pai se ter ido embora, ele e a mãe costumavam ver esta série todos os domingos à noite.

– E hoje só queremos saber um pouco mais sobre ti, e os selecionados para uma terceira chamada voltarão cá para uma reunião com os produtores do programa. Parece-te bem?

Aceno rapidamente. O Maurice dá um gole de sumo verde num copo meio vazio e faz uma careta. Depois recosta-se na sua cadeira de escritório desgastada. Esta range sob o seu peso e ele emite um pequeno «ah» de prazer. Não me parece que tencione mexer-se dali tão cedo, mas eu preciso de que ele se afaste para poder abrir o arquivo.

– Vejo que estudaste na RADA, muito bem – diz o Maurice ao ler o que suponho que seja o currículo da Rachel Calloway. – Tens o teu monólogo preparado?

Os meus olhos disparam de um lado para o outro, como se a solução para o que raio devo fazer neste cenário tão específico estivesse algures ali por perto. A expressão do Maurice suaviza-se.

– Um pouco nervosa? É um papel bastante importante. – Inclina-se para a frente e baixa a voz. – Bem, querida, aqui vai uma dica. Estamos à procura de alguém que se saiba *zangar* a sério, sem reservas. A PC Buttersby tem um temperamento bastante forte, e todas as que vi até agora? – Ele agita as mãos. – Algo subtis. E sei que essa é a tendência agora na HBO e na televisão de prestígio americana e tudo o mais, mas isto é drama britânico de domingo à noite e estou à procura de alguém que não tenha medo de simplesmente... explodir. – Sorri. – Ajuda?

Não, Maurice. Não, não ajuda. O que ajudaria é se saíesses daqui para eu poder ter acesso ao teu arquivo e encontrar a única pessoa à face da Terra que me pode salvar a vida. Preciso de mais tempo para pensar num plano adequado. Preciso de ser mais esperta do que isto.

– Avante. – O Maurice acena com a cabeça.

Respiro fundo.

– Hummm... Vejamos. Um... Hum... *Na-na, na, na, na-na-na. Na-na, na, na, na-na. Getting jiggy wit' it* – começo, antes de fechar a boca.

Delphie, porquê? Porque é que, em momentos de grande stress e pressão, vais imediatamente para o Will Smith? O Maurice quer um monólogo. Não isto! Ele vai-te expulsar.

Merda. Ok. Zangada. Ele disse que queria alguém zangado. Eu consigo zangar-me. Estou sempre zangada! Transformo o rosto numa careta e cruzo os braços sobre o peito. Penso em pessoas que dizem: «Uau.

Simplesmente... uau.» Penso em como é terrível que Mr. Yoon não tenha família por perto. Penso em limpar o ralador de queijo. Penso em como a escola secundária foi horrível. Penso no facto de a minha mãe nunca me ligar de volta. Penso em todos os meus pontos mais baixos, mas, para meu desgosto, em vez de ficar zangada, uma onda de lágrimas percorre-me os olhos. Limpo-as freneticamente. Sou ridícula. Sou completamente ridícula e isto nunca vai funcionar! Devia sair já daqui, ir para casa e esperar pela Merritt. Devia limitar-me a aceitar o meu destino. É inevitável.

O Maurice suspira como se talvez isto já lhe tivesse acontecido.

– Vamos voltar ao monólogo daqui a pouco. – Toca no ecrã do portátil. – Diz aqui que estudaste Interpretação através da Dança com a Pauline LaRue Toussaint! Maravilhoso. Eu e a Pauline conhecemo-nos há muito tempo. Uma querida.

Estou prestes a pedir desculpa por estar a desperdiçar o tempo dele quando, de repente, vejo que algo escandaloso está a acontecer por trás da cabeça do Maurice. Numa fotografia emoldurada do Maurice com o que me parece ser uma Judi Dench muito nova, começam a aparecer palavras na mesma caligrafia preta do autógrafo da Judi Dench. Respiro fundo. Merritt? Olho para a frase rabiscada.

Entorna o sumo verde!

Ela está a tentar ajudar-me! Finalmente! Os meus olhos vão para o copo na secretária do Maurice. Claro! Se o entornar em cima dele, ele sairá da sala para se limpar e eu posso abrir o arquivo!

– Sim! – Digo em tom animado, sentindo o meu foco a voltar. – Pauline De La Roo, *croissant*. Ela ensinou-me a fazer isto.

Começo a fazer a primeira dança que me ocorre, que, com base no seu sucesso na noite passada, é novamente o *hand jive*. O Maurice endireita-se na cadeira, de boca aberta, enquanto faço o *hand jive* em direção a ele. Desfiro um movimento enérgico para a frente e, no meio de uma troca de pulsos, estico o braço e entorno-lhe o sumo verde sobre o peito.

Ele dá um salto e levanta-se da cadeira, olhando para a sua camisa às riscas com desalento.

– Sinto muito! – tento dizer, mas ele não me ouve. Já vai a sair da porta do escritório, resmungando algo sobre a camisa ter sido um presente de Sir Anthony Hopkins.

Sim! Sim, sim! Corro até ao arquivo. Vou começar por cima e procurar em sentido descendente. Só que... Merda. A gaveta não se mexe. Está trancada. Não! Chaves. Preciso das chaves do arquivo. Corro até à secretária do Maurice, abrindo a gaveta de cima e remexendo lá dentro. Não há sinal de chaves. Tento as duas gavetas de baixo. Nada.

– Mais alguma ajuda, Merritt? – murmuro, olhando para as paredes em busca de chaveiros.

Népia.

Vou vasculhando a secretária desarrumada, reparando em pequenas manchas de sumo verde viscoso no ecrã do portátil.

– Merda. Vá lá, chaves! – rosno para mim mesma.

Oh, não. Ouço o Maurice a falar do outro lado da porta do escritório. Ele vem aí. E então, sem eu sequer lhe tocar, uma pasta de cartão azul voa da secretária para o chão.

– Merritt?! – sussurro. Apanho a pasta e vejo que tem um *post-it* rosa-choque colado num canto. Semicerro os olhos. O *post-it* tem escrito o nome do Jonah, juntamente com algo que não tenho tempo de decifrar porque a porta se abre e o Maurice entra apressado. Tiro o *post-it* da pasta e escondo-o rapidamente no *soutien*. O Maurice limpa a camisa com um grande bocado de rolo de cozinha.

– Peço imensa desculpa, Mr. Alabaster – digo, cruzando-me com ele a correr e tomando nota mentalmente para lhe enviar dinheiro para a conta da lavandaria assim que puder.

Já lá fora, na rua, respiro fundo e encosto a cabeça à parede de tijolo do edifício ao lado. Depois, meto a mão no *soutien* e tiro o *post-it* cor-de-rosa, os meus olhos avidamente absorvendo a informação.

Jonah Electric

Gala Anual de Derwent Manor

Há uma data rabiscada mesmo no fundo do *post-it*. É depois de amanhã.
Bingo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Assim que chego a casa, pego no portátil e pesquiso Gala Anual de Derwent Manor. Sou redirecionada para um *site* que parece muito sofisticado e secreto. Carrego no ENTER e vou parar a uma página de eventos, onde uma galeria de imagens mostra a casa mais incrivelmente glamorosa que alguma vez vi. Por baixo, num tipo de letra elegante, há uma descrição do evento:

Junte-se a Lady Derwent para a sua gala anual de angariação de fundos, na gloriosa sala de baile de Derwent Manor. O tema deste ano é 'Casais da História'. Esperamos superar a extravagância do ano passado e angariar uma quantia recorde para a instituição de caridade deste ano – Ditch the Bullies.

Uau. O Jonah deve ser um bailarino incrível para ir atuar num evento tão elegante como este. Fecho os olhos por um momento e imagino-me com o Jonah numa gala, numa sala de baile, rodopiando num chão de *parquet* polido. Nesta visão, não há *hand jive*.

Desço na página e arquejo quando vejo que o preço dos bilhetes é de 1500 libras por pessoa.

– Porra.

Poderia recorrer às minhas economias? O dinheiro não significa nada se eu estiver morta. Clico no botão COMPRAR BILHETES.

Este evento já está esgotado.

Nããããã. Enterro o rosto nos braços e abafro um grito. Estou a ser boicotada a cada passo, e *preciso* de ir a este baile! Clico na página do evento no Facebook e escrevo um comentário.

Olá! Gostaria de saber se alguém tem bilhetes a mais para o baile? Quero muito ir e só preciso de um bilhete. Vou sozinha! Por favor, respondam ou enviem-me mensagem privada se me puderem ajudar.

Recebo imediatamente três comentários. Um de uma mulher chamada Gloria Montpellier, que diz:

Não se pode ir sozinho. É um evento temático de casais, por isso precisaria de um par.

Depois, um comentário de um rapaz com uma imagem de uma cascata como foto de perfil – esse é apenas três emojis a rir seguidos. A última resposta é do organizador do evento.

Sinto muito. Estamos totalmente esgotados e os bilhetes não são transferíveis. Não hesite em fazer um donativo através do nosso *site* e subscrever a *newsletter* para receber notícias do baile do próximo ano.

– Eu não estarei cá para o baile do próximo ano! – grito para o ecrã, fechando o portátil com força e esfregando as têmporas.

Uma onda de cansaço atinge-me. Não acho que alguma vez tenha tido tanta coisa a acontecer na minha vida ao mesmo tempo. É extenuante. Com um resmungo, abro novamente o portátil e pesquiso os nomes do Jonah, tanto o real como o artístico, limitando a pesquisa às últimas vinte e quatro horas, para o caso de ter surgido algum dado novo. Nada! Para alguém que vagueia tanto por Londres, o Jonah é um autêntico fantasma digital.

– Merritt? – grito para o ar. – Estás aí? Estou claramente a desesperar! Não acho que consiga fazer isto.

Espero alguns minutos, mas não há resposta. Tento novamente.

– Agradeço-te muito teres sugerido que entornasse o sumo, já agora! Mas cheguei a outro beco sem saída.

Aguardo com esperança, dirigindo-me à sala de estar, caso ela apareça lá. E depois à casa de banho, onde tenho um espelho. Não. Nada.

Faço beicinho para mim mesma ao espelho. Ganhei um pouco de bronzado nos últimos dias. Faz-me os olhos mais brilhantes e claros, e as sardas espalhadas pelo nariz acentuaram-se.

– Pelo menos, quando morrer pela segunda vez, vou estar com um aspeto ligeiramente melhor do que na primeira – murmuro num tom sombrio. Faço um som de desaprovação para o meu reflexo. Foi uma grande sorte conseguir entrar na festa *disco* silenciosa sem bilhete, mas uma gala chique numa casa de campo? Não faria ideia de por onde começar.

A menos que... Tão depressa como se a memória tivesse sido inserida no meu cérebro, lembro-me do que o Aled disse sobre o Cooper ter escrito uma história sobre um assalto a um banco. Se ele consegue escrever uma história sobre infiltrar-se num banco e fazer com que seja plausível, então de certeza, *de certezinha* que saberá como é que alguém poderia passar despercebido, digamos, numa gala de caridade chique numa casa de campo?

Além disso, há o pequeno pormenor de eu precisar de estar acompanhada para entrar.

Tiro o telemóvel do bolso e escrevo a mensagem.

PRECISO DA TUA AJUDA.

O sino da porta da farmácia toca alegremente quando lá entro na manhã seguinte. A Jan levanta a cabeça num ápice, por estar a ver a filmagem do *Hamilton* na Broadway, e o rosto dela suaviza-se quando vê que sou só eu e não alguém com uma necessidade desesperada e imediata de alívio da diarreia – um tipo de cliente mais frequente do que qualquer uma de nós gostaria.

– Como estás, querida? – pergunta a Jan, numa voz trémula de simpatia.
– A Leanne disse-me... sabes... – Os olhos dela desviam-se para baixo, na direção do meu baixo-ventre. Ela interrompe-se discretamente, pelo que lhe fico grata.

– Sobre a possível candidíase! – grita a Leanne, a cabeça a espreitar lá de trás, a voz a ecoar.

Uma mulher idosa que examina a seleção de esponjas olha-me de cima a baixo.

– Vinagre de sidra, querida. Cerca de cinco litros de vinagre de sidra.

– Estou... bem. Muito bem – digo à Leanne, colando um sorriso no rosto. – Muito obrigada pela tua ajuda.

Ela sai de trás do balcão e põe as mãos nas ancas.

– Estás diferente.
– Estou? – Encolho os ombros. – Não me parece.
– Estás... O que é? Há qualquer coisa de errado...
– Espera... – Diz a Jan, curiosa. – Ela está a ser *simpática*.
– Ómeudeus, é isso! Está a ser simpática – acrescenta a Leanne, como se fosse uma coisa absurda. – O que se passa? – Sai de trás do balcão e encosta o dorso da mão à minha testa, como se me estivesse a verificar a temperatura.

– Oh! – Faço um gesto para a afastar.

– A sério, diz lá. O que se passa?

Pergunto-me o que aconteceria se lhes dissesse que estou a ser simpática porque quero ajuda para me infiltrar uma gala chique para encontrar um homem que tem de me beijar nos próximos quatro dias, senão morrerei mais uma vez e serei arrastada para um possível e desconhecido Além onde poderei passar a eternidade a servir de cobaia para um serviço de Cupido de uma mulher louca.

– Na verdade, estou aqui porque, hum, vou a um baile de máscaras e preciso da vossa ajuda.

As palavras soam-me completamente esquisitas saídas da minha boca. Esta é uma frase que nunca esperei dizer. Uma frase que nunca quis dizer.

– Tema? – suspira a Leanne, pressionando as unhas verde néon contra o peito.

– Casais famosos da História.

– Ah, sim, um clássico. O que tinhas em mente?

– Tenho em mente que preciso de algo que pareça, mas não seja, caro. As pessoas que vão lá são chiques p'ra caraças e eu preciso muito de me integrar no conjunto.

– Oh, que tal Celine Dion e René Angélil? – sugere a Jan, animada. – *Muito* glamoroso.

Eu abano a cabeça.

– Não tenho a certeza se o homem com quem vou conseguiria ser o René.

– Um homem, hã? – A Leanne levanta uma sobrancelha.

– É só um amigo. Bem, nem isso, na verdade.

– E que tal Barbra Streisand e James Brolin? – tenta a Jan. – Podias usar um penteado adorável como o da Barbra no filme *Uma Rapariga Endiabrada!*

– Melhor... Mas... Não tenho a certeza se são óbvios o suficiente.

– *Queres* algo óbvio?

– Quero parecer bem, mas não muito chamativa. Nada de muito excêntrico: preciso de parecer que me enquadro no ambiente.

– Então, básico. Bem, sendo assim, queres Gatsby e Daisy. Podes usar algo brilhante e só arranjar um *smoking* para o teu «nem-amigo». Prontíssimo.

Eu assinto.

– Isso parece fazível.

Franzo a testa e tento lembrar-me da última festa a que fui. Não consigo, o que é bom, porque as festas que vi na televisão parecem-me um pesadelo completo. Todas aquelas pessoas artificialmente alegres, comida bege, conversas triviais, DJ.

A Leanne pega no telemóvel e abre a aplicação do calendário.

– Quanto tempo tenho para desenhar o fato? Posso tentar fazer tudo a preço de custo, mas obviamente há o meu tempo e as provas e tu vais mesmo querer enfeites.

– Oh, não, não estás a perceber – intervenho. – A gala é na quinta-feira à noite.

– Esta quinta-feira à noite? Tipo, amanhã?

Confirmo com a cabeça.

A Leanne abana a cabeça.

– Impossível. De maneira alguma eu consigo fazer isso até amanhã. Caramba, Delphie. Preciso de alguma antecedência. Não podes simplesmente entrar aqui e pedir folga e fatos espetaculares sem aviso prévio!

Faço uma careta. É justo.

– Desculpa – digo. – Sabes de alguma loja de aluguer de fatos?

A Leanne enrugando o nariz.

– Céus, não posso deixar que alugues. Tudo o que for minimamente decente já estará reservado, e os tecidos que usam nesses lugares são péssimos. Uma vez aluguei um fato de sereia numa loja e trazia uma pulga

no *soutien*. Não, não. Vais passar a noite a coçar-te e a remexer-te e isso não será apropriado para algo tão chique.

– Oh – diz a Jan, com uma expressão pensativa, embrulhando uma garrafa de xarope para a tosse Buttercup para um cliente claramente descontente com a falta de atenção que está a receber.

– O que é, mãe?

– Lembras-te do vestido que levaste à festa do septuagésimo aniversário da tua avó Diane? O cinzento e sedoso com as... coisinhas. – Aponta para os ombros.

– As mangas curtas, que cobrem só os ombros? – Leanne termina, encostando um dedo ao queixo.

– Estavas um pouco mais cheinha na altura, por isso provavelmente serviria à Delphie, e vocês têm quase a mesma altura.

A Leanne fecha os olhos e começa a murmurar para si mesma.

– Precisaria de franjas, e de algum tipo de brilho. Eu podia deixar as mangas curtas, sim, e depois há as penas de... E o cabelo podia...

Abre os olhos e depois olha para mim de cima a baixo três vezes, fazendo-me girar com a mão e dando um último aceno.

– A que horas saís amanhã?

Penso no plano que fiz com o Cooper.

– Vamos sair às cinco para chegarmos a tempo do início da gala, às sete.

– Nesse caso, tens de estar aqui às duas.

– Duas? Ah! Estás a brincar? Não preciso de três horas para me arranjar!

– Assumo que precisas de ajuda com o teu *glam*?

– *Glam*?

– Penteado e maquilhagem – diz a Jan, cingindo os lábios, com uma expressão de sabe-tudo no rosto. – Não estás no Instagram, Delphie? Todas as estrelas de cinema têm *glam*. Têm equipas de *glam* e tudo o mais.

Abano a cabeça.

– Não estou no Instagram. Demasiados vídeos de pessoas a apontar para palavras.

Não menciono que criei uma vez conta no Instagram, publicando uma *selfie* que só teve um *like* de um médico da Marinha dos EUA. Mais tarde, mandou-me uma mensagem a perguntar se eu queria avaliar o pénis dele. Desinstalei a aplicação logo a seguir.

A Leanne e a Jan trocam olhares.

– Deixa isso comigo – diz a Leanne. – Vem para cá às duas.

– Ah, e antes de saíres, chegou isto para ti – diz a Jan, entregando-me um exemplar do livro *O Dinheiro Mutila, o Dinheiro Mata*, de R. L. Cooper.

– Abriste? – repreendo.

– Pensei que era para mim. Nunca recebes coisas aqui. Não sabia que gostavas de romances policiais!

– Não gosto.

Mas estou curiosa para saber por que razão estava o Aled tão entusiasmado por conhecer o Cooper, e não queria arriscar que o pacote fosse enviado por engano para o apartamento do Cooper e ele soubesse que eu tinha encomendado o livro dele.

Enfio o romance bem fundo no meu saco de pano e olho para o relógio na parede.

– Merda. Tenho mesmo de me despachar. Marquei uma manicure!

– Uma manicure? Quem és tu agora? – grita a Leanne enquanto saio da farmácia a correr.

Eu própria me tenho perguntado a mesma coisa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Hoje é o sétimo dia dos dez que a Merritt me deu. Este *tem* de ser o dia em que finalmente conheço a minha alma gémea pessoalmente. *Tem* de ser o dia em que salvo o destino da Merritt na Eternidade e, já agora, a minha vida inteira. No meio do pânico, há um pequeno e estranho sentimento de que talvez seja exatamente isso que estava destinado a acontecer. Que o destino não quer que eu encontre o Jonah novamente num parque ou numa aula de desenho ou numa festa *disco* silenciosa. Quer que o encontre num lugar grandioso e inegavelmente romântico. E o que é mais romântico do que uma sala de baile opulenta? Reconheço que haverá lá muitas outras pessoas, o que não é ideal. Mas haverá champanhe, uma iluminação espetacular e provavelmente algum tipo de música orquestral. Na noite passada, antes de desejar boa noite a Mr. Yoon, avisei-o de que lhe tinha encomendado uma entrega de comida para o jantar e que ele só teria de abrir a porta. Disse-lhe que só chegaria a casa depois de ele já ter ido dormir, por isso só nos veríamos ao pequeno-almoço. Em resposta, escreveu-me um bilhete que dizia «Vai, sê jovem e diverte-te!», o que me fez sentir um pouco triste, embora não saiba bem porquê.

Quando saio para a farmácia, o Cooper abre a porta dele e espreita cá para fora.

– Como é que fizeste isso? – pergunto. – Como soubeste exatamente quando é que eu estaria no corredor? Estiveste a espreitar em intervalos de poucos minutos só por precaução? Isso é de loucos. Ou, espera... Tens uma câmara secreta? – Olho para os cantos do teto.

– Não és exatamente delicada com os pés, Delphie – diz o Cooper com a mão encostada ao cimo da ombreira da porta. Todo o rés do chão o sabe.

– A sério?

Ele acena com a cabeça na direção da porta oposta à sua.

– Mrs. Ernestine diz que sabe quando estás a sair porque soa como um bando de elefantes a atravessar o Serengeti.

– Havia algum propósito para este diálogo?

O Cooper franze a testa e eu sinto-me imediatamente culpada pela minha irritação, tomando uma nota mental para tentar mudar isso, se tiver oportunidade de continuar viva. O Cooper mostrou-se surpreendentemente disposto a ajudar-me quando lho pedi, na outra noite. Mesmo quando lhe disse que seria provável ter de ir comigo ao baile: um favor bastante grande para pedir com tão pouca antecedência. Tenho de tentar ser mais simpática.

– Está tudo bem? – pergunto, suavizando o tom de voz.

– Só queria emprestar-te isto – diz o Cooper. – Não sabia bem onde estavam, mas acabei por encontrá-los no fundo de um armário.

Entrega-me uma caixa grande de joalharia vermelha, com a palavra Cartier impressa a prateado no topo. Ao perto, percebe-se que a caixa está gasta e desbotada, marcada com manchas nos sítios em que foi manuseada vezes sem conta.

Abro a caixa e respiro fundo. Lá dentro está um par de brincos enormes de diamantes e pérolas, num belo formato triangular intrincado.

– Pertenciam à Em – explica Cooper. – Ela comprou-os num dos leilões que adorava frequentar. Sei disso porque não parava de contar a toda a gente o quão esperta foi por os encontrar a um preço de pechincha. Foram feitos em 1922, que, como sabes, é o ano exato em que se desenrola *O Grande Gatsby*.

Eu não sabia disso. De qualquer forma, os brincos são incríveis, como nada que eu alguma vez tenha visto.

– T... tens a certeza?

Isto parece ser muito importante. Estes brincos devem ter um valor sentimental tão grande para o Cooper, e ele não me conhece o suficiente para saber que eu não vou perder um (o que, sejamos sinceros, não é totalmente improvável).

O Cooper descarta a minha pergunta com um aceno.

– Nada mais do que preparação inteligente. Ninguém vai suspeitar de que sejas uma intrusa se estiveres a usar brincos de diamantes *vintage* tão grandes.

– Estes diamantes são *verdadeiros*? – exclamo.

– Claro que são. A Cartier não utiliza zircónios cúbicos.

– Meu Deus. Devem valer...

– O suficiente para que eu agradeça que tenhas cuidado com eles, sim.

Imagino-me a andar pela festa com as mãos nas orelhas o tempo todo para que os brincos não me caiam.

– São tão pesados – murmuro, sentindo-os nas minhas mãos, encantada ao vê-los brilhar à luz do corredor.

– As tuas orelhas parecem suficientemente resistentes – responde. – Acho que consegues lidar com isso.

– Vou escolher interpretar isso como um elogio.

– Era essa a minha intenção.

– Sabes, Cooper, essa é a primeira coisa agradável que alguma vez me disseste.

O Cooper abana rapidamente a cabeça.

– Disse-te que gostava do teu cato, na primeira vez que levei uma encomenda ao teu apartamento.

– Lembras-te disso?

– Lembro-me de tudo, Delphie.

Os olhos dele cintilam enquanto me fita com um olhar perturbador que dura um segundo a mais do que é considerado educado. Penso no dedo dele no aquário.

– Ora bem! – respondo, quase a gritar. – Tenho de ir! – Levanto os brincos. – Tenho de fazer algum treino de força nas orelhas, se vou ter de aguentar estes rapazes. Será que fazem pesos em miniatura para lóbulos de orelhas? Ha-ha.

O Cooper ergue uma sobrancelha.

Faço-lhe meio aceno e depois rodo sobre os calcanhares e fujo do prédio.

*

Quando chego à farmácia, encontro a Leanne a segurar num par de asas de anjo douradas pintadas a *spray*, com um sorriso no rosto desprovido de rugas.

– Não tínhamos dito Daisy e Gatsby?

– Não confias em mim? Ao fim de todos estes anos?

– Não! – digo, olhando para a Jan, que tem três conjuntos diferentes de aparelhos de uso capilar ligados às tomadas.

– Ora, ora. Ela conseguiu o que queria, e agora a doçura e a luz desapareceram. Sabia que era bom demais para durar.

– Só não tenho a certeza em relação às asas de anjo. Disse que queria passar despercebida!

– Tu não vais usar as asas, sua naba. Vou retirar-lhes umas penas para o vestido. Vou usar algumas das penas como enfeites, mas não saberei quais delas exatamente nem onde as colocar até o vestires.

– Ah.

– Sim – ecoa a Leanne. – *Ah*.

– Vá, vamos lá, mãe. – A Leanne bate palmas e olha-me de cima a baixo.
– Temos muito trabalho pela frente.

*

Demorou três horas, e eu senti profundamente cada uma delas. Desde a roupa interior modeladora que a Leanne insistiu em ajudar-me a enfiar (e que ela jurou nunca ter usado, embora olhasse para a Jan enquanto o dizia), até ao ritmo lento da Jan a enrolar-me o cabelo num ferro metálico que me chegou perigosamente perto de um olho quatro vezes. E depois houve os quinze minutos inteiros em que a Leanne perdeu completamente a cabeça porque eu não estava a manter as pestanas quietas o suficiente para ela colar pestanas individuais nas minhas pestanas já existentes e criar uma «*vibe* de olhos de gata».

– Isso interessa para quê? – perguntei, ao que ela teve de «sair para apanhar ar».

Ao terminar, a Leanne e a Jan afastam-se e empurram-se uma à outra, sorrindo.

– Vai para a sala da tensão arterial e dá uma olhada – insiste a Jan.

Entro na cabine da tensão arterial e abro a porta do armário que tem um daqueles espelhos ondulados do IKEA colado na parte de dentro. Preciso mesmo de algum tempo a olhar fixamente para perceber que a pessoa no espelho sou eu. A Delphie Bookham. Eu estou... simplesmente incrível. O vestido abraça-me o corpo como se tivesse sido feito por medida para mim. As franjas de prata balançam quando me viro para a esquerda e depois para a direita. A Leanne colou as penas de asas de anjo com pontas douradas nas mangas do vestido, dando-lhes um ar teatral e glamoroso. O meu cabelo

tem ondas uniformes ao longo de todo o comprimento. Está preso atrás das orelhas e cai sobre um dos ombros, exibindo os incríveis brincos *vintage* da Em.

– Não tive tempo para te fazer as ondas verdadeiras, mas vi um tutorial no YouTube sobre como conseguir o efeito com ferro quente – diz a Jan, pegando no telefone e tirando fotografias ao meu cabelo. – Ficou mesmo espetacular! Talvez eu tente fazer isto ao meu cabelo. Isso fará o Dan da charcutaria olhar duas vezes para mim, aposto.

Inclino-me para ver melhor o meu rosto. A pele parece limpa e luminosa, a profundidade das sardas no nariz compensando a severidade da maquilhagem dos olhos. Os lábios estão pintados num tom cor de vinho brilhante, espelhado pelo *blush* ameixa-claro nas minhas maçãs do rosto.

– Como fizeste os meus olhos parecerem tão grandes? – suspiro. – Pareço a minha mãe.

– São apenas truques – diz a Leanne modestamente. – Os teus olhos já são enormes, mesmo.

As lágrimas brotam-me dos olhos enormes.

– Não te atrevas – sibila a Leanne, saltando à minha frente e abanando-me a cara com as mãos.

– Eu... eu... – Engulo o nó na garganta. – Obrigada. – Olho para cada uma delas. – Não tinham de fazer isto e... fizeram... Sem quaisquer condições.

– Bem, digamos que a primeira e a segunda rodada são por tua conta.

Se isto funcionar e eu recuperar a minha vida, todas as bebidas que a Leanne e a Jan quiserem serão por minha conta. Para sempre. Irei ao *pub* com elas todas as semanas.

Digo-lhes isto e a Jan finge desmaiar.

– Vá lá. Vai-te embora, senão vais chegar atrasada – diz a Leanne, a sorrir, fazendo-me sair porta fora. Distribuo mais uma rodada de agradecimentos antes de sair da farmácia.

Enquanto atravesso a estrada de regresso a casa, o meu rosto estica-se num sorriso enorme. Não há forma de o Jonah não me querer beijar quando me vir assim. Absolutamente nenhuma.

Penso no que poderá ser beijá-lo. Suave, espero. E doce. Como *mousse* de chocolate. Depois ocorre-me que só beijei uma pessoa na vida. E correu terrivelmente mal. Merda, e se tiver sido culpa minha? E se o Jonny Terry

fosse, na verdade, ótimo a beijar, e tiver sido eu a tornar tudo desconfortável e desajeitado? O meu estômago revira-se com tal pensamento.

E se, depois de tudo isto, eu não souber beijar? E se, quando chegar a hora certa, eu me aproximar do Jonah e ele perceber imediatamente que eu não faço a mínima ideia do que estou a fazer? E se isso o assustar?

Afasto esse pensamento da cabeça e tento concentrar-me na forma como o Jonah olhou para mim na Eternidade. No sentimento de certeza que experimentei na presença dele.

Eu consigo fazer isto. A Merritt não disse que tinha de ser o beijo mais perfeito do mundo. Apenas que ele tinha de me beijar.

Vai correr bem.

Tem de correr.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Espero pelo Cooper junto ao carro dele, tirando o telemóvel do bolso e pesquisando regras de etiqueta galas na esperança de obter algumas dicas.

– Delphie.

Olho para cima e vejo o Cooper à minha frente. Traz um fato preto de corte perfeito, o cabelo normalmente despenteado está aprumado e brilhante. Parece-se com o que seria um irmão do Timothée Chalamet, extremamente alto, extremamente sombrio e *extremamente giro*. Os olhos dele arregalam-se e percorrem-me o vestido e depois sobem devagar até ao meu rosto. Humedece ligeiramente os lábios. Acho que está prestes a fazer-me um elogio, mas em vez disso passa uma mão no queixo e diz:

– Pensei que nos anos vinte as penas se usassem na cabeça, não nos ombros?

– Está bem, Miranda Priestly.

– Quem é a Miranda Priestly?

Reviro os olhos.

– Belo fato – digo, ignorando a pergunta dele. – Estou surpreendida e impressionada por teres conseguido alugar um que te servisse com tão pouco aviso prévio. – Entramos no carro e vejo que as canetas e garrafas que estavam espalhadas pelo carro na outra noite já desapareceram. Há um ambientador novo pendurado no espelho retrovisor. O aroma chama-se Couro Toscano Limpo. Inclino-me para a frente para cheirar. Não é mau. Bastante agradável, até.

O Cooper faz uma careta.

– Já tinha um fato – diz, como se fosse *óbvio* que todos os homens têm um fato à mão para qualquer ocasião.

– Oh, desculpa. Esqueci-me de que és um escritor chique que provavelmente vai a montes de eventos chiques de autores onde todos te elogiam e te dão prémios.

– A tua visão da vida de um autor é completamente distorcida. Na maioria das vezes, era estar sozinho em frente ao computador, preocupado, e uma vez por outra parar para ir abrir a porta ou preparar outra bebida quente que, na realidade, não queria.

– Então, basicamente, é a vida que tens agora? Mas sem nenhum livro para exhibir?

– Tu tens jeito para ir diretamente ao comentário mais maldoso que poderias fazer em qualquer situação.

Encolho os ombros, ajustando as mangas porque uma das penas está a picar-me a pele.

– Sabes quando alguém te diz algo horrível e, na altura, nunca tens a resposta apropriada preparada? Tipo, pensas em algo devastador a meio da noite e depois fixas-te nisso, ficando cada vez mais irritada contigo por não o teres dito na altura?

– Claro.

– Sim, pois, passei praticamente todo o tempo em que andei no liceu a fazer isso. E não tardei a desenvolver a habilidade de conseguir responder imediatamente quando alguém me irritava. E tu irritas-me tanto. Tem sido bom praticar.

– É uma habilidade interessante – diz o Cooper, pondo uma mudança enquanto deixamos a cidade para trás.

– Devia acrescentar isso ao meu currículo.

– Dez exames do nono ano, três exames do décimo segundo, licenciatura em respostas na ponta da língua.

– Mestrado em ser uma grandessíssima cabra! – Rio-me. – Agora a sério. O Aled estava tão entusiasmado por te conhecer! Acho que se conseguisse fazer alguma coisa que deixasse outras pessoas assim tão entusiasmadas comigo, nunca quereria deixar de o fazer. Não sentes falta disso?

– Sinto muita falta.

– Então porque não...

– Porque é que todas as caixas de tintas que tens em casa estão por abrir? Ele lança-me um olhar e eu percebo a dica. Calo-me.

Enquanto seguimos viagem, reparo, à minha esquerda, num campo cheio de vacas e ovelhas.

– Vacas e ovelhas! – digo com entusiasmo.

– Nunca saíste da cidade?

– Uma vez fui a Barnet...

– Queres dizer, a casa dos meus pais, na outra noite? Essa foi mesmo a única vez que saíste do centro?

– Fiz uma viagem sozinha à Grécia. Mas, além disso, nunca tive muita vontade de me aventurar. Bayswater tem tudo de que eu poderia precisar.

– Nunca viajaste para o estrangeiro com a tua família? Ou com amigos?

– A minha mãe vive em Marfa – digo.

– Marfa? Onde fica isso?

– É uma cidade desértica no Texas. Ela mora lá com o namorado, o Gerard.

– E o que é que ela faz lá?

– É artista.

– Isso é fixe. Visita-la muito?

Abano a cabeça. Quando a minha mãe partiu para Marfa, disse que, depois de eu acabar os exames, me compraria um bilhete de avião para eu lá ir ver o que achava, talvez considerar mudar-me para lá também. Mas, quando terminei a escola, sugeri que seria mais útil eu ficar a tomar conta do apartamento em Londres e que, de qualquer forma, o clima em Marfa era demasiado quente para mim e que todos os outros residentes da comunidade tinham mais de quarenta anos, por isso provavelmente me sentiria lá desconfortável e deslocada.

– Nunca fui – digo. – Muito quente para mim.

Deve notar-se algo na minha voz, porque o Cooper olha-me de lado, um lampejo de pena nos olhos.

– Não é nada de especial – digo em tom animado. – Ela está feliz e isso é uma coisa boa. Uma coisa muito boa. Bem! Não vamos falar sobre isso. Totalmente aborrecido.

O Cooper aclara a voz.

– Ok. Então, nunca tiraste um ano sabático? Nunca viajaste em despedidas de solteira? Para ir a casamentos em Itália?

– Casamentos em Itália? Ha! – Abano a cabeça. – Nunca me interessei por nada disso. Acho os casamentos uma seca e viajar parece-me um desperdício de dinheiro. – Não refiro que nunca fui a um casamento, quanto mais em Itália.

Digo-o com toda a convicção que consigo, mas até aos meus ouvidos soa frouxo. O que é estranho, porque planeava ativamente uma vida acolchoada em casa sem mais ninguém para me chatear. Então, porque é que a desilusão me dá picadas no peito?

– Há tanto por aí para ver – murmura o Cooper. – Tanta experiência a ser vivida.

– Sim, obrigada pelo conselho, Michael Palin. Vamos pôr música?

Não espero por uma resposta e ligo a London Pop FM, subindo o volume até ao máximo.

*

Duckett's Edge parece exatamente uma daquelas aldeias pitorescas da série *Assassínio na Aldeia Bonita*. As casas são enormes, com telhados de colmo e portas pintadas com cores tradicionais brilhantes. As estradas são sinuosas e pontilhadas de canteiros repletos de flores coloridas. O Cooper estaciona no parque de estacionamento de um *pub* chamado Bee and Bonnet e desliga o motor.

– Alguma vez aqui estiveste? – pergunto, saindo do carro e esticando as costas. O Sol está agora mais baixo no céu, lançando um brilho dourado sobre nós os dois. Aliso o meu vestido para que não pareça tão amarrotado. Depois, ajeito as penas e retiro da pequena bolsa de seda que a Leanne me emprestou uma caixinha de pó de arroz, e dou retoques extracuidadosos na testa e de ambos os lados do nariz.

– Não. – O Cooper tranca a porta do carro e alisa as calças do fato. – Mas fiz uma pesquisa *online* e este *pub* fica convenientemente localizado a apenas quinze minutos a pé de Derwent Manor.

– Quinze minutos? – Faço uma careta, olhando para os sapatos de salto alto que a Leanne me impingiu, ligeiramente apertados. – Não sei se reparaste, mas eu nunca uso saltos. Nunca. E está um calor insuportável. E estou tão perto da perfeição quanto é possível. Se começar a transpirar, lá se vai a perfeição.

– São quinze minutos, não são quinze quilómetros. E tens essa coisinha do pó para a transpiração.

O Cooper não diz nada sobre eu parecer perfeita ou não. Na verdade, quando o encontrei no corredor, mais cedo, não disse absolutamente nada sobre a minha aparência, apesar de eu saber que nunca, jamais, estive tão bem como agora.

Tiro o telemóvel da bolsa. Tenho uma mensagem do restaurante italiano na Kensington Park Road a informar-me de que o pedido de Mr. Yoon foi entregue. Ótimo. Depois reparo na hora.

– Espera, mais quinze minutos e vamos chegar atrasados! Pensei que tinhas dito que seríamos discretos? Nós os dois a aparecer depois de aquilo já ter começado, irá chamar completamente a atenção para a nossa falta de convite!

– O meu plano envolve chegarmos quinze minutos atrasados.

– Hã?

– Embora há pouco estivesse redondamente enganada acerca da vida de um escritor, não te afastaste muito da verdade quando se trata de prémios. Já ganhei dois Daggers.

– Não faço ideia do que isso significa.

– Significa que escrevo livros sobre golpes que ganharam o respeito e a admiração dos meus pares. Entrar numa gala de caridade sem bilhete não vai ser um problema para mim.

Hum. Não sei se acredito nele.

– Estaremos lá num instante – diz ele, confiante, enquanto começamos a atravessar o parque de estacionamento do *pub*.

*

Tenho o pé a sangrar na parte de trás do calcanhar. Estamos numa estrada campestre aparentemente interminável, seguidos por uma ovelha solitária que nos bale de vez em quando, como se nos quisesse dizer que estamos a ir na direção diametralmente oposta.

– Tens a certeza de que esta é a direção certa? – pergunto, e já não é a primeira vez.

O Cooper interrompe a marcha e passa a mão pela barba.

– Peço-te que pares de perguntar isso. Verifiquei e revi várias vezes. Cristo, passei quase todo o dia de ontem a garantir que isto funcionaria.

– Passaste? – pergunto, surpreendida. – O dia inteiro?

– Passei – responde, exasperado. – Disse que o faria. Esta é a única forma de chegarmos à parte de trás de Derwent Manor sem sermos vistos. E depois conto-te o resto do plano.

– Só não entendo porque é que não me contas agora! E se não for um bom plano e eu precisar de fazer ajustes? Tens de perceber o quão importante é que isto funcione!

Ele dá um passo na minha direção, ficando com o nariz a escassos centímetros do meu. Reparo que os seus olhos verdes e escuros têm salpicos minúsculos de verde-azeitona. Brilham, fazendo-me lembrar uma esmeralda facetada.

– Porque, Delphie – diz, com a voz baixa –, tu fazes observações cínicas em todas as oportunidades possíveis, e fazes demasiadas perguntas. – Os olhos dele passeiam-se pelo meu rosto. – Já planeaste algum golpe?

– Bem, não – digo, reparando então que ele se barbeou, a barba habitualmente desalinhada mais curta e mais apumada.

– Eu já planeei muitos. – Puxa o seu *papillon*.

– Ficcionalis, no entanto. Não reais.

– C’um raio, não podes ter um bocadinho de fé?

Eu pestanejo.

Fé. Hum.

Na ausência de uma resposta cínica adequada, aceno com a cabeça.

– Está bem.

– Está bem.

Está bem. Os olhos dele demoram-se nos meus por mais um momento antes de ele girar sobre os calcanhares e continuar a avançar pela estrada rural, eu a coxear atrás dele, a ovelha errante a trotar atrás de mim.

*

Em breve dobramos uma esquina e a parte de trás de Derwent Manor revela-se. É vasta e ainda mais grandiosa do que parece nas imagens *online*.

– Uau – suspiro. – É lindíssima. E tão antiga! Pergunto-me se será assombrada. Será que Lady Derwent dorme numa cama de dossel? Oh, achas que tem uma copa?

O Cooper ignora-me, dirigindo-se propositadamente para um gradeamento preto alto, de ferro fundido, que cerca toda a parte de trás do edifício. Estou prestes a perguntar ao Cooper como é que ele acha que vamos passar por cima do gradeamento, mas, antes de o fazer, ele começa a contar baixinho as barras de ferro.

– Deve haver um pequeno cadeado a cerca de cento e cinquenta barras para a esquerda – murmura para si mesmo.

Começamos a contar as barras juntos e, tal como ele disse, há um cadeado na barra número cento e cinquenta. As barras aqui são ligeiramente mais grossas e, no meio de uma delas, há um pequeno espaço enferrujado para uma chave.

– Um portão secreto! – Suspiro, encantada. Acho que é isto que uma pessoa sente quando se está a divertir.

O Cooper leva a mão ao bolso interior do casaco e tira um canivete suíço, inserindo habilmente uma das peças na fechadura e mexendo-a de um lado para o outro, com a língua a espreitar-lhe ligeiramente entre os dentes.

– Estás a forçar uma fechadura! – exclamo, impressionada, sem me conseguir conter.

– Vais narrar tudo? – Lança-me um olhar antes de dar à fechadura um último puxão firme. As dobradiças rangem com um som que sugere que não eram mexidas talvez há um século.

– Temos de te deixar aqui – digo à ovelha que permanece atrás de nós. – Levávamos-te connosco, mas é demasiado perigoso.

O Cooper vira-se para a ovelha.

– Obrigado por nos ajudares a chegar até aqui – acrescenta, sério e sincero. – Mas o teu cheiro levantaria demasiadas suspeitas.

– Nunca te esqueceremos. – Estico a mão para afagar a ovelha na cabeça, mas decido não o fazer, porque o Cooper tem razão quanto ao cheiro, e o odor a *ovelha* não é um bom aroma em quem esteja a tentar atrair o homem dos seus sonhos.

– Adeus, agente especial Balthazar – diz o Cooper com uma reverência solene.

Agente especial Balthazar? Solto uma gargalhada tão alta que até a mim me choca, e faz a ovelha borrar-se, literalmente, nas ervas por baixo dela.

– Vá lá, Delphie – repreende o Cooper, como se não fosse ele que estivesse na reinação. – Esta farsa ainda está longe de terminar. – Os olhos dele brilham, excitados, as bochechas ligeiramente coradas. Estará... estará ele a divertir-se?

Subimos por uma pequena berma de relva até chegarmos a uma espécie de anexo ligado ao edifício principal.

O Cooper leva a mão ao bolso interior do casaco e retira um pedaço de papel dobrado, abrindo-o para revelar uma impressão que parece ser uma planta.

– Isso é Derwent Manor? – Suspiro. – Imprimiste *a planta*?

– Claro. Senão, como poderia saber que havia aqui um anexo?

Ele entrega-me o papel e sobe um degrau para espreitar pela janela do anexo.

– Preciso de uma pedra.

Uma tarefa para mim, finalmente. Procuro a melhor pedra que consigo encontrar. Pego em duas e descarto-as, optando por uma grande e redonda que é mais pesada do que as outras.

– Boa pedra. – O Cooper aprova-a com um aceno, descendo do degrau e passando-a entre as mãos. – A seguir, vou atirá-la pela janela. – Aponta para a janela do anexo. – De acordo com o relatório de segurança contra incêndios mais recente de Derwent Manor, há um alarme de incêndio logo à esquerda da janela. Vou ativá-lo. Toda a gente será trazida cá para fora para uma contagem, momento em que nós nos misturaremos na multidão. Aposto que os convidados ficarão irritados o suficiente com a interrupção para que ninguém peça para ver os bilhetes uma segunda vez. E nós? Vamos entrar tranquilamente com todos os outros. Como se estivessemos lá desde sempre.

Eu sorrio.

– Estou impressionada, Cooper.

– Não podemos descansar até termos o primeiro copo de champanhe nas mãos. Aí saberemos que conseguimos infiltrar-nos com sucesso no evento.

– E finalmente, *finalmente*, encontrar o Jonah!

Ele acena com a cabeça e, de repente, o seu rosto assume outra vez uma expressão séria. Depois, recua e, com muito mais força do que eu, pessoalmente, acredito ser necessária, atira a pedra pela janela do anexo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

A janela estilhaça-se com tanto barulho que tenho receio de que toda a gente tenha ouvido.

– Merda, Cooper! Isso fez um barulho do caraças. E se...

– Está uma banda de *swing* de dez instrumentos a tocar na sala – assegura-me o Cooper, saltando de volta para o anexo e enfiando cuidadosamente o braço na janela. – Ninguém ouviu. – Franze o sobrolho por um momento, tateando a parede interior antes de os seus olhos se iluminarem. – Consegui! Ok. Quando isto disparar, vamos para a frente da casa e misturamo-nos com os outros. Estás pronta?

Aceno furiosamente com a cabeça, o meu coração a começar a bater mais depressa.

– Estou pronta!

O Cooper puxa a alavanca do alarme de incêndio, e ouve-se um sinal sonoro agudo tão alto que a intensidade da vibração faz com que os meus seios e barriga abanem um pouco.

O Cooper desce e, juntos, contornamos o edifício, tentando avançar depressa, mas sem correr. Manter a calma é mais difícil do que eu pensava. Estou a entrar em pânico por dentro, mas tenho de apresentar uma serenidade de gala por fora. Vejam como pertença aqui! Vejam-me a entrar como se isto fosse apenas uma parte corriqueira da minha vida encantada! Olho de relance para o Cooper e dou um grito ao ver sangue espesso a pingar-lhe da mão.

– Merda. Cooper!

– O quê? Viste alguém? Fomos descobertos?

– Não! Estás a sangrar!

Ele olha para a mão.

– Pois estou.

– Está a sangrar bastante. Deve ter sido o vidro na moldura da janela.

– Delphie, vê no meu bolso interior – instrui ele. – Está um lenço lá dentro, mas não quero sujar o *smoking* com sangue.

Abro-lhe apressadamente o casaco do *smoking* e remexo-lhe no bolso interior, sentindo uma multiplicidade de coisas, mas nenhum tecido.

– Não o estou a encontrar – digo, mexendo freneticamente a mão dentro do bolso dele.

– Do outro lado. Experimenta do outro lado.

Faço isso, e agora estou tão perto do Cooper que consigo ver-lhe o contorno do peito contra o algodão branco da camisa. Consigo sentir o cheiro do sabonete dele. O meu coração começa a acelerar. Deve ser o sangue à vista. Nunca antes fiquei nauseada por ver sangue, mas esta é uma situação bastante intensa para alguém que, até à semana passada, só tinha falado com quatro pessoas no último ano.

– Também não há aqui lenço nenhum!

– Caramba. Devo ter-me esquecido de o trazer. – O Cooper tropeça ligeiramente, devido à perda de sangue ou à sua surpresa por se ter esquecido de algo? Pode ser qualquer uma das duas.

O corte está a sangrar muito. O suficiente para que, daqui a mais alguns minutos, estejamos em sérios apuros. O alarme de incêndio cala-se e ouvimos o som dos convidados a saírem pela frente do salão.

– Vamos entrar e pronto, ok? Tens de tratar dessa ferida. Não importa se nos descobrem. Não podemos morrer os dois por causa disto.

– Morrer? O quê? Não. Isto vai parar não tarda nada.

– Vamos usar o teu casaco para estancar o sangue.

– Depois o meu casaco vai ficar coberto de sangue!

– E o que é que isso interessa? Para alguém que andou em Oxford, às vezes podes ser um bocado lento.

Empurro o Cooper para baixo, em direção à relva. Ele não parece do tipo de desmaiar, mas mais vale prevenir do que ficar esmagada para sempre sob o seu peito enorme. Depois, tenho uma ideia brilhante. Volto a enfiar a mão no seu bolso interior, retirando de lá o canivete suíço. Levanto o vestido, faço um corte na parte de baixo dos calções modeladores, rasgando à volta da coxa até soltar uma rodela. Tiro-a da perna, ajoelho-me imediatamente e envolvo-a em torno da mão do Cooper, apertando-a o mais que consigo.

– Está a resultar – sussurro. Enquanto a mão do Cooper permanece impressionantemente firme, a minha está a tremer. – Dói? – pergunto.

– Não. Mas vamos chegar tarde. O nosso plano vai ficar arruinado.

– Isso agora não é importante.

Continuo a segurar o tecido no lugar até o sangramento diminuir. E então, agarrando novamente no canivete suíço, corto uma rodela de tecido modelador da outra coxa. Enquanto o faço, reparo que o Cooper está a olhar diretamente para as minhas pernas, os seus olhos quase negros.

– Sim, algumas de nós têm um pouco mais de carne nos ossos – respondendo ao seu olhar estranho.

Depois, o meu coração começa aos saltos novamente. Ignoro-o e enrolo-lhe a outra peça de tecido à volta da mão, atando-a na parte de baixo.

– Pronto – digo. – Parece uma ligadura preta chique.

O Cooper levanta-se, inspecionando a mão antes de baixar os olhos até às minhas coxas, que agora têm duas pequenas protuberâncias de gordura a sair da roupa modeladora restante.

– *O Jonah* gosta de mulheres um pouco cheias – digo, puxando o vestido para baixo.

Ouç o murmúrio de vozes a desvanecer-se da frente do edifício. O Cooper também ouve.

– Estão a voltar para dentro – diz ele. – Vamos! Rápido.

*

Quando chegamos à frente da mansão, os últimos casais estão a desaparecer pelo pórtico da entrada grandiosa do edifício.

– Caraças. Caraças, nãaaao – murmuro, quando vemos um tipo com um *walkie-talkie* a olhar para nós com desconfiança enquanto nos aproximamos.

– Mantém a calma – diz o Cooper, avançando a passo decidido em direção ao homem.

– Tens os vossos bilhetes, amigo?

– Claro que não – responde de imediato o Cooper, com o mesmo ar imperioso que sei que ele domina, já que o tem usado comigo praticamente desde que nos conhecemos. – Os nossos telemóveis estão nos bolsos dos casacos, que, obviamente, ficaram dentro da mansão, abandonados durante o pânico do alarme. Que irritante o alarme de incêndio disparar e interromper as festividades.

– Casacos? – diz o homem. – Numa onda de calor?

O Cooper percebe o seu erro, os olhos a arregalarem-se em pânico. Este é um homem pouco habituado a falhar. Preciso de distrair o segurança da linha de interrogatório dos casacos, porque isso só pode acabar mal. Eu sei o que fazer. Já vi muitos filmes antigos em que as mulheres usam os seus encantos femininos para desarmar um inimigo. Vou tentar isso mesmo.

Coloco-me à frente do Cooper e sorrio ao segurança, sabendo que estou neste momento com a melhor aparência que alguma vez tive na vida. Pestanejo os meus cílios aumentados, abro a boca lustrosa e lembro-me rapidamente de que nunca, mas nunca, namorisei com ninguém.

Nunca. Não faço a mínima ideia do que estou a fazer.

– Tu és... muito bonito na tua cara... – tento, num falhanço imediato.

– Desculpa?

– E gosto dos... botões. – Passo a mão pelos botões da camisa preta do homem. Uau. Uma parte distante de mim sabe que isto é mau, mas de alguma forma não consigo parar. – São botões brilhantes. Gosto de brilhantes. – Pisco o olho ao homem.

Pisquei-lhe o olho.

O Cooper apressa-se a avançar para a minha frente.

– Ha-ha. Desculpa aí, amigo. Talvez já tenhamos bebido um pouco de champanhe a mais. Sabes como é...

– Champanhe a mais? Não, amigo, engraçado que não sei como é.

O segurança estreita-nos os olhos, e eu acho mesmo que vamos ser descobertos, quando, de repente, olha para os meus joelhos, os olhos deslizando para o Cooper. Sigo o olhar dele até ao Cooper, que está a tentar desesperadamente alisar os caracóis, que voltaram ao completo desalinho selvagem após o incidente da janela. O segurança acena lentamente com a cabeça e dá uma pequena gargalhada.

– Ah, é por isso que estavam ali ao virar da esquina, hã? No truca-truca? A minha mulher também gosta ao ar livre.

O quê? Olho para os meus joelhos e vejo as manchas verdes da relva, de quando me ajoelhei para enfaixar a mão do Cooper. Ele pensa que estávamos a fazer isso?

Inclino-me.

– Almas gémeas, a tua mulher e eu! – Rio-me. – Mas agora estou cheia de sede. Sabes...

– Claro, querida – diz o homem, acenando-nos para passarmos. – Entra e vão buscar uma bebida... Parece que a mereces.

Blhec. Blheeeeeec.

Engancho o braço no do Cooper e arrasto-o comigo até ao *hall* da mansão, onde um criado segura uma bandeja cheia de flutes de champanhe de cristal. O Cooper retira dois da bandeja e entrega-me um, batendo com o copo dele no meu.

– Gostas de brilhantes? – pergunta, com um canto da boca erguido, em sinal de divertimento. – Isso é novidade.

Bebo o meu champanhe e pego de imediato noutro.

– Nunca mais vamos falar sobre isto – digo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Derwent Manor é surpreendente e intimidante. Enquanto eu e o Cooper entramos no salão de baile, não consigo deixar de suspirar perante a opulência. Há candelabros maiores do que a minha casa de banho, as paredes estão pintadas de um azul-escuro tão intenso que poderia ser preto. Centenas de molduras douradas exibem pinturas a óleo impressionantes. C'um caneco, aquilo é um Ticiano?

Num palco amplo, um pianista e uma banda de *swing* tocam o «Mambo Italiano», de Rosemary Clooney, enquanto os convidados giram e rodopiam pela sala, bebendo champanhe e conversando, como se isto não fosse a coisa mais ridiculamente luxuosa de sempre. Observo a sala, mas não vejo bailarinos profissionais. Talvez ainda estejam a preparar-se, a aquecer algures? Então ocorre-me que se já há convidados aqui a dançar, por que razão os organizadores do evento contratariam profissionais para o fazerem também?

O Cooper dá-me uma cotovelada e aponta na direção de outros Gatsby e Daisy. Vejo mais dois a falar um com o outro junto a uma mesa com uma escultura de gelo de um querubim rechonchudo a ler um livro grosso. Entre os Gatsbys e Daisys, há um Adão e uma Eva, um Justin e uma Britney, um Elton John e um David Furnish, e uma Julia Child e um Paul Cushing Child.

– Onde está ele? – murmuro enquanto me ponho em bicos de pés e procuro o Jonah. – Tenho de ir e, sabes, circular. Tentar encontrá-lo. Quanto mais tempo aqui estivermos, maior o risco de sermos expulsos. Ele pode estar numa sala dos fundos ou algo assim.

O Cooper bebe o seu champanhe, parecendo completamente à vontade neste ambiente. Uma mulher vestida de Elizabeth Taylor passa, olhando para o Cooper de cima a baixo. Ela faz-lhe um pequeno sorriso coquete. O Cooper ergue-lhe o copo, os olhos brilhando como os de um lobo.

– Eu disse que vou circular – repito. – Para procurar o Jonah.

Ele ainda tem os olhos postos na Elizabeth Taylor enquanto acena com a cabeça.

– Boa caça – diz, distraído.

Fico imediatamente irritada.

– Não estou à caça – resmungo, mexendo-me desconfortavelmente porque a licra rasgada se enrolou e agora está a apertar-me deveras a parte superior das coxas. – Estou a cumprir o meu dever para com um pobre homem com uma doença venérea! Já te ocorreu que alguns de nós querem mais do que uma série de corpos para pinar sem nunca saberem sequer os seus nomes?

O Cooper pestaneja e olha para mim, com as pontas das orelhas a ficarem vermelhas. Os olhos dele fixam-se nos meus.

– Tenho certeza de que o Jonah ficará muito feliz por te ver tão... bem, Delphie. Muito bem.

Encosto as mãos ao peito e finjo um desmaio.

– Bem! Muito bem! Que belo elogio, Cooper. Obrigada por aumentares a minha confiança. Não admira que estas mulheres te achem irresistível, com elogios desses.

Céus. Nem sequer me importo com o que ele pensa. Provavelmente só concordou em ajudar-me para poder encontrar aqui alguma rapariga rica com um disfarce *kinky* para levar para casa hoje à noite.

Bebo o resto do meu champanhe antes de tirar o copo das mãos do Cooper e esvaziar o que resta do dele. Depois devolvo-lhe os dois copos vazios e avanço para o centro do salão de baile, à procura do Jonah.

*

Já espiei cerca de oito ou nove grupos de pessoas, tentando perceber se algum deles é o Jonah. Não estou a ter sorte nenhuma. Não ajuda o facto de alguns convidados trazerem perucas, a maioria deles verdadeiramente disfarçados. E se o Jonah foi contratado para dançar disfarçado? Não terei hipótese de o encontrar!

Não. Mantém-te positiva. Chegaste até aqui, Delphie. Ele está aqui. Tem de estar. E quando o encontrares, vai ficar tudo bem.

Pego em mais uma flute de champanhe para mim e noutra para dar ao Jonah quando o encontrar. Aproximo-me do *hall* em busca de um camarim improvisado, mas assim que estou prestes a sair do salão de baile, a banda para de tocar. Ouve-se o som de um microfone, seguido pelos tons tilintantes de uma voz que me faz cair o estômago ao chão. Uma voz que eu nunca, jamais, queria voltar a ouvir.

Dou uma volta, a sala a tremer um pouco devido ao champanhe ou ao choque, não sei.

De pé no palco, vestida, claro, como Marilyn Monroe no vestido cor-de-rosa de *Os Homens Preferem as Loiras*, está a Gen Hartley. Ao lado dela, avança o Ryan Sweeting, um pouco mais corpulento do que costumava ser, mas ainda objetivamente bonito, especialmente vestido como Joe DiMaggio, com um traje completo de baseball *vintage*. Surpresa, surpresa: ele ainda é atleta.

Respiro fundo e tento acalmar o coração, mas a voz dela, tão bonita e melódica, soa-me como se alguém me tirasse as entranhas com uma concha, pouco a pouco.

— E, como sabem, é uma honra apresentar este evento esta noite em nome de Lady Derwent, que está algures por aí! — A Gen protege os olhos dos focos de luz intensa e observa a multidão, acenando enquanto a plateia aplaude Lady Derwent, onde quer que ela esteja. — E, como sempre, Lady Derwent e eu escolhemos a causa mais merecedora para todos nós apoiarmos esta noite. A Ditch the Bullies ajuda a fornecer formação e apoio aos professores para que possam proteger melhor as nossas crianças contra o *bullying*, que agora, com o advento das redes sociais, está cada vez mais presente.

Uma instituição de caridade anti-*bullying*? Os meus ombros curvados suavizam-se um pouco. Será esta a maneira de a Gen tentar expiar-se, de alguma forma? Será que se sente culpada pelo que me fez passar?

— Eu própria fui profundamente afetada pelo trauma que sofri às mãos de outros durante o tempo em que frequentei a escola secundária na zona oeste de Londres — continua a Gen. — Partidas, exclusão, guerra psicológica. Tanto que saí daquela zona. Só recentemente, com a ajuda do meu marido e dos meus dois preciosos filhos, é que tive coragem de regressar para lá, quando surgiu a oportunidade de comprar a minha adorada casa de infância. Foi desafiante voltar. Mas eu sabia que era lá que eu pertencia.

Ao lado dela, o Ryan afaga o ombro da esposa, assentindo com simpatia.

Estão a brincar comigo? Ela está a usar a minha história como forma de cair nas graças destas pessoas? Para fazer com que pensem que ela alguma vez foi uma espécie de vítima? Ela era a agressora. Ela era a que excluía e fazia partidas. A sala inclina-se ligeiramente. Não posso sentir-me assim outra vez. Olho para as mãos e tento concentrar-me nas minhas bonitas unhas. Mas, claro, ainda consigo ouvir a Gen a falar no tom altruísta de quem nunca cometeu um erro.

– O entretenimento vai continuar, com as atuações de John, o Mágico, e do Cão Cantante, o *Elbow*. Entretanto, por favor, sigam os *links* nos vossos bilhetes digitais para o *site* de doações e deem tudo o que puderem. Faremos um anúncio do montante final dentro de uma hora. Estimados convidados, adoráramos que esta fosse a nossa gala mais bem-sucedida até agora. Pelas crianças. Por isso, se odeiam o *bullying*, provem-no!

A plateia aplaude calorosamente, e não sei se é a adrenalina ou apenas o caos dos últimos dias, mas de repente sinto um impulso de energia a atravessar-me. É diferente de tudo o que já senti antes, fazendo com que os pelos dos braços se arrepiem e o coração bata nos ouvidos, como um rufar intenso de tambor a preparar-me para a batalha. Como se atreve ela? Como se *atreve*? Avanço em direção ao palco. *Quero* que ela me veja. Que veja que sei a mentirosa que ela é. Que nem todos aqui se deixam enganar pela sua falsa doçura e voz açucarada.

A Gen avista-me, os olhos a arregalarem-se. Dá um toque ao Ryan e ele, quando me vê, estreita os olhos como se estivesse a tentar lembrar-se de mim.

Como ousam estar ali no palco a exaltar a amabilidade quando fizeram da minha vida um inferno na terra? Como conseguem fingir tão facilmente?

A fúria percorre-me o corpo, tão intensa que tenho a certeza de que os meus olhos devem estar a faiscar, como num filme de ficção científica. Aproximo-me do palanque e encaro a Gen.

– Delphie Bookham? – A sua boca cai ao ver-me. – Não acredito...

– Ah, vai-te lixar, Gen. – O meu coração dispara. A energia que me percorre os membros faz-me sentir como se pudesse levantar um camião. A minha cabeça enche-se de relampejos da escola: uma montagem lúgubre, como a do vídeo da Merritt.

– Delphie! – sussurra a Gen. – O que é que estás a fazer...

– Acho que te disse para te ires lixar – despejo, o microfone nas proximidades a fazer as minhas palavras ecoar pelo salão de baile. A minha voz, combinada com um arrepiante guincho de *feedback*, suspende de imediato o burburinho da gala, deixando um silêncio desconfortável a pairar sobre a sala. Os meus olhos embaciam-se de lágrimas. Limpo-as. Não vou chorar à frente deles.

– Dizes que o *bullying* arruína vidas? – A minha voz treme, apesar do champanhe que me anestesiou os nervos. – Tu fizeste-me *bullying*! Arruinaste-me a vida. O meu crime? – Abano a cabeça. – Ainda não faço a mínima ideia de qual tenha sido. – Aproximo-me da Gen e baixo a voz. – O que te fiz eu? Era a tua melhor amiga. E tu tratavas-me como se me odiasses. Porquê?

A Gen aproxima-se para afastar o microfone que está a apanhar toda a nossa conversa. Mas, por um momento breve e aterrorizador, penso que ela me vai empurrar, fazer-me tropeçar ou enfiar-me algo no cabelo. Instintivamente, ergo um dos copos cheios de champanhe e atiro-lho à cara. É um ato preventivo de autodefesa, que imediatamente percebo que não era necessário. A Gen fica ali parada, a pestanejar, com líquido a escorrer-lhe pela cara, manchando-lhe o vestido. Os lábios dela contorcem-se de fúria. Pouso o copo no chão, abro a boca para dizer mais alguma coisa, mas a raiva furiosa, impulsionada pelo álcool, que um momento antes me percorria as veias, desvaneceu-se, toda a sua utilidade esgotada. Não tenho mais nada a dizer.

Volto-me e vejo que todas as pessoas na sala nos observam. O Cooper está ali no meio, ao lado da mulher mascarada de Elizabeth Taylor. Os lábios dele estão cerrados numa linha sombria.

E então, atrás dele, vejo os deslumbrantes olhos azuis em que tenho pensado desde o dia em que os vi pela primeira vez. Ele está vestido com uma camisa de flanela aos quadrados pretos e brancos e calças de ganga caqui. É claramente uma máscara, mas não sei quem ele supostamente representa. Mesmo com uma roupa tão feia, ainda é ridiculamente bonito, o cabelo penteado na perfeição, os ombros agradavelmente largos. Olha para mim com curiosidade, a cabeça inclinada para o lado. A Merritt disse que as memórias são apagadas quando chegam visitantes acidentais à Eternidade. Preciso de lhe dizer quem sou.

Vou ter com ele.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Estou com ele. De pé em frente a ele. Os dois num pequeno arrumo, mesmo ao lado da sala principal de baile. Ele pareceu surpreendido quando lhe pedi para vir comigo, mas, mesmo assim, veio. Na sua mente, sou uma completa estranha. O meu estômago afunda-se.

O Jonah olha à volta da sala; eu faço o mesmo. Está coberta de prateleiras repletas de velas e castiçais, lâmpadas de todos os tamanhos e feitios, e algumas peças de candelabro a precisarem de reparação.

– Uma sala inteira só para apetrechos relacionados com iluminação – observo, com a voz um pouco trémula.

– Assim é a vida dos ricos – acrescenta ele, focando a atenção em mim.

– Chamo-me Delphie – digo.

– Jonah.

Ele estende a mão para me cumprimentar. Damos um aperto de mão, sinto uma onda de calor aquecer-me a barriga ao recordar a primeira vez que ele me tocou, quando ficámos ali simplesmente de mãos dadas, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ele sorri. Não parece importar-se muito por eu o ter arrastado para longe da festa. Pergunto-me o que pensará ele que está a acontecer. Eu devia explicar-me.

– Estás aqui hoje para dançar? – pergunto eu em vez disso, adiando a conversa que preciso de ter. – Para um espetáculo?

Ele franze ligeiramente o sobrolho.

– Como é que sabias que sou bailarino?

– Oh! Sim, então... Alguém mencionou isso no salão de baile. Um tipo qualquer? Ele disse que partilhavam um agente...

– Está aqui outro Alabaster Disaster, está? – Ri-se. – Desculpa. É uma piada nossa; o meu agente é um pouco menos eficaz nos dias que correm. Não. Não estou a trabalhar. Vim acompanhar uma convidada.

Oh! O Maurice devia ter aquele *post-it* porque o Jonah não estava disponível para ser contratado esta noite.

– Quem é suposto seres? – pergunto.

O Jonah ri-se e limpa um pequeno pedaço de pó da frente da sua camisa de flanela.

– É um pouco referência de nicho, para ser sincero. Viste o filme *Beetlejuice*?

Abano a cabeça.

– É um filme do Tim Burton dos anos oitenta. Adoro. Quando a rapariga com quem namoro me convidou para a acompanhar aqui esta noite, quisemos vestir-nos como o Adam e a Barbara do filme. Como disse, nicho.

– A... a rapariga com quem namoras?

– Sim. É bastante recente, mas está a correr bem, penso eu! Eu... Porque é que querias falar comigo? Estou intrigado. Não é todos os dias que uma misteriosa Daisy Gatsby me arrasta para uma sala cheia de apetrechos relacionados com iluminação.

– Sim, desculpa ter-te arrastado para aqui como uma doidinha. Mas é que está tanta gente lá fora. Deves achar tudo isto muito estranho.

Ele ri-se levemente.

– Parecias bastante zangada há bocado. Não te ia dizer que não. Embora esteja, sabes, curioso. – Encosta-se à parede. – Porque é que querias falar comigo?

Porque ele é perfeito. Perfeito e gentil, como uma alma gémea. Respiro fundo, abrindo a boca para explicar o motivo por que preciso de falar com ele. Mas depois paro. Apesar de ter pensado nisso incessantemente, na verdade não faço ideia de por onde começar a explicar qualquer uma destas coisas. Como é que se começa uma conversa tão importante? Tão disruptiva? Não posso propriamente dizer-lhe que já nos conhecemos, mas ele não se lembra porque estávamos ambos mortos na altura. Mas também não posso começar muito devagar, porque já levei tanto tempo a encontrá-lo que já não tenho tempo para o conhecer um pouco melhor primeiro. Só preciso de que ele me beije. O mais depressa possível. Depois, mais tarde, posso explicar-lhe as coisas a um ritmo que não lhe derreta o cérebro – talvez até sairmos num primeiro encontro...

Levanto o queixo e olho diretamente nos olhos do Jonah. Estou mais do que «bem, muito bem» esta noite. Estou bonita. Talvez até bela. E se o Jonah se sentiu atraído por mim estando eu de camisa de dormir e meias verde-picles, recém-falecida, então seguramente, *seguramente* que não se importará se eu, bem, o beijar. E se for um bom beijo, o que, apesar da minha falta de experiência, tem de ser, porque, enfim, *almas gémeas*, ele corresponderá ao beijo. Será *instintivo*, nada como o beijo terrível com o Johnny Terry quando tinha dezoito anos. E... bem, não preciso de pensar mais do que isso. Só preciso de que ele me beije também. É isso que a Merritt queria. Que ele me beijasse. Não há nada mais importante do que isso.

Ok. Tomei a minha decisão. Não faz sentido esperar mais. Estendo as mãos para segurar nas dele, tal como fizemos na Eternidade. Franzo o sobrolho perante a ausência da faísca que me incendiou o corpo da primeira vez que o toquei. Então, olho-o nos olhos, e o meu estômago afunda-se ao perceber que eles não estão interessados e nem um pouco excitados como estavam quando nos conhecemos na sala de espera, mas movem-se da esquerda para a direita como se procurassem ajuda. Olho para as nossas mãos e percebo que as dele estão apenas penduradas nas minhas. Deixo-as cair.

– Hum... desculpa – apresso-me a dizer. – Pensei... pensei que tivéssemos... E só queria...

O Jonah começa a mexer no colarinho da camisa de flanela.

– És muito bonita. Incrivelmente. Mas, como disse, tenho namorada. Ela está no salão de baile... – Interrompe-se e olha para a porta, constrangido.

O meu coração começa a bater de pânico. Ele não se pode ir embora! Se ele se for embora, então estará tudo acabado!

– Não! Fica aqui! A tua namorada pode esperar, isto é importante!

– Desculpa? – A voz dele agora é declaradamente áspera.

Porque é que eu disse isto? E porque é que agora a minha voz soa como um guincho? Pareço uma doida varrida.

Os olhos do Jonah abrem-se mais. Parece assustado, será? Merda. Não. Não o quero assustar. Tenho de recomeçar. Tentar uma abordagem diferente. Uma abordagem mais delicada, menos louca, menos embriagada. Mas ele agora está a afastar-se de mim.

Preciso de mais tempo com ele. Ele precisa de me conhecer. Mas não terei mais tempo, a menos que...

– Beija-me! – grito em pânico, inclinando-me novamente para a frente. Ele desvia-se e os meus lábios não encontram nada além de ar.

O Jonah olha em volta com terror, esticando-se para trás, para a maçaneta da porta, abrindo-a com um puxão e correndo para o *hall*, em direção ao salão de baile.

– Jonah, não! – grito. – Não compreendes! Deixa-me explicar!

Sigo-o para fora da sala, tropeçando nos estúpidos dos sapatos. Sacudo-os dos pés e começo a correr atrás dele. Não posso perdê-lo. Outra vez, não. Depois de tudo, não. Não tenho tempo!

Corro atrás dele até ao salão de baile, onde a banda está agora a tocar uma canção de Harry Connick Jr., os garbosos convidados a rodopiar elegantemente pela pista de dança. O Jonah desaparece na multidão. Não, não, não. Não posso perdê-lo outra vez! Foi tão difícil encontrá-lo. Esta é a minha única oportunidade!

– Jonah! – grito, e a minha voz emerge como um guincho. É um som tão arrepiante que faz a banda parar de tocar.

– Esta miúda outra vez, não – alguém murmura ao meu lado.

A multidão afasta-se e lá está o Jonah, mesmo no meio da pista de dança. Apresso-me a chegar até ele. Os outros convidados estão a observar-nos.

– Eu... eu não sei o que é que tu queres, mas seja o que for, não estou interessado. – Ergue as mãos como se estivesse a tentar acalmar-me.

– Mas tu estás interessado – digo. – Deixa-me só explicar...

– Sim, talvez noutra altura. – Dá mais um passo atrás.

– Não há tempo para outra altura! – Levanto os braços, frustrada. – Nunca estás onde deverias estar! Não apareceste na sessão de desenho, e depois, quando cheguei ao Shard...

Interrompo-me quando a boca do Jonah se abre. Ele parece genuinamente aterrorizado. Ao seu lado, uma bonita mulher de cabelo escuro, com um vestido florido, dá-lhe a mão, olhando-me com curiosidade.

– Nãaaaaaaao – murmuro, só que parece mais um lamento do que um murmúrio.

Merda. Estou a tornar isto muito, muito pior.

– O que é que se passa aqui? – A Gen. Ainda tem o vestido manchado, mas já está seco, e o cabelo, perfeito, como sempre. – Estás bem, Jonah? – pergunta.

Ela conhece-o?

– Como é que vocês se conhecem? – Franzo o sobrolho, olhando para um e para o outro.

A Gen franze-me o sobrolho a mim.

– O Jonah é um querido amigo meu. Já dançou em muitos dos meus eventos.

– Confirmei novamente e ela não está mesmo na lista. – O Ryan aproxima-se, apontando para um iPad. – É uma intrusa – acrescenta. – É assim que se diz, querida? Intrusa? Ou intrusora?

A Gen ignora-o. Faz um sinal delicado à banda, para que recomece a tocar, e incentiva gentilmente a multidão a afastar-se de nós. O Jonah está a olhar para mim, a mais completa confusão a enrugar-lhe o belo rosto. Ao lado dele, a companheira aperta-lhe a mão.

Os meus olhos voltam a encher-se de lágrimas. Limpo-as furiosamente. Na periferia do meu campo de visão, vejo o Cooper a aproximar-se.

– Vieste aqui para alguma espécie de vingança? – pergunta a Gen com um franzir de sobrolho. – Segue a tua vida e perdoa-me de uma vez por todas! Fui uma idiota na escola. E o Ryan também. Estávamos perdidos. A tentar encontrar o nosso caminho. A escola secundária é uma selva, sabes?

– Acabaste literalmente de usar o que me fizeste, e distorceste tudo no palco, para passares por vítima! Assume alguma responsabilidade, Gen.

– Estou a apoiar a Ditch the Bullies! Estou a assumir responsabilidades!

– Nunca te aproximaste de mim. Ao longo de todos estes anos, podias ter entrado em contacto comigo. Pedir-me desculpa. – A voz falha-me. – Porque não o fizeste?

Ela parece cansada. Por um momento, as minhas defesas enfraquecem e vejo a rapariga com quem costumava brincar. Aquela que me deixava usar os patins dela quando os meus se partiam. Aquela com quem eu me ria até às duas da manhã quando dormia em minha casa. E isso faz-me lembrar a rapariga que eu costumava ser. Destemida e aberta.

A Gen sopra o ar das bochechas.

– Tinha-me esquecido completamente de que existias, para ser honesta, Delphie. E, de qualquer forma, fui horrível para toda a gente naquela altura, não foi só para ti.

– *Babe*, não éramos assim tão maus – interrompe o Ryan, ajustando as suas calças de baseball apertadas. – Pelo menos, não que eu me lembre. Não me lembro de tudo. És a Delphie, certo? Cabelo ruivo? És a que fez aquele desenho? – Ele ri-se e a Gen dá-lhe uma cotovelada.

– Tinhas-te esquecido? – gaguejo. – Tinhas-te esquecido de que eu existia? – Um murro no estômago.

Tenho pensado na Gen e no Ryan todos os dias desde que deixei a escola.

Olho para um e para o outro. O telefone da Gen vibra e ela tira-o da sua malinha prateada, lançando-lhe um olhar rápido antes de voltar a olhar para mim.

– Tenho de anunciar o próximo ato. Por isso, dás-nos licença?

Abro a boca, mas, mais uma vez, não sai nada. Estou vazia. Estou farta. Viro-me para pedir desculpa ao Jonah, para tentar resolver as coisas, mas ele voltou a desaparecer. Provavelmente, fugiu para ficar a salvo da minha pessoa, ou foi beijar aquela outra mulher em vez de mim.

– Estás pronta para ir embora, Delphie? – diz o Cooper, delicadamente. Pega-me no braço. – Estou aborrecido.

A Gen arqueja.

– Oh, uau, tu és o R. L. Cooper? – Sorri abertamente, como se o nosso diálogo fosse agora uma memória distante. – Sou a Gen, Gen Hartley. Conhecemo-nos no Festival de Harrogate há dois anos: eu estava a organizar um evento de caridade com o escritor Peter Johnson, para o Royal Literary Fund.

– Não me lembro de nada disso – diz o Cooper, brindando-a com o sorriso que parece fazer todas as outras mulheres desmaiar.

Tem o mesmo efeito sobre a Gen. Ela cora, com a língua a espreitar um pouco entre os lábios.

– Claro, debes ter tido tantas pessoas a babarem-se por ti naquele dia. – Morde o lábio. – Oh, posso tirar uma foto contigo num instante para o meu Instagram? – Entrega o telefone ao Ryan e sibila-lhe para tirar uma fotografia. Ele acena estupidamente, pronto a obedecer sem questionar, como sempre fez.

O Cooper abana a cabeça, o sorriso ainda mais amplo, enquanto baixa a voz e se inclina para perto da Gen.

– Bem, sinto-me tão lisonjeado, Gemma, mas preferia arrancar os meus próprios olhos a passar mais um momento a falar contigo. Desejo-vos uma noite maravilhosa, aos dois. – Acena ao Ryan, que lhe devolve um polegar para cima. – Anda, Delphie. Vamos embora.

CAPÍTULO TRINTA

Só quando saímos é que percebo que deixei os sapatos dentro de Derwent Manor. Felizmente, estamos no meio de uma onda de calor e as estradas campestres relvadas estão secas como pó. No entanto, é desconcertante, agora que o Sol se pôs e está escuro como breu. Posso pisar qualquer coisa.

O Cooper usa a lanterna do telemóvel para iluminar o caminho.

– Estás bem? – pergunta-me enquanto passamos pelo campo que agora não tem ovelhas.

Não creio que esteja.

Não por ver a Gen e o Ryan, o que teria sido suficientemente mau por si só, mas porque agora posso afirmar com segurança que falhei de modo inequívoco esta oportunidade que a Merritt me deu. Perdi-o. Perdi o Jonah. Ele olhou para mim como se eu fosse alguém a temer. Não me beijou. Nunca me vai beijar. O que significa que não só perdi o potencial amor da minha vida, mas que vou morrer novamente dentro de três dias. E embora nunca tenha achado a minha vida particularmente especial, estes últimos dias viraram tudo o que eu pensava saber de pernas para o ar. As coisas têm sido stressantes e estranhas e assustadoras e avassaladoras. No entanto, de alguma forma, senti-me mais viva do que alguma vez pensei ser possível.

– Estou bem – digo, embora consiga sentir à espreita as lágrimas que agora parecem surgir tão facilmente. Sabe Deus o que acontecerá a Mr. Yoon.

– Começo a achar que querias encontrar este Jonah para mais do que informá-lo de uma DST...

– Não havia DST nenhuma! – respondo enquanto um ramo se parte suavemente sob o meu pé descalço. – Nem sequer... eu só... eu disse isso naquele momento porque não te conhecia. Eu pensava que havia algo verdadeiro entre mim e o Jonah, e... e *precisava* de que houvesse... Eu

precisava de que ele fosse... – Calo-me. É demasiado difícil explicar, sobretudo a alguém como o Cooper. Suspiro pesadamente. – Estraguei tudo, como sempre.

– Tenho a certeza de que não é assim tão mau.

– Cooper, acabei de perseguir um homem e humilhar-nos aos dois à frente de uma sala cheia de pessoas.

– Estou certo de que ele ficou lisonjeado com a tua determinação.

– Oh, por favor.

A voz do Cooper suaviza-se.

– Às vezes, quando as pessoas se querem ir embora, é mais fácil deixá-las ir.

– Não quero falar sobre isto – digo, limpando outra lágrima não convidada. – Sobretudo, contigo. Só quero ir para casa.

– Eu percebo.

Continuamos a avançar pela estrada do campo num silêncio carregado de infelicidade quando, de repente, se ouve um estranho ruído de fricção vindo de cima. Paramos ambos de andar e olhamos para cima. Somos recompensados pela nossa curiosidade com uma enorme pancada de chuva a cair sobre nós. Um estalo repentino de um relâmpago ilumina o choque nos nossos rostos, imediatamente seguido por um estrondo de trovão. Agora? Vai chover e trovejar e relampejar *agora mesmo*? Tem sido o verão mais quente desde que há registo, não chove há um mês inteiro. Mas de repente desata a chover quando eu estou presa numa estrada de campo, descalça, desanimada, envergonhada e marcada pela morte?

Rio-me. Rio-me e choro e abano a cabeça.

– Perfeito! – grito para o céu por cima do rugido do trovão. – A sério. O *timing* é incrível!

– Delphie, anda lá! – grita o Cooper, com o cabelo já encharcado. – Não fiques aí parada!

Baixo o olhar para os meus pés, a chuva já a amolecer o solo previamente seco por baixo de mim. Levanto o pé. Ouve-se um esguichar.

– Anda lá, vamos ficar encharcados.

Não consigo desviar os olhos dos meus pés. De qualquer forma, vou morrer daqui a três dias. Que importa se ficar encharcada! Se me afogar nesta chuva. Literalmente, já nada importa.

O Cooper aproxima-se de mim.

– Eu levo-te ao colo até ao carro, está bem?

Encolho os ombros, meio apática, meio à espera de que ele me levante como se eu não pesasse nada. Mas não. Ele não faz isso. Ele agarra-me – sim, sem qualquer esforço –, mas atira-me por cima do ombro como se eu fosse um saco de batatas, o que, francamente, depois deste espetáculo, tanto se me dá. A minha cabeça pende nas costas dele e, quando o Cooper corre ao longo da estrada do campo, começa a bater-lhe no rabo.

– Cooper! Põe-me no chão! – grito, porque isto é simplesmente demasiada humilhação até para mim. Mas a chuva e a trovoadas são tão ensurdecedoras que ele não me ouve. Pergunto-me por momentos se ficarei com uma nódoa negra, porque, embora o rabo do Cooper seja um pouco mais redondo do que a média, não deixa de ser puro músculo sólido. É como se a minha cabeça estivesse a bater numa bola de basquetebol.

Desisto, decidindo apenas deixar-me pender, e em breve estamos de volta ao parque de estacionamento, onde o Cooper me pousa de pé, junto ao carro. Leva a mão ao bolso de dentro para tirar de lá as chaves, e depois ao outro bolso de dentro. Tira o canivete suíço, as plantas arquitetónicas e uma carteira. Em seguida, despe o casaco do *smoking* e mergulha nos bolsos das calças.

– Merda – resmunga. – As chaves do carro. Devem ter caído quando andaste à procura do meu lenço. Não as ouviste cair?

– Claro que a culpa é minha – grito, a chuva a varrer-me o rímel diretamente para dentro do olho. Levanto as mãos e tento proteger o rosto. – Podias tê-las perdido a qualquer momento. Usa o canivete suíço para abrir a porta do carro. Funcionou nos portões!

O Cooper olha para mim, com uma mecha de cabelo molhado a cair-lhe sobre o olho. Afasta-a.

– Não vai resultar. Esta fechadura é especial. Foi feita de forma a ser impossível de abrir.

Tem o casaco pendurado sobre o ombro, e a camisa tão molhada que ficou transparente e colada a um tronco que parece ser tão sólido quanto o traseiro. Sinto-me incapaz de desviar o olhar. Tenho a boca seca. Sinto a chuva nos lábios e apanho água com a língua. O Cooper olha para mim por um momento, ofegante, a chuva a escorrer-lhe das pestanas.

– O *pub* – diz de repente, apontando para as luzes amarelo-quentes do Bee and Bonnet.

Sem perguntar, volta a pegar em mim, lançando-me por cima do ombro, e corre em direção ao *pub*, a minha cabeça mais uma vez a bater contra o seu traseiro completamente encharcado. Raios o partam.

O Cooper abre a porta do *pub* e põe-me no chão.

– Porra! – grito dramaticamente. Mas agora já estamos abrigados da chuva, e este *pub* está muito, muito silencioso. Ouve-se o som suave de um rádio a tocar Adele, e há apenas três outros clientes – um casal grisalho, ligeiramente molhado, e o seu *pug* de pelo grisalho – no total.

O *barman* olha para a poça que estamos a fazer no chão de pedra e suspira. Desaparece nas traseiras, regressando com uma toalha ligeiramente molhada que parece já ter sido usada pelo casal grisalho e o seu cão. O Cooper pega nela e esfrega o cabelo e o rosto antes de me entregar. Faço o mesmo e depois coloco a toalha no chão para limpar os pés e, simultaneamente, absorver a nossa poça de chuva. Devolvo-a ao *barman*, que a pendura de volta no gancho, pronta para os próximos clientes molhados, deduzo.

– Tem quartos disponíveis? – pergunta o Cooper ao *barman*.

– Quartos? – Faço uma careta. – Não posso ficar aqui. Chama o reboque ou algo do género. Eles tratam-te do carro. Ou apanhamos um táxi? Eu só quero mesmo ir para casa.

O Cooper resmunga.

– Não me sentiria bem em pedir a alguém que viesse até nós nestas condições terríveis. E tu? Não te importavas? – Olha para mim como se eu tivesse acabado de sugerir que ele defecasse num saco e o enviasse à mãe.

Ele tem razão. Está apocalíptico lá fora. Não quero que ninguém tenha de conduzir no meio daquilo. Abano a cabeça.

– Olha – diz o Cooper, os olhos a amolecerem um pouco. – Esperamos e eu ligo a um amigo meu de manhã. Ele tem um jogo de chaves suplentes do meu carro.

Que outra opção nos resta?

Olho para o *barman*.

– O que ele disse. Precisamos de um par de quartos.

– Não será problema – diz o *barman*, gesticulando para o *pub* vazio. – Agora, o que é que vocês querem beber?

– Álcool – diz o Cooper bruscamente.

– E muito – acrescento, enterrando a cabeça molhada nas mãos.

No que a *pubs* diz respeito, este não é o pior sítio onde ficar preso – é acolhedor, as cadeiras são confortáveis e as bebidas em Duckett's Edge são a metade do preço do que em Londres. Eu e o Cooper instalámo-nos num canto junto a uma parede carregada de pinturas a óleo de mulheres, cada uma num estilo artístico diferente – um nu abstrato, um quadro impressionista de uma mulher num jardim selvagem, um retrato completo num estilo renascentista clássico. O Cooper está a beber *whisky* puro, pois claro que está, e eu estou a beber *vodka martini* sem azeitonas. As bebidas foram feitas com um vermute muito antigo, muito doce, possivelmente fora de validade, porque – como disse o *barman* – «isto não é o raio do Chiltern Firehouse».

Tiro alguns ganchos da minha bolsa e faço uma trança no cabelo molhado, ao meu estilo habitual, até ficar presa.

Uma mulher jovem, extremamente bonita, de calções de ganga, passa pela nossa mesa. Espero que o Cooper encontre o olhar dela com aquele ar de sedução que ele está sempre a usar, mas não o faz. Está só a brincar com uma base de copos, de sobancelhas franzidas.

– Estás bem? – pergunto. – Acabou de passar aqui uma mulher muito atraente e tu nem reparaste.

– Não sou nenhum Casanova, sabes?

Levanto uma sobancelha.

– Diz isso à fila de mulheres à porta do teu apartamento.

O Cooper abana a cabeça.

– Os humanos precisam de companhia.

– Claro – digo com um revirar de olhos. – *Companhia*.

Ele olha para mim, sério.

– Assumo que nunca te sentiste sozinha. Caso contrário, não serias tão crítica em relação às pessoas que fazem o que podem para evitar esse sentimento em particular. – Suspira ligeiramente. – Mesmo que não resulte.

– Desculpa – digo, erguendo o olhar para encontrar o dele. – Não sabia.

Ele rasga um pedaço de cartão da base para copos. Vejo-o a brincar com aquilo, sentindo-me ignorante por fazer tais suposições. Certamente que o conheço melhor do que isso agora.

– Então, então... – começo a perguntar, e depois calo-me abruptamente.

– O quê? Continua.

– Porque não uma única mulher? Se te sentes sozinho, certamente que estar com uma pessoa, regularmente, seria melhor...

O Cooper larga o pedaço da base para copos.

– Não namoro porque nunca conheci ninguém que me fizesse sentir como...

– Oh, merda! – grito, o meu coração a dar um salto repentino assim que me lembro. – Não vou estar lá hoje à noite para confirmar se está tudo bem com Mr. Yoon.

– Porque é que precisas de confirmar se está tudo bem com Mr. Yoon?
Encolho os ombros.

– Verifico se ele apaga os cigarros à noite e desliga o gás... estás a ver?

– Ele já deixou cigarros acesos antes?

– Bem, não. Mas a memória dele está esbatida. Tem vindo a ficar bastante esquecido durante este último ano.

– Mr. Yoon vai ficar bem – diz o Cooper, dando um gole na sua bebida. – Ele pode estar a envelhecer, mas o homem é mais astuto do que nós os dois juntos.

– Como é que sabes?

– Porque ainda não lhe consegui ganhar um único jogo de póquer.

Franzo o sobrolho.

– Jogas às cartas com Mr. Yoon?

O Cooper acena com a cabeça, rodando a base para copos entre as mãos.

– Três tardes por semana. Almoçamos e jogamos um jogo.

– Fazes-lhe o almoço?

– *Compro-lhe* o almoço. Ele não iria gostar da minha comida.

– Espera, foste tu que o viciaste naquelas gomas em forma de garrafas de Coca-Cola?

O Cooper ri-se.

– Levei-lhas uma vez. Ele devorou-as, por isso levei-lhe mais.

Suspiro.

– Não podes continuar a comprar-lhas. Não lhe fazem bem.

– Delphie, ele tem mais de oitenta anos. Deixa-o ter algum prazer.

– Só quero que ele fique bem – digo. Mordo o lábio ao pensar no que lhe acontecerá quando eu me for. – Ouve. – Aproximo-me do Cooper. – Mr. Yoon está à espera de uma avaliação do município. Ele precisa de cuidados

adicionais. Mas a lista de espera é longa.

– Ah. Não sabia.

– Sim. E eu ia tomar conta dele até resolverem isso, mas... Se por algum motivo eu, sabes...

– O quê?

– Tipo, ficar incapacitada ou algo do género, seria...

O Cooper recosta-se, um sorriso divertido erguendo-lhe o canto da boca.

– Por que raio ficarias incapacitada, Delphie?

Faço um som de reprovação.

– Hipoteticamente, está bem? Só quero saber que, se me acontecer alguma coisa, alguém cuidará de Mr. Yoon.

O Cooper fixa o olhar no meu, como se estivesse a tentar espreitar para dentro da minha cabeça.

– Tu preocupas-te mesmo com ele, não é?

Desvio o olhar e dou um grande gole na minha bebida.

– Só quero que ele tenha, tipo, quem cuide dele.

– Está bem. No caso improvável da tua incapacitação, juro solenemente garantir que Mr. Yoon receberá os devidos cuidados. Claro.

Encontro novamente os olhos do Cooper, o alívio e a *vodka* aquecendo-me os braços e as pernas.

– A sério? Fazes isso? Quero dizer... farias? Na, hum, eventualidade improvável da minha...

– Mr. Yoon vai ficar bem – interrompe. – É fixe que ele tenha alguém como tu a cuidar dele.

Os meus ombros relaxam, embora não tanto quanto seria de esperar dada a promessa do Cooper de que Mr. Yoon será cuidado sem mim. A verdade é que só me restam três dias na Terra, e estou presa ao meu vizinho reconhecidamente não muito desprezível em vez de beijar a minha alma gémea, que tem o poder de me salvar a vida.

Mas que estaria eu a fazer nos meus últimos três dias de vida, se não estivesse nesta situação? Se não tivesse sido enviada nesta missão ridícula pela Merritt? Provavelmente estaria em casa, no apartamento onde nasci. A olhar para os meus mais recentes cadernos de desenho e lápis, inventando um qualquer motivo para evitar usá-los de facto. Estaria a ver documentários de crimes reais sobre mulheres inocentes sendo enganadas por aqueles que amavam – um género de que há uma quantidade

deprimente de conteúdos para escolher. Estaria a tomar conta de Mr. Yoon, claro. Iria trabalhar e, com grande probabilidade, ainda evitaria conversar com a Leanne e a Jan para além das banalidades superficiais do trabalho. Mas, sobretudo, estaria sozinha. Escondida. E a minha vida limitar-se-ia a prosseguir numa série de «dias típicos», tal como no DVD da Merritt. É provável que não houvesse muitos mais momentos maus. Mas de certeza que também não haveria nenhum momento melhor.

Isto atinge-me como um pontapé no estômago.

Desperdicei.

Desperdicei a minha vida.

Peço licença e levo o telefone para a casa de banho para ligar à minha mãe.

Ninguém atende.

CAPÍTULO TRINTA E UM

— Não, não, não. De maneira nenhuma.

O *barman* olha em volta do *pub*, impotente. Sigo o seu olhar, espantada por o sítio parecer ter-se enchido de pessoas enquanto eu e o Cooper estávamos a beber a um canto.

— Não esperava que ficasse tão cheio — diz ele. — Uma quantidade estranhamente grande de gente ficou presa na chuva e quase todas queriam quartos. Vocês os dois não são um casal?

— Não — declara o Cooper.

— De maneira nenhuma — digo ao mesmo tempo. — Por isso é que pedimos dois quartos.

O *barman* encolhe os ombros.

— Terão de partilhar um quarto. Os outros já pagaram.

— Raios.

O Cooper começa subitamente a rir-se.

— Achas isto engraçado? — Cruzo os braços.

— Isto faz-me lembrar... — Apercebe-se da minha fúria e não termina. — Nada. Não te preocupes. É uma cama de casal. Dormimos de pés um para o outro.

Esta situação não podia piorar.

— É uma cama de casal pequena, sim — diz o *barman* com um encolher de ombros contrito.

Olho para o Cooper intensamente.

— Não serei cabra a ponto de te obrigar a dormir no chão, mas é melhor não me toques, amigo.

O Cooper dá um passo em frente, de modo que o peito dele está quase a tocar no meu. O seu olhar percorre-me o cabelo, depois os olhos e nariz, repousando-me nos lábios por um momento, antes de encontrar os meus olhos novamente, com um leve sorriso a atravessar-lhe brevemente o rosto.

– Nem que me pedisses, Delphie.

O *barman* está a sorrir, olhando para um e para outro, mas detém-se assim que lhe lanço o meu olhar mais frio. Estendo a mão para a chave, que ele deposita na palma da minha mão.

Dentro do quarto, vejo imediatamente que «cama de casal pequena» foi uma descrição generosa. Pouco maior é do que uma cama de solteiro. A decoração é agradável, pelo menos: lençóis de algodão branco fresco e papel de parede prateado bonito. Se estivesse sozinha, ficaria bastante satisfeita com a ideia de passar aqui uma noite. Mas não estou sozinha.

– Queres tomar banho primeiro, ou vou eu? – pergunto, fazendo uma careta para os meus pés sujos e o vestido ainda molhado que, embora seja perfeito para uma festa elegante, será infernal para dormir. Abro o guarda-roupa, contente por ver alguns lençóis adicionais lá dentro. Vou enrolar-me num deles, como uma camisa de noite improvisada, e assim não corro o risco de arranhar um olho com uma pena desgarrada.

– Na verdade, vai tu primeiro – digo. – Preciso de desfazer as tranças.

Sem uma palavra, o Cooper desaparece para a casa de banho. Ouço o ruído do chuveiro, nuvens de vapor perfumado a saírem de baixo da porta. Vem-me à mente uma imagem não solicitada dele lá dentro. Ui. O vapor está a tornar o quarto ainda mais quente. Abro a janela. São necessários três puxões para soltar a maçaneta rígida.

Organizo as almofadas de modo a que haja uma em cada extremidade da cama, e depois sento-me cautelosamente na borda, à espera, impacientemente, que ele termine para poder lavar este dia todo de mim. Quando, por fim, o Cooper emerge numa névoa de vapor com uma toalha atada à cintura, engulo em seco, como uma personagem de desenho animado nervosa. Os braços dele são enormes e fortes; o tronco é tão musculado como eu suspeitava, ainda a brilhar com gotas de água do chuveiro. Nunca vi um homem nu de perto e – oh, Céus – é desconcertante. Como é que alguém com cara de professor de inglês carrancudo pode casualmente ter o corpo de um Dothraki? Pergunto-me como será andar pela vida sabendo que se tem tudo isto por baixo da roupa. Se calhar é por isso que tem tantas mulheres à volta dele – quer alguém a quem se exhibir, provavelmente. Faço um som de desaprovação.

O Cooper fica completamente imóvel e observa-me a observá-lo, com um sorriso surpreendido no rosto. Levanta uma sobrancelha.

– É puramente interesse científico – despejo. – Nunca vi um homem nu de perto e, naturalmente, estou um pouco curiosa.

– E o Jonah? Estava vestido enquanto vocês se enrolavam por toda a cidade?

Merda. O meu cérebro está a falhar.

– A água quente é para mim! – digo inexplicavelmente, desaparecendo para a casa de banho e encostando-me ao batente da porta para recuperar o fôlego.

Depois do banho, levo os brincos ao Cooper. Ele já está deitado na cama, apoiado no lado oposto da cabeceira.

O lençol extra funcionou bem como camisa de dormir – consegui enrolá-lo à minha volta duas vezes, enfiando depois a ponta no decote para que ficasse tão presa como se estivesse cosida.

– Aqui tens – digo, pondo as joias nas mãos dele. – Obrigada por me teres deixado usá-los. – Massajo os lóbulos das orelhas, que acredito que os brincos tenham agora esticado pelo menos alguns milímetros.

O Cooper faz deslizar os brincos para o bolso interior do casaco que está pendurado na cabeceira da cama ao seu lado.

– Sinto muito pelo Jonah – diz ele, descansando as mãos atrás da cabeça. A sua ligadura improvisada de licra desapareceu, substituída por um penso que ele deve ter tirado do estojo de primeiros socorros no armário da casa de banho.

Dirijo-me até à janela para fechar o estore, mas descubro que está de alguma forma bloqueado em cima. Puxo com força e uma nuvem de pó voa pelo ar. Decido deixá-lo em paz; embora a chuva tenha arrefecido um pouco o ar, ainda está calor, e o quarto não é visível de fora, exceto pelas árvores altas do campo.

– O disfarce dele era um pouco obscuro.

– Eu gostei – digo em voz baixa.

Eu gostava de tudo no Jonah. Ou pelo menos, pensava que sim. Mas depois, no baile, a conexão brilhante e mágica que senti com ele na Eternidade mudou.

Desligo o candeeiro da cabeceira e a lua cheia reluz intensamente no quarto, lançando um brilho prateado sobre tudo, incluindo o Cooper, que parece ter sido esculpido em platina.

Desvio o olhar e deito-me na cama, aproximando-me o mais possível da borda sem cair.

Uma brisa murmura lá fora, trazendo o cheiro a folhas molhadas e ar fresco e limpo pós-chuva. Fico impressionada com quão bem cheira: a ar livre, madressilva e terra. Nunca cheirei nada assim em Londres. Podem ter uma loja Diptyque na Eternidade, mas de certeza que só a Terra cheira assim. Respiro fundo e tento fixar o cheiro exato na memória.

– Estás a chorar? – pergunta o Cooper, quebrando o silêncio.

– Não. De todo.

O Cooper mexe-se e depois, do outro lado da cama, a mão dele agarra a minha. Suspiro de choque. Mas não me afasto. Parece que não consigo.

As minhas lágrimas param.

Ficamos em silêncio cerca de cinco minutos, apenas a segurar as mãos um do outro. Começo a achar que o Cooper adormeceu quando ele começa, lentamente, a fazer círculos com o polegar na base do meu polegar. Deve levar cerca de quinze segundos a completar um círculo. Um desejo repentino explode-me na barriga, o que me espanta o suficiente para me mexer, e o meu pé toca nalguma parte do rosto do Cooper.

– Merda! – rosna o Cooper, sentando-se na cama, a mão dele já não segura na minha. Eu endireito-me e vejo-o a cobrir o nariz com as duas mãos.

– Fizeste de propósito.

– Não fiz!

Ele baixa as mãos, de olhos fixos nos meus.

– Claro que fizeste.

A expressão chocada no rosto dele faz com que uma bolha de riso me suba pela garganta.

– Foi um acidente – grito. Inclino-me para mais perto a fim de ver melhor. – E nem estás a sangrar!

– Hum. É verdade que me avisaste para não te tocar – murmura ele, a sua voz subitamente leve.

– Nem que eu to pedisse – respondo. A minha voz ficou toda rouca.

Noto então que os olhos dele estão completamente negros. Como se as pupilas tivessem engolido completamente as íris. A minha respiração acelera.

– Nós divertimo-nos, não é? – murmura ele. – Eu e tu.

Penso em como ele é irritante. Em como fico frustrada quando ele está perto. Como, antes de adormecer, comecei a pensar em respostas para lhe dar, coisas que poderiam fazer o seu lábio tremer de divertimento.

– Sim – sussurro, o meu coração a acelerar.

O Cooper inclina a cabeça para o lado, estende uma mão e enrola suavemente as pontas do meu cabelo à volta do seu punho.

– O Jonah é um idiota – diz ele, em voz baixa.

Solto o ar das bochechas, sentindo-me de repente quente com o puxão suave do meu cabelo na sua mão.

– Quer dizer, eu fui um pouco intensa com o Jonah. Tipo, tranquei-o num quarto comigo. Idiota. Muito estúpido da minha parte. Devia ter sido mais cautelosa. Mas, malogradamente, o tempo não tem estado do meu lado.

Porque é que estou a falar tão depressa? Porque é que estou a usar a palavra «malogradamente»?

Os olhos do Cooper suavizam-se. Ele retira a mão do meu cabelo e usa-a para me segurar o queixo entre o dedo indicador e o polegar, levantando-o para que metade do meu rosto fique à luz da lua. Então, exatamente como começara a desejar que fizesse, ele inclina-se para a frente e encosta cautelosamente os lábios aos meus.

Aquilo fez-me sentir... Oh, não. Aquilo não era suposto fazer-me sentir assim.

O Cooper afasta-se e olha-me fixamente, a sua própria respiração a acelerar. Depois, ajoelha-se na cama, passa um braço à minha volta e ergue-me abruptamente, de forma que eu também fique de joelhos, com o peito completamente encostado ao dele.

Engulo em seco.

– Is... isto é por te sentires sozinho? – digo, a corar. – Porque eu...

– Não, Delphie. Isto é porque hoje foi o primeiro dia em cinco anos em que não me senti sozinho. Nem um bocadinho.

Segura-me então o rosto com ambas as mãos e beija-me de novo, a sua língua mergulhando suavemente na minha. Derreto-me e todo o meu corpo começa a pulsar ao ritmo do coração, cuja batida acelerou para um zumbido. Beijo-o também, enrolando os braços em volta do pescoço dele,

uma mão subindo para os caracóis escuros, a outra descendo para o braço, que parece sólido e seguro sob os meus dedos. Aperto-o e emito um som que acho que nunca fiz antes – uma espécie de meio suspiro, meio piado.

– Pensei que me detestasses – murmura o Cooper, passando a boca pelo meu pescoço, o seu lábio inferior como veludo.

– Detesto – expiro, inclinando a cabeça para trás, porque o que quer que ele esteja a fazer parece magia na minha pele. – Mas tu também me detestas, por isso...

– Desprezo-te, Delphie – rosna o Cooper na minha boca.

O meu corpo assume o controlo e beijo-o com mais força, com a língua a explorar a dele. Sinto o quão duro ele está e fico tonta com o efeito disso, a antecipação.

Recuo, a respirar pesadamente.

– Eu... eu...

– O que foi? – pergunta o Cooper, inclinando-se para me beijar o ombro e depois o lóbulo da orelha e depois a boca novamente.

– Nunca fizisto – digo, sem fôlego.

O Cooper recua, com o peito a subir e descer rapidamente.

– Nunca fizeste o quê?

– Sou virgem – digo. E depois começo a rir porque parece tão improvável, mas também porque estou um pouco envergonhada. O que sei que não devia estar, porque a Delphie do passado estava certa de que isso era a coisa certa. Mas agora tudo mudou. E vou morrer daqui a três dias. E se isto é o que se sente ao beijar de forma desenfreada um homem objetivamente atraente, mas desprezível, à luz da lua, suspeito que talvez tenha sido uma idiota completa por evitar isto durante tanto tempo. E sim, dormir com o teu vizinho é provavelmente uma ideia terrível, mas o que é que isso interessa? Daqui a três dias nunca mais o verei. Não é como se ele se importasse. Ele está habituado a encontros de uma noite. Provavelmente é especialista neles.

O Cooper não me questiona. Não pergunta pelo Jonah e pelos encontros por toda a cidade. Em vez disso, olha-me diretamente nos olhos.

– Queres que pare? Basta dizeres.

– Queres... queres parar? – pergunto, mexendo na borda do lençol em que estou enrolada. – Porque eu, bem, não tenho mesmo muita ideia do que estou a fazer. Como fazer. Quero dizer, tecnicamente, eu *sei*, estás a ver?

Mas há falta de experiência de campo. Por isso, podemos parar agora. Sabes. Se quiseres.

O Cooper engole em seco, com o olhar fixo no meu.

– Preferia arrancar os meus próprios olhos do que parar com o que quer que isto seja – diz ele, o que me faz soltar uma gargalhada. – Mas és tu que mandas. O que quiseres, Delphie. A sério.

Examino-lhe o rosto à luz prateada. Penso na forma como ele acabou de enrolar o meu cabelo à volta do punho e como foi a coisa mais *sexy* que já me aconteceu.

Eu não tenho, literalmente, nada a perder – esta é a única vez na vida em que não haverá consequências do meu comportamento.

Apesar de tudo, os meus ombros amolecem. Confio no Cooper. Estou segura com ele e, para minha surpresa, não me sinto desconfortável nem envergonhada. Sinto-me excitada.

– Sim. Quero isto – digo com firmeza, a minha respiração aos solavancos com a expectativa. – Realmente... só quero saber como é.

– Então deixa-me mostrar-te – sussurra-me o Cooper ao ouvido, puxando-me para junto dele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A primeira vez não dói como pensei que poderia doer. É envolvente e invulgar, mas bom. Muito bom mesmo. O Cooper explora o meu corpo e transforma-o: em vez de algo que só guarda medo e ansiedade, passa a ser um condutor de eletricidade. Quando me penetra, levanto as ancas para ir ao seu encontro, sentindo-me mais confortável a cada investida, até que sou eu quem acelera o ritmo.

Quando o Cooper chega ao clímax, aperta-me tanto contra si que sinto o bater do coração dele reverberar por todo o meu peito. Deitamo-nos juntos na cama, sem fôlego e atordoados.

O Cooper levanta-se sobre um cotovelo e sorri para mim.

– Uau.

Aceno, à espera de que as estrelas nos meus olhos desapareçam.

– Uau. – Rio-me alto.

O Cooper ri-se.

– Porque é que estás a rir?

– Nunca pensei que a primeira pessoa com quem dormiria seria o vizinho de baixo que me disse para me ir lixar porque lhe pedi que baixasse o som às seis da manhã.

O Cooper franze o sobrolho.

– Hã? Não fiz isso!

Encosto-lhe preguiçosamente o ombro.

– Fizeste. Foi há cinco anos. Na manhã depois do Halloween. Lembro-me porque tinhas abóboras acesas na tua janela. Tinhas dado uma festa, acho?

O Cooper inspira.

– Não me lembro de te ter dito isso.

– Ainda bêbedo?

Ele abana a cabeça.

– Não. Na verdade, foi na manhã em que a Em morreu. A minha cabeça estava... eu estava noutro lugar. – Afaga-me o ombro e faz-me arrepiar. – A tua pele é de porcelana.

– Como um prato?

– Como uma estatueta. Mas *sexy*. Uma estatueta atraente.

Encolho os ombros.

– Sou muito caseira.

– Também não pensei que isto alguma vez fosse acontecer – diz ele. – Embora saiba que me achavas bonito.

– Oh, a sério? Como assim?

O Cooper ri-se.

– Na véspera de Natal depois de me mudar. Abri acidentalmente uma das tuas encomendas: uma caixa de tintas, acho. Levei-ta ao teu apartamento e estavas claramente irritada, de garrafa de xerez aberta na mesa.

A antiga garrafa de xerez do Natal que encontrei no armário. Estava triste naquela noite. Solitária.

– Merda. O que é que eu te disse?

Os olhos do Cooper cintilam.

– Disseste-me que eu era bonito na minha cara. Não me lembrava da expressão exata, até a teres dito hoje àquele segurança.

Enterro a cabeça nas mãos.

– Uau.

– Eu gostei – diz ele, a rir. – E disse-te que achava que tu eras bonita na cara. Mas depois disseste-me para sair, porque eras uma loba solitária, incapaz de amar ou ser amada. Algo assim. Mandaste-me embora, por isso fui.

– Que vergonha.

– Pensava que não te importavas com o que as pessoas pensavam de ti.

– Com a maioria das pessoas. Nem todas.

O Cooper sorri ao ouvir isto. Eu sento-me.

– Acho que não vou conseguir adormecer.

– Eu também não. Queres uma bebida? – O Cooper estica-se como uma suricata e olha para a chaleira. – Há... chá. Apenas chá.

– Chá é perfeito.

Quando o Cooper se levanta e enrola o outro lençol à sua volta, eu empurro as almofadas contra a cabeceira da cama e também me sento, observando-o enquanto ele ferve a água e mergulha os saquinhos de chá nas grandes canecas amarelas.

– Açúcar?

– O quê? Tenho doze anos? – digo, imitando-o. – Dois, por favor.

Já não preciso de manter os dentes saudáveis, por isso, que diferença faz? O Cooper entrega-me a caneca e dou um gole, exalando contentamento.

– Um belo chá.

– Como eu disse, ser escritor passa muito por preparar bebidas quentes enquanto entras em pânico sobre o que escrever a seguir. Tenho muita prática.

O Cooper sobe para o lado oposto da cama e encosta a almofada à cabeceira para ficarmos frente a frente. Acendo a luz ao lado da cama e o rosto dele fica iluminado por cores vivas. Tem as faces coradas, os lábios mais vermelhos do que o habitual, como se todo o seu sangue tivesse corrido para lá.

– Porque é que já não és escritor? Fartaste-te?

O Cooper baixa os olhos para a caneca e franze o nariz.

– Não, parei de escrever depois de a Em ter morrido. É como se o meu cérebro se tivesse esquecido de como se faz. – Dá uma pequena gargalhada sem alegria. – Nenhuma quantidade de bebidas quentes me ajudou. Cada vez que me sentava à frente do computador, só sentia o coração vazio. Como se nada importasse, a menos que a Em ali estivesse para falar sobre isso.

– Ela lia os teus livros?

O Cooper assente com a cabeça.

– Lia todos os meus primeiros rascunhos. Os romances policiais não eram o estilo dela, mas foi a primeira a levar-me a sério. Antes de eu conseguir um agente ou um contrato. Ela lia tudo e mandava-me anotações. Boas anotações. Às vezes, duras, mas boas. Era muito mais perspicaz do que as pessoas a consideravam. Ela é a razão pela qual há uma história de amor no meu primeiro livro. Disse que ninguém se importaria com um ladrão de bancos, a menos que ele tivesse algo real a perder. A menos que ele tivesse amor.

– Parece inteligente.

O Cooper esboça um sorriso triste.

– Era brilhante. Terias gostado dela, acho.

– Como é que ela...?

– Um coágulo de sangue no pulmão. Tinha acabado de voltar de Los Angeles, tinha estado lá numa convenção. E aparentemente tinha desenvolvido uma TVP. Os médicos disseram que foi rápido e indolor. Isso é bom, suponho.

Abano a cabeça.

– Não sei como é que alguma vez se supera algo assim.

– Não se supera. Ou, pelo menos, eu não superei. Nunca irei superar. Estive com a Em desde o momento do meu nascimento, e ela esteve comigo. Mesmo quando não estávamos juntos, estávamos, percebes? Eu conseguia sempre senti-la. Quando ela estava entusiasmada, ou triste, ou zangada. E ela sentia o mesmo em relação a mim.

– Soubeste... soubeste quando ela morreu? Tipo, sentiste?

O Cooper faz que sim com a cabeça.

– Estava a dar uma festa. A festa de Halloween. Por volta das seis da manhã, senti algo. Como se o meu coração estivesse a palpitar e uma onda de tristeza me invadissem por completo. Foi tão forte que me acordou. Tentei ligar imediatamente à Em, mas, claro, não houve resposta. Sabia que era uma loucura pensar que lhe tinha acontecido alguma coisa, mas não consegui voltar a adormecer. Então, liguei o meu gira-discos o mais alto que pude, tentando distrair os pensamentos aterrorizantes. Acho que foi quando bateste à porta? Não me lembro bem. Mas sabia. Sabia que algo estava em falta.

Pouso a caneca e seguro a mão dele entre as minhas.

– Aposto que, onde quer que ela esteja, está a sair-se bem.

O Cooper ri-se tristemente.

– Durante cerca de um ano após a morte da Em, via-a em todo o lado: na rua, num filme que estivesse a ver, nos meus sonhos. E cada vez que percebia que era só a minha mente a pregar-me partidas, era como se o choque me atingisse outra vez. A minha mãe queria que fôssemos a um médium, acreditas? As pessoas perdem mesmo a sanidade quando sofrem um grande desgosto.

– Então, não acreditas de todo na vida depois da morte?

– Ha! Não. Não, de todo.

– Eu também não acreditava – murmuro.

O Cooper vira-se para mim.

– Então, o que mudou?

Abro a boca para falar. Ele vai pensar que estou louca. É objetivamente de loucos. Aperto os lábios.

– Eu, hum, vi um programa incrível chamado *Ghost Whisperer*? – digo, séria. – Convenceu-me.

O Cooper ri-se alto e abana a cabeça.

– Soturno, Delphie. Muito sorturno.

– Posso beber outra chávena de chá? – digo, entregando-lhe a minha caneca. – Desta vez com três cubos de açúcar?

*

Passamos a hora seguinte esticados nas extremidades opostas da «pequena cama de casal», a falar sobre tudo e sobre nada.

O Cooper conta-me a vez em que fez uma leitura na Waterstones e apareceu uma única pessoa – uma mulher que tinha entrado para descansar os pés doridos. Falo-lhe da aula de desenho com modelo ao vivo e a pose hilariante de espargata que a Kat fez, e que aos dez anos eu queria muito ter uma alcunha, por isso disse a todos os professores para começarem a chamar-me Lil D, e não percebia por que razão se recusavam absolutamente a permiti-lo.

Conto-lhe a falta que sinto da minha mãe. Ele conta-me que sente o coração rachado. Que o podia disfarçar com amigos e família e livros e vida e alegria, mas que sabia que nunca seria realmente reparado enquanto a Em não estivesse no mundo.

Quando me faz perguntas sobre a Gen e o Ryan, mudo logo de assunto. Já não os quero na minha cabeça. Em vez disso, falo-lhe dos meus cinco programas de TV preferidos, e de como a luz que me entra pela janela às oito da noite nos últimos dias de agosto é tão perfeitamente lilás que me tira o fôlego todos os anos. Pergunto-lhe qual foi a melhor coisa que já lhe aconteceu e ele diz-me que foi quando ensinou a Em a andar de bicicleta, e que passaram o verão inteiro do seu décimo ano a passear pelo Hyde Park juntos, com os avós, parando para nadar no Serpentine, comer gelados e ler livros de bolso: Coleção Arrepios para ele, livros da Judy Blume para ela.

Entre as conversas, sorrimos um para o outro, rimo-nos porque o Sol está quase a nascer e não devíamos estar acordados. Mas também não queremos dormir.

– Vem cá – ordena o Cooper.

Faço o que ele diz, rastejando pela cama e gritando quando me puxa para o colo dele, o lençol a cair-me, expondo os meus seios à luz dourada e brilhante da madrugada.

Os olhos do Cooper banqueteam-se comigo.

– Caramba, és linda.

– Cala-te.

– Não.

Semicerro os olhos.

– Não uses as tuas frases de conquista comigo.

Ele move-se então, a sua dureza a pressionar-me. Sentindo-me audaciosa, enfio uma mão por baixo do lençol e toco-lhe, a suavidade quente fazendo-me morder o lábio. Mexo a mão e ele pulsa, espesso, sob a minha palma.

O Cooper encosta a cabeça à cabeceira da cama.

– *Cristo*.

Tem a voz tão rouca e profunda que juro que lhe consigo sentir a vibração na barriga.

Ele tira num preservativo da carteira e coloca-o. Subo para cima dele e deixo-me descair sobre o seu pénis, ofegando enquanto ele me preenche.

Começo timidamente a balançar, devagar ao início e depois mais depressa, à medida que entro no ritmo. O Cooper observa-me, os seus olhos verdes tão escuros como carvão. Eu observo-o a observar-me, e a intensidade disso, o sol brilhante nos nossos rostos, nos nossos corpos, faz-me disparar o coração, a adrenalina a envolver-me.

Os dedos dele dançam levemente pelos meus seios. Depois, pressiona a palma contra o meu peito, passando suavemente o dedo médio sobre o mamilo. Levanta a cabeça e toma-me levemente entre os dentes.

– Oh, meu Deus. – A mais bela onda de excitação começa a faiscar-me no ventre.

O Cooper responde à minha exclamação virando-me e prendendo-me os braços acima da cabeça, empurrando-me tão profundamente que me faz ofegar. Acertamos o ritmo e movemo-nos um contra o outro, enquanto ele

ruge «Foda-se» repetidamente a cada nova investida dentro de mim.

– *Oh, meu Deus* – grito novamente quando a centelha no meu ventre se inflama por todo o corpo, chamas de prazer lambendo-me cada membro. Sou apenas carne e humidade e pura energia elétrica.

O Cooper geme, a testa encostada à minha, os olhos a fitar-me diretamente. Vendo-me.

Recuperamos o fôlego. O Cooper lambe o seu lábio inferior carnudo. Eu olho para ele e concluo que é o lábio inferior mais *sexy* que alguma vez encontrei. Como é que nunca tinha reparado nisso?

O Cooper olha para mim como se eu fosse a primeira mulher que ele teve, e há um ligeiro lampejo de perplexidade por trás dos seus olhos. Claro que sei que sou uma entre muitas. Mas não consigo deixar de gostar da forma como me sinto quando ele me olha assim.

Merda.

As coisas descarrilaram completamente.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Ao que parece, eu tenho sido, ao longo de todos estes anos, uma devassa latente, só à espera da oportunidade de florescer. Porque assim que o amigo do Cooper nos deixa as chaves e iniciamos a viagem de regresso a Londres, não consigo pensar em mais nada além de fazer sexo outra vez. Especificamente com o Cooper. No mínimo, é a única coisa que parece que me distrairá a) da morte iminente daqui a dois dias, e b) do arrependimento intrusivo por não ter experimentado isto mais cedo.

O Cooper para o carro atrás de uma sebe numa estrada rural vazia, empurra o banco do carro para trás e usa a língua para me dar um orgasmo novamente. Mas eu preciso de mais, e quando nos aproximamos do nosso prédio, pergunto-lhe se podemos experimentar a posição de quatro, ao que ele responde que claro que podemos, mas que provavelmente devíamos tomar um duche primeiro. Ao que pergunto se podemos tomar banho juntos. Ao que ele responde que podemos fazer o que eu quiser. Sinto-me ousada e despreocupada de quaisquer consequências. Ter uma sentença de morte faz isso a uma pessoa.

Viramos para a Westbourne Hyde Road e as nossas gargalhadas param abruptamente quando vemos que está uma ambulância estacionada em frente ao prédio. Dois paramédicos trazem alguém pela porta da frente. Vejo imediatamente que é Mr. Yoon, com uma máscara de oxigénio no rosto. Houve um incêndio? Ele deixou o cigarro aceso? Abro a porta antes de o carro parar completamente e corro até Mr. Yoon, que está a ser rapidamente carregado para dentro da ambulância.

- Mr. Yoon! – grito. – O que aconteceu? Está tudo bem?
- É da família? – pergunta o paramédico, mal cruzando o olhar comigo.
- Eu... Não. Sou vizinha. Amiga. – Avanço para entrar na ambulância, mas o paramédico detém-me.
- Só os familiares podem ir na ambulância. Estaremos no UCLH, ok?

Mr. Yoon levanta a mão e estica-se na minha direção.

– Estarei lá em breve! – grito-lhe, enquanto outro paramédico coloca adesivos com fios sobre o seu peito. O rosto de Mr. Yoon está molhado. Acho que está a chorar. Não!

– Cooper!

Viro-me. O Cooper está a olhar para dentro da ambulância, de rosto pálido.

– Vamos – diz. – Volta para o carro.

No hospital, corremos até ao balcão de receção e pedimos informações sobre Mr. Yoon, que chegou lá de ambulância. A mulher toca no computador e pede o primeiro nome dele.

– Não sei – digo. – Como é que não sei? – Volto-me para o Cooper. – Sabes o nome completo dele?

Ele abana a cabeça.

– Ele sempre foi apenas Mr. Yoon, desde que o conheço – responde.

– Y-O-O-N – soletro para a rececionista. – Nasceu na Coreia e agora vive em Bayswater, se isso ajudar.

– Yoon. Encontrei-o – diz a rececionista. – Alguém virá cá fora para vos atualizar em breve.

– Oh, Deus. – Volto-me para o Cooper. – Não aguento isto.

– Vai correr bem – diz o Cooper, dando o meu nome à rececionista, depois pegando-me no braço e levando-me até à sala de espera, onde encontramos dois lugares vagos ao lado de um rapaz com a testa a sangrar e de uma mulher com um bebé terrivelmente silencioso.

Sentamo-nos em silêncio até uma mulher alta, com uniforme verde e um estetoscópio ao pescoço, chamar o meu nome. O Cooper dá-me a mão enquanto caminhamos, mas aquilo não me parece certo, por isso deixo-o ir. A mulher puxa-nos para um lado.

– É vizinha de Mr. Yoon, não é?

– Sim – digo, a antecipação das suas palavras faz-me a voz tremer.

– Sou a Dra. Chizimu. Estamos a fazer testes porque parece que Mr. Yoon teve um problema cardíaco.

– Oh, Deus. Oh, não. Posso vê-lo?

A mulher levanta as mãos.

– Mas parece que ele teve um episódio de gastrite muito doloroso, que depois desencadeou um ataque de pânico bastante intenso.

Um ataque de pânico? E estava completamente sozinho. Meu Deus.

– Por favor, deixe-me vê-lo.

– Normalmente só permitimos visitas de membros da família.

– Ela é a família dele – interrompe Cooper. – Visita-o todas as manhãs, faz-lhe o pequeno-almoço, verifica se tem tudo de que precisa.

Eu assinto com a cabeça. Faço isso, sim.

– Por favor, deixe-me vê-lo.

A médica assente com a cabeça.

– Está bem. Mas sem excitações. Ele precisa de calma. Por isso, entra sozinha. – Aponta para mim.

– Eu espero cá fora – diz o Cooper, apontando com o polegar para a receção das urgências.

Sigo a médica até um quarto privado com paredes de vidro e lá, meio sentado, meio deitado e coberto de fios, está Mr. Yoon. Parece cansado, mas, tirando isso, praticamente como sempre.

– Mr. Yoon! – grito, antes de baixar a voz para que soe menos frenética e mais calma. Sento-me ao lado da cama e agarro-lhe no polegar, porque o resto da mão está tomado por um cateter. Ele sorri para mim e revira os olhos como se pedisse desculpa.

– Lamento muito não ter estado cá ontem à noite. Fiquei presa em Duckett's Edge com o Cooper e...

Mr. Yoon solta um riso silencioso, os seus ombros a tremer.

– Agora *ri-se*? – Fico boquiaberta. – Ok. Isso é muito bom sinal, na verdade. Bom. Ria-se à vontade. Mas com calma. A doutora disse que precisa de ficar calmo. Pare de abanar os ombros dessa maneira.

Mr. Yoon levanta a outra mão e fecha-a em punho – o sinal que costumava fazer quando procurava um lápis, antes de eu lhe comprar uma caixa de cem.

– Quer escrever alguma coisa? – pergunto. – Agora?

Ele acena com a cabeça. Vou até à área das enfermeiras e peço uma caneta e papel. Estava à espera de que a enfermeira refilasse comigo por estar ocupada a fazer outras coisas importantes, mas ela sorri, debruça-se sobre uma das mesas e entrega-me uma caneta e um caderno novo, como se as pessoas estivessem sempre a pedir canetas e papel.

Levo o material de escrita a Mr. Yoon, que tenta erguer-se na cama. Ajudo-o e componho as almofadas para que tenha mais apoio à volta das suas costas rangentes. Ele pestaneja devagar, e ocorre-me que provavelmente lhe deram sedativos.

Pega na caneta e começa a rabiscar na página, as letras direitas e uniformes, mas trémulas.

Estás com um ar vivo.

Sinto-me corar. Provavelmente estou com ar de ter tido muito sexo num curto espaço de tempo.

— Vou aceitar isso como um elogio... — digo. — Não tinha percebido que tinha um ar não-vivo, mas... obrigada. — Mr. Yoon sorri e escreve novamente na folha.

É bom ver-te feliz.

Dói-me o peito pela lembrança de qualquer felicidade que possa estar a sentir ser temporária. O Jonah nunca me beijará por vontade própria, e a Merritt desapareceu quase por completo. O meu destino está traçado.

Mr. Yoon adormece rapidamente, os seus monitores a um ritmo regular. Engulo em seco, sentindo-me a afundar em tristeza por Mr. Yoon não ter família. Nem amigos. Apenas eu. E quando eu me for, quem estará lá para ele, além do Cooper? Quem terá sido testemunha da sua vida, para ele ser verdadeiramente lembrado depois de partir?

Tiro cuidadosamente a caneta e o papel da mão de Mr. Yoon. Olho lá para fora à procura do médico. Ninguém me mandou ainda sair. Curvo-me sobre o papel e, sem ser obrigada, apenas porque quero, começo a esboçar o contorno do rosto de Mr. Yoon. Os meus ombros relaxam com a sensação, e em breve perco-me nas linhas e fendas, nos lóbulos das orelhas longas, nos seus lábios finos e sorridentes, e no pequeno corte feito ao barbear-se no seu queixo redondo e amigável.

Olho para o relógio e percebo que passaram quarenta minutos quando a médica reaparece.

– Ms. Bookham, temos de fazer mais alguns exames a Mr. Yoon, só para garantir que cobrimos tudo, mas pode voltar de manhã, se quiser. Faremos mais exames, como disse, mas o mais provável é ele ter alta amanhã, após uma examinação completa por um especialista cardiorácico.

Ter alta amanhã. Aceno com a cabeça, expelindo o ar das bochechas, pousando o papel e o bloco na mesa de cabeceira de Mr. Yoon.

– Ele pode escrever respostas às suas perguntas, se precisar – digo à médica. – Demorei três anos a perceber isso.

A médica sorri, olhando para o meu desenho. As suas sobrancelhas içam-se.

– Isso está excelente. É artista?

– Céus, não – digo, corando imediatamente. – Ha!

Baixo-me e viro a página para aquela em que Mr. Yoon escreveu que eu pareço viva. A médica lê e olha-me com curiosidade. Sinto um solavanco no estômago quando percebo que não só vou morrer em menos de dois dias, como não faço ideia de como isso acontecerá. Quer dizer, não me vou deixar sufocar com um hambúrguer outra vez. Como é que irei morrer? Será doloroso? Acabarei aqui, onde Mr. Yoon está, a ser tratada por uma equipa de especialistas a tentarem salvar uma vida já reservada para a Eternidade?

Afasto os pensamentos mórbidos.

– Volto amanhã! – digo alegremente, recuando para fora do quarto. – Tem o meu número. Por favor, ligue-me se houver alguma alteração.

Entro disparada na sala de espera das urgências e vejo o Cooper curvado, a bater com o sapato brilhante no chão, a um ritmo acelerado, e mudando o telefone de uma mão para a outra. Corro para ele. Ele sobressalta-se assim que me vê. Ainda parece em pânico.

– Não recebeste a minha mensagem? – pergunto.

O Cooper baixa os olhos para o telemóvel e abana a cabeça.

– Enviei-te uma mensagem. A rede deve ser fraca aqui. Mr. Yoon está bem. Vai ficar bem.

O Cooper expira, os ombros descaindo, aliviados, enquanto me puxa para um abraço. Encosta-me a mão à nuca. Eu fecho os olhos e sinto uma suavidade a espalhar-se-me pelo corpo, uma acalmia. Durante todo este

tempo, quando os meus músculos estavam dolorosamente tensos, a mandíbula rígida e tensa, teria sido a solução apenas outro corpo humano encostado ao meu?

O corpo humano dele.

Solto um suspiro baixo e prolongado. Tudo seria muito mais fácil se o Cooper fosse a minha alma gêmea na Terra, em vez de apenas alguém com quem me divertir. Já o beijei infinitas vezes – a minha vida teria sido salva infinitas vezes.

O dedo indicador do Cooper percorre-me distraidamente o cabelo até ao pescoço, e eu arrepio-me.

Afasto-me dos braços dele e repreendo-me, porque ter um pensamento erótico sobre o teu vizinho do andar de baixo numas urgências hospitalares é errado de muitas maneiras.

– Vamos embora.

Quando chegamos ao nosso prédio, ficamos parados no corredor como dois parvos, especados a olhar um para o outro.

– Eu... – murmura o Cooper, olhando para a sua porta.

– Obrigada por... – interrompo-o, encolhendo os ombros, fazendo com que uma pena solta me pique na bochecha.

– Lamento que...

A porta de Mrs. Ernestine range ao abrir-se e ela espreita. Dá uma dentada numa maçã vermelha e mastiga ruidosamente antes de resmungar.

– Se nenhum de vocês vai acabar o raio de uma frase, vão-se lixar e deixem-me voltar a ver *Better Call Saul!* Jesus!

O Cooper pede-lhe desculpa e sorri com o seu sorriso encantador, mas que não tem qualquer efeito no olhar de desprezo de Mrs. Ernestine. Vejo a sua tatuagem NEVER AGAIN e pergunto-me se aquilo de que ela se quer lembrar de nunca mais fazer será assassinar alguém.

Não quero descobrir, por isso aceno um adeus ao Cooper e ambos fazemos o que ela diz e retiramo-nos para os nossos apartamentos, com múltiplas frases por terminar a pairarem no ar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Olá, querida! Desculpa não ter atendido a tua chamada. Isto aqui anda uma loucura. Espero que estejas bem!

Penduro o vestido da Leanne antes de mergulhar no duche, onde dou por mim fixada na minha descoberta anterior de que, embora saiba que vou morrer novamente daqui a dois dias, e saiba que será às seis da tarde, não faço a mínima ideia de como é que isso acontecerá.

Podia acontecer em qualquer circunstância. Não será por sufocamento, porque, desde a última vez, tenho mastigado e engolido a minha comida tão lenta e pensativamente que tenho levado o dobro do tempo a terminar uma refeição (o lado positivo disto: a digestão melhorou consideravelmente). Podia cair pelas escadas. Podia escorregar num salpico sorrateiro de água no chão da casa de banho. Podia haver uma explosão de gás. Ou a minha mãe podia ligar-me de volta e o choque disso suscitar algum tipo de problema cardíaco. Basicamente, estou a viver no filme *O Último Destino* neste momento.

Saio do duche com cuidado redobrado e dou passos pequenos e cautelosos até ao quarto. Podia ir na rua e levar com um aparelho de ar condicionado na cabeça. Ou talvez caia numa abertura para os esgotos, porque estou demasiado distraída a pensar em não morrer para ver que há uma abertura para os esgotos no meu caminho.

Caraças. Podia ser assassinada. Podia ser assassinada por Mrs. Ernestine. E depois ela podia encontrar os meus livros da biblioteca sobre como esconder um corpo, e ninguém descobriria.

– Merritt! – chamo freneticamente, enrolando-me no roupão. – Merritt, preciso de ser tranquilizada! De algum tipo de garantia sobre como é que isto vai acontecer! O que é que a morte planeou para mim?

Uma grande rajada de vento faz as minhas cortinas baterem, e então ali está ela, pouco nítida e iridescente a princípio e depois totalmente sólida, de pé junto à minha cama, usando um vestidinho leve, branco com cerejas, o rosto a olhar furiosamente para o meu.

– Respondeste-me mesmo! – exclamo.

– O que é que eu te disse?

Cerro os dentes.

– Peço desculpa, eu sei que não era suposto contactar-te, mas estou a enlouquecer. Vais mandar alguém assassinar-me? Mrs. Ernestine vai-me matar? Porque, eu digo-te, ela é bem capaz disso.

A Merritt olha à sua volta, com os olhos em pânico.

– Cada vez que chamas por mim, o meu telemóvel dá um toque. Um toque por cada frase! Não temos modo silencioso na Eternidade, logo, isso está a dar ainda mais nas vistas. Não podes fazer isso. Eles acham que estou na casa de banho agora. Tenho a certeza de que o Eric está à minha espera lá fora, para me apanhar, e se isso acontecer, então deixas de poder contar comigo, Delphie.

– Ainda é preciso ir à casa de banho na Eternidade? – murmuro. – Parece-me injusto.

– Então é isso? – diz, ignorando a minha pergunta. – Vais simplesmente desistir do Jonah? *Pas fantastique!*

– Que mais queres que faça, Merritt? Ele foi bem claro. Tem namorada. Ficou assustado comigo. Eu corri atrás dele.

– No *Crepúsculo*, a Bella estava literalmente em perigo de lhe sugarem o sangue, não apenas o Edward, mas também toda a família dele, e pelos seus inimigos também, que eram em quantidade excessiva! E mesmo assim ela encontrou uma forma de fazer a coisa resultar, porque... são *almas gémeas*. E tu, dás-lhe uma oportunidade que não correu como esperavas, e depois nada? Tudo acabado? Talvez tu e o Jonah não sejam um amor instantâneo, sejam mais um amor de combustão lenta, como o Josh e a Lucy em *Odeio-te e Amo-te*? Mas não haverá nada para arder lentamente se não acenderes a chama inicial.

– Isto não é um romance, Merritt. É a minha vida. E é óbvio que ele não gosta de mim. Eu sei que tu disseste que ele é a minha alma gémea, mas...

– Tenho uma visão do Jonah, a aversão nos seus olhos enquanto fugia de mim. Vá, o terror.

– Esse maldito medo da rejeição. Preferias literalmente morrer do que tornares-te vulnerável mais uma vez? Se deixares isso acontecer, és uma idiota desesperada. Imagina se a Bridget Jones nunca se tivesse permitido ser vulnerável? Provavelmente teria acabado num casamento tóxico com o Daniel Cleaver! Meu Deus.

Franzo a testa.

– Eu já me tornei vulnerável. Subi a um pódio e dancei. Mostrei o contorno dos meus lábios vaginais a toda a extensão dos jardins de Kensington. Concorri a um papel em *Assassínio na Aldeia Bonita*. Tive de interagir com o casal que tornou a minha vida escolar um pesadelo absoluto, e continuei a parecer uma idiota diante deles. Tudo isso falhou, Merritt! Se só tenho dois dias de vida na Terra, não os quero gastar a apostar em algo que tem quase zero hipóteses de sucesso. E voltar a ir ter com o Jonah? Isso seria o que seria. Outra humilhação. Esta semana tem sido um pesadelo completo.

A Merritt abana a cabeça.

– Um pesadelo completo? Tem? Tem mesmo? A semana inteira. Um pesadelo, apenas? Pensa nisso, querida.

Pestanejo.

– Eu... – Calo-me, percebendo que, embora tenha estado frustrada e zangada esta semana, também estive nervosa, excitada e divertida, cheia de expectativa. Talvez em certos momentos, algo próximo da felicidade. – Talvez não toda a semana...

Ela cruza os braços.

– Se vais desistir do Jonah, porque é que não voltas comigo agora, então? Antes que o Eric descubra o que estive a fazer e me denuncie. Pelo menos assim sabes que ficarás na Eternidade e não noutro sítio.

Penso em Mr. Yoon, que precisará de alguém para o ajudar a instalar-se em casa amanhã. Tenho de escrever uma lista de coisas a fazer e a evitar para deixar ao Cooper. Tenho de contactar a Câmara Municipal para tentar que venham fazer a avaliação.

– Eu... eu não posso. São apenas dois dias. Tenho coisas a fazer. Preciso, sabes, preciso de organizar as minhas coisas. Por favor. Empata-os mais dois dias. Prometo não te chamar novamente. E, quando voltar, serei a tua cobaia, como combinámos.

– Ótimo. Isso é ótimo, Delphie, porque este tipo chegou ontem e está à procura de amor. – Estala os dedos e aparece uma miragem à frente do meu guarda-roupa. É um holograma de um homem de cinquenta anos, com um ar doce, vestido com uma camisola de lã. – Chama-se Roger Pecker e era agricultor na Terra. E era louco por isso, pela agricultura. Tipo, *obcecado* pela agricultura. Ele gosta especialmente de explicar os benefícios de usar um arado de aiveca em vez de um arado de discos. Quando se pensa que ele não pode ter mais nada a dizer sobre o assunto, ainda tem. Tem muito mais. Está solteiro há vinte anos, por isso estará ansioso para te contar tudo sobre ele, suponho. Então, é isto que podes esperar se não beijares o Jonah e não salvares a tua maldita vida.

– Pareces zangada comigo. Pensei que *querias* uma cobaia?

A Merritt olha para o chão.

– Queria um felizes para sempre. Queria... – Ela cala-se e bate o pé.

Abano a cabeça.

– Os finais felizes não acontecem na vida real. Tu só trabalhas com pessoas mortas. Deves ter noção disso.

A boca de Merritt aperta-se numa linha sombria e ela gira um dos muitos anéis nos seus dedos, mordendo o lábio.

Ouve-se uma batida na porta. A Merritt dá um salto. Uau, ela está mesmo nervosa.

– Dois dias – digo, juntando as mãos em sinal de prece. – Pensei que conseguias enganar esses tipos. O Eric? Tu consegues empatá-lo. Já fiz as pazes com o que me espera. Até namoraria com o Roger Pecker, sem reclamações.

A Merritt parece ir dizer mais alguma coisa, mas depois detém-se. Em vez disso, ergue as mãos em exasperação. Levanta o queixo.

– Por favor, tenta, Delphie. E não. Não posso prometer que Mrs. Ernestine não te vá assassinar, por isso, é melhor teres cuidado!

Ela está a brincar.

Certo?

Antes de poder confirmar se está a brincar, ela desaparece e regressa à Eternidade.

Abro a porta e encontro o Cooper lá fora, de cabelo molhado, com uma *T-shirt* preta com uma foto do Jack Nicholson a beijar a Helen Hunt. Por baixo diz BONS MOMENTOS, SALADA DE NOODLES⁵.

– Fixe – digo, a apontar para a *T-shirt*.

– Foi um presente.

– Gosto. Estás...?

– Sim, estava a pensar...?

Rimos. Respiro fundo.

– Em que te posso ajudar, Cooper?

Ele ri-se também.

– Podias deixar-me levar-te a jantar esta noite.

– Desculpa?

– Esta noite. Jantar. Comigo. – Aponta para si mesmo com o polegar.

Prendo o cabelo atrás da orelha.

– Queres dizer... tipo um encontro?

– Isso mesmo.

– Pensei que não fazias isso.

– Não faço.

Sorrio. Nunca tive num encontro romântico. E a última vez que fui a um restaurante em Londres foi em 2015, e o restaurante foi o Chicken Cottage, sucursal de Paddington. Penso no que me disse Mr. Yoon: *É bom ver-te feliz*.

Talvez não possa fazer nada quanto ao tempo de vida que me resta.

Mas posso fazer alguma coisa no que diz respeito à quantidade de vida que consigo enfiar nos dias que me restam. À quantidade de felicidade que posso experimentar. Não tenho nada a perder agora.

Assinto.

– Ok, sim. Podes levar-me a jantar.

O Cooper sorri, o pequeno intervalo entre os seus dentes da frente visível. É um sorriso verdadeiro. Um excelente sorriso. Um sorriso nada desprezível. Penso na primeira vez que o vi lá em baixo, depois de ele se mudar. Quando se curvou para mim no corredor com aqueles olhos brilhantes. Como o meu estômago se revirou face a uma possibilidade distante e impossível. E depois, quando ele me disse para me ir lixar

naquela manhã de novembro, senti-me imediatamente idiota por pensar nele sequer. Agora sei que foi porque a irmã gémea que ele tanto amava tinha acabado de morrer. Claro que ele me disse, a uma mulher rabugenta à sua porta, a reclamar da música, para me ir lixar. Mas eu não pensei nisso. Tudo o que pensei foi que este homem estava só a confirmar tudo o que eu já sabia sobre as pessoas. Eram todas terríveis.

Pergunto-me como seria, caso tivesse voltado a tentar falar com ele, se nos tivéssemos encontrado nesta mesma situação, apenas com mais tempo para ver o que daqui resultaria.

– Encontramo-nos às sete – diz o Cooper, antes de dar meia-volta e atravessar o corredor.

Acho que nunca saberemos.

55. Uma referência ao filme *Melhor é Impossível*, de James L. Brooks, de 1997. (N. da T.)

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Há alguns anos, num raro acesso de confiança e esperança, comprei o vestido mais *sexy* e bonito que alguma vez vi numa *boutique* em Westbourne Grove. Só quando cheguei a casa é que percebi que, na verdade, não tinha onde o usar. E mesmo que tivesse, era demasiado glamoroso e sedutor para alguém como eu. Tem estado pendurado no meu guarda-roupa desde então. Decido que mais vale usar o vestido verde-claro com racha esta noite porque, literalmente, não tenho mais nada a perder. Se vou mergulhar nestes últimos dois dias, mais vale mergulhar a sério. Embora a onda de calor tenha finalmente passado, o tempo ainda está quente, por isso prendo o cabelo com uma fita preta, escovando-o tanto que as ondas parecem inchar, fazendo o rabo de cavalo aumentar de volume. Acho que fica fixe. As bolhas que tenho nos calcanhares significam que o único calçado que posso usar sem rasgar os pés em farrapos é um par de chinelos prateados que comprei no verão passado. Talvez não combinem exatamente com este vestido, mas pelo menos consigo andar confortavelmente com eles.

Opto por um pouco de creme hidratante com cor, e ponho o bálsamo labial brilhante que a Leanne me emprestou para o baile.

O Cooper tem um compromisso algures antes do nosso encontro, por isso o plano é ir ter com ele à porta do restaurante. Não faço ideia do que esperar, sendo este o meu primeiro encontro e tudo, mas enquanto deambulo pela rua com os outros veraneantes, sinto-me nervosa de uma maneira muito diferente daquela a que estou habituada. Estes arrepios nervosos são leves, luminosos e cintilantes, não as pesadas e assustadoras flechas de medo que sentia anteriormente.

Nunca estive em Chelsea, por isso uso a aplicação do mapa para encontrar o caminho até ao restaurante, um sítio chamado Concept and Caramel. Quando lá chego, ao edifício de aspeto discreto com janelas

escurecidas, vejo um grupo de adolescentes sentado num muro em frente. Dois dos adolescentes estão a rir-se de um terceiro, uma rapariga mais nova com dentes salientes e pele marcada por acne.

Paro e observo enquanto um dos mais velhos dá um empurrão ao outro, como que a dizer *Vê isto*, e depois tira um grande pedaço de pastilha elástica cor-de-rosa da boca e atira-o com um estalo à cabeça da rapariga mais nova, um som que eu consigo ouvir do outro lado da rua. Imagino a Gen e o Ryan a fazerem-me o mesmo. Seria de esperar que os adolescentes tivessem maneiras novas e mais interessantes de se chatearem uns aos outros. Algumas coisas simplesmente nunca mudam.

Antes de conseguir pensar no que estou a fazer, atravesso a estrada. Uma das raparigas está a rir-se da «piada», enquanto o outro adolescente tira uma foto com o telemóvel. A miúda mais nova tem lágrimas nos olhos. Consigo perceber que esta não é a primeira vez que ela tem de lidar com estes valentões.

– Ei, idiotas – digo aos dois mais velhos. – Que merda é essa?

Abrem a boca como se eu fosse a Beyoncé ou algo do género. É verdade que até estou bastante bem esta noite.

– Uau – diz o rapaz.

– Estás bem? – pergunto à rapariga mais nova. Ela acena com a cabeça com força, mas é evidente que não está.

– Tu és uma falhada – digo, apontando para a rapariga mais velha. – E tu és um falhado – digo ao rapaz mais velho. – E sabem uma coisa? Vão sempre ser uns falhados. Fazer os outros sentirem-se mal por causa da vossa falta de talento, personalidade ou carisma pode parecer-vos bom agora, mas é uma armadilha. – A rapariga mais velha ri-se.

– Ei! – diz a rapariga mais nova, com a voz a tremer. – Eles são meus amigos. Estavam só a brincar.

– Eles não são teus amigos – digo-lhe, sentindo um aperto no peito perante a sua tentativa de minimizar o que está a acontecer, um comportamento que conheço demasiado bem. – São um par de patifes que te estão a intimidar por diversão. Defende-te, pelo amor de Deus!

O queixo dela treme um pouco.

– Não grites comigo.

– Ei! Delphie! Olá! – Viro-me e vejo o Cooper a acenar-me, à porta do restaurante, do outro lado da rua. – Estás bem?

Pestanejo e engulo a raiva.

– Só um momento – respondo-lhe. – Peço desculpa por ter gritado – digo à rapariga, apontando para a pastilha no cabelo dela. – Consegues tirar isso com azeite. Não precisas de cortar o cabelo.

Agora é o meu queixo que treme.

A rapariga mais nova limita-se a olhar para mim, ligeiramente horrorizada. Os outros dois riem-se, nervosos.

– Tentem ser mais amáveis – digo-lhes com um suspiro. – Intimidar as pessoas é simplesmente... É patético.

Lançando-lhes um último olhar duro, dou meia-volta e vou ter com o Cooper para o nosso encontro.

*

Ainda antes de conseguir processar o que acabou de acontecer e o que me fez sentir, o Cooper e eu somos recebidos no balcão do restaurante por um homem de bigode enrolado, envergando um fato de veludo em verde néon. Tem, de certa maneira, um ar glorioso.

– Pessoal, sou o Sullivan e sou o *maître d'*; bem-vindos ao Concept and Caramel: «A Experiência».

Olho para ele de lado enquanto o Cooper engole em seco, e somos conduzidos por um corredor até uma grande sala branca onde grupos de pessoas com ar fixe se sentam em grandes mesas brancas, algumas delas lambendo os pratos, outras comendo com os dedos, a maioria delas a rir e a gritar. Os outros empregados estão todos vestidos com fatos de veludo de cores néon variadas. São assim os restaurantes hoje em dia? Não foi esta impressão que me deram a TV e o cinema.

Somos levados até uma mesa no canto esquerdo, onde o *maître d'* nos deseja uma noite mágica antes de desaparecer na confusão. É substituído por uma empregada de mesa, vestida de cor-de-rosa, que nos pergunta o que gostaríamos de beber. Tem umas lentes de contacto que fazem com que os seus olhos fiquem da mesma cor do fato. Só percebo que estou espedada a olhar para ela quando o Cooper pigarreia.

– Delphie? Bebida?

– Hum... – digo, atordoada. – Têm *cocktails* Liza? – A empregada de mesa franze a testa. Estou a pensar no The Orchestra Pit e no *barman* com lantejoulas. – É *vodka*, acho, com sumo de maçã, e mais qualquer coisa de

que não me lembro.

– Não temos isso especificamente, mas tenho algo parecido. É à base de *vodka* e maçã.

– Ok, sim. Isso seria ótimo, obrigada.

– E tu, camarada? – pergunta a empregada ao Cooper, que não acredito que tenha ouvido chamarem-lhe «camarada» alguma vez na vida.

– *Bourbon*, gelo – diz ele.

– Temos um *seltzer* à base de *bourbon* com cobertura de espuma de chocolate e trufa – sugere ela.

O Cooper abana a cabeça.

– Só o *bourbon*, obrigado.

Ela assente, parecendo desiludida, antes de nos entregar dois menus e desaparecer para o bar. Olho em volta, espantada, reparando que, na mesa ao lado, duas pessoas parecem estar a lamber uma espécie de geleia açucarada dos dedos uma da outra.

– Desculpa – diz o Cooper, com a voz presa. – Pesquisei restaurantes com um ambiente artístico e este apareceu no topo. Quando vi que tinha «caramelo» no nome, fiz a reserva porque sei o quanto gostas de açúcar.

– Na boa – digo, com um encolher de ombros descontraído.

– Mas é um bocado terrível...

– Sim. Verdadeiramente horrível. – Rio-me, o que faz o Cooper rir, até estarmos os dois a olhar à nossa volta e a rir de quão estranho é tudo aquilo.

A empregada traz-nos as bebidas (a minha é incrivelmente deliciosa) e pedimos umas entradas: *miso* de bacalhau para o Cooper e patê de cogumelos para mim.

– Então – diz o Cooper quando a empregada desaparece novamente. – O que foi aquilo lá fora?

As minhas bochechas coram.

– Uh... Vi uma miúda a ser vítima de *bullying* e... sabes. Mexeu comigo. Na escola, eu...

O Cooper faz uma careta.

– A mulher da gala.

Encontro o olhar dele.

– Sim. Ela fez-me a vida um inferno. Ela e o namorado dela. Agora marido...

– O idiota do equipamento de basebol?

Assinto com a cabeça.

– Lamento. Céus. Fizeram-me algumas provocações na escola, mas nada tão mau que ainda me lembre. Não consigo sequer imaginar...

Bebo o meu copo de um trago e faço sinal ao pessoal para me trazerem outro.

– Isso ocupou muito espaço na minha vida. Demasiado, para ser sincera.

O Cooper franze os lábios para o lado e dá um gole na sua bebida. Parece mais claro do que o normal – hoje não está vestido de preto, traz uma camisa de linho azul-clara. Está... E eu a viver tão perto dele há tanto tempo. E agora... Não. Não penses nisso. Hoje à noite é só diversão.

– Já pensaste em fazer psicoterapia? – pergunta. – Não quero ser chato, mas a Em jurava que resultava...

Arrepio-me a pensar na minha médica de família. Que me disse que estava convencida de que me faria bem ir a umas consultas. Só a ideia de contar a um estranho todos os meus sentimentos dá-me vômitos.

– E *tu*, já pensaste em fazer psicoterapia? – respondo.

O Cooper surpreende-me ao acenar com a cabeça, soltando uma leve gargalhada.

– Eu... Foi esse o compromisso que tive agora mesmo. Fui à primeira sessão. Achei que estava na hora de começar a lidar com a Em e de pensar em voltar a escrever, em algum momento. Eu sei que ela odiaria que eu tivesse parado.

As minhas sobrancelhas sobem.

– Oh. Isso é ótimo, Cooper. Uau. Estava planeado há muito tempo?

Ele abana a cabeça.

– Marquei depois de irmos visitar os meus pais.

– Porquê nessa altura?

O Cooper baixa o olhar para o copo.

– Acho que foi a primeira vez que me ri a sério desde que a Em morreu. Soube-me... a alívio. Queria mais.

Fico sem fôlego quando me ocorre que envolver-me com o Cooper, um homem que ainda está de luto pela perda da irmã, pode não ser a melhor ideia que já tive, quando também estou prestes a expirar dentro de alguns dias. No entanto... nós mal nos conhecemos. É provável que vá ficar um

pouco triste, mas já lidou com coisas muito piores. E isto ainda é bastante descomprometido, certo? Um caso baseado inteiramente em sexo? Ele vai ficar bem. Certo?

– Fiz-te rir naquela noite! – digo orgulhosamente, tentando distrair-me dos meus próprios pensamentos sombrios.

– Fizeste. Sou-te grato por isso.

– Oh, não é nada de especial. – Encolho os ombros, corando. – Apenas uma habilidade natural minha.

– Uma entre muitas – diz ele, com a voz baixa o suficiente para me arrepiar.

Sim. Decididamente, um caso inteiramente baseado em sexo.

A empregada regressa e coloca a minha entrada diante de mim, juntamente com um pote de tinta e um pincel.

– Ora bem – diz –, isto pode parecer tinta, mas é um *coulis* comestível, preparado para acompanhar na perfeição a tua entrada.

Põe um prato branco quadrado à minha frente.

– Pinta o molho no teu prato, da maneira que quiseses. Eu sou fã de manchas abstratas e grossas, alguns clientes preferem uma camada simples, outros uma aplicação pontilhista.

Olho para o prato, e para o pote de tinta, e depois para o outro prato que contém o meu patê. Olho para o Cooper e ele tem uma configuração semelhante, mas com um pedaço de peixe, e a sua tinta é de um tom verde duvidoso, que a empregada diz ser feita de brócolos.

– Mas... porquê? – pergunto, genuinamente curiosa.

– Desculpa? – A empregada pestaneja.

– Porque é que não verteste já o molho?

Ela olha para nós boquiaberta.

– Porque o objetivo é pintar?

– Sim, mas porquê? – acrescenta o Cooper.

A mulher abana a cabeça.

– Porque o prato é a tela – explica lentamente, como se fôssemos estúpidos.

– Nunca ninguém perguntou porquê? – questiono.

Ela abana a cabeça antes de se afastar, olhando-nos com um ar estranho.

– Peço novamente desculpa. – O Cooper ri-se. – Teve boas classificações *online*, por isso espero que a comida seja realmente deliciosa e nós sejamos apenas um par de idiotas que não entendem bem o conceito do Concept and Caramel.

– É isso, sem dúvida. Quer dizer, eu sei que tu és idiota.

Pego no pote de tinta e despejo o seu conteúdo sobre a minha comida. Espalha-se desajeitadamente até às bordas do prato.

O Cooper faz *tch*.

– E dizes-te artista.

– Eu nunca me disse artista.

– Mas devias. Aqueles desenhos...

Abano a cabeça.

– Já não faço isso há muito tempo.

– Não gostas de desenhar?

– Adoro. Só que... – Interrompo-me, atrapalhada. Só que o quê? Fiquei queimada na escola e desisti? Desisti daquilo que amava mais do que qualquer outra coisa?

Pego no copo de água e bebo-o de um gole.

O Cooper sorri.

– Bem, se alguma vez fizeres uma exposição, serei o primeiro da fila a comprar uma peça.

Enfia um pouco do *miso* de bacalhau na boca e engole-o. Espera que eu dê uma dentada no meu patê, que está pegajoso, o molho sabe mesmo a tinta.

– McDonald's? – sussurra, com um sorriso a brincar-lhe nos olhos.

Eu aceno com a cabeça.

– Sim, por favor.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Saímos do táxi em Paddington e passamos por um *pub* onde um grupo sentado nas mesas do exterior está a cantar os parabéns a um homem de bochechas cor-de-rosa. O seu rosto brilha sobre um pequeno pão de ló recheado, coberto com velas.

O homem parece envergonhado por ser o centro das atenções, mas também, de alguma forma, radiante. Todas aquelas pessoas a celebrá-lo. Todos a olhar para ele com amor ou, pelo menos, simpatia. Deve ser uma sensação mesmo agradável.

Depois de irmos buscar os nossos hambúrgueres, caminhamos pela Craven Road, passando pelas filas de casas brancas em direção ao nosso prédio.

– Eu sei como proporcionar um bom momento a uma mulher, não sei? – Mexe as sobrancelhas enquanto dá uma dentada no seu *McRoyal Cheese*, devorando-o quase todo com uma só dentada.

– Não tenho termo de comparação! – Sorvo o meu batido. – Este foi o meu primeiro encontro.

O Cooper para de andar.

– A sério?

Aceno com a cabeça e faço uma careta.

– Primeiro encontro, único encontro. – *Último encontro.*

– Bem, deixa-me assegurar-te que isto é do mais romântico que há! – Ri-se, tira do saco de papel umas batatas fritas e dá-me uma.

– Não tenho literalmente outra opção além de acreditar em ti.

O Cooper detém-se à porta do nosso prédio, os seus olhos ficam sérios.

– Sinto-me honrado por ter sido o teu primeiro, Delphie. E eu...

Não consegue terminar a frase porque está uma mulher sentada no degrau da porta de entrada, a observar-nos. Reconheço-a instantaneamente como uma das mulheres que já vi a sair do apartamento dele: morena, de

pernas longas e incrivelmente bonita, com um pequeno chapéu que parece uma aranha. «Wednesday Addams a desfilar para a Chanel», como a irmã do Cooper a descreveria.

– Lara! – exclama o Cooper. – Que fazes aqui?

A Lara levanta-se e sacode a sua saia comprida vermelho-borgonha. Morde o lábio e mostra ao Cooper um sorriso cúmplice.

– Passei pelas redondezas e lembrei-me de ti, de vir ver se querias brincar um bocado.

Os olhos da mulher passam vagamente sobre mim, e eu irrito-me comigo mesma por estar ofendida por ela nem sequer considerar a hipótese de eu e o Cooper estarmos num encontro. Claro, por que razão o faria?

Dou mais um gole no meu batido, e o barulho alto que faço avisa toda a gente ali à volta de que o meu batido acabou.

– Na verdade, estou agora num encontro, Lara – diz o Cooper suavemente.

Olho para ele, surpreendida. A Lara faz o mesmo.

– Tu? Um encontro? Ha!

– É verdade – diz o Cooper a rir. – Mas gostei de te ver.

Penso na última vez que os vi juntos, há alguns meses, a beijarem-se no corredor; o Cooper, de cabelo molhado, sonolento, com um ar lascivo – o tipo de homem que não sonharia em dizer que não a uma mulher como aquela se ela lhe perguntasse se ele queria «brincar».

O Cooper dá-me a mão e passamos pela Lara, que está estupefacta.

Assim que entramos no apartamento, ele larga o saco do McDonald's em cima da mesa e empurra-me contra a parede. Segura-me no rosto e dá-me o mais lento e profundo dos beijos, o seu corpo tão encostado ao meu que mal há espaço para respirar.

Faz uma pausa, passando os dentes pelo lábio inferior.

– Estava com vontade de fazer isto desde que te vi a ralar com aqueles adolescentes à frente do Concept and Caramel.

Beijo-o, usando a língua para explorar a dele e sentindo o corpo derreter com a sensação, como se fosse um pudim de chocolate em forma humana. Recuo.

– Estava com vontade de fazer isto desde que me disseste que tinhas pesquisado «restaurantes com um ambiente artístico».

O Cooper desliza as mãos pelos meus ombros, ofegando quando a alça de seda do vestido cai, expondo-me o cimo do peito. Inclina-se e beija-o, depois leva os beijos até ao meu pescoço, antes de arrastar os dentes pela minha mandíbula. Ávida, desaperto-lhe as calças e meto a mão lá dentro para sentir o calor dele.

– Meu Deus, Delphie – expira, passando-me a mão pela coxa, levantando-me o vestido e usando o polegar para me acariciar levemente sobre a roupa interior, exatamente onde eu preciso. Tocamo-nos mutuamente, completamente vestidos, apenas ali parados, de olhos fixos um no outro. De alguma forma, isto é mais autêntico, mais *sexy* do que qualquer outra coisa que pudéssemos estar a fazer naquele momento.

– Como é que isto te faz sentir? – murmura enquanto afasta habilmente as minhas cuecas para o lado e introduz um dedo dentro de mim. Eu respondo aumentando a velocidade com que o estou a acariciar. Ele acompanha o meu ritmo, ambos com a respiração pesada. Encosto a cabeça à parede. Os olhos dele não saem dos meus, exceto por um milésimo de segundo em que me pousam nos lábios enquanto eu os lambo. Quando ambos chegamos ao clímax a segundos um do outro, os meus joelhos fraquejam. O Cooper põe o braço à minha volta para que eu não caia.

– Meu Deus. – Abana a cabeça.

– Eu sei – digo, todo o meu corpo a brilhar.

O Cooper vai à casa de banho e, quando volta, passados alguns minutos, eu estou sentada no sofá, ainda a tentar recuperar o fôlego, retendo as sensações felizes que me envolvem o corpo, de sorriso preguiçoso no rosto. O meu telemóvel zumbe do outro lado da sala com o som de «Jump Around».

– Adoro essa música – diz o Cooper enquanto corro até à minha mala, de coração acelerado. Abro a mensagem.

Isso faz parte do teu plano para beijar o Jonah?

Cintila e desaparece. Olho à volta. Estará ele a ver-me? Entro na casa de banho e fecho a porta para que o Cooper não me possa ouvir.

– Tu estiveste a ver *aquilo*? – sibilo para o ar. O telemóvel volta a tocar.

Blhec, claro que não. Mas reconheço um brilho pós-coito quando o vejo.

– Para! Também não sei se te devo continuar a ouvir. – Sussurro para o ar e olho para a porta da casa de banho. – Estou bastante certa de que o Jonah não é a minha alma gémea.

As almas gémeas já não são o cerne da questão, Delphie! Não devias estar a tentar com mais empenho salvar a tua própria vida?

Franzo a testa. Recuso-me a passar os meus últimos dois dias na Terra a apostar esse tempo precioso em algo que quase de certeza acabará em mais humilhação, tristeza e desconforto. Desligo o telemóvel e volto para a sala de estar.

– Queres tomar um duche? – pergunta o Cooper, com um sorriso malicioso no rosto, estendendo a mão para eu me juntar a ele.

– Sim – digo, deslizando para fora do meu vestido. – Quero muito.

*

Estou deitada na cama do Cooper, com a cabeça apoiada no peito dele. Ele desliza o dedo indicador para cima e para baixo no meu braço. Suspiro.

– O que se passa?

Viro-me para o lado para o encarar, apoiando a cabeça com a mão.

– Quando estávamos a voltar para cá, havia um grupo de pessoas à porta do *pub*. A cantar os parabéns a um amigo.

– Eu vi.

– Normalmente, acho a ideia de festas e coisas do género um pesadelo completo.

– Achas? Porquê?

Pestanejo.

– Bem... – *Porque nunca ninguém me fez uma festa e eu sabia que nunca ninguém me faria uma festa?* – Sabes, toda essa alegria encenada. Ui.

– Isso é uma perspetiva muito sombria das festas, Delphie.

– Talvez eu seja uma pessoa de coração sombrio.

– Eu vejo como és. Não és uma pessoa de coração sombrio. Meu Deus, não. Se o teu coração tivesse uma cor, seria amarelo. A cor de um girassol.

Rio-me.

– Isso foi tão piroso, Cooper. Tens a certeza de que és escritor?

O Cooper faz uma cara de falso ofendido.

– Retiro o que disse. O teu coração é oco e cinzento como uma lata velha.

Eu rio-me e sento-me na cama.

– O que eu queria dizer é que hoje à noite vi aquelas pessoas a cantar os parabéns e entendi. Esses convidados, amigos, família, seja lá o que for. Foram testemunhas da vida daquele rapaz. O facto de estarem lá para o ver completar mais um ano, uma ocasião arbitrária, marcou-o. Significa que foi lembrado. Que será lembrado. Mesmo quando se for. Porque ele teve, sabes, testemunhas.

– Não tenho a certeza de estar a perceber.

Suspiro novamente.

– Mr. Yoon está bem, sim. Mas já é velho. E pode não estar bem por muito mais tempo. Por alguma razão, fechou-se dentro daquele apartamento durante todo o tempo em que o conheço: mais de vinte anos. Se ele tivesse morrido esta manhã, então quem teriam sido as suas testemunhas? Quem teria estado no seu funeral? Eu e tu. E nem o conhecemos assim tão bem. E, Céus, em breve eu estarei...

– Estarás o quê?

Volto-me para o Cooper. Os seus olhos verde-escuros estão a cintilar, e há um sorriso meio preguiçoso no rosto dele. Ele até parece gostar de mim. Para além do sexo. Pergunto-me mais uma vez quão incomodado ficaria se eu desaparecesse. Sentiria a minha falta? Decerto que não o suficiente para eu interromper isto durante os próximos dois dias? Quer dizer, talvez ele pense em mim durante uma semana ou assim. Mas não seria como quando perdeu a Em – alguém que ele conhecia mesmo, e de quem gostava profundamente. Espero que ele me esqueça depressa com a ajuda da Lara e de todas as outras mulheres que tenho visto visitarem-no ao longo dos anos.

– Mr. Yoon precisa de mais testemunhas – acabo por dizer. – De mais pessoas que o conheçam. Pessoas que se lembrem dele. Que vão verificar como ele está.

– Ele tem-nos a nós.

– Não é suficiente. – Mordo o lábio. – Tem de haver, tipo, pessoas substitutas.

Bato com a mão no joelho e semicerro os olhos à medida que se começa a formar um plano.

– Pessoas substitutas?

– Sim... – Assinto com firmeza e endireito-me na cama. – É isso. Vou organizar uma festa para Mr. Yoon. Nada de grande. Nada de avassalador. Apenas algo para, sabes, o apresentar um pouco. Às pessoas.

– Apresentá-lo um pouco? Ele tem oitenta e oito anos, e parece gostar de estar sozinho.

– Oitenta e seis. E será que gosta? Sabemos isso? Quer dizer, eu afastei as pessoas durante toda a vida. Fiz essa escolha e agora... – A minha voz vacila, mas engulo-a. – Mr. Yoon, mesmo que quisesse ter testemunhas da sua vida, pessoas para recordarem as ocasiões importantes... Deve ser quase impossível quando se está a ficar esquecido e não se fala e o corpo está enferrujado. Ele perdeu tanto.

– Ele sempre me pareceu bastante satisfeito.

– Será no domingo. – *O meu último dia na Terra.*

O Cooper ri-se, incrédulo.

– Vais organizar uma festa para o nosso vizinho de oitenta e seis anos depois de amanhã. Porquê tanta pressa?

Respiro fundo.

– Porque a vida é demasiado curta para deixar uma boa ideia à espera.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Na manhã seguinte, a médica confirma que Mr. Yoon pode ir para casa, o que é a melhor notícia possível. Pergunto-lhe se estaria fora de questão organizar um encontro de amigos, e ela diz-me que, se ele estiver disposto a isso, seria agradável – algo para o distrair e animar. Adverte-me de que, além de tomar um novo medicamento para acalmar o estômago, Mr. Yoon deve abster-se de ingerir alimentos picantes ou ácidos.

– Acabaram-se as garrafas gigantes de Coca-Cola! – repreendo Mr. Yoon enquanto o ajudo a entrar no táxi. – E temos mesmo de deixar de fumar.

Ele responde com um resmungo, sacudindo-me um pouco como se fosse eu quem precisasse de relaxar.

– Estou a falar a sério – digo com firmeza. – Não estarei sempre cá para cuidar de si.

Depois disso, Mr. Yoon para de rir, e embora prossigamos em silêncio durante o resto da viagem, apoiamo-nos um no outro durante todo o caminho para casa.

*

Entro na biblioteca e vejo o Aled a arranjar uma mesa no meio da sala. Aproximo-me e percebo que é uma mesa cheia de livros do Cooper, com um cartaz desenhado à mão por cima dela, que diz «Autor Local». Uau. Estão ali dez livros, incluindo aquele que encomendei e nunca tive oportunidade de ler.

– Delphie! Minha melhor amiga de curta duração! – O Aled sorri quando me vê. Veste um colete *jacquard* roxo sobre uma camisa castanha. Parece um jogador de *snooker*. – Encontraste o teu corpo desaparecido, amor? – pergunta, num tom mais excitado do que esse conjunto particular de palavras deveria permitir. Outro membro da biblioteca olha-me horrorizado.

– A minha pessoa desaparecida e *viva*. Sim. Encontrei-a.

– Ah, muito bem. Então, estás pronta para ler por prazer agora? Na verdade, fiz uma lista de recomendações para ti...

– Não... Não, quer dizer, é amoroso da tua parte, Aled, mas vim pedir-te outro favor. É um pedido um tanto grande, na verdade.

– Ooh – diz o Aled. – Diz lá.

– Bem. Tenho um amigo, Mr. Yoon. Super fixe. Acabou de sair do hospital. Ele está bem, graças a Deus, mas é idoso. Mora aqui há muito tempo, mas não conhece muitas pessoas.

– Sem amigos? Que triste. Coitado dele.

– Algumas pessoas são lobos solitários – digo, arrepiando-me com a compaixão evidente na voz do Aled.

– Ah, eu não. Gosto de ter o maior número possível de pessoas na minha vida. Coleciono pessoas, como ornamentos. Tenho pessoas diferentes para coisas diferentes.

Faço uma careta, porque colecionar amigos como ornamentos é um dos conceitos mais sinistros com que me cruzei nos últimos tempos.

– Para que sirvo eu, então? – pergunto, a curiosidade a dominar-me. – Como é que eu contribuo para a tua coleção?

– Bem, estamos no início da nossa relação, por isso ainda não percebi bem. Embora suspeite que possas ter entrado na minha vida como minha amiga rabugenta. Aquela que me dá muito trabalho a amaciar, embora nunca o consiga por completo. Já fizemos um grande progresso: no dia em que te conheci, estiveste carrancuda o tempo todo. Hoje só estiveste carrancuda uma vez! Irás ensinar-me a arte da perseverança, suponho.

Rio-me da sua energia confiante e descarada e continuo com o meu pedido.

– Bem. Quero organizar uma pequena festa para Mr. Yoon. Algo para o celebrar e também para o apresentar a algumas pessoas do bairro.

– Minha amiga rabugenta com um coração tão terno como mel, parece-me – diz o Aled, pensativo. – Conta comigo. Diz-me apenas onde e quando.

– Bem, não... o que se passa é o seguinte: esperava que pudéssemos realizá-la aqui... Na sala de música, especificamente. Mr. Yoon costumava tocar violino, por isso sei que ele gosta de música. E é um espaço tão bonito.

– Hum. Quer dizer, teríamos de fazer um pedido formal. Felizmente para ti, sou eu quem decide e posso dizer-te agora mesmo que será um sim da minha parte. Estás a pensar em que altura? Setembro? Outubro? Dezembro é complicado por causa das reservas de Natal, mas talvez durante a semana? – perguntou o Aled.

– Na verdade, estava a pensar em amanhã. O que sei que é ridiculamente em cima da hora, mas vou ausentar-me por um tempo, e não sei quando voltarei. Por isso, tenho alguma pressa – digo-lhe.

O Aled faz uma careta.

– Realizar uma festa tão em cima da hora aqui na biblioteca iria contra todas as regras. E as bibliotecas não significam nada sem regras – disse ele.

– Não seria por muito tempo – suplico. – No máximo, umas duas horas. E provavelmente não mais do que dez pessoas. Algo muito discreto. E amanhã é domingo, o resto da biblioteca estará fechado, então poderíamos manter segredo... – Junto as palmas das mãos, como quem reza. – Por favor? – peço, com a voz a tremer. – A sala de música é tão bonita e tu és o poderoso guardião das chaves.

O Aled põe uma mão no peito e olha à volta antes de se inclinar para mim e sussurrar.

– De facto, sou o poderoso guardião das chaves e, tecnicamente, isso vai contra todas as regras e eu poderia ser despedido, mas devo-te isso.

– Deves? – ergo as sobrancelhas.

– A Frida – diz. – Temos trocado mensagens sem parar. Ela é uma delícia. Sabias que ela fala quatro línguas diferentes? E que tem um diploma de cuidados estéticos de cães?

– Uh, não – digo, impressionada. – Não a conheço há muito tempo. Só passámos algum tempo juntas.

– Delphie, ela é maravilhosa. É cedo, mas tenho a sensação de que ela pode vir a ser mais do que a minha nova amiga mais bonita. Quer dizer, não que tu não sejas bonita. Mas... – O Aled fica vermelho.

– Relaxa. – Dou-lhe uma palmadinha leve no braço. – A Frida é linda, eu sei. E genuinamente adorável.

– É mesmo, não é? Quando voltares de aonde quer que vás, temos de fazer alguma coisa todos juntos! Ah, poderíamos convidar o R. L. Cooper também! Não seria divertido?

Engulo em seco ao perceber que a perspectiva de fazer algo assim não me enche de horror, como seguramente teria feito na semana passada. Na verdade, parece-me que seria divertido. Não. Não é útil sequer considerar essa possibilidade.

– Três da tarde de amanhã está bem? – pergunto. – Não mais do que dez a quinze pessoas?

O Aled acena com a cabeça e aperta-me as mãos.

– Nunca tinha desrespeitado as regras – diz ele num tom animado.

Seguro-lhe também as mãos e dou-lhes um aperto.

– Bem, Aled, talvez seja altura de vivermos um pouco.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

No regresso da biblioteca, ligo ao médico de família de Mr. Yoon, o Dr. Garden, que me diz que é completamente inapropriado pedir-lhe que socialize com os pacientes. Depois passo na lavandaria, onde o casal que gere o local olha para mim como se eu fosse idiota quando os convido para uma festa de última hora de um desconhecido. Embora a rejeição deles me magoe um pouco, é compensada pela aceitação entusiasta do *barman* com lantejoulas do The Orchestra Pit, que – quando ligo para o bar – me diz chamar-se Flashy Tom.

Dirijo-me à farmácia, onde a Leanne e a Jan ficam imediatamente entusiasmadas com a ideia de uma festa. Nunca conheceram Mr. Yoon, mas, segundo a Leanne, embora eu raramente fale no trabalho, quando o faço, é sempre «Mr. Yoon isto» e «Mr. Yoon aquilo»: «Mr. Yoon precisa de bananas de qualidade decente, por isso vou demorar mais cinco minutos ao almoço para as ir buscar ao mercado dos agricultores»; «Mr. Yoon tem um disco de vinil da Kylie Minogue e continuo a perguntar-me como é que aquilo ali foi parar, porque quando o ponho a tocar ele tapa os ouvidos». Então, estão entusiasmadas por conhecê-lo porque, como diz a Jan, para elas ele é uma espécie de celebridade local.

Ao devolver-lhe o traje do baile, a Leanne pergunta pelo *dress code* da festa. Digo-lhe que é casual elegante, ao que ela faz um som de desagrado.

– Não querem um tema? – pergunta. – Outro baile de máscaras? Talvez... Disney? Podiam fazer um tema Disney?

Imagino a cara de Mr. Yoon ao ver uma sala cheia de desconhecidos vestidos de personagens de desenhos animados. A cara é de desdém.

– Estamos mais numa de discrição – digo, antes de perguntar se podem recomendar outras pessoas que possam estar interessadas em participar numa festa de alguém que não conhecem, mas que certamente gostariam de conhecer. A Jan menciona o Deli Dan, da Baba's Deli, ali perto. Ela vai lá

todos os dias buscar as nossas sanduíches, e é notório que tem uma pequena paixoneta por ele. No entanto, eu nunca o conheci. Sinto os nervos habituais ao pensar em ir falar com alguém completamente novo, mas não tenho outra opção senão avançar: quanto mais moradores das redondezas conseguir que vão, com mais potencial apoio poderá Mr. Yoon contar na minha ausência. Além disso, passei por coisas muito mais assustadoras nesta última semana.

A caminho da Baba's Deli no final da rua, decido passar pelas outras lojas, na esperança de que algumas dessas pessoas possam estar interessadas na festa. Primeiro, a mercearia. A adolescente mal-humorada com um *piercing* no nariz e *eyeliner* preto espesso é o modelo do meu assistente de loja perfeito, porque nunca, mas nunca, tenta fazer conversa comigo. Solta um suspiro audível quando eu me aproximo do balcão e a convido para uma festa. Ela gagueja e olha à volta.

– Estás a falar comigo? – diz ela, olhando para trás, confusa.

– Estou – digo. – Conheces Mr. Yoon?

Ela abana a cabeça, indicando que não. Suponho que não conheça. Devia ser ainda bebé quando Mr. Yoon ainda andava por estas paragens.

– Bem, é um velhinho adorável a quem dava jeito ter alguns amigos. Ele esteve um pouco doente, e eu pensei que talvez o animasse juntar alguns dos vizinhos na biblioteca para, sabes, celebrá-lo. Eu sei que é um pedido estranho.

A rapariga estreita os olhos.

– Sim. É um pouco estranho. Vai haver bebidas grátis?

– Bem, sim – digo, acrescentando *Comprar álcool* à minha lista mental de afazeres. – Claro! Faz parte de uma festa, certo? Garantidamente.

– Fixe. Então, conta comigo! – diz ela, os olhos de repente a brilhar. – A minha irmã pode ir?

– Espera... Quantos anos tens?

Ela faz uma pequena pausa.

– Dezoito.

– E a tua irmã?

– Tipo... também dezoito?

Está claramente a mentir.

– Talvez possas levar também o teu pai – digo.

– Talveeeeeez...

– Excelente! Encontramo-nos às três da tarde, amanhã. Sala de música da Biblioteca de Tyburnia. Sou a Delphie, já agora.

– Eu sou a Shelley.

– Prazer em conhecer-te, Shelley.

Enquanto desço até à Baba's, ocorre-me que provavelmente fui atendida pela Shelley umas quinhentas vezes e até hoje nunca soube o nome dela. Como é que isso nunca me pareceu estranho?

Na Baba's Deli há uma multidão de mulheres, todas a gritar umas por cima das outras, para chamar a atenção de um homem bonito, de cabelos grisalhos e olhos cinzentos brilhantes que poderiam rivalizar com os do Paul Hollywood ou com os de uma cabra. A placa com o nome diz DAN BABA. É o Deli Dan, e ele claramente adora a atenção, piscando ocasionalmente os olhos às clientes enquanto as serve. Espero pacientemente na fila enquanto as mulheres à minha frente namoriscam e compram empadas de porco e queijo. Quando chega a minha vez, o Deli Dan fixa-me com os olhos e consigo perceber por que razão a Jan tem uma paixoneta por ele, tal como, ao que parece, todas as outras mulheres de certa idade do bairro.

– Olá, Deli Dan – digo. – Chamo-me Delphie e vim convidar-te para uma festa amanhã. É um pouco em cima da hora, eu sei, mas só decidi organizá-la ontem à noite.

Ao contrário da Shelley, o Deli Dan age como se lhe chegassem convites para festas todos os dias, e uma mulher desconhecida entrar ali para o convidar para mais uma fosse completamente esperado.

A fila continua a crescer atrás de mim enquanto o Deli Dan encolhe os ombros e diz:

– Não dá, querida. Muito ocupado. O que posso fazer por ti? – O sotaque dele é puro *cockney*.

– Oh – digo, deixando descair um pouco os ombros. – A Jan disse que tu dirias que sim de certeza.

Ele larga a sanduíche de peru que está a embrulhar em papel de cera.

– A Jan Meyer? Da farmácia?

– Essa mesma – digo.

O Deli Dan torce a boca de lado.

– A Jan é simpática. Muito simpática. E ela também vai lá estar?

– Sim! Ela estará lá com cem por cento de certeza.

Ele acena com a cabeça, um pequeno brilho nos olhos.

– Tens o *catering* tratado?

Catering? Como é que não tinha pensado no *catering*? Será mesmo necessário *catering*?

– Não – digo. – A festa só deve durar umas duas horas.

– Não podes deixar de alimentar os teus convidados, querida – sussurra uma mulher mais velha com um lenço na cabeça atrás de mim. – Seria terrivelmente deselegante.

– Oh – respondo. – Certo, sim.

O Deli Dan revira os olhos de forma bem-humorada.

– Acho que te posso ajudar. Algumas empadas, sanduíches, bolos.

Eu assinto com a cabeça.

– Quanto é que isso custaria?

O Deli Dan responde com uma quantia que parece estar de acordo com os preços gerais do oeste de Londres, ou seja, é caríssimo. Eu não conseguiria pagar, a menos que usasse as minhas economias para imprevistos. O dinheiro que tenho vindo a guardar para algum tipo de emergência desconhecida.

Mas se isto não é uma emergência desconhecida, então não sei o que é. Consigo pagar, sim. Porra. É que, literalmente, não importa. Na verdade, é isso que vou fazer.

– Combinado! – digo, tirando o telemóvel da mala, transferindo todas as minhas economias para a conta à ordem e entregando o cartão de débito ao Deli Dan.

– Pode incluir queijo? – pergunto antes de ele passar o meu cartão. Aponto para um grande bloco de algo com um aspeto deveras malcheiroso.

– Na verdade, consegues arranjar também bebidas alcoólicas, por favor? Ou sabes de algum sítio onde possa comprá-las mais baratas?

O Deli Dan acena com a cabeça.

– Quantos convidados são?

Faço uma careta.

– Neste momento, cerca de nove, incluindo tu. Mas estou à espera de que sejam mais ou menos quinze, no máximo.

– Iá, isso arranja-se. Eu resolvo-te isso, querida. Cerveja? Vinho? Champanhe?

– Champanhe – digo com um aceno firme. Porque não ir com tudo? – Muito obrigada!

O Deli Dan encolhe os ombros.

– Faço o que puder pelos vizinhos. E a Jan vai lá estar, de certeza?

– Cem por cento.

– Podes acelerar, por favor? – diz a mulher atrás de mim. Outra mulher atrás dela retoca discretamente o batom.

– Sala de música da Biblioteca de Tyburnia – digo ao Deli Dan. – Às duas e quinze, para começar às três.

Passo à frente da fila de mulheres e saio para a rua, com a adrenalina a fluir.

Vai acontecer! Eu, Delphie Denise Bookham, vou dar uma festa!

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

É domingo. Acordo com uma dor imediata no coração.

O meu último dia na Terra.

Tudo o que está a acontecer e tudo o que pode acontecer invade-me o cérebro: fazer perguntas, hesitar, pensar em alternativas. Afasto tudo isso. Hoje é o meu último dia na Terra antes de voltar para a Eternidade, de acordo com as regras de um acordo que *escolhi* fazer. Tomei a minha decisão. E parte da decisão foi estar em paz com a decisão, porque a verdade é... que não há alternativa. É tudo demasiado avassalador para compreender por inteiro, e tenho medo de me ir abaixo se pensar mesmo nisto a sério. E tenho coisas para fazer hoje, por isso ir-me abaixo não é uma possibilidade. Vou dar uma festa em honra de Mr. Yoon. Não consigo imaginar melhor maneira de passar este dia.

Ocupei a manhã a escrever vários detalhes da rotina de Mr. Yoon, aquilo de que gosta e não gosta, tanto quanto sei, e a forma exata como gosta do seu café, num caderno que comprei na papelaria ontem. Deixarei isto ao Cooper, que poderá entregá-lo ao município, quando vierem fazer a avaliação. Espero que já não demorem muito, tendo em conta que lhes enviei uns cinco *e-mails* a expressar a importância de uma visita muito em breve.

Visto novamente o vestido verde-claro, porque foi caro como o raio e porque a forma como me fez sentir no outro dia reforçou a ideia de que devia ter usado vestidos adoráveis todos os dias, enquanto podia – pelo amor de Deus, de que é que estava à espera? Mesmo que só tivesse andado com eles por casa, isso teria feito com que me sentisse pelo menos um pouco melhor. Acrescento uns brincos pequenos e brilhantes que encontrei na bolsa de coisas da minha mãe, e escovo o cabelo até brilhar e cair ordenadamente pelos ombros. Depois, vou à casa do lado buscar o homem do momento.

Mr. Yoon está a admirar-se ao espelho do seu quarto. Olho com aprovação para a camisa azul-marinha e as calças cinzentas que ele escolheu para hoje. Pergunto-lhe se lhe posso pentear o cabelo atrás, e ele concorda. Ponho-me ao lado dele no espelho e sorrimos um para o outro.

— Estamos com bom aspeto! — digo, fazendo pose com as mãos nas ancas.

Ele inclina o ombro para o meu e espeta um polegar para cima.

— Tem a certeza de que isto não é demais? — pergunto. — Não estou a fazer figura de parva por lhe organizar uma festa no dia seguinte a sair do hospital?

Mr. Yoon agarra no lápis e no caderno, que estavam em cima da mesa.

Estou encantado. A minha primeira festa em trinta anos.

Penso na fotografia dele a receber o prémio por tocar violino. Na forma como reagiu quando eu a trouxe à conversa. Pergunto-me mais uma vez o que o terá levado a esconder-se do mundo? Das pessoas? O que o fez deixar para trás as coisas que amava? A última semana parece ter-nos aproximado. Se tivesse mais tempo, acho que ele acabaria por se abrir comigo. Talvez, quando eu me for embora, ele se abra com o Cooper. Ou com um dos novos amigos que espero que faça na sua festa para «conhecer pessoas novas».

Mr. Yoon solta o ar das bochechas.

— Está nervoso? — pergunto. — Por ir conhecer pessoas novas?

Ele abana a cabeça, dizendo que não, e revira os olhos perante a pergunta.

— Eu também não — minto. Ele ri-se, vendo a verdade por trás das minhas palavras.

Vamos a sair pela porta quando Mr. Yoon ergue a mão para me fazer parar. Vira-se e volta para o apartamento. Pergunto-me se terá mudado de ideias, mas, em vez disso, ele pega no seu livro de palavras cruzadas que estava na mesa da cozinha.

— Oh, não vai precisar disso! — digo. — É uma festa. Não pode fazer palavras cruzadas lá.

Ele abraça-o junto ao peito e vem ter comigo de novo à entrada. Tento tirar-lhe o livro, porque a última coisa de que precisamos é que Mr. Yoon ignore todos os presentes em favor do seu livro de palavras cruzadas, mas

ele agarra-o com tanta força que fica muito claro que não devo tentar tirá-lo. Levanto as mãos.

– Está bem! Caramba. Podemos levar as suas palavras cruzadas. – Deve ser uma coisa de conforto. Livro de palavras cruzadas de apoio emocional. Eu percebo. – Mas aposto que quando lá chegarmos, será tão divertido que se vai esquecer dele.

Em resposta, Mr. Yoon abre o livro de palavras cruzadas um milímetro, faz um rápido aceno com a cabeça e depois afaga o livro duas vezes enquanto o segura contra o peito.

– Está bem, leve lá a sua avante.

*

Quando entramos na sala de música da biblioteca, de braço dado, sustenho a respiração. Ao meu lado, ouço Mr. Yoon a fazer o mesmo.

– Uau.

Está linda. Já era uma sala bonita, com o teto abobadado, as altas estantes circulares de livros e os instrumentos. Mas o Aled pendurou nas estantes centenas de pequenas luzes cintilantes de cores quentes, e colocou uma folha branca dobrada em cima do piano de cauda, sobre a qual há cinco vasos de cristal cheios de rosas amarelas. Avisto o Deli Dan no extremo oposto da sala. Ele juntou duas secretárias e está a dispor nelas tabuleiros de alumínio com sanduíches e bolos.

– Toda a gente adora umas luzinhas de fada, não é? – diz o Aled, surgindo de trás de um contrabaixo, com uma espécie de pequena máquina na mão.

– Está incrível! – digo. – Muito obrigada! Mr. Yoon, este é o Aled, que trabalha na biblioteca.

– Sim. Sou eu que dirijo este magnífico navio. É um prazer conhecê-lo. – O Aled aperta a mão a Mr. Yoon, radiante com a possibilidade de um novo amigo para adicionar à sua coleção. – A Delphie disse-me que o senhor não fala.

– Isso não se diz, Aled!

Mr. Yoon faz-me um aceno de mão, a sorrir. Consigo perceber que ele gostou imediatamente da franqueza do Aled.

– Não foi minha intenção ofender – diz Aled. – Só fiquei curioso por saber se alguma vez viu uma destas. – Aled mostra a maquineta e liga-a para que se ilumine, com um ecrã de teclado. – É um VOCA, um dispositivo gerador de voz. Temos um aqui na biblioteca para os nossos visitantes não verbais usarem. Nem imagina a quantidade de pessoas não verbais que não sabia que isto existe. Bem, a Delphie disse-me que Mr. Yoon vive hoje em dia como um recluso e...

– Aled!

Mr. Yoon é sacudido por um riso silencioso, sendo o seu olhar um bálsamo. É notório que lhe agrada a franqueza do Aled.

– E – diz o Aled, olhando diretamente para mim – pensei que talvez tu também não tivesses ouvido falar disto. Basicamente, digitas o que queres dizer e a máquina diz por ti.

O Aled digita Olá, olá e muito bom dia a todos, e uma voz masculina, que se parece muitíssimo com a do Louis Theroux, diz as palavras em voz alta.

– Que fixe! – exclamo.

Mr. Yoon estende a mão para a máquina, inspecionando-a, com um sorriso estupefacto no rosto.

– Também pode pré-carregar isto com outras frases – diz o Aled, entregando o dispositivo a Mr. Yoon e passando para um novo ecrã que tem caixas preenchidas com frases como MUITO OBRIGADO, ADOREI CONHECER-TE e, curiosamente, AFASTA-TE DE MIM!

Mr. Yoon pressiona o botão MUITO OBRIGADO, e acena impressionado quando a voz de Louis Theroux se faz ouvir novamente. Passa de imediato para o ecrã anterior e escreve Isto é muito bom.

– É ótimo! – digo, radiante com o entusiasmo estampado no rosto de Mr. Yoon.

Mr. Yoon escreve novamente:

– O meu nome é Yoon Jung-won.

O meu coração eleva-se.

– Yoon Jung-won! – Estendo-lhe a mão. – É um prazer conhecê-lo, Yoon Jung-won.

Mr. Yoon aperta-me a mão com firmeza.

– O VOCA tem tantos elementos úteis – diz o Aled, entusiasmado. – Quer que lhe mostre? Temos alguns minutos até a festa começar oficialmente.

Mr. Yoon passa para o ecrã seguinte – já está especialista – e pressiona o botão SIM.

O Aled acompanha-o até um sofá de veludo no outro lado da sala, onde se sentam juntos, ambos de rostos animados enquanto o Aled conversa e o Mr. Yoon responde no VOCA.

Sorrio para os dois, já bastante certa de que se darão muito bem. Um dispositivo de fala. Brilhante.

– Amigos do peito, já se vê.

Volto-me e vejo o Cooper, que está perfeito, com uma *T-shirt* preta e calças cinzentas justas, parecendo um Gene Kelly de cabelos encaracolados. Traz uma mochila grande e estou prestes a perguntar-lhe o que raio tem ele lá dentro, e por que razão precisava de trazê-la para uma festa, quando os olhos dele descem pelo meu corpo e sou imediatamente transportada de volta ao outro dia, quando esses mesmos olhos ardiam com ónix enquanto me viam chegar. Percorre-me um arrepio. Ele deve ver isso acontecer, porque faz aquele sorriso que eu costumava achar tão convencido e arrogante, e que agora me faz querer testar quão rapidamente consigo tirar a minha roupa e a dele.

O meu entusiasmo é abafado quando me apercebo de que está alguém perto do Cooper, olhando em volta da sala de música, uma expressão impressionada num rosto geralmente muito pouco impressionável.

– Mrs. Ernestine! – trilo, olhando de esguelha para o Cooper. – Oh, bem-vinda.

– Mrs. Ernestine não conhece Mr. Yoon, acreditas? – explica o Cooper. – Ela perguntou porque é que eu estava «todo embonecado», por isso pensei em trazê-la também.

– Não conhece Mr. Yoon? Pensei que já vivesse no prédio há mais de cinco anos?

– Ele vive no andar de cima, não vive? – diz ela, como se isso explicasse perfeitamente a falta de contacto entre eles. – Eu só falo com este aqui. – Aponta para o Cooper.

– Bem, quantos mais, melhor!

– Sala chique, não é? Não sabia que havia isto aqui, para ser sincera. Pensava que era apenas uma biblioteca normal.

– Eu também não – digo, notando que ela tem uma rosa fresca atrás da orelha. – Só cá entrei pela primeira vez na semana passada. Parece um edifício tão desinteressante por fora. Não se dá por isto.

– Eu disse que ajudaria o Dan Baba a carregar o barril e o gelo para o champanhe – diz-me o Cooper, afastando-se.

Lanço-lhe um olhar de *Por favor, não me deixes sozinha com Mrs. Ernestine*, que consigo perceber pela sua cara que ele vê perfeitamente, mas escolhe ignorar, porque, mesmo que agora goste dele, o Cooper ainda tem muitas qualidades desprezíveis, uma das quais é achar o meu desconforto divertido.

Afasta-se a rir. Eu e Mrs. Ernestine ficamos ali, em supremo constrangimento. Lanço um olhar ao relógio na parede. Agora faltam três horas até voltar para a Eternidade. Penso no que a Merritt disse sobre não prometer que Mrs. Ernestine não me mataria.

– Eu... eu gosto das suas tatuagens – digo, como uma verdadeira idiota, apontando para NEVER AGAIN nos seus nós dos dedos.

Ela olha para baixo e revira os olhos.

– Oh, são estúpidas. Fiz isto na choldra, para me fazer parecer durona. Embaraçoso, não é?

– Na choldra? Tipo, prisão?

– Claro que sim. O que mais é que «na choldra» poderia significar, sua cabeça de vento?

– Esteve... Foi... Qual foi o seu crime?

Conseguí deter-me a tempo de não lhe perguntar se tinha participado nalgum homicídio.

Mrs. Ernestine fica um pouco corada.

– Meti-me com as pessoas erradas. Drogas. Tráfico. Eram os anos noventa, e fui uma idiota completa.

– Uau – digo. – Então... O que significa «Nunca mais»?

Mrs. Ernestine olha para os seus ténis.

– A forma como a minha filha me olhou, enquanto eu era arrastada pela polícia. Fiquei envergonhada. Prometi a mim mesma que ela nunca mais olharia para mim daquela maneira.

– E conseguiu?

Os olhos de Mrs. Ernestine encontram os meus.

– Sim. Mudei de vida. Não é grandiosa, não é chamativa, mas é honesta. Agora a minha filha é médica. A Chloe. – Sorri orgulhosamente e a sua cara normalmente carrancuda transforma-se numa expressão de amor e experiência.

– Hoje em dia é possível remover tatuagens – digo. – Sabe, se tiver vergonha.

Mrs. Ernestine abana a cabeça.

– Oh, nunca. Não gosto da minha tatuagem, mas o meu passado é o que me torna quem sou. E tudo isso, o bom e o mau, me trouxe até aqui hoje. Num dia de verão de agosto, a esta sala chique, prestes a beber uma carrada de champanhe grátis.

Penso no meu passado e em como me trouxe até aqui também, a falar com a minha vizinha «assustadora» do andar de baixo. Se não me tivesse engasgado com aquele hambúrguer, poderia passar a vida inteira sem perceber que Mrs. Ernestine era uma *bad girl* secreta. Sem conhecer o Aled, ou a Frida, ou descobrir por mim mesma que o sexo é basicamente a coisa mais divertida que se pode fazer na Terra.

– Por falar nisso. – Mrs. Ernestine aponta para a mesa do *buffet*, onde o Deli Dan e o Cooper estão a mergulhar garrafas de champanhe num barril cheio de gelo. Ao lado, há outra mesa cheia de flutes de plástico e latas de refrigerante, para quem não beber álcool. Eu nem sequer me tinha lembrado disso. O Deli Dan fez-me um enorme favor. Se não estivesse tão apanhada pelo Cooper, teria uma paixoneta por ele, de certeza.

Rio-me enquanto Mrs. Ernestine se afasta, agarrando numa garrafa inteira de champanhe do barril. Abre-a antes de se afastar – sem flute – para se sentar perto do Aled e de Mr. Yoon, que parecem estar a ter uma conversa profunda sobre Bach através do dispositivo VOCA.

Olho à minha volta. Enquanto falava com Mrs. Ernestine, a sala encheu-se, não apenas com as pessoas que convidei, mas também com umas quantas que não convidei, incluindo duas das mulheres que estavam atrás de mim na fila do Deli Dan. Vejo os pais do Cooper a dirigirem-se para o cumprimentar, a Amy a piscar imediatamente os olhos ao Deli Dan. O Cooper deve tê-los convidado para completar o número de pessoas, caso alguns dos convidados não aparecessem. Sorrio-lhe, mas ele está ocupado a conversar com a mãe e não me vê. Vejo a Shelley da mercearia da esquina,

e alguém que presumo ser a irmã dela, também a dirigirem-se para o champanhe. Não vejo sinal do pai delas, mas não tenho tempo para me preocupar muito com isso porque sinto um toque no ombro.

– Frida! – digo quando me dá um abraço apertado. Ela cheira a rosas e limões.

– Estou nas nuvens por ter sido convidada – diz-me. – O Aled disse que íamos sair juntos, eu e tu e o Aled e o R. L. Cooper. – A sua expressão cai por um momento. – Bem, acho que ele quis dizer sair. Temos trocado tantas mensagens, mas ele ainda não fez nenhum movimento romântico.

– Ele está super interessado em ti – digo.

– Achas mesmo?

– É óbvio. – Olhamos para o Aled, que está a mostrar a Mr. Yoon e Mrs. Ernestine uma vitrina cheia de instrumentos de sopro. O Cooper aproxima-se deles com uma garrafa de champanhe, um monte de flutes e um sorriso enorme.

– Ele é tão giro – suspira a Frida, de olhos a cintilar.

– É mesmo – concordo, observando o Cooper enquanto ele destapa a garrafa borbulhante.

– Ooh, sanduíches inglesas! – exclama a Frida, dirigindo-se em passo rápido para a mesa do *buffet*. – Espero que haja de ovo e maionese.

Aceno para a Leanne e para a Jan, que parecem ter trazido outros três desconhecidos com elas. Estou prestes a ir apresentá-los todos a Mr. Yoon quando a mãe do Cooper, a Amy, se aproxima de mim. Entrega-me um copo de champanhe.

– Pensei que te apetecesse.

– Pensaste bem – digo, dando um gole e apreciando a sensação das bolhas na língua. – Obrigada. Isto está a ficar movimentado. Espero que o Aled não se importe.

– Qual deles é o Aled? – pergunta a Amy.

– O de colete roxo, que parece um misto de jogador de *snooker* com professor de ciências.

– A mim, ele parece-me muito feliz.

A Amy tem razão. A Frida foi ter com ele e o rosto do Aled ficou vermelho de alegria. Atrás dele, vejo o Cooper a abrir a sua mochila gigante e tirar um conjunto de pequenas colunas *bluetooth*. Mexe no telemóvel e em

poucos segundos ecoam os sons do saxofone de Charlie Parker. Eu rio-me. O Cooper olha à volta da sala até os seus olhos encontrarem os meus e faz-nos, a mim e à mãe, um gesto exagerado de polegar para cima.

– Ele adora mesmo o Charlie Parker – resmungo. – Olha para aquela cara de parvo!

– Adoro aquele sorriso.

Rio-me ao lembrar-me de como a mãe do Cooper exigiu que ele sorrisse para ela na noite de jogos em família. E o sorriso dele é agora diferente, alcançando os olhos e acendendo-lhos.

– É um sorriso fantástico – digo baixinho.

– Nunca o tinha visto apaixonado – diz a Amy casualmente, pousando a mão no meu braço. – É fascinante. Parece que está iluminado por dentro.

Eu pestanejo. O Cooper está apaixonado? Espera lá. Ela quer dizer...?

– Oh... o Cooper e eu... é totalmente casual. – Lembro-me do acordo que fizemos para fingirmos que estamos a namorar e apresso-me a corrigir-me. – Quero dizer, namoramos, sem dúvida. Mas, sabes, é casual.

Porque é. O Cooper e eu sentimo-nos mesmo atraídos um pelo outro, não há como negar. E os últimos dias têm sido uma distração incrível do sobressalto do que está realmente a acontecer – do que está prestes a acontecer. Mas amor? Expiro pelo nariz.

– Não é amor. – Rio-me com tal ideia.

Os olhos gentis da Amy encontram os meus.

– Talvez lho devas dizer.

Abano a cabeça.

– Mas...

– Eu conheço o meu filho – diz ela. – Ele não sorria assim há muito tempo. Desde que perdemos a Em, não pensei que fôssemos conseguir recuperar o homem radiante, descontraído e confortável que todos conhecíamos e amávamos. E então, surges tu. Parece magia. Olha para ele. Ele está apaixonado. Por completo. Não lhe digas que te disse – acrescenta, suavizando o tom. – Ele ficaria muito zangado comigo, imagino.

Sigo o olhar dela. O Cooper aproxima-se de nós, exagerando os gestos com que finge tocar saxofone. Sorri para mim com os olhos cheios de calor, antes de se inclinar e encostar os lábios suavemente à minha bochecha, o lábio inferior apanhando-me o lóbulo da orelha. Os meus braços arrepiam-se. Encontro o olhar dele. Será verdade o que a Amy disse? Será que o

Cooper me ama? E se me ama, o que vai acontecer quando eu partir? Isso vai destruí-lo de novo? Quando pensei que dormir com o Cooper era apenas uma diversão, não parecia tão mau que eu fosse desaparecer. Porque é que ele se importaria? Especialmente quando tem uma fila de outras mulheres muito mais impressionantes à espera, literalmente, à sua porta. Mas se existem sentimentos reais... Sentimentos de amor...

O meu telemóvel explode com «Jump Around», ao que a mãe do Cooper diz:

– Oh, gosto dessa música!

É uma mensagem da Merritt! Raios. Terei de ir agora para a Eternidade? Fomos descobertos pelo Eric ou por um dos Poderes Superiores? O meu coração começa a bater mais depressa. Passo o copo de champanhe vazio para as mãos do Cooper e saio da sala a correr em direção à casa de banho. Abro a porta e verifico que não há ninguém em nenhum dos dois cubículos. Sentando-me na tampa da sanita, abro a mensagem.

Ótimas notícias! O Eric não suspeitou de nada. Ele andava a rondar porque — vê-me bem isto — ele está louco por mim. Está interessado em mim até mais não. Devia ter percebido, mas tenho andado tão distraída contigo que a minha intuição romântica, que normalmente é perfeita, está avariada.

E depois outra mensagem...

O Jonah ainda anda por aí, sabes?

Pisco os olhos para a mensagem ao perceber que não penso no Jonah há quase dois dias.

Quer tu o queiras quer não, certamente vale a pena mais um esforço antes de simplesmente... desistires? Beijar o Jonah vai salvar-te a vida. Parece-me que te estás a divertir demasiado para deixares simplesmente tudo para trás... Anda lá, Delphie. Não vale a pena lutar por isso tudo? Beijos

A mensagem desaparece e eu respiro fundo, tentando acalmar os batimentos furiosos do meu coração.

Abro a porta da cabina e vou até ao espelho grande na parede. Tenho as bochechas vermelhas e os olhos arregalados de terror.

Mordo o lábio e tento sintonizar-me com a «eu» de há alguns dias. Aquela que tinha a certeza de que não perseguir o Jonah era exatamente a coisa certa a fazer. Aquela que fez a escolha de não passar os seus últimos dias a correr atrás de algo que já demonstrara ser inútil. Porque era absoluta e definitivamente impossível. Certo? O Jonah nunca me irá beijar. Depois daquela desgraça total no baile de gala. É impossível. Eu iria à luta, se achasse que ia funcionar. *Tenho* lutado. Mas não posso desperdiçar estas últimas horas numa busca sem sentido que o mais certo é não levar a nada.

Ou será que posso?

CAPÍTULO QUARENTA

Volto à sala de música e encontro toda a gente reunida num círculo.

– Aqui está ela! – diz uma voz eletrónica do meio da roda. Vejo que é Mr. Yoon no VOCA.

– O que está a acontecer? – pergunto, enquanto o Aled monta uma estante de música prateada e o Cooper pega na mochila, retirando de lá um estojo de violino preto.

Mr. Yoon coloca o VOCA na mesa atrás dele. Abre o livro de palavras cruzadas e pausa-o cuidadosamente na estante de música. Terá ele perdido a cabeça? Porque está a colocar o livro de palavras cruzadas num atril?

O Cooper pede silêncio aos outros convidados. Estou prestes a perguntar que raio se passa, quando Mr. Yoon leva o arco às cordas do violino e começa a tocar.

Meu Deus.

Eu contava que ele fosse bom, porque há uma foto dele a ganhar algum tipo de prémio. Mas essa foto foi tirada há anos, e nunca vi nem ouvi Mr. Yoon tocar um instrumento durante todo o tempo em que vivi ao lado dele. E depois da sua ira por eu ter encontrado a foto, nunca pensei vir a ouvir.

Não reconheço a música, mas é lenta, cativante e terna a ponto de me encher o coração de uma antecipação melancólica. Mr. Yoon fecha os olhos e começa a relaxar, enquanto a peça se torna mais alta e carregada de anseio. À minha volta, ouço suspiros e murmúrios dos outros convidados da festa e, enquanto observo o meu velho vizinho rabugento tocar, ocorre-me que isto é a coisa mais bonita que já escutei. A coisa mais bonita que já vi. A coisa mais bonita que já senti. As notas transformam-se num crescendo mais rápido e mais alegre, e eu só percebo que estou a chorar quando Mr. Yoon toca a última nota, a sua mão trémula criando um vibrato que oscila pela sala arejada. Ele abre os olhos e vejo que também estão rasos de lágrimas.

Os aplausos são altos e entusiásticos, e eu bato palmas com mais força do que todos os outros.

– Bravo! – grita a Frida de trás de mim.

– Uma estrela entre nós! – aplaude a Jan.

Os outros convidados acabam por voltar a misturar-se, tratando de se conhecerem uns aos outros daquela maneira constrangida e desajeitada que agora percebo ser a forma como praticamente todos os novos relacionamentos começam. Mr. Yoon aponta para o violino e depois chama-me.

Quando chego perto dele, toca no livro de palavras cruzadas que está no atril e vejo que sobre as páginas estão duas folhas de papel cobertas com partituras musicais. Foram escritas cuidadosamente a lápis no papel.

– O senhor é que compôs isto? – arquejo. – Mr. Yoon!

Ele aponta para o canto do papel e eu vejo, na sua caligrafia pequena e clara: «Delphie da Porta ao Lado. Uma Sonata». A data no cimo é de há dois anos. Na verdade, é o dia seguinte ao meu aniversário. A manhã em que lhe levei uma fatia do meu bolo para o pequeno-almoço.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas novamente. Tenho a garganta tão apertada com a emoção que não consigo dizer nada. Apenas recupero o fôlego e sorrio enquanto olho para o papel cheio de rabiscos trémulos que acabou de produzir a música mais bonita que já ouvi. Uma peça de música com o meu nome.

Mr. Yoon pega no VOCA, que está à beira da mesa nas costas dele, e escreve, de olhos semicerrados para as letras. Faço uma nota mental para pedir ao Cooper que lhe marque uma consulta no oftalmologista.

Mr. Yoon carrega no *enter* da máquina.

– Comecei a escrever isto há muito tempo, mas nunca terminei. Tinha demasiado medo de tocar.

– Porquê? – pergunto. – Porque é que tinha medo de tocar? Foi por isso que ficou zangado comigo quando encontrei a foto?

Mr. Yoon digita novamente.

– História longa. Noutra altura. Quando vieste ter comigo ao hospital, soube como terminá-la.

– Espera... Era por isso que estava a rabiscar toda a noite passada?

Mr. Yoon acena com a cabeça e ri.

– Ele obrigou-me a esconder-lhe o violino – diz o Cooper, aparecendo ao meu lado. Mexe no telemóvel e volta a ouvir-se *jazz* a ecoar pela sala.

– Posso... posso abraçá-lo, Mr. Yoon? – pergunto.

Ele encolhe os ombros e depois sorri e acena com a cabeça.

Abraçamo-nos no meio da sala de música da Biblioteca de Tyburnia, e ele cheira exatamente como a sua casa. A fumo de tabaco, café e camisolas de lã, mesmo que seja verão e ele esteja de camisa.

– Posso interromper? – diz o Cooper, após alguns momentos.

Mr. Yoon assente, antes de pegar na máquina VOCA e vaguear até onde a Jan e a Leanne estão a conversar com o Deli Dan.

O Cooper enfia o telemóvel no bolso.

– Na gala... Sabes, antes de tu...

– Atirar champanhe à cara de alguém e depois fazer uma proposta indecente a um inocente à frente de todos?

– Sim. Antes disso. Eu queria tanto dançar contigo.

– Porque é que não me convidaste? – murmuro.

– Tu terias dito que não.

Ele tem razão. Teria. Como é que as coisas mudaram tanto em tão poucos dias?

– Convida-me agora.

– Danças comigo, Delphie?

Pego-lhe na mão. Ele coloca a outra mão na minha cintura e puxa-me para si, guiando-me ao ritmo da música, um ritmo que eu não consigo bem perceber, mas que ele parece conhecer de cor.

Ao nosso lado, a Frida e o Aled também começam a dançar, as faces da Frida rosadas de alegria, o Aled balançando-se desajeitadamente de um lado para o outro.

O Cooper inclina a cabeça para trás, perscrutando-me o rosto com os olhos.

– Amor – diz ele –, tu cintilas e brilhas mesmo.

Não consigo deixar de rir quando o Cooper levanta uma sobrancelha de forma tola, referindo-se ao *slogan* na minha tenebrosa camisa de dormir. Ele sorri e puxa-me ainda mais para si.

Penso nas palavras entusiasmadas da mãe dele. O Cooper está apaixonado por mim. Ele está apaixonado. Por mim? Como pode ser tal coisa, se ainda nem sequer nos conhecemos bem? Não pode ser. Não sei

nada sobre o amor, mas tenho a sensação de que a forma como me sinto agora, a dançar com ele, é a maneira como é suposto os humanos sentirem-se. Expectativa. Esperança. Uma excitação pelos dias por vir. E se eu desaparecer na Eternidade, as consequências emocionais para um homem apaixonado seriam... Não vale a pena pensar nisso.

Atrás de mim, a Jan e a Leanne riem-se alto com algo que Mr. Yoon digitou na máquina. O Aled acabou de beijar a Frida na cara. Ela mostra-me um polegar para cima atrás das costas dele. A Shelley da loja da esquina e a sua irmã bebem champanhe a um canto, e o Flashy Tom do The Orchestra Pit está a falar com Mrs. Ernestine, a boca cheia com uma sanduíche da loja do Deli Dan.

O meu coração enche-se e o estômago agita-se.

Como é que eu poderei deixar isto? Esta... vida. Porque o que eu andava a viver há dez dias não era, de todo, uma vida. Mas isto? Este barulho e riso e confusão e medo e... pessoas. Amigos. Um possível amor.

Não posso perder isto.

Há pessoas nesta sala que também não me quereriam perder. Eu sou importante para eles.

Não me posso ir embora. A Eternidade é demasiado longe. Não quero morrer.

Caramba.

Quero viver.

Levanto os olhos para o relógio na parede.

Tenho duas horas até a Merritt me vir buscar.

Preciso de encontrar o Jonah. Agora.

E pela primeira vez nos últimos dez dias, sei exatamente para onde ir.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

A festa está a tornar-se mais barulhenta quando escapo silenciosamente e chamo um táxi para Ladbroke Grove. Quando chego à casa, sinto um aperto na garganta ao recordar uma série de memórias. Não as memórias horríveis, mas sim as mais antigas, mais felizes. Aquelas de estar sentada na relva deste jardim da frente a brincar com Barbies, a inventar coreografias de dança, a falar sobre o que seríamos quando crescêssemos (eu uma artista, ela a Rihanna). Assim que ela abre a porta, os pensamentos felizes são substituídos por nervosismo, raiva e medo. Tudo no meu corpo quer dar meia-volta e fugir. Mas mantenho-me firme. Já não estou na escola. Sou uma mulher adulta. Com amigos. Agora tenho amigos. Novos amigos, amigos recentes, mas mesmo assim... Pessoas que gostam de mim. Que gostam do que é bom e certo e engraçado e verdadeiro, não do que é mais barulhento ou assustador ou bonito ou cruel.

São quatro e quinze da tarde, mas a Gen está vestida com um roupão fofo.

– O que queres? – pergunta-me, numa voz monótona.

– Posso entrar? – digo. – Vou ser rápida, prometo.

Ela hesita antes de revirar os olhos e me convidar a entrar.

Embora o *design* interior da casa tenha sido atualizado de forma claramente elegante, há brinquedos de criança e pilhas de contas e montes de roupa espalhada por todo o lado.

– Onde estão os teus filhos? – pergunto, curiosa.

– No parque. Com o Ryan – diz ela, sentando-se no seu sofá bebe e fazendo-me um gesto vago para me sentar. – Ele está sempre *aqui*... sabes? Desde a escola, ele esteve sempre aqui. Uma rapariga precisa de uma pequena pausa às vezes, é só isso.

Pega num copo de vinho quase vazio da mesa baixa à sua frente e dá um gole.

– Queres?

Abano a cabeça, indicando que não.

Ela ri sem alegria.

A Gen dá um gole na sua bebida.

– Então, vieste pedir desculpa? Atiraste-me champanhe! Estragaste-me o vestido, sabes? Custou-me quatrocentas libras. – Ri-se. – Não pensei que tivesses coragem, para ser franca.

Eu controlo a raiva que começa a apertar-me o peito.

– Mereceste – digo com calma. – Usar as minhas experiências, o trauma que causaste, para mentir em *teu* benefício? Isso foi realmente horrível. Pensei que talvez tivesses amadurecido.

A Gen encolhe os ombros e termina o vinho antes de se servir de mais um copo.

Abro a boca para lhe perguntar o que vim aqui perguntar, mas sai uma pergunta diferente.

– Esqueceste-te mesmo de mim? – pergunto. Porque, no fundo, é isso que não consigo entender. Mesmo que ela não me tivesse tornado a vida num inferno, éramos tão unidas em crianças.

A Gen encontra o meu olhar e abana a cabeça.

– Não. Não me esqueci. Quando não aceitaste o meu pedido de desculpa, quis fazer-te sentir mal.

Aceno com a cabeça.

– És muito boa nisso.

A Gen inclina-se para a frente.

– Lembras-te quando cortaste o cabelo à minha Barbie porque não tínhamos um Ken e a tua mãe ficou furiosa?

Rio-me instintivamente ao recordar aquilo, antes de tapar a boca com a mão.

– Porque é que me odiavas? – pergunto, a frase a sair-me da boca mais desesperadamente do que pretendia. – Costumávamos divertir-nos tanto.

A Gen morde o lábio, deixando escapar um pequeno soluço.

– Odiava-te porque tu me odiaste primeiro.

– O quê? Porque é que achas isso?

– Simplesmente deixaste de me convidar para tua casa. Sabias que os meus pais estavam sempre no trabalho. Que eu não tinha ninguém em casa. Eu vivia praticamente contigo e tu acabaste com isso porque tinhas ciúmes.

– Ciúmes? De quê?

– De como eu era próxima da tua mãe.

Penso naquela altura. Em mim, na Gen e na minha mãe a cantar, a brincar, a cozinhar e a coscuvilhar juntas. Penso na forma como a minha mãe e a Gen pareciam dar-se tão bem. Como duas adultas.

Olho para os meus pés.

– Talvez eu tenha tido algum ciúme. Mas não foi por isso que deixei de te convidar. A minha mãe estava...

– O quê?

– O meu pai deixou-a e ela enlouqueceu completamente. Passava o tempo todo a beber e a chorar. Eu não queria que visses isso. Tinha vergonha.

A Gen abana a cabeça.

– Jesus, Delphie. Eu teria ajudado! Não me contaste.

– Eu... Eu... não contei. Tens razão. Mas tu... Tu expuseste-me, Gen.

A Gen suspira e passa a mão pelo cabelo antes de me olhar nos olhos.

– Peço desculpa, está bem?

Uma lágrima escorre-me pela face. Limpo-a com o punho.

– Eu tenho de encontrar o Jonah – digo, olhando para o relógio na parede dela. – O mais depressa possível. Preciso de que me dê a morada dele.

A cara da Gen enrubesce.

– O que é que se passa? O Jonah disse que não te conhecia. Mas estavas a agir de forma tão estranha com ele. Ele estava a mentir? Conhece-lo?

Aceno.

– Sim, mas não da maneira que pensas. Eu... Eu não consigo explicar porque é que tenho de o ver porque, bem, é ridículo. Mas preciso de que me dê os contactos dele. O número de telefone, a morada. Deves-me isso.

– Vais tentar beijá-lo outra vez? – pergunta a Gen com uma careta. – Porque, sem ofensa, assustaste-o a sério. Ele costuma ser tão tranquilo.

Ela olha para mim por mais um momento antes de se levantar e ir até uma grande cómoda de mogno. Abre uma gaveta e tira um pedaço de papel e uma caneta, rabiscando-o antes de me entregar.

– O número e a morada do Jonah. Não lhe digas que tos dei.

Eu respiro fundo. Finalmente. Vou fazer isto.

Quando saio pelo caminho que atravessa o jardim, a Gen chama-me.

– Ei, Delph?

Volto-me.

– O que é?

– Estás mesmo com o R. L. Cooper?

Aceno com a cabeça.

– A toda a hora.

– Fixe. – Encosta-se à entrada e encolhe um ombro. – Tu... tu queres sair um dia destes? Beber um copo?

Olho para os meus pés antes de encontrar o olhar dela. Um lampejo de compreensão mútua atravessa-nos. Mas não é suficiente.

– De maneira nenhuma – digo. Levanto o papel no ar. – Mas obrigada por isto! – acrescento, antes de desatar a correr.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Com menos de uma hora restante na Terra, volto para o meu prédio e ouço imediatamente gargalhadas estrondosas vindas do apartamento do Cooper. O que se passa? Quem está lá dentro?

A porta dele está entreaberta. Espreito lá para dentro e vejo que a maioria dos convidados da festa da biblioteca está ali, uns sentados nos sofás e outros no parapeito grande da janela. A Jan está na cozinha, com a cabeça muito próxima do Deli Dan, enquanto a Leanne conversa com o Cooper e Mr. Yoon. Ela ri-se do que quer que eles estejam a dizer, a cabeça inclinada para trás com alegria.

O Aled vê-me primeiro e corre para mim.

– Delphie! Fomos descobertos!

– O quê?

– A minha colega Laurel entrou na biblioteca para ir buscar o guarda-chuva esquecido e descobriu-nos! Eu não percebi que estávamos a tocar música tão alto, mas os pequenos altifalantes *bluetooth* do R. L. Cooper têm um verdadeiro impacto. De qualquer forma, lá entra ela a dizer que tínhamos de sair imediatamente ou chamava a polícia.

A Frida junta-se a ele, num estado muito mais sóbrio.

– O Aled gritou: «Bazem!», o que no Reino Unido significa «Fujam!». Então, fugimos. A maioria de nós, de qualquer forma. Mrs. Ernestine disse à Laurel que ela era uma cabra miserável e devia desaparecer dali, senão...

– O Cooper convidou-nos a todos para virmos para aqui – diz-me o Aled, com as bochechas vermelhas do álcool. – Sentimos a tua falta... Serve-te de uma bebida.

Aceno com a cabeça e dirijo-me rapidamente ao Cooper, cujo rosto se ilumina com um grande sorriso quando me vê.

Mr. Yoon digita velozmente no seu VOCA.

– Fomos descobertos – diz a voz do Louis Theroux.

– Já ouvi dizer! – digo, entusiasmada por poder comunicar com ele tão agilmente, mas um pouco distraída pela minha morte iminente. – Cooper, preciso de falar contigo.

As suas sobranceiras franzem-se perante a urgência que trago na voz. Agarro-lhe na mão e puxo-o para o quarto, fechando a porta atrás de nós, abafando os ruídos felizes da festa.

– Estás bem, Delphie? – pergunta-me, encostando logo a mão quente ao meu rosto. Desejo mais do que tudo poder apenas fechar os olhos, aninhar-me nele como um gato e ignorar a realidade do que está a acontecer agora. – Onde estiveste? Enviei-te uma mensagem, pensei que talvez tivesses ido até casa para respirar um pouco. Espera... Estiveste a chorar?

Vejo-me no espelho de parede dele. Rímel a escorrer pela cara, cabelo desgrenhado e transpirado da corrida de volta. Pareço uma louca.

– Preciso de um favor – digo-lhe, as minhas palavras tropeçando umas nas outras. – Podes levar-me a um sítio? Não bebeste, pois não?

Ele abana a cabeça.

– Só água com gás. Abstive-me, caso Mr. Yoon se sentisse mal novamente... Foi um dia enorme para ele. Estás bem? Aonde queres ir?

Sinto o coração mais leve com a bondade inata do Cooper para com Mr. Yoon. Respiro fundo, tentando acalmar-me.

– Preciso de ir a Mayfair. Agora mesmo, neste segundo. Podia apanhar um táxi, mas teria de esperar muito, e só demora cerca de quinze minutos de carro. Não tenho muito tempo.

Estou a tentar parecer razoável, mas a voz sai-me baixa, trémula e desesperada.

– Mayfair? – O Cooper olha para o relógio de pulso. – Neste momento? Está tudo bem?

Enterro a cabeça nas mãos, soltando um gemido de frustração pelas perguntas, pela ausência de pânico dele. Embora, claro, por que razão haveria ele de entrar em pânico quando está completamente às escuras quanto ao que tem acontecido?

– Não. Não, não está nada bem. Está o mais longe possível de estar bem. E eu gostaria de te explicar como deve ser, Cooper, mas, por Deus, mesmo que o fizesse, não irias acreditar em mim. Não *podias* acreditar em mim. Vem só... Vamos lá, vamos. Temos de ir já! É literalmente uma questão de vida ou morte!

O Cooper faz uma careta e senta-se à beira da cama. Não. Eu não preciso de que ele se sente. Preciso de que entre no carro e me leve a Mayfair, ao Jonah, que, de alguma forma, tenho de fazer beijar-me sem qualquer preâmbulo. Penso no que me resta de economias no banco.

– Talvez eu pudesse pagar-lhe para me beijar? – murmuro para mim mesma. Ele ainda me beijaria de livre vontade, certo? Isso funcionaria? A Merritt iria permitir? Cristo, sinto a cabeça a andar à roda.

– Talvez devêssemos apenas sentar-nos por um momento – diz o Cooper gentilmente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Dá palmadinhas na cama ao seu lado, com uma expressão preocupada. – Queres que te traga uma chávena de chá? Achas que telefone a um médico?

Tenho um *flashback* da última vez que ele se ofereceu para me chamar um médico. Quando me encontrou no chão da minha sala, em camisa de dormir, confusa e a balbuciar coisas sobre um hambúrguer em falta. Porra. Ele pensa que estou a ter uma crise qualquer. Com as mãos trémulas, verifico o tempo de espera na aplicação de táxis: agora são trinta minutos. Demasiado tempo.

– Temos de ir! – grito, e o puro pânico faz com que o meu coração bata com tanta força na cabeça que consigo senti-lo no nariz. Agarro as mãos do Cooper e, apesar dos meus melhores esforços para não perder mais a cabeça do que já estou a fazer, começo a soluçar continuamente. – Por favor. Se não beijar o Jonah, a Merritt vai mandar-me de volta para a Eternidade e eu não quero ir para lá, pelo menos ainda não. Quero ficar aqui. Viva. *Por favor!*

O Cooper inspira bruscamente, de olhos a cintilar.

– O que é que acabaste de dizer?

Merda. Assim só pioro as coisas. Parece mesmo que estou doente. O Cooper levanta-se da cama.

– Quem... quem é a Merritt, Delphie? – pergunta, numa voz calma e constante.

Levanto as mãos para o ar. Desisto.

– A Merritt é a minha Terapeuta do Além. – O Cooper abre a boca para dizer algo, mas não sai som algum. Percebo que nada disto faz sentido para ele, nem para mim faz lá muito. – Eu sei que parece uma loucura – suplico. – Mas... eu morri. Ok? Eu *morri* há dez dias. E eu... eu conheci esta mulher louca no Além-vida que é obcecada com romances e ela...

De repente, é como se todo o ar tivesse sido retirado ao Cooper. Ele cai de volta na cama como se os seus joelhos tivessem deixado de funcionar.

— ... ela queria que eu beijasse o Jonah, é por isso que tenho tentado encontrá-lo, não por ele ser o amor da minha vida, mas porque é um acordo que fiz com a Merritt. Ela queria que eu lhe desse um final feliz na vida real, como nos seus romances, senão teria de morrer novamente. O que eu achei que estava bem. Mas então, hoje... os últimos dias, estar *contigo*. Fez-me perceber que não está tudo bem. Eu não quero morrer. De todo. Por favor, por favor, por favor. Vamos embora. Mesmo que não acredites em mim, e eu percebo perfeitamente porque não acreditarias, por favor, leva-me a Mayfair. Pelo menos, preciso de tentar! Eu sei que não faz sentido nenhum, mas preciso de que me ajudes, por favor.

Agora choro a sério, respirando em fôlegos curtos e nervosos. Como pude brincar tão descuidadamente com isto?

— Obcecada com romances?

Foi *isso* que ele reteve de tudo o que acabei de lhe contar?

— Eu *sei* que parece algo que eu inventei, mas prometo que é real.

O Cooper levanta-se novamente e olha para mim, a boca num esgar. Passa a palma da mão pela mandíbula, até à testa. Os olhos brilham-lhe com lágrimas.

— Estás a dizer-me a verdade agora, Delphie? Porque se isto for algum tipo de brincadeira macabra sobre...

— Por que motivo seria uma brincadeira? — Passo os dedos pelo cabelo já despenteado. — Não tem piada nenhuma.

O Cooper engole em seco, abanando ligeiramente a cabeça. Morde o canto do lábio, as sobrancelhas franzidas.

— Por favor — murmuro. — Por favor, leva-me a Mayfair. Não tenho alternativa.

Os olhos do Cooper movem-se de um lado para o outro, como se estivesse a ponderar as suas opções, que estou bastante certa de que são: a) fazer o que lhe peço, ou b) chamar assistência médica. Acaba por soltar um sopro afiado antes de me dar a mão e me levar para fora do quarto. Passamos pelo feliz tumulto na sala de estar e vamos para o carro.

Ele não diz uma palavra enquanto arranca com tanta urgência que me atira contra a janela. Sinto que não acredita em mim, mas é como se quisesse ver para onde isto vai. Ver se, de alguma forma, se envolveu com

uma psicopata. Seja como for, estamos finalmente a caminho do Jonah. Ainda há uma hipótese.

– Morada – rosna o Cooper, batendo com as mãos no volante, impaciente ou irritado, não consigo perceber.

Eu tateio o papel nas minhas mãos.

– Número dez, Berkeley Street... E também tenho o telefone dele. Eu devia ligar-lhe. Porra.

Digito os números no telemóvel, de mãos a tremer, as lágrimas a obscurecer-me a visão. Lá acabo por acertar na combinação certa, mas o telefone toca sem resposta.

O Cooper vira na Edgware Road e pisa o acelerador, os carros e as árvores alinhadas na estrada passam cada vez mais depressa. Ele olha de lado para mim, de olhos semicerrados, e mesmo quando olha para mim como se não me conhecesse de todo, o meu coração dá um solavanco com a profundidade do que vim a sentir por ele em tão pouco tempo.

O Cooper. Sempre ali, no andar de baixo. O meu vizinho idiota que acabou por ser o homem mais doce, engraçado, *sexy* e interessante que alguma vez conheci. E acho que mesmo que tivesse conhecido todos os homens desta terra e todos os homens do Além, ainda me sentiria assim em relação ao Cooper... o Cooper. Espera... Eu não sei o nome completo dele...

– Eu... eu preciso de saber uma coisa – solto enquanto contornamos a Berkeley Square.

Os olhos do Cooper estão outra vez postos na estrada, os seus dentes da frente a roçar para a frente e para trás sobre o lábio inferior.

– O quê? O que é?

– O que significa o R. L.? Qual é o teu primeiro nome? Eu tenho de saber.

– Estás a falar a sério?

– Eu... só quero saber o teu nome. O teu nome verdadeiro.

As narinas do Cooper dilatam-se.

– Por amor de Deus... Está bem. É Remington Leopold. O meu nome é Remington Leopold Cooper.

– REMINGTON LEOPOLD? – repito em voz alta, antes de desatar a rir, chocada. Este homem fixe, inteligente, *sexy* e desagradável chama-se *Remington Leopold*.

Deve ser dos nervos, do pânico e da loucura geral de tudo isto, mas assim que começo a rir, não consigo parar. O riso acomete-me o corpo inteiro até eu ficar com convulsões. Parece-me que vou vomitar.

Consigo parar por um momento para ver o Cooper a olhar para mim, uma gargalhada surpreendida a explodir nele. E então, assim que viramos para a rua do Jonah, ouve-se o som de uma buzina de carro, tão alta que me dói nos ouvidos. Volto-me para o Cooper, que está a virar freneticamente o volante para a esquerda, uma expressão de horror a escurecer-lhe o rosto.

Então, há um estrondo alto e a força de ser atirada para a frente, o corpo a ir contra o cinto de segurança do carro de uma maneira que me rouba a respiração. Bato com a cabeça em qualquer coisa. Um grito ao longe. Uma onda aguda de dor.

E depois, nada.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

— **A**bre os olhos... Isso. Hora de acordar... Hora de despertar... Ah, aqui estás! Olá, minha querida.

Abro os olhos e vejo a Merritt à minha frente, de mãos nas ancas. Ela está ao lado de uma máquina de lavar, vestida com uma farda azul-marinho. Tem palitos de plástico cor-de-rosa a segurar-lhe o cabelo num coque despenteado. Ao lado dela está um homem tão ridiculamente bonito que parece ter sido gerado por computador. É alto e loiro, com olhos verde-claros e pestanas escuras longas que suavizam o efeito de um maxilar tão afiado que poderia cortar vidro.

A Merritt vira-se para o homem.

— Bem, aqui está ela. O tormento da minha existência, Delphie Denise Bookham.

O homem acena, dirigindo-me um sorriso que parece digno de ser captado fotograficamente para um editorial da *Vogue*.

— Eu sou o Eric. É um prazer conhecer-te.

— Eric? O homem que...

A Merritt apoia a cabeça no ombro do Eric, coberto pela camisa branca imaculada.

— Parece que a nossa história se está a revelar um clássico conto «de rivais a amantes»: sinceramente, não se podia inventar. Bem, a Lucy Score provavelmente conseguiria.

Abano a cabeça, tentando processar o que está a acontecer. Um acidente de carro? Foi assim que morri pela segunda vez? Estava tão preocupada com buracos de saneamento e com ser assassinada por Mrs. Ernestine que nem imaginei que poderia ser algo tão comezinho como um acidente de carro. O meu estômago torce-se e contrai-se quando percebo que nem sequer cheguei ao Jonah. Não. Oh, não. E depois grito ao lembrar-me de que o Cooper estava no carro ao meu lado.

– O Cooper! E o Cooper? – Levanto-me da cadeira em pânico. – Ele está bem? Meu Deus, ele ficou ferido?

– Ele está ali, Delph. – A Merritt sorri, apontando para uma das cadeiras de plástico atrás de mim. – Tão sonolento, não é? Normalmente, as chegadas já acordaram a esta hora. Não posso esperar mais. Vou acordá-lo!

Oh, não. Meu Deus, não. O Cooper está aqui? O Cooper não pertence aqui. Que fiz eu?

– Não. Por favor. – Dirijo-me ao Cooper, que está deitado na cadeira, com a cabeça apoiada no ombro, parecendo dormir uma sesta pacífica à tarde. Eu... O Cooper está *morto*? Eu causei isto? NÃO. Não era suposto isto acontecer. Meu Deus.

– Acorda! – Pouso as mãos nos ombros dele e agito-o freneticamente. – Cooper, acorda. – Volto-me para a Merritt. – Manda-o de volta. Tens de o mandar de volta agora mesmo. Ele não pertence aqui! Ele, não. Cooper, acorda já. Cooper, por favor.

– Ei, tem calma – repreende-me a Merritt. – Não o assustes!

O Cooper não pode estar aqui. Ele não pode estar morto. Imploro à Merritt.

– Tens de o mandar de volta. A mãe dele vai... Já perderam a... Ele não pode. Ele pertence à Terra! Ele tem muito por fazer... Livros para escrever, alegria para dar e alegria para *ter*. Ele já passou por tanto, demasiado!

Devo estar a conseguir transmitir alguma coisa, porque os olhos da Merritt brilham com lágrimas diante do meu desespero. Ela inclina-se e sussurra algo ao ouvido do Cooper.

Vejo os olhos dele a abrirem-se lentamente, um breve lampejo de pânico antes de se fixarem na Merritt ajoelhada à sua frente. O medo nos olhos dele transforma-se em confusão e depois em choque e depois... deleite? *O quê?*

Expira a tremer e sussurra:

– Meu Deus.

Fico de boca aberta a vê-lo levantar-se da cadeira e imediatamente, com firmeza, puxar a Merritt para si. Envolve os braços à volta dela, encostando-lhe uma mão trémula encostada à nuca.

– És tu – murmura ele, a voz rouca. – Tu estás aqui. Eu... Tu estás *aqui*?

A Merritt apoia a bochecha no peito dele, de olhos bem fechados, os cantos da boca levantados. O Cooper afasta-se e segura-lhe o rosto com as mãos, usando a curva do seu dedo indicador para limpar delicadamente as lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto dela. Os ombros dele, sempre tão curvados e rígidos, descontraem-se, afundando-se numa espécie de alívio. Ele começa a falar, mas o que quer que esteja prestes a dizer transforma-se num profundo soluçar quando puxa a Merritt de novo para si. A Merritt ri-se, desde o fundo da barriga, e depois o Cooper também se ri, um rápido latido de riso. Os dois ficam abraçados desesperadamente um ao outro, rindo e chorando de algo que só eles sabem o que é.

– Isto é real? – diz o Cooper, por fim. – És real? É um sonho?

A Merritt inspira profundamente e expira devagar, como se estivesse a tentar acalmar-se.

– É real, Coop. Não é, de todo, o tipo de realidade a que estás habituado. Mas eu estou aqui. E tu estás aqui. – Segura nas mãos dele. – E, meu Deus, senti tanto a tua falta.

O Eric observa, de sorriso indulgente no rosto, enquanto o Cooper abana a cabeça, olhando em volta da sala, espantado. Os olhos dele estão arregalados, e embora pareça confuso e tonto, não parece assustado de todo. Parece quase *feliz*. Eu não entendo.

– Espera... – diz, observando a decoração da sala. – O que raio é isto? É a Lavandaria da Franny em Barnet? Tu és mesmo estranha.

– Sabes que adorava lá ir – diz a Merritt com um encolher de ombros. – Mas tenho recebido alguns comentários menos satisfatórios de clientes. Aparentemente, o que para mim pode ser um ambiente tranquilo, parece ser assustador para outras pessoas. Talvez devesse mudar para algo mais básico, que todos percebam. O apartamento de *Friends*, talvez. Ou apenas algo genérico e bege, como um *hall* de hotel. O que achas?

– Parem! – consigo dizer, completamente confusa. Raios. E se isto não for a Eternidade? E se for uma espécie de realidade alternativa estranha? E se os Superiores descobrirem o plano e agora me enviaram para algum lugar onde o meu destino é apenas ficar perplexa para sempre? – Porque é que estão todos a agir como se isto fosse normal?

– Delphie? – O Cooper percebe finalmente que eu estou ali de pé ao fundo da sala de espera. Aproxima-se de mim, o rosto franzido num semblante sombrio, como se finalmente tivesse compreendido. – Caramba,

estás bem? – Ergue-me o queixo com a mão, inspecionando-me o rosto, e depois os seus olhos percorrem-me o corpo. – Estás ferida? – Passa a mão pelo cabelo, fazendo os caracóis ficarem em ângulos estranhos. Olha para a Merritt. – Quanto tempo podemos ficar aqui contigo? Quando é que podemos voltar? A Delphie está segura? – Volta-se para mim, os olhos a fitar profundamente os meus. – Assim que mencionaste a Merritt, soube que estavas a dizer a verdade. Ao início, pensei que fosse algum tipo de partida cruel, mas tu não és do tipo de pregar partidas cruéis. E depois, quando falaste dos romances, soube que era a minha Merritt.

– A tua Merritt? Espera, estás envolvido nesta coisa toda?

Lágrimas de frustração ameaçam cair.

O Cooper agarra a mão da Merritt e puxa-a para perto. O Eric está a segurar a outra mão da Merritt, por isso ele também é puxado. Uma cadeia de pessoas muito atraentes que estão a agir de forma muito, muito estranha.

– Delphie, esta é a Em! É a *Em*. A minha irmã.

Olho para um e para o outro e, de repente, ocorre-me que os olhos deles não são apenas da mesma cor verde-esmeralda escura, da mesma forma grande de amêndoa, mas que estão ambos a inclinar a cabeça no mesmo ângulo.

– Mas... mas esta é a Merritt! Pensava que a tua irmã se chamava Emily!

– O nome dela é M – explica o Cooper. – A letra M. Não é E-M.

Percebo lentamente. E depois de repente, como uma chuvada. A Em é *M*. De Merritt. Não de Emily. A irmã gémea intelectual do Cooper é... a Merritt? Reparo então que ela está a usar os brincos que o Cooper me emprestou para o baile. Deve tê-los tirado do apartamento dele no dia em que voltámos! A Merritt vê-me a olhar e toca na orelha.

– Sentia a falta deles.

– O sotaque irlandês – murmuro com um franzir de sobrolho.

– Andei no Trinity College. Vivi em Dublin durante dez anos.

Tinha assumido que ela tinha ido para o Trinity College em Cambridge. O Cooper olha para a irmã com espanto. Agora faz sentido que ele não esteja mais assustado, que pareça radiante e que dê mostras de não ter percebido completamente as ramificações do que tudo isto significa. Eu sei o quanto ele ficou destroçado quando perdeu a irmã. Como é que ele o

descreveu naquela noite? Como se o coração se tivesse rachado e, embora ele pudesse encontrar maneiras de tapar essas rachas, sabia que nunca se consertariam de facto. E agora...

A Merritt olha para nós os dois alternadamente. Sinto uma estranha onda de raiva em nome do Cooper. Porque, embora ele ainda esteja no meio do choque e da alegria de ver a irmã morta novamente, isso não muda o facto de ela o ter trazido aqui de livre vontade. De o ter tirado da vida dele para seu benefício. Seria este o plano desde o início? Eu fiz parte de algum ardil doentio?

A Merritt abana a cabeça, como se estivesse a ler-me os pensamentos.

– Eu nunca planeei que o Cooper viesse para cá! – protesta. – Claro que não, não sou um completo monstro. Ao início, eu estava a planear trazer-te só a ti, Delphie. Mas o destino interveio e, como sabemos, o destino é maior do que qualquer coisa na Eternidade.

– Estás a dizer que o acidente... Isso não foste tu?

– Não! – A Merritt encosta uma mão ao peito, ofendida. – Um acidente? Eu nunca faria tal coisa. Tão prosaico. Os acidentes são macabros. Eu estava a planear fazer-te cair num buraco aberto só pela comédia. Esse acidente foi o destino. O Cooper estar aqui é o *destino*. E a vontade humana? Isso é ainda mais poderoso do que qualquer coisa que possamos conjurar aqui.

O Cooper parece estar a começar a despertar para a realidade.

– Então não podemos voltar à Terra, Merritt? Nunca mais?

O rosto da Merritt cai, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas.

– Não ficas feliz por estar aqui? Comigo? É bem fixe, depois de te acostumares às coisas.

Uma pergunta começa a tomar forma na periferia da minha consciência, mas não se consegue formar completamente porque a visão começa a ficar turva, as luzes nesta lavandaria estranha piscam, um zumbido e depois uma sirene.

– Oh! – A Merritt arfa. – Estás a brincar comigo? Bem, bem, bem, Delphie. Isto é uma reviravolta surpreendente! Parece que vais conseguir esse beijo, afinal...

Eu balanço ligeiramente. Antes que eu perceba, o Cooper tem-me nos braços.

– Delphie? Estás bem? O que está a acontecer, M? O que está a acontecer com ela? Merda, ela está a desmaiar? Delphie, consegues ouvir-me? Delphie! Não. Volta para mim. M, ajuda-me! Faz alguma coisa! Não posso perder...

Os sons começam a desvanecer-se. Ponho a mão no rosto do Cooper, mas a sensação quente da sua pele desaparece debaixo dos meus dedos para o nada.

Eu desapareço no nada.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A cordo novamente, com uma testa a tocar na minha, as minhas narinas apertadas por um dedo e um polegar, uns lábios pressionados contra os meus. Sinto o sopro de ar com sabor a Listerine a encher-me os pulmões e começo a tossir, a espirrar e a cuspir. O dono da testa grita:

– Ela está viva! Eu... eu salvei-a! Salvei-lhe a vida, meu Deus!

A dor envolve-me de imediato, os meus ombros latejam, o ar da noite arde numa pequena porção da minha bochecha, sinto um sabor a sangue na boca. O meu joelho. O joelho parece que levou uma martelada.

Dou o meu melhor para me concentrar no rosto por cima de mim, uns grandes olhos azuis sinceros olhando, implorantes, para os meus.

O Jonah.

– Olá – diz ele suavemente, de testa franzida. Toca-me na mão e eu estremeço.

Abro a boca para dizer qualquer coisa, mas ele abana a cabeça.

– Silêncio. Mantém-te quieta, está bem? – Ele olha para cima, acenando para algo ou alguém que não consigo ver. – Os paramédicos já estão aqui. Estás bem.

A minha cabeça parece espessa e pesada, o coração a bater fora de ritmo. Uma explosão de atividade ao meu lado enquanto me colocam uma máscara sobre o rosto e sou levada por dois paramédicos para uma maca. Eles estão a falar comigo. Sei, porque vejo as suas bocas a mexerem-se, mas as palavras parecem todas confusas porque o meu cérebro está preenchido com um único pensamento.

Onde está o Cooper?

Levanto a cabeça e um paramédico com um rosto meigo empurra-me suavemente de volta para baixo na maca. Mas não antes de eu ver o carro do Cooper espetado contra um Land Rover, e no chão à frente dos carros está o próprio Cooper.

Está deitado, direito, braços ao lado, olhos fechados – parece que está a fingir. À sua volta estão quatro ou cinco paramédicos. Um deles pressiona-lhe o peito repetidamente, o rosto vermelho de esforço.

– Não – consigo sussurrar antes de ser empurrada para cima de uma rampa e para dentro da ambulância, que arranca, com as sirenes a lamentar tristemente.

– Estás bem – diz o Jonah ao meu lado. *O que é que ele está aqui a fazer? Porque é que ele está aqui comigo?* – Vais ficar bem. Tiveste um acidente de carro perto de minha casa. Ouvei o estrondo lá dentro e corri cá para fora, e vi-te deitada na estrada. Deves ter saído a rastejar. Mas agora estás segura. Estás bem.

Não estou bem. Nada está bem.

O coração bate-me com força no peito, a força fazendo com que todo o corpo me doa. Uma máquina começa a apitar e, de repente, o paramédico de olhos meigos está por cima de mim a brandir uma seringa. Não sinto a agulha entrar. Não sinto nada.

*

Acordo, sabe Deus quantas horas depois, numa sala com paredes de vidro. A dor no joelho é insuportável. Sento-me e tenho a sensação de que o meu corpo foi atirado por uma escada abaixo. Estou vestida com uma bata de hospital e tenho a perna envolta em ligaduras. Sinto a cabeça confusa e a boca seca como pó.

– Oh! Estás acordada! Queres um pouco de água? – É o Jonah outra vez.

Está sentado numa cadeira de plástico ao lado da minha cama. Empurra uma garrafa de água na minha direção, mas depois, percebendo que devo precisar de ajuda, desaperta a tampa e encosta-me a garrafa aos lábios. Bebo o líquido. Escorre-me pelo queixo e cai-me no peito.

– Foste operada – diz o Jonah. – Ao joelho. Tens umas costelas magoadas e um corte perto da orelha. Mas deram-te pontos. Mal se verá uma cicatriz.

– O Cooper. Onde está o Cooper? Ele... ele...?

– O homem com quem vieste, o Cooper, está ali. – O Jonah aponta para o meu lado esquerdo.

Olho através da janela de vidro e lá está ele. Deitado numa cama, a dormir profundamente. O alívio por ele não estar morto explode em mim na forma de um soluço ruidoso, misturado com um gemido de dor porque o movimento faz com que as minhas costelas pareçam ser apertadas num mecanismo mecânico brutal.

– Ele... hum... está em coma, acho – diz o Jonah.

– Em coma. As pessoas acordam de comas. Ele não está morto. Vai acordar.

O Jonah não diz nada, apenas fecha os lábios numa linha estoica. Tem barba a despontar-lhe no queixo, os olhos vermelhos e a camisa de linho amarrotada.

– Estiveste aqui toda a noite?

– Sim. Queria ter a certeza de que estavas bem.

– Estou – digo, olhando para o Cooper. – Muito obrigada por ficares comigo. Mas agora já estou bem. Devias ir. Dormir um pouco.

O Jonah assente, mas parece relutante em sair. Puxa a cadeira para mais perto e segura-me na mão.

– Estou mesmo contente por estares bem – diz ele.

Rio-me sem alegria.

– Assustei-te duas vezes numa semana.

Ele faz meio sorriso.

– És um bocado de extremos.

Eu aceno.

– A sério, podes ir. Prometo não te perseguir.

O Jonah respira fundo e levanta-se, esticando os braços para cima, fazendo com que a camisa suba e eu lhe consiga ver os pelos bronzeados do ventre inferior. Penso no que senti quando o conheci pela primeira vez na Eternidade. Quer dizer... Eu percebo. Mas aquela faísca que me arrepiou da primeira vez que ele me tocou? Desapareceu por completo.

– As melhoras, espero – diz o Jonah, hesitando à porta.

– Obrigada, Jonah – murmuro, virando a cabeça para ficar a olhar para o Cooper.

Ele vai acordar em breve. E eu quero que a primeira cara que ele veja seja a minha.

A médica diz-me praticamente o mesmo que o Jonah – joelho partido feio, costelas com contusões, corpo magoado em geral, extremamente sortuda por estar viva. Quando pergunto pelo Cooper e quando vai ele acordar, ela faz uma careta, o que tenho a certeza de que não vem no manual de como os médicos devem responder quando alguém pergunta quando vai um paciente acordar de um coma. A médica explica que os ferimentos do Cooper foram muito graves. Profere palavras que ninguém deveria ouvir na vida normal: pressão intracraniana, ventilação mecânica, *fluido*. Quando lhe pergunto o tempo médio que os pacientes ficam em coma após uma lesão como a do Cooper, ela responde de forma pouco útil:

– Cada paciente é diferente.

Ainda não consigo sair da cama, por isso limito-me a olhar para ele, iluminado sob as frias luzes do teto. O corpo dele está ali. Mas ele? Ele está na Eternidade. E a ideia de alguém ficar preso com a Merritt deixar-me-ia preocupada, mas, na verdade, ela é a irmã dele. E eles adoram-se claramente. Então, ele está bem. Sei que sim. Mas ele não pertence ali. Pertence a este mundo. A ouvir Charlie Parker. A beber vinho delicioso. A planejar roubos fictícios. A ser desagradável. A beijar-me.

Carrego no botão para chamar a enfermeira, pedindo-lhe que me ajude a ir até ele numa cadeira de rodas.

– Oh... vocês entraram juntos, certo? É um ente querido? – pergunta ela, olhando para as suas notas.

– Sim – digo, e as palavras saem-me da boca com absoluta certeza. – Sim, é. É um ente querido.

Quando chego ao lado da cama dele, seguro-lhe na mão, marcada pela nódoa de uma tentativa falhada de inserção de uma cânula. Passo-lhe o polegar pela palma. Ele parece tão calmo. Tão *vazio*.

Olho à minha volta para garantir que não há pessoal médico nas proximidades.

– Merritt – sussurro, furiosa. – Merritt, tens de o enviar de volta para casa agora.

Sei que será difícil para ela aparecer pura e simplesmente num hospital movimentado, por isso verifico o meu telemóvel, esperando ansiosamente pelo som de «Jump Around».

Mas nada.

Tento argumentar com ela, murmurando para o ar que sei que ela sentiu falta do irmão, que sei que às vezes ela se sente aborrecida na Eternidade, mas que agora tem o Eric. Para que precisa ela do Cooper? O Cooper pertence aqui. E porque faria ela isto aos seus próprios pais? Fazê-los passar por isto?

Ainda sem resposta. Além dos habituais bips e do som varrido do aparelho que está a ajudar o Cooper a respirar, o quarto está silencioso. E embora a Merritt já me tenha desaparecido antes, começo a ter a sensação de que ela nunca mais voltará a entrar em contacto comigo. Cumpri o acordo que fiz na Eternidade. O Jonah deu-me literalmente o beijo da vida. Pode ter sido tecnicamente uma emergência de respiração boca a boca, mas os lábios dele tocaram nos meus por livre vontade. O contrato acabou. Tenho a minha vida de volta.

Mas quando olho para o rosto pálido do Cooper e para a sua testa ligeiramente húmida, percebo que ainda não estou pronta para saber como será essa vida sem ele.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

A pesar dos meus protestos, sou transferida para uma enfermaria menos intensiva, já não num quarto privado, mas rodeada por outros pacientes, alguns gemendo de dor, a maioria em silêncio. Dei aos funcionários do hospital os contactos dos pais do Cooper e eles estão a caminho. Ele precisa de pessoas ao seu lado. Também consegui ligar ao Aled que, para meu grande alívio, ficou com Mr. Yoon na noite passada (embora tenha desmaiado, bêbedo, no sofá dele) e tranquiliza-me, dizendo que não faltarão pessoas para aparecer e garantir que ele está bem. Quando me pergunta pelo Cooper, desato a chorar.

– Ele está... ele está...

– Está morto? – grita o Aled. – O R. L. Cooper está morto? Não!

– Não está morto, Aled! – digo bruscamente. – Está em coma. E vai acordar.

O Aled fica em silêncio do outro lado da linha. Consigo imaginar a sua expressão. O mesmo esgar desconfortável que fez a médica quando lhe perguntei quanto tempo levaria o Cooper a acordar.

– Espero que sim. Mas talvez devas preparar-te para...

Com os dedos a tremer, carrego no botão de terminar a chamada. Não quero ouvir o resto dessa frase.

O meu joelho começa outra vez a latejar e a máquina ao meu lado desata a apitar rapidamente. Sinto o peito apertado. Não consigo respirar.

Chega uma enfermeira e, depois de me verificar os sinais vitais, senta-se ao meu lado e esfrega-me as costas em círculos lentos e regulares, dizendo-me que preciso de me acalmar. Ela orienta-me para respirar fundo e expirar até que o apito abrande novamente para um ritmo constante.

– Estás com dores? – pergunta.

Eu assinto.

– Numa escala de um a dez?

Lembro-me de que quando o Jonah visitou acidentalmente a Eternidade, ele estava a fazer uma cirurgia dentária. Ele estava inconsciente. Um «visitante inconsciente», como a Merritt lhe chamou.

– Dez – digo imediatamente. – Preciso do mais forte que tiverem.

*

Bem, aquilo não funcionou. Para minha grande decepção, acordo, não na Eternidade, mas três horas depois ainda no hospital. Tenho a cabeça a latejar e o tio Lester do Cooper está a olhar para mim. Atrás dele estão a Amy e o Malcolm. Os olhos e o nariz da Amy estão vermelhos. O Malcolm está pálido, com os lábios quase da mesma cor da pele. Eles estão num estado lastimável. Já perderam a Merritt e agora isto. E a culpa é minha.

Eu sento-me, a sala inclina-se ligeiramente à medida que o faço, um raio agudo de dor percorre-me o joelho.

– Bem, pelo menos alguém está acordado – diz o tio Lester, a quem a Amy lança um olhar duro e o Malcolm diz para se calar. O tio Lester fecha a boca e fica imediatamente encantado com um sinal na parede que detalha a política de segurança contra incêndios do hospital. Percebo que os olhos dele também estão a brilhar de lágrimas. O meu estômago afunda-se. Merda. Merda, merda, merda.

– Como te sentes, querida? – pergunta a Amy, puxando uma cadeira ao meu lado, enquanto o Malcolm permanece de pé ao fundo da cama, com as mãos nos bolsos das calças, parecendo quase em transe. Engulo a bílis que me sobe à garganta.

Eu fiz isto. Eu fiz-lhes isto.

– Lamento muito – digo. – Eu... o Cooper ia a conduzir e acho que o distraí. Estávamos a rir e...

– Ele estava a rir? – pergunta a Amy, um leve sorriso a brilhar-lhe nos olhos, antes de ser rapidamente substituído por preocupação.

Eu assinto, prestes a dizer-lhes que tinha acabado de descobrir o seu verdadeiro nome, e depois decido não o fazer, porque, afinal, foram eles que lhe deram esse fardo.

– Quanto tempo vais ficar aqui, o que achas? – pergunta o Malcolm, a voz fraca, como se não tivesse mais nada para dar. – A médica disse-nos que fizeste uma cirurgia?

– Sim. O meu joelho está... Não vou andar durante algum tempo. E as costelas... Bem, estou bem. Dizem que vou ficar aqui pelo menos mais uma semana. Não queria que me afastassem do Cooper. Se dependesse de mim, estaria lá em baixo com ele agora mesmo.

– Precisas de alguma coisa? – diz a Amy, segurando-me na mão como se não nos tivéssemos encontrado apenas três vezes. Mordo o interior da bochecha para conter o soluço que se avoluma no meu peito.

Abano a cabeça, indicando que não, embora nem tenha considerado o facto de não ter nada aqui comigo além da mala que levei para a festa de Mr. Yoon. Não tenho roupa extra, nem escova de dentes, nenhum dos meus medicamentos.

– Tenho tudo de que preciso – digo, tão animada quanto consigo. – A sério, agradeço-vos por terem vindo ver-me, mas estou bem. Vão, fiquem com o Cooper.

O Malcolm respira fundo.

– O Cooper mencionou que não tens família aqui em Londres. Se precisares de ajuda quando saíres... Serás mais do que bem-vinda em nossa casa. Temos espaço.

– É muito amável da vossa parte, mas realmente não precisam... Nós não namoramos assim há tanto tempo e...

– O suficiente para o Cooper estar feliz como não estava há que tempos – diz o tio Lester, com o lábio inferior a tremer. – E isso é tudo o que precisamos de saber.

Agradeço com um aceno de cabeça, sabendo que não vou aceitar a oferta. Não poderia causar-lhes mais transtornos do que já causei.

– Tenho estado a conversar com ele durante a última hora e meia. Pergunto-me se ele me ouve... – murmura a Amy, quase para si mesma. – Espero que, pelo menos, saiba que não está sozinho.

Quero desesperadamente dizer-lhe que ele está com a Merritt. Mas sei que isso só complicaria ainda mais as coisas. Suscitaria mais dor e perguntas às quais não saberia sequer como começar a responder.

– Acho que ele te ouve – digo. – Acho que onde quer que ele esteja, está bem.

A Amy começa a chorar então, alto, do fundo do ventre. Todo o seu corpo se desmorona. O tio Lester e o Malcolm correm para junto dela, ajudando-a a levantar-se.

Assim que saem da enfermaria, eu começo a tremer. Carrego no botão para chamar a enfermeira e desta vez chega uma diferente. Digo-lhe que estou com dores. Um dez, afirmo novamente. E em breve injetam-me algo que me manda de volta para o calor do nada. Adormeço, esperando desesperadamente que, quando acordar, o Cooper tenha regressado ao mundo dos vivos.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Nos três dias seguintes, somente experimento ondas esporádicas de consciência. Acordo de manhã e levam-me a ver o Cooper enquanto o meu cérebro ainda está fresco. Passo meia hora a falar com ele, a implorar-lhe que regresse.

Entre o acordar e o dormir, várias pessoas vêm visitar-me, embora eu esteja maioritariamente confusa e não seja muito útil a ninguém. Lembro-me vagamente de Mr. Yoon aparecer e falar comigo através do VOCA. E a Frida traz-me um pacote de camisas de dormir Marks & Spencer e uma caixa de tangas pretas, porque não tinham cuecas disponíveis. Acho que tenho conversas com as pessoas, mas as únicas que parecem permanecer na minha memória são as conversas desanimadoras e unilateralmente desesperadas que tenho todas as manhãs com o Cooper.

Ao fim do quarto dia desta rotina, carrego no botão para a minha dose habitual das onze horas de drogas para amaciar a mente. O Manny, o enfermeiro-chefe da enfermaria, aparece e senta-se na beira da minha cama.

– Vamos cortar-te a medicação – diz ele simplesmente.

– O quê?

– Nada de mais morfina. Chega de sedativos. O médico disse que não já deves precisar deles neste momento.

Eu bufo.

– Mas preciso! Preciso mesmo.

– Eu sei que o teu amado está na UCI. E isso é preocupante, claro. Mas os medicamentos não vão resolver a dor, acredita em mim.

– É literalmente isso que os medicamentos fazem.

– Acabou-se. – Lança-me um sorriso, cheio de pena. – O teu joelho está a melhorar. Lamento, Delphie. O médico diz que é hora de começar a reduzir a medicação.

Quando ele se afasta, apressado, para ir ajudar outro paciente, resmungo e agarro no telemóvel para me distrair. Tenho uma mensagem da minha mãe. Franzo os olhos e desloco-me para cima, percebendo que aparentemente lhe enviei uma mensagem ontem. Não me lembro de o ter feito – devia estar sob efeito de drogas.

A minha mensagem para ela diz:

Mãe, estou no hospital. Acidente de carro. Joelho, costelas. Enfermaria 8 UCLH.

Sinto a tua falta x

Leio a sua resposta.

Querida, oh não! Lamento saber! Melhora depressa!

Fico a olhar para a mensagem durante vários segundos. Depois, percorro o ecrã para cima e mais para cima e ainda mais para cima. Todas as minhas mensagens, todas as respostas rápidas dela. Dói-me o peito. Lembro-me do que o Cooper disse na noite da gala, depois de o Jonah ter fugido de mim. Se as pessoas se quiserem ir embora, às vezes é mais fácil simplesmente deixá-las ir. Acedo aos meus contactos e apago o número dela.

*

Na tarde seguinte, estou provavelmente no pior estado de espírito de toda a minha vida. Esta manhã, o médico disse-me que estavam com dificuldade em perceber por que razão o Cooper ainda não tinha acordado, e que eu precisava de estar preparada para a possibilidade de isso nunca acontecer.

Quando a Leanne aparece, estou a chorar um bocado. Ela traz um macacão feito num tecido amarelo e verde, com ananases, que parece brilhar entre os tons azul-claros da enfermaria 8. As suas pestanas estão de alguma forma ainda mais longas, e tão pesadas que parece que lhe puxam ligeiramente as pálpebras para baixo. Traz uma caixa de cartão nas mãos e aproxima-se de mim cautelosamente, de olhos arregalados, como se eu fosse um leão numa jaula e ela uma criança tentada a meter o dedo entre as grades, mas com medo de o fazer. O meu rosto deve ser um reflexo exato do meu estado de espírito neste momento.

– Tu pareces estar como dantes – diz ela.

- Como?
- Mal-humorada. Como se não quisesse que ninguém falasse contigo.
- Mas aqui estás tu.
- Trouxe-te sopa – diz a Leanne suavemente, acenando-me com a caixa.
- Porquê? – Inclino-me para a frente e farejo-a. Cheira bem.
- É isso que se faz quando as pessoas estão tristes – diz a Leanne.
- Quem é que faz isso?
- As pessoas. Amigos.
- Ok, mas porquê?

A Leanne pestaneja e olha para o vazio por um momento.

– Na verdade, não sei. É só... é o que fazem sempre nos livros e filmes. Acho que é uma questão de conforto. – Pensamos ambas nisto por um momento. – Quando fiz a cirurgia da endometriose, a comida era horrível – continua. – As ervilhas estavam todas esmagadas numa bola só. Como uma única ervilha gigante. Só de pensar nisso, sinto-me enjoada. De qualquer forma, esta sopa é do Baba's, por isso vai ser deliciosa.

Tira um guardanapo de papel da sua mala e desembrulha-o para revelar uma colher de prata. O meu lábio inferior começa a tremer com a sua bondade e sinto-me imediatamente culpada pela minha brusquidão para com ela. Não tinha realmente pensado que a comida do hospital era nojenta porque, na maioria das vezes, não tive fome. Mas agora que a sopa está à minha frente, o meu estômago ronca.

- Não sabia que tinhas endometriose. Isso é uma chatice.
- Nunca perguntaste.
- Sinto muito por isso – digo com uma careta. – Durante todos estes anos, pensei que me estava a proteger, ao manter distância das pessoas. Mas estou a começar a pensar que talvez eu fosse...
- Uma cabra do caraças?

Dou uma gargalhada alta, gemendo logo a seguir, quando isso me puxa as costelas numa direção para a qual não estão prontas.

– Sim – sorrio. – Uma cabra do caraças. Porque é que querias sequer ser minha amiga?

– Porque seria um péssimo reflexo da minha personalidade se a minha única amiga do trabalho fosse a minha própria mãe.

Rio-me.

A Leanne encolhe os ombros.

– Agora a sério. Eu gosto de ti. E naquela noite em que bebemos vinho depois do trabalho? Falaste-me sobre a tua mãe se ter ido embora.

– Falei?

– Sim. E até foste tão engraçada, quando não tinhas todas as defesas levantadas. Sabia que acabaria por conseguir. Quer dizer, pensei que pudesse demorar mais um ano ou dois, mas aqui estamos nós. A partilhar sopa.

– A partilhar?

– Sim, na verdade estava à espera de que a servisses agora. – A Leanne tira outro guardanapo e outra colher da sua mala. – Ainda não almocei, porque a minha mãe trouxe uma sanduíche de atum, que absolutamente não, obrigada.

– Não gostas de atum?

– Meu Deus, não me tens mesmo ouvido durante todos estes anos, pois não? Uma vez entrou alguém na farmácia com vaginose bacteriana persistente. Não tenho conseguido suportar o cheiro a peixe desde então. No entanto, a minha mãe adora atum, por isso sempre que ela come atum, eu fujo.

Dou outra gargalhada, agarrando-me às costelas.

– Tens de parar de me fazer rir.

– Não posso prometer nada – diz a Leanne, erguendo o queixo, de sorriso orgulhoso no rosto. – Mas vou tentar aguentar-me até finalmente irmos tomar a nossa bebida.

– Que bebida?

– Aquela em que concordaste juntar-te a mim e à minha mãe em troca de te dar tempo de folga de última hora.

Ah, sim. Isso. Céus. Parece que foi há tanto tempo.

É estranho. Quando concordei com isso, comecei imediatamente a pensar em maneiras de voltar atrás. Mas agora, no meio de tudo o que está terrível, consigo ver como isso pode ser apenas um bálsamo.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

A minha procissão de visitantes continua um par de horas mais tarde com a Jan. Quando ela aparece, estou a chorar novamente, porque agora é a única coisa que consigo fazer.

Estou a chorar sobretudo pelo Cooper. Porque a cada dia que passa em que ele não acorda, parece cada vez mais provável que não acorde de todo. E quando a Amy me disse que o Cooper estava apaixonado por mim, eu não parei realmente para pensar como me sentia em relação a ele.

Sim, eu sabia que gostava dele. Sabia que ele me fazia rir de uma forma que parecia liberdade. Sabia que por trás da sua rudeza havia um coração terno e generoso. Sabia que ele me tinha mostrado como usar o meu corpo como um instrumento de alegria em vez de medo. Mas eu assumi que era apenas desejo. E agora estou a enfrentar a perspetiva de não poder ver o que vem depois do desejo.

Eu queria conhecê-lo. Conhecer-lo realmente, de uma forma que leva mais do que dez dias. Ouvi-lo a escovar os dentes, saber o que pensava dos programas de TV que víamos, descobrir a sua cor favorita, os cereais de pequeno-almoço, o poeta, o lado da cama, o dedo do pé. Ficar acordada a noite toda novamente, como na noite da gala. Falando sobre tudo e sobre nada – todas as coisas inconsequentes que se somam para significar que quase sabes o que a pessoa vai dizer antes de ela o dizer.

E se nunca mais voltar a sentir aquele formigueiro na barriga, aquele que me fez rir ou tremer de orgulho quando o fiz rir ou ter um orgasmo ou abanar a cabeça como se não conseguisse acreditar que eu era real?

– Fiz uma dose grande – diz a Jan, entregando-me duas sanduíches de atum embrulhadas em película aderente, juntamente com uma garrafa de Lucozade e um cacho de uvas verdes.

– Muito obrigada. – Já sei que não vou comer as sanduíches por causa na história que a Leanne me contou. Pego num lenço da caixa na mesa de cabeceira e assoo-me antes de o deixar cair no monte grande e nojento de lenços ranhosos que tenho estado a construir como um patético jogo de Jenga. – Desculpa, Jan. Costumava ser tão dura, sabes? Dura como o aço.

A Jan faz um som de desaprovação.

– Bem, isso não é motivo de orgulho.

Penso na minha mãe sempre a dizer-me que só os fracos é que choravam: «Os Bookham são feitos de uma fibra mais resistente.»

– Chorar significa que estás a sentir – diz a Jan, pensativa. – Que estás a viver. Que estás a amar.

– Que te estás a rir?

Ela ignora-me.

– Significa que te importas.

– Só que é horrível. Agora há todas estas pessoas à minha volta. E gosto delas. E sinto falta delas. E não consigo parar de chorar. Isso é objetivamente horrível.

A Jan ri-se.

– Não! Não, não é. Bem, é, mas, por Deus, não seria uma vida aborrecida se nunca tivesses nada por que chorar?

Penso nos últimos doze anos da minha vida. Como me certifiquei absolutamente de que não tinha nada por que chorar.

– Sabias que as lágrimas de emoção têm uma concentração de proteínas mais alta do que as lágrimas que vêm da irritação? – pergunta a Jan, como se isto fosse algo que a pessoa comum soubesse. – Li *online* que o maior conteúdo de proteínas faz com que caiam mais devagar pelas bochechas, aumentando a probabilidade de serem vistas por pessoas e de atraírem ajuda. O teu corpo é mesmo construído para a comunidade. As lágrimas literalmente atraem pessoas. Por isso, chora à vontade!

– Isso é bonito – digo, embora não o queira dizer.

– Eu também acho.

– Nunca quis pessoas, porém. Elas tornam tudo confuso.

– Isso é uma coisa boa, querida. O que se passa com as pessoas é que tens de as deixar arrastarem-te para lugares aonde não queres ir. Deixa-as dizerem-te coisas que não queres ouvir. Deixa-as partirem-te e voltarem a

recompor-te. Como o meu querido Stephen Sondheim escreveu: «Alguém me abraça com demasiada força, alguém me fira com demasiada profundidade.» Isso é estar vivo.

– Não sei o que fazer, Jan.

A Jan agarra-me na mão.

– O que tens a fazer é focares-te em melhorar. Voltas à vida da melhor maneira que conseguires. E continuas a ter esperança. Continuas a ter esperança de que a vida vai correr como deve ser.

A bondade nos seus olhos, a preocupação genuína, fazem-me sentir prestes a desatar a chorar outra vez. Estabilizo-me.

– Beijaste o Deli Dan? – pergunto, lembrando-me da forma como estavam a namoriscar na festa.

A Jan levanta uma sobrancelha e solta uma gargalhada invulgarmente rouca.

– Fizemos mais do que beijar-nos, querida Delphie. Tive uma queda por esse rapaz durante anos. Nunca pensei que ele olhasse duas vezes para alguém como eu. Mas é isso que estou a dizer. O destino tem uma maneira de te dar exatamente aquilo de que precisas, quando precisas.

Olho pela janela, para o horizonte, para onde quer que a Merritt e o Cooper possam estar agora.

Dou um suspiro longo e baixo.

– Espero sinceramente que tenhas razão.

*

É uma coisa que o Aled diz numa das suas visitas que faz as engrenagens do meu cérebro começarem a girar. Ele pergunta como é que eu e o Cooper começámos a namorar, depois de vivermos no mesmo prédio durante tanto tempo com nada mais do que algumas farpas entre nós. Quando lhe conto que o Cooper precisou de que eu fingisse ser sua namorada para os pais não o apresentarem à vizinha do lado, o Aled exclama:

– Namoro falso! O meu preferido de todos os tropos românticos. Estavas *destinada* a apaixonar-te.

Quando ele sai, começo a pensar nos tropos românticos. A Merritt está claramente obcecada com eles e, quanto mais penso nisso, mais me parece suspeito o facto de a minha Terapeuta do Além ser irmã do meu vizinho de

baixo. Isso não podia ser apenas uma coincidência. E porque é que a Merritt nunca o mencionou?

Pego no telemóvel, que estava na mesa de cabeceira, e pesquiso tropos dos romances.

O *site* principal diz-me que o tropo de romance mais popular é algo chamado «de inimigos a amantes». Continuo a ler.

A linha entre o amor e o ódio é muito ténue, e nada excita mais os leitores do que a tensão elétrica entre inimigos que tu sabes que teriam sexo incrível se apenas se deixassem levar. A troca de piadas! O conflito! A angústia! A luxúria!

Mordo o interior da bochecha. Estranho. Isto soa muito a mim e ao Cooper. Continuo a ler a lista: termos como «proximidade forçada», «partilhar a cama», «triângulo amoroso», «namoro falso» e «domar o mulherengo» saltam-me à vista.

Largo o telemóvel em cima do cobertor, as minhas sobrancelhas franzem-se. O Cooper e eu fomos obrigados a partilhar uma cama. E com o Jonah estávamos num triângulo amoroso, de certa forma. Hummm. Antes de mim, o Cooper tinha uma mulher diferente a visitar o apartamento dele todas as noites. Eu «domei o mulherengo»?

Mordo o lábio, a minha mente dobra esquinas, procurando as peças de um quebra-cabeça que não se encaixam perfeitamente. Será que toda esta coisa... Será que tudo isto foi um plano da Merritt para me fazer namorar com o *irmão* dela? É esse o final feliz que ela realmente queria? Certamente que não. Não me teria ela apenas mandado de volta com instruções para beijar o Cooper? Porque é que ela me fez perseguir o Jonah por toda a Londres? E porque é que agora mantém o Cooper na Eternidade? Para quê tudo isto?

Espera...

A não ser que...

Inspiro, o meu corpo endireitando-se, o coração começando a galopar com a ideia. Ela... será que está a planear ativamente enviá-lo de volta?

Tem de ser isso! A Merritt é louca, mas é inteligente. Não há maneira de ela passar por todo este problema, arriscar o seu emprego até, apenas para nos separar, a mim e ao Cooper, depois de finalmente nos encontrarmos.

Quer dizer, porque seria ela tão cruel para com o seu próprio irmão gêmeo? Não seria. Provavelmente, o plano dela foi sempre mandá-lo de volta para aqui. Mas é possível que queira apenas passar mais algum tempo com ele antes de ter de lhe dizer adeus novamente.

– Eu sei que me estás a ouvir – grito para o ar. – Descobri o teu jogo!

A senhora idosa na cama ao meu lado inclina-se para a frente, olhando para mim através de óculos grossos.

– Bem, sim, é *gin rummy*, querida. Tens cartas? Jogamos?

– Talvez mais tarde. – Sorrio, recostando-me na almofada e abanando a cabeça, soltando uma pequena gargalhada de alívio. Posso esperar. Esperei tanto tempo até me sentir algo que não fosse lixo. Se esperar mais uma semana ou duas é tudo o que preciso de fazer para ter o Cooper de volta, então faço-o alegremente.

*

São precisos mais três dias de tratamento e monitorização antes de me darem permissão para voltar para casa. Agora que tenho a certeza de que é apenas uma questão de tempo até o Cooper regressar, o meu humor melhorou. Bem, tanto quanto pode melhorar o humor de alguém que morreu recentemente duas vezes, e cuja nova pessoa preferida está em coma.

A Leanne prometeu, generosamente, que me levaria de carro ao hospital todas as manhãs para que eu possa continuar a visitar o Cooper, segurar-lhe na mão e mantê-lo atualizado sobre tudo o que tem acontecido. Não sei se ele me consegue ouvir. Acho que anda a passear pela Eternidade com a Merritt antes de voltar à Terra. Mas falo com ele, de qualquer forma.

Sou levada de cadeira de rodas até à entrada principal do hospital por um bondoso porteiro. Lá fora, vejo o Aled, a Frida, a Leanne, a Jan e, estranhamente, o Flashy Tom do The Orchestra Pit. Estão num pequeno grupo a discutir entre si.

Agradecendo ao porteiro, pego nas muletas e saltito até eles.

– Olá – digo, notando que durante a semana em que estive presa dentro do hospital, o ar arrefeceu para uma temperatura muito mais confortável. – Porque é que estão aqui tantos?

O Aled vira-se para mim, de dentes cerrados.

– Disse no grupo do WhatsApp que vinha, mas acontece que a Leanne não viu as notificações.

– Eu sou uma pessoa ocupada! – diz a Leanne. – E não vejo ninguém a repreender a Frida ou o Flashy Tom. Eles também estão aqui porque não viram a tua mensagem no WhatsApp a tempo.

– Um grupo do WhatsApp? De que estão a falar? – pergunto, cambaleando nas muletas antes de a Leanne me pegar num braço e a Frida no outro.

– O nosso grupo da Delphie – diz a Jan, como se fosse completamente normal haver um grupo de WhatsApp com o meu nome. – Temo-lo usado para coordenar as visitas. Mas houve uma confusão esta manhã sobre quem devia vir buscar-te.

– Uma confusão? Ou falta de atenção? – murmura o Aled, as suas faces a corarem.

A Leanne responde-lhe de volta, enquanto a Frida lhe diz calmamente para não falar assim. A Jan revira os olhos para mim.

– Tens demasiados amigos – diz ela, dando-me uma palmadinha no ombro antes de me levar, e às minhas muletas, para o carro dela, enquanto os outros continuam a discutir.

Sorrio, uma sensação gratificante a florescer-me no peito e a aquecer-me o corpo todo.

Demasiados amigos.

Que conceito.

*

Quando chegamos ao meu prédio, sou surpreendida por uma figura de *T-shirt* preta e boné de beisebol de frente para a minha porta.

– Cooper? – suspiro, a minha respiração prendendo-se, deliciada.

Mas depois a pessoa vira-se e o meu coração estremece.

O Jonah. É só o Jonah. Sou uma idiota. O Cooper é muito mais alto e entroncado e está em coma.

Quando me vê, o Jonah abre um largo sorriso e eu reparo que os seus dentes talvez sejam um pouco perfeitos demais – como pequenas pastilhas reluzentes, todas alinhadas. Pergunto-me se talvez tenha feito uma intervenção dentária com facetas?

– Delphie! Estás aqui. Liguei para o hospital e disseram-me que tinhas acabado de sair.

– Lamento, mas agora não é a melhor altura – digo, desviando os olhos para as canadianas. Não faço ideia do que lhe dizer.

A expressão do Jonah descai.

– Oh. Eu só queria falar contigo.

– Aquele é o rapaz que te salvou a vida? – sussurra a Jan ao meu lado. – Sê simpática.

Foi aquele rapaz que me salvou a vida. Devo-lhe tudo.

– Tenho de ir, mas talvez possas ajudá-la a subir as escadas? Poupas-nos a termos de esperar pelos outros – diz a Jan, muito para meu desagrado.

– Claro. Sim. Posso ajudar! – responde o Jonah, ansioso.

Lanço olhares mortíferos à Jan enquanto ela regressa ao carro.

O Jonah abre-me a porta, pega na minha mala e segura a porta para que eu possa entrar aos saltos.

Ele olha para as escadas.

– Queres que te leve ao colo?

Tenho uma memória imediata do Cooper a pegar em mim à chuva, não há muito tempo. A minha cabeça a bater-lhe no traseiro enquanto ele corria comigo em direção ao Bee and Bonnet.

– Não, obrigada – digo. – Subo de rabo. Quando chegarmos lá acima, já terás dito o que tinhas para dizer?

A boca do Jonah transforma-se numa linha severa e lembro-me do que a Jan disse sobre ser simpática.

– Desculpa – digo. – Não quero mesmo nada ser indelicada. Estou... A vida está complicada neste momento.

Ele acena com a cabeça e segue-me, degrau a degrau, enquanto vou subindo com o auxílio do meu traseiro.

– Então... – ele olha para os seus ténis por um momento, e depois ri-se.

– Vou direto ao assunto. A questão é... não consigo parar de pensar em ti.

Faço uma pausa nas escadas, os meus olhos esbugalham-se.

– O quê?

O Jonah tira o boné de beisebol e passa a mão pelo cabelo.

– Quer dizer, assustaste-me de morte na gala. Obviamente.

– Obviamente.

– Mas depois... quando eu... quando eu te fiz respiração boca a boca. Senti uma emoção. Uma espécie de impacto no estômago. Como uma ligação.

Quase que me apetece rir da ironia.

– Pensei que fosse a adrenalina, sabes? Do pânico. Mas depois, todas as noites antes de dormir, só consigo pensar... bem, em ti. Acabei com a Lulu esta manhã.

– Lulu?

– A minha namorada.

Oh, sim. A mulher de cabelos escuros, da gala. Ele acabou com ela?

– Ela não me fazia sentir como... E suponho que só vim perguntar se estavas envolvida com o homem com quem estavas no acidente... Não ficou claro, porque na gala disseste que sentias que tínhamos uma ligação. E eu... Eu acho que talvez tenhas razão. Sinto que te conheço, de alguma forma. Como se já nos conhecêssemos. Antes da gala, claro. Porque é que estavas à porta da minha casa naquela noite? – Agacha-se no degrau à minha frente. O rosto dele está tão perto que vejo os pelos dourados escuros da barba por fazer a cintilar ao longo da sua mandíbula perfeita. – Não pode ter sido uma coincidência, estares ali, entre todas as ruas de Londres.

– Eu...

Contar a verdade ao Cooper deixou-o preso no hospital. Talvez a Merritt tenha razão e o Jonah seja um das minhas cinco almas gémeas. Mas... não importa. Estou bastante certa de que estou apaixonada por outra pessoa. Estou apaixonada pelo Cooper. Mesmo que a Amy estivesse enganada e o Cooper não sinta o mesmo por mim, sei o que sinto por ele. E estou convencida de que é só uma questão de tempo até que possa perguntar-lho pessoalmente. Podem ser dias, podem ser algumas semanas. Mas a Merritt tem tudo planeado. O Cooper vai voltar.

Esboço um sorriso sombrio. Este homem tipo Adónis de olhos azuis e sorriso fácil não é para mim. Eu quero o homem de cabelo desganhado, de olhos verdes, amante de *jazz* detestável, que está em coma. E enquanto a máquina continuar a apitar, estarei à espera dele.

O Jonah olha para mim como se eu fosse a mulher mais fabulosa à face da Terra.

Preciso de lhe fazer um grande favor e acabar com isto, aqui e agora, antes que ele entre numa obsessão louca que só pode acabar em desilusão. Respiro fundo.

– Sinto muito, Jonah. Tu mereces alguém maravilhoso. Mas não sou eu.

– Mas... mas eu salvei-te a vida.

Pego-lhe na mão. Não há faísca residual alguma.

– E ser-te-ei sempre muito grata. Verdadeiramente. Mas... não vai acontecer nada entre nós. Eu sei que disse que tínhamos uma ligação. Mas, meu Deus, isso foi há uma vida inteira.

– Foi há pouco mais de uma semana.

– Eu era uma pessoa diferente nessa altura – digo-lhe. O que sei que soa ridículo, porque quanto é que uma pessoa pode realmente mudar em dez dias?

Como se verifica, a resposta é: quase completamente.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Doze Semanas Depois

Enquanto me dirijo para a biblioteca – ainda a coxear um pouco, mas finalmente sem muletas –, sorrio, admirando a dispersão das folhas cor de cobre que forram o passeio e estalam sob as minhas botas. Enfio as mãos nos bolsos do casaco enquanto passo pelo Baba's, acenando o meu olá lá para dentro, para o Deli Dan, enquanto ele corta um pepino a uma velocidade relâmpago. São quatro da tarde e o céu já escureceu, as luzes alaranjadas dos postes acendem-se, uma a uma, à medida que passo por elas.

Desde que voltei para casa, tenho seguido o conselho da Jan para manter a esperança. Esperar o melhor da vida, das pessoas. Na maior parte das vezes está a resultar, especialmente com a ajuda da nova psicoterapeuta que tenho consultado, que está a fazer o melhor para me ajudar a entender a minha mente confusa e como posso trabalhar com ela para evitar cair novamente no isolamento.

Tenho visitado o Cooper todos os dias, pontualmente às dez horas da manhã. Todas as manhãs desejo desalmadamente que seja esse o dia em que ele acorda. E todos os dias, nada. Apenas o constante apito e zumbido das máquinas que o mantêm vivo. Há murmúrios no hospital sobre a possibilidade de o Cooper nunca acordar, e sobre que decisões a Amy e o Malcolm podem querer tomar acerca dos cuidados dele. Mas não tenho coragem para pensar nisso. Por isso, quando estou com ele, faço-lhe longos resumos da vida no número 14 da Westbourne Hyde Road.

Falo-lhe de Mr. Yoon, que agora comprou o seu próprio VOCA e é tão talentoso no teclado que o Aled (agora o seu melhor amigo *real*) diz que ele tem a melhor taxa de palavras por minuto de qualquer pessoa que ele alguma vez conheceu. Conto-lhe que o município aprovou a necessidade de

cuidados domiciliários adicionais, e que ele agora tem uma ajudante adorável chamada Claire, que se certifica de que ele tem tudo de que precisa para estar limpo, confortável e cuidado. Conto-lhe como o VOCA fez com que os meus pequenos-almoços contínuos com Mr. Yoon levassem a um conhecimento enciclopédico da sua vida – agora sei que Mr. Yoon cresceu numa pequena aldeia coreana com a irmã. Tiveram uma grave desavença depois de ele ter tido um caso com a esposa do maestro e ter sido expulso da orquestra onde trabalhava, proibido de se juntar a qualquer outra orquestra do país.

Seguro na mão do Cooper, enquanto lhe conto histórias de Mrs. Ernestine, que tem vindo ter comigo e com Mr. Yoon todas as manhãs para o pequeno-almoço, antes de posar para mim. Na minha cabeça, imagino o Cooper a perguntar-me por que razão Mrs. Ernestine posa para mim. E então digo-lhe que a tenho desenhado. Na verdade, tenho desenhado todos os visitantes que tive. Não tinha muito mais para fazer, presa na cama com um joelho partido, e todos os que apareciam em minha casa ficavam felizes por serem desenhados enquanto conversávamos.

É engraçado as coisas de que as pessoas falam quando pensam que não estás realmente a ouvir. Fiquei a conhecer melhor esta comunidade de pessoas à volta do meu prédio do que alguma vez pensei que conheceria. Mais do que pensei que alguma vez quereria. Agora, não consigo imaginar não conhecer a alegria que me vem de estar a par da estranha fobia de lagartixas da Leanne, que uma vez a fez desmaiar numa viagem escolar a um santuário de répteis. Ou que Mrs. Ernestine foi uma vez concorrente num programa de televisão e teve uma discussão em direto com o eventual vencedor, porque pensou que estavam a fazer batota, o que levou a que o episódio tenha sido cortado.

Vejo a coleção de amigos do Aled como algo mais profundo e sentido do que um ligeiro desespero, depois de ele me ter revelado que também tinha sido alvo de *bullying*, mas na universidade em vez da escola secundária. A sua reação a esse trauma foi o oposto da minha. Enquanto eu me fechava a tudo e a todos que me pudessem magoar, ele procurava ativamente pessoas para amar e que também o amassem. A Frida disse-me ontem que está a apaixonar-se por ele.

Até gosto de saber que o Deli Dan tem, segundo a Jan, «o pénis mais direito e orgulhoso que ela já viu, e ela já viu a sua quota-parte de pénis». O simples conhecimento disso faz-me sentir feliz por ela diariamente – a Jan merece tudo de bom. Até vamos juntas ao The Orchestra Pit na próxima semana, o que irei suportar porque ela está a tornar-se rapidamente uma das minhas pessoas preferidas.

Abro a porta da biblioteca e passo pela mesa de exposição cheia de livros de R. L. Cooper. Engulo o desespero que me atravessa o peito tão agudamente como se ainda estivesse naquelas horas perdidas imediatamente após o acidente. Quando o visitei ontem, implorei-lhe mais uma vez que voltasse, por favor. Estava tão certa de que a Merritt planeava fazê-lo, mas, à medida que as semanas foram passando sem qualquer mudança no estado dele, começo a perder a fé.

Deixo os livros que li – uma seleção de excelentes romances que a Merritt mencionou, e os dois primeiros da série de R. L. Cooper, de que me tornei fã – na caixa de devoluções e avanço pelo longo corredor traseiro, passando pelas enormes janelas de vidro colorido e entrando na sala de leitura, grande e luminosa, onde está a decorrer hoje a minha exposição.

Uma exposição. Eu! É meio ridículo, na verdade. Ainda agora regresssei às aulas semanais de desenho com modelo ao vivo com a Frida e ainda sou muito amadora, mas toda a gente que eu desenhei achou que seria boa ideia mostrar o meu trabalho durante uma tarde, para que pudéssemos celebrar. Recusei, no início, por causa do extremo embaraço. E depois lembrei-me do que a Jan me disse no hospital – que estar vivo é experimentar todo o espectro de emoções. Se não estiveres a sentir-te empurrado e puxado e assustado e encantado, em vez de apenas seguro, então não estás a fazer isso como deve ser. Por isso, decidi arriscar. A exposição chama-se «A Minha Gente – as Personagens da Westbourne Hyde Road».

A maioria dos convidados já cá está. Mr. Yoon, com o Aled e a Frida ao seu lado, os três a apontarem para o meu desenho a tinta de Mrs. Ernestine no meu sofá, com a cabeça apoiada levemente nas mãos, antes de passarem para o nu que fiz da Leanne, que felizmente foi um pouco mais discreta nas suas poses do que a Kat na aula de desenho. A Jan e a Leanne e a mãe da Jan, a Diane, estão a conversar junto a uma série de retratos de Mr. Yoon, todas as suas expressões mais usadas evidentes na série: Mr. Yoon zangado, Mr. Yoon a rir, Mr. Yoon a tocar o violino em êxtase e Mr. Yoon a fazer

caretas porque o obriguei a ouvir o excelente novo álbum da Doja Cat. O Flashy Tom segura na sua máquina fotográfica e tira uma *selfie* com o meu desenho dele vestido de Bernadette Peters em *Annie*.

Circulo pela sala, agradecendo a todos por terem vindo, incapaz de acreditar completamente que estas pessoas vieram por minha causa. Incapaz de acreditar que estou a conversar voluntária e alegremente com cada uma delas, tanto em conversas importantes como de circunstância.

Olho para a secção da parede que contém o meu retrato do Cooper. Claro, ele não pôde posar para mim, por isso foi feito principalmente de memória e das visitas, ao lado da cama dele. No desenho, ele está a fazer aquele sorriso convencido. Aquele que simultaneamente me faz querer criticá-lo, acariciar-lhe o rosto e sentar-me ao colo dele. Os olhos estão a brilhar, o queixo erguido, como se estivesse à beira de se desatar a rir. Penso na forma como ele se ri com o corpo todo, como cada membro quer entrar na diversão. O pensamento traz-me uma picada à garganta, o espaço atrás dos olhos a doer com mais uma rodada de lágrimas.

Saio para o corredor húmido da biblioteca, inspirando profundamente algumas vezes para me acalmar. As pessoas naquela sala já me viram a chorar o suficiente para uma vida inteira. O pior que podia fazer era convidá-las para um evento para virem testemunharem mais do mesmo, desta vez em ambientes mais aprazíveis.

Estou prestes a voltar para junto dos outros quando ouço alguém aclarar a voz atrás de mim.

– A exposição é ali – digo, distraída, indicando com o polegar a direção da sala de leitura.

– O quê, não há uma observação mordaz para o homem mais obnócio que alguma vez conheceste? Isso é novidade.

Giro sobre os calcanhares. E ali, numa cadeira de rodas, diante das janelas de vitrais fulgurantes, está o Cooper. Traz uma camisa branca imaculada, as suas calças cinzentas, com bolsos laterais, que lhe estão um pouco largas nas pernas. Os seus caracóis escuros ultrapassam um pouco o queixo, os olhos a brilhar e intensos. Bebem-me avidamente.

Os lábios dele levantam-se num sorriso completo e sincero.

– Sabes, tive um sonho muito estranho com uma rapariga mesmo parecida contigo.

Começo a rir.

Ele voltou. O Cooper voltou.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Lanço-me sobre ele, encostando-lhe as minhas mãos a todo o rosto para me certificar de que ele é real.

– És um fantasma?

Agarro-lhe os braços e aperto-os delicadamente. Parecem verdadeiros e sólidos, definitivamente fortes o suficiente para apertar um pouco mais.

– Não sou um fantasma. – A sua voz está muito rouca. Ele esfrega a garganta. – Acordei esta manhã. Ainda humano. Um pouco mais magro. Instável nas pernas. Um pouco maltratado, mas nada que alguma fisioterapia não ajude a recuperar. Mas, sim. Estou mesmo aqui.

– Mesmo aqui – repito, as lágrimas atrás dos meus olhos finalmente desistindo de lutar para lá ficarem. O Cooper enlaça o braço à minha volta e puxa-me para o colo dele. – Espera... não te quero magoar. Não devias estar no hospital? – Vasculho todo o seu corpo, inspecionando-o para ver se tem lesões, para encontrar sinais de que está mesmo bem o suficiente para estar aqui na biblioteca.

O Cooper abana a cabeça e ri-se.

– Estou completamente bem. Sentei-me esta manhã e sentia-me como se tivesse dormido muitíssimo. Os médicos disseram que às vezes é isto que acontece. As pessoas simplesmente acordam. Vou levar algum tempo a recuperar a minha força até ao ponto em que estava, mas estou bem, sinceramente.

– Não consigo acreditar.

– Passaram a maior parte do dia a fazer-me todos os testes imagináveis antes de me considerarem suficientemente apto para ir para casa. Tenho de voltar para uma consulta dentro de dois dias, mas de resto pareciam satisfeitos por libertar uma cama.

– Sentes-te bem?

– Agora, sim. – O Cooper olha para mim e sorri.

– Os teus pais! Já sabem?

– Foram eles que me deixaram aqui. Vão tomar um café algures e depois vêm ter connosco cá dentro. Disseram-me que estavas aqui, numa exposição tua. – Os olhos dele cintilam. – Ouvi dizer que fizeste um desenho de um escritor super popular.

Agarro-lhe nas mãos.

– A Merritt... ela... fez isto acontecer?

– Como se algum daqueles otários conseguisse fazer isto acontecer.

Arquejo ao ver a Merritt materializar-se ao fundo do corredor. Traz um fato cor-de-rosa choque, um par de óculos verdes com asas pousado no seu nariz pequeno.

Salto do colo do Cooper, corro até ela e puxo-a imediatamente para um abraço apertado.

– Obrigada – sussurro. – Obrigada por mo trazeres de volta. Convenci-me de que o farias, mas depois, quanto mais tempo passava, pensei... – Calo-me, incapaz de terminar a frase.

A Merritt afasta-me suavemente.

– Parece que alguém ficou bem confortável com o contacto físico! Que bom para ti, Delph.

Dou um passo atrás e abano a cabeça, maravilhada, enquanto o Cooper se aproxima de nós. A Merritt abraça-o e ele despenteia-lhe os caracóis.

A Merritt olha para mim e para o Cooper.

– Céus, vocês são fofos juntos. Devia ter percebido imediatamente que estavam destinados a ficar um com o outro. Fui enganada por toda a picardia.

– Espera lá... Então não me enviaste de volta para o Cooper? Não era tudo parte de um grande plano, desde o início?

A Merritt resmunga.

– Céus, não! Reconheci-te como sendo a vizinha dele, mas nunca me ocorreu juntar-vos. Nunca o teria infligido a alguém intencionalmente, para ser sincera.

– Ei – avisa o Cooper, lançando-lhe um olhar exagerado.

Mordo o lábio.

– Então, porquê o Jonah? Porque é que disseste que ele era a minha alma gémea? – Olho para o Cooper. – Quando claramente não era?

A Merritt encolhe os ombros.

– Foi um catalisador convincente, não foi? Um excelente incidente instigador, como dizem os escritores.

– Mas porquê ele especificamente?

A Merritt junta as mãos, colocando-as sob o queixo.

– Acho que me limitei a escolher alguém de quem gostasses... o mesmo tipo físico do teu antigo professor de arte... e atraí-o para uma visita inconsciente. Quer dizer, sabia que ele gostaria de ti porque és linda, e uma das ex-namoradas dele tinha parecenças contigo, mas ajudou muito que ele estivesse medicado para as dores. Isso deixou-o todo sonhador.

Franzo a testa, lembrando-me de como o Jonah me olhava como se eu fosse a mulher mais encantadora que já conheceu. Mas então ele estava apenas sob o efeito de analgésicos o tempo inteiro?

Abano a cabeça.

– Pensei que tinha as pupilas tão dilatadas porque... Oh, meu Deus. Ele estava sob o efeito de drogas. És uma pessoa terrível!

– Sim, mas também inteligente, certo? – A Merritt ri-se.

– Ou apenas profundamente intrusiva – retorque o Cooper.

Ignorando o comentário do Cooper, a Merritt junta as mãos ao peito jubilosamente.

– Inicialmente, pensei que ia ter entretenimento de alta qualidade, ajudar-te a arranjar uma queca e talvez a resolveres as tuas cenas pelo caminho, além de mitigar o meu tédio. Mas depois, tivemos um *volte-face* no enredo: foste aos jogos de tabuleiro com o Cooper e fizeste-o *rir*! Não o via rir há cinco anos. – Lança-lhe um olhar terno. – E depois vi como ele te olhava quando voltaste do Shard naquela noite. A forma como te tirou aquela pétala do cabelo, e como as tuas bochechas ficaram coradas quando ele o fez. Ambos pareciam iluminar-se. Como se alguém tivesse finalmente carregado nos vossos botões de «ligar». Imagina a minha alegria quando percebi que tinha encontrado um belo triângulo amoroso.

– Um tropo clássico de romance – aceno, lembrando-me do artigo que li no hospital.

– Absolutamente clássico. Por isso, uma vez que percebi que talvez tu e o Cooper pudessem ser algo especial, mas que eram os dois demasiado teimosos para ver isso, soube que tinha de vos ajudar antes que o tempo se esgotasse. – A Merritt cruza os braços com um ar presunçoso.

Tudo começa a ligar-se na minha mente.

– Oh, meu Deus... Espera... Juntaste-nos? Foste tu...

– Que fiz chover na noite da gala? Sim. Que roubei as chaves do carro? Claro. Que causei uma enchente de pessoas no Bee and Bonnet para que tivessem de partilhar uma cama? Afirmativo. «Cama partilhada» é o meu tropo preferido! Embora não tenha ficado para testemunhar qualquer atividade, blhec. – Levanta as mãos. – Mas, sim. *C’était moi!*

– O plano dela funcionou um pouco bem demais – acrescenta o Cooper, recostando-se na cadeira de rodas e lançando-me o sorriso que me faz o estômago revirar.

– E de que maneira! Pensei que apaixonares-te pelo Cooper te faria tentar ainda mais encontrar o Jonah, para salvares a tua vida e poderes estar com ele. Mas depois, para meu desgosto, desististe completamente – grita a Merritt. – Da única pessoa que realmente te poderia manter na Terra. Simplemente cedeste e aceitaste o teu destino como... bem... *não* como a heroína de um romance! – A Merritt agita os braços no ar e abana a cabeça. – E eu não podia mudar o contrato que tinhas assinado. Não podia ajudar-te mais do que dando um pequeno empurrão aqui e ali sem me sobrepor ao livre-arbítrio. Estava cheia de medo de que não beijasses o Jonah e, quando inevitavelmente voltasses para a Eternidade, o Cooper voltasse a sofrer um desgosto profundo. Mas, para minha surpresa, mesmo no último minuto, retomaste a tua luta. Conseguiu a morada do Jonah e entraste no carro...

– Mas depois... o acidente – murmuro.

– Senti tanto a falta do Cooper – diz a Merritt, os olhos a brilhar de lágrimas. – Sabia que mantê-lo na Eternidade não era o correto, mas não tinha forma de o enviar de volta. A Cláusula Franklin Bellamy não iria funcionar, porque o Cooper não estava mesmo morto. Após a décima primeira semana, eu e o Eric estávamos a começar a ficar realmente fartos de ver o Cooper suspirar por ti. Então, o Eric organizou uma reunião enorme com os Poderes Superiores. Argumentou que fosse permitido ao Cooper regressar ao seu corpo porque, tecnicamente, ele era, na verdade, um visitante inconsciente, apenas um pouco mais prolongado do que o normal. Fez uma apresentação em PowerPoint, vestiu um fato e tudo. Não é a coisa mais romântica que já ouviste?

– Como algo saído de um livro. – Sorrio.

– Tão romântico... o Nicholas Sparks nunca o conseguiria.

A Merritt olha para mim por um momento, com os dentes a passar pelo lábio inferior, arrancando um bocado de batom laranja. Espreita por trás dela, pela janela do patamar.

– Provavelmente, devia ir-me embora... – Vira-se para nós, as lágrimas nos olhos a transbordarem. – Tivemos uma nova falecida ontem, uma mulher chamada Lindy. Será a cobaia perfeita para a Eternity 4U. Mal posso esperar para começar. O Eric é agora assistente de projeto. Romance no escritório a caminho! Como um Sally Thorne, mas sem o ódio. Bem, a menos que queiramos encenar essa fantasia.

– Não tens mesmo limites! – O Cooper levanta as mãos no ar.

Eu puxo a Merritt para outro abraço. Ela pousa o queixo no meu ombro.

– Vou ter saudades tuas – digo.

– Não, não vais – responde ela, empurrando os óculos para o cimo do nariz e olhando-me nos olhos. – Vais estar ocupada a aproveitar a vida com este falhado. – Inclina a cabeça na direção do Cooper. – E quando não estiveres com ele, vais desenhar e pintar e estar presente para os teus amigos, e tomar o pequeno-almoço com Mr. Yoon, e viver aventuras e maravilhar-te com a beleza de estar viva. Que é exatamente como deve ser.

O Cooper avança com a cadeira de rodas para a abraçar, mas ela afasta-o com a mão.

– Não, Coop. Outra vez, não. Já nos despedimos três vezes. Não aguento mais. – No entanto, cede de imediato, lançando os braços em volta do irmão e beijando-lhe levemente a face.

– Obrigado, mana – diz ele, a voz a falhar. – Por tudo.

– Adeus, Merritt – digo, com um nó na garganta.

– Adeus, aos dois. – A voz dela treme. – Espero não vos ver durante muito tempo.

O Cooper e eu limitamo-nos a fitá-la enquanto ela se desvanece numa miragem cintilante, antes de acabar por desaparecer por completo, como se nunca ali tivesse estado.

*

Aninho-me novamente no colo do Cooper. Ele pega-me na mão e aproxima-se, o nariz tocando no meu.

– Então, o Eric disse que se eu te encontrasse e te beijasse num prazo de dez dias, podia ficar.

– Compreendo – murmuro.
– Portanto, eu gostaria muito de... – Interrompe-se, olhando faminto para os meus lábios.

– De quê? – sussurro.

– De te beijar, Delphie. Se quiseres, claro.

– Não há nada no mundo que eu quisesse tanto.

Os lábios dele roçam nos meus de imediato, ambos a sorrir loucamente. Beijamo-nos suavemente no início, timidamente, e depois com mais intensidade, até estarmos tão juntos que consigo sentir os batimentos do coração dele como se fossem do meu.

– Acho que isto deve chegar. – Acabo por me rir, a cabeça atirada para trás. Olho para ele com os olhos turvos de lágrimas. – Meu Deus, não consigo acreditar que estás mesmo aqui. Começava a pensar que tinhas decidido ficar na Eternidade.

O Cooper abana a cabeça.

– Estar com a M outra vez era... Era tudo em que pensava, durante tanto tempo. E se tudo isto tivesse acontecido quando a perdemos pela primeira vez, teria ficado lá sem hesitar. Mas... *tu*. Tu, Delphie Bookham. Não posso estar sem ti. Não quero estar sem ti, *nunca*. – Afaga com o polegar o meu osso da face. – Fazes-me rir e enfureces-me. Fazes-me querer ser completamente eu próprio e aprender a fazer isso contigo. Fazes com que seja divertido ser eu. Amo-te, Delphie.

– Estou tão apaixonada por ti – sussurro-lhe imediatamente, encostando a minha testa à dele. São palavras novas e excitantes para mim. Tenho a sensação de que as vou dizer muitas vezes.

Levo-o à sala de leitura, onde, um por um, os outros participantes correm até nós, a rir e a chorar e a bater no ombro do Cooper. Mrs. Ernestine encolhe os ombros, indiferente, antes de se voltar para inspecionar o meu nu da Leanne.

A Amy e o Malcolm chegam, e eu rio-me alto enquanto se reúne uma multidão à nossa volta.

Estou de mãos dadas com o amor da minha vida.

Estou rodeada de pessoas.

As *minhas* pessoas.

Aqueles que amo e que também me amam. Aqueles que estarão ao meu lado durante os altos e baixos e todos os preciosos momentos intermédios. Aqueles que farão parte desses pequenos momentos do dia a dia, que podem não entrar nos poemas e nas grandes pinturas e nos livros de História, mas que, todos juntos, formam algo mais precioso do que tudo.

Uma vida testemunhada. Uma vida *vivida*.

Há tanto para ver, tanto para fazer, tanto para *sentir*.

O Cooper entrelaça os dedos nos meus e aperta com força. Eu aperto de volta, com o coração a transbordar de expectativa por tudo o que está para vir.

Estou tão pronta.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas necessárias para criar um livro e trazê-lo para a vida dos leitores, e eu tive muita sorte em ter as melhores pessoas a bordo para me ajudarem com *Um Amor do Outro Mundo*.

Um enorme obrigada do fundo do coração à Hannah Todd – a minha agente excecional, que defendeu este livro antes de a primeira linha ser sequer escrita. O teu conhecimento editorial, a orientação inteligente e constante, a generosidade e a ambição que tens, tanto para ti como para mim, são responsáveis por tantas das coisas incríveis que aconteceram. És uma força da natureza e eu não queria estar sem ti por perto, apesar dos teus sumos de fruta de verão.

Obrigada também à magnífica equipa alargada na Madeleine Milburn Literary Agency, particularmente a Valentina Paulmichl, Hannah Ladds, Amanda Carungi, Elinor Davies, Liane-Louise Smith, Casey Dexter, Madeleine Milburn e Hayley Steed. É um verdadeiro prazer trabalhar convosco. Obrigada pela mudança que trouxeram à minha vida!

Um enorme agradecimento aos meus maravilhosos e inteligentes editores: Katie Loughnane no Reino Unido, Jen Monroe nos EUA e Deborah Sun de la Cruz no Canadá. Não só a vossa sabedoria coletiva transformou este romance numa obra muito melhor do que eu alguma vez esperei, mas a vossa simpatia, consideração e paixão tornaram todo o processo tão agradável e fluido. Estou-vos infinitamente grata.

Um grande obrigada também às incríveis equipas editoriais da Century, Berkley e Penguin Canada, que já me surpreenderam com o seu dinamismo, habilidades incríveis e simpatia geral. No Reino Unido, um agradecimento especial a Jess Muscio, Hope Butler, Rachel Kennedy, Katya Browne e Issie Levin, e a Alice Brett e Georgie Polhill. Nos EUA, um agradecimento especial a Claire Zion, Candice Coote, Christine Ball, Craig Burke, Jeanne-

Marie Hudson, Erin Galloway, Jessica Mangicaro, Loren Jagers, Jin Yu, Kaila Mundell-Hill, Kim-Salina I e Kiera Bertrand. Sou tão sortuda por ter oportunidade de trabalhar convosco.

Gostaria também de expressar os meus sinceros agradecimentos às maravilhosas equipas editoriais da Sperling & Kupfer, Droemer Knaur, Anaya, General Press, Editura Trei, Kobiece, Znanje, Euromedia, Companhia das Letras, Leya, Leduc, Laguna, Tchelet Books, Bazar e Bard.

Obrigada a Ceara Elliot e Vi-An Nguyen por criarem as capas de livro mais deslumbrantes.

Obrigada a Antalya von Preussen pelas magníficas fotografias de autora!

Não teria conseguido escrever este livro sem a ajuda das minhas amigas escritoras. Um agradecimento especial à Cathy Bramley pelas chamadas Zoom que me mudaram realmente a vida, e por dançar comigo durante todo o primeiro rascunho. Um grande obrigada à Caroline Hogg, à Cressida McLaughlin e à Cesca Major pelo apoio, notas de rascunho, apoio e gargalhadas. Obrigada também às fantásticas Isabelle Broom, Keris Stainton, Katy Colins, Katie Marsh, Josie Silver, Sophie Cousens, Mhairi McFarlane, Penny Reid e Lia Louis. Vocês são todas uns tesouros.

Obrigada aos meus amigos e familiares que me inspiram e trazem alegria à minha vida de tantas maneiras diferentes; Elizabeth Keach e Ophelia Maleki Rae, Will Bex e Grace Bex, Dawn Dacombe, Angie Jordan, Andy Jordan, os Walsh e os Greenwood, Naomi Johnson, Nicky Allpress, Michael Roulston, a equipa BML, Oya Alpar e a querida *Tupi*.

Não estaria aqui sem a minha família mágica, barulhenta e inabalável, que me ensinou tudo o que sei sobre amor. Obrigada, mãe, pai, Net, Nic, Tony, Mary, Will e C. Amo-vos e sou grata por vocês todos os dias.

Edd – o amor da minha vida. Tu tornas o normal extraordinário.

Por fim, obrigada às minhas leitoras e aos meus leitores, repetentes e recentes. Espero que este livro vos traga alegria.

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Ficha Técnica](#)
3. [Capítulo Um](#)
4. [Capítulo Dois](#)
5. [Capítulo Três](#)
6. [Capítulo Quatro](#)
7. [Capítulo Cinco](#)
8. [Capítulo Seis](#)
9. [Capítulo Sete](#)
10. [Capítulo Oito](#)
11. [Capítulo Nove](#)
12. [Capítulo Dez](#)
13. [Capítulo Onze](#)
14. [Capítulo Doze](#)
15. [Capítulo Treze](#)
16. [Capítulo Catorze](#)
17. [Capítulo Quinze](#)
18. [Capítulo Dezasseis](#)
19. [Capítulo Dezassete](#)
20. [Capítulo Dezoito](#)
21. [Capítulo Dezanove](#)
22. [Capítulo Vinte](#)
23. [Capítulo Vinte e Um](#)
24. [Capítulo Vinte e Dois](#)
25. [Capítulo Vinte e Três](#)
26. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
27. [Capítulo Vinte e Cinco](#)
28. [Capítulo Vinte e Seis](#)
29. [Capítulo Vinte e Sete](#)
30. [Capítulo Vinte e Oito](#)
31. [Capítulo Vinte e Nove](#)

32. [Capítulo Trinta](#)
33. [Capítulo Trinta e Um](#)
34. [Capítulo Trinta e Dois](#)
35. [Capítulo Trinta e Três](#)
36. [Capítulo Trinta e Quatro](#)
37. [Capítulo Trinta e Cinco](#)
38. [Capítulo Trinta e Seis](#)
39. [Capítulo Trinta e Sete](#)
40. [Capítulo Trinta e Oito](#)
41. [Capítulo Trinta e Nove](#)
42. [Capítulo Quarenta](#)
43. [Capítulo Quarenta e Um](#)
44. [Capítulo Quarenta e Dois](#)
45. [Capítulo Quarenta e Três](#)
46. [Capítulo Quarenta e Quatro](#)
47. [Capítulo Quarenta e Cinco](#)
48. [Capítulo Quarenta e Seis](#)
49. [Capítulo Quarenta e Sete](#)
50. [Capítulo Quarenta e Oito](#)
51. [Capítulo Quarenta e Nove](#)
52. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)